



Douglas Alves Fontes

**A Cristologia Existencial de Karl Rahner
e de Teresa de Calcutá
Dois místicos do século sem Deus**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Teologia.

Orientadora: Prof^a. Maria Clara Lucchetti Bingemer

Rio de Janeiro
Agosto de 2019



Douglas Alves Fontes

**A Cristologia Existencial de Karl Rahner
e de Teresa de Calcutá
Dois místicos do século sem Deus**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Teologia pelo
Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-
Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof^a. Maria Clara Lucchetti Bingemer

Orientadora

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Cesar Augusto Kuzma

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Cesar Augusto Kuzma

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Jair Luís Reis

Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro

Prof^a. Maria Cristina Silva Furtado

Rio de Janeiro, 21 de agosto de 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Douglas Alves Fontes

Graduado e Mestre em Teologia pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis. Participou de Congressos, Seminários e Semanas Teológicas com ênfase na formação Sacerdotal. Atualmente, exerce a função de reitor do Seminário Arquidiocesano de São José de Niterói e professor de Teologia Sistemática do Instituto Filosófico e Teológico do Seminário São José de Niterói.

Ficha Catalográfica

Fontes, Douglas Alves

A cristologia existencial de Karl Rahner e de Teresa de Calcutá: dois místicos do século sem Deus / Douglas Alves Fontes; orientadora: Maria Clara Lucchetti Bingemer. – 2019.

175 f.; 20 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2019.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Cristologia. 3. Karl Rahner. 4. Teresa de Calcutá. 5. Existencial. 6. Mística. I. Bingemer, Maria Clara Lucchetti. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para minha família e minha Igreja, que me geraram e me formaram e continuam me formando na fé. Especialmente, dedico ao Seminário S. José de Niterói, onde vivo há 18 anos e onde sou formado todos os dias!

Agradecimentos

A Deus que me encontrou, em Jesus Cristo pela força do Espírito, e continua me encontrando, dando-me a possibilidade de relacionar-me com Ele e transformar minha existência a cada dia, fazendo-me novo e lançando-me para a aventura dos encontros nas estradas da vida.

A Karl Rahner e à Madre Teresa por terem sido e por serem luzes, na minha peregrinação da fé e por me ensinarem a procurar, encontrar e seguir Jesus Cristo, como centro e paixão da minha vida.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pela oportunidade de aprofundar a fé através do estudo da teologia.

À PUC-Rio, à CAPES e ao CNPq, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

À Professora Maria Clara Bingemer, minha orientadora, pelo acompanhamento imprescindível, desde o início, para a realização deste trabalho e pelo testemunho de fé e amor à Igreja.

À Professora Marlene Gomes Mendes, pela colaboração essencial na revisão do texto e por ter sido uma companheira e grande motivadora neste projeto.

Aos colegas da PUC-Rio, em especial Marta, Lindoberg, Esdras, Cátia, Diógenes, Victor, Leonardo, Suzana, pela companhia e ajuda.

Aos caríssimos Daniel Rodrigues, Rodrigo Rainer, Ir. Agnes, Tiago Rocha e Rafael Pinheiro, pela cooperação nas traduções.

Ao Pe. Brian Kolodiejchuk MC, pelo apoio e acolhida e a todos Missionários (as) da Caridade, por permitirem nosso encontro com a mística de Calcutá.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia, pelo auxílio, durante esse tempo.

A todos os amigos e familiares, especialmente os do Seminário S. José de Niterói, pelo apoio e incentivo durante a elaboração deste trabalho.

Resumo

Fontes, Douglas Alves; Bingemer, Maria Clara Lucchetti. **A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Teresa de Calcutá: Dois místicos do século sem Deus**. Rio de Janeiro, 2019. 174p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A cristologia existencial de Karl Rahner e de Teresa de Calcutá é uma pesquisa cujo objetivo é apresentar, de modo comparativo, esses dois grandes místicos do século sem Deus (XX). O trabalho se estrutura em cinco momentos. Primeiro, é apresentada a vida do teólogo alemão que dá a tônica para o trabalho. Em seguida, a cristologia de Karl Rahner, a partir da qual descrevemos a proposta de uma nova reflexão cristológica para a atualidade, segundo o próprio teólogo. Da mesma forma, explicitamos as duas vertentes cristológicas, pensadas desde a relação com a pessoa de Jesus Cristo e tratadas por Karl Rahner, tanto a descendente, quanto a vertente ascendente. No terceiro momento, é apresentada a vida de Teresa de Calcutá – como foi a de Rahner – a partir da sua experiência espiritual. Em seguida, a cristologia de Madre Teresa é descrita e orientada com base em alguns teólogos, que oferecem luzes para a compreensão do pensamento dessa mulher que pode e será considerada uma teóloga. O último momento da pesquisa será estruturado numa perspectiva comparativa. Rahner e Teresa de Calcutá serão vistos a partir das consequências da chamada cristologia existencial, que afetam a reflexão teológica. Como via de aplicação, o pensamento do Papa Francisco será usado, de modo que se perceba o quanto a reflexão dos místicos pode contribuir para a renovação da teologia e, por consequência, da vida eclesial, nos dias atuais. Dessa maneira, a cristologia existencial de Karl Rahner e de Teresa de Calcutá oferecerá luzes para o ser cristão no século XXI.

Palavras-chave

Jesus Cristo; Karl Rahner; Teresa de Calcutá; cristologia; mística; Papa Francisco; existencial.

Abstract

Fontes, Douglas Alves; Maria Clara Lucchetti (Advisor). **The existential Christology of Karl Rahner and of Therese of Calcutta: two mystics of the century without God**. Rio de Janeiro, 2019. 174p. Doctoral Thesis – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The existential Christology of Karl Rahner and of Therese of Calcutta is a research which objective is to present, in a comparative way, these both great mystics of the century without God (XX). This work is structured in five moments. First, It is presented the life of the German theologian which gives the tonic to the work. Then, the Christology of Karl Rahner from which we describe the proposal of a new Christological reflection for the present days, according to this theologian. At the same way, we explained the two Christological strands thought from the relation with the person of Jesus and treated by Karl Rahner which are both the descendant and the ascendant strand. In the third moment, It is presented the life of Therese of Calcutta – as we did with Rahner – from her spiritual experience. Then, the Christology of Mother Therese is described and oriented based on some theologians, who offer lights for the comprehension of this woman's thought who can and will be consider as a theologian. The last research moment is going to be structured in a comparative way. Rahner and Therese will be seen from the inconsequences of the called existential Christology, which affect the theological reflection. As a way of application, Pope Francis' thought will be used, in order of realizing how much the reflections of the mystics can contribute with the renewal of theology and, as a consequence, the ecclesial life, in the present day. This manner, the existential Christology of Karl Rahner and of Therese of Calcutta will offer lights for the being a Christian in the XXI century.

Keywords

Jesus Christ; Karl Rahner; Therese of Calcutta; christology; mystic; Pope Francis; existential.

Sumário

1. Introdução	10
2. Um teólogo místico - Da experiência de Deus à teologia	18
2.1. O jovem jesuíta	19
2.2. A independência do jovem teólogo	26
2.3. A criatividade produtiva do teólogo	31
2.4. A maturidade do teólogo	34
3. A Cristologia Existencial de Karl Rahner	38
3.1. Na experiência com Jesus: A fonte primeira da teologia de Rahner	38
3.2. Cristologia hoje	47
3.3. Cristologia existencial descendente	53
3.4. Cristologia existencial ascendente	60
4. Uma religiosa mística - a História de uma Missionária	66
4.1. A jovem Gonxha Agnes	67
4.2. A noiva de Cristo	69
4.3. A mais nova religiosa de Loreto: Madre Teresa	72
4.4. A pobre entre os pobres	75
4.5. Uma obra unicamente de Deus	88
4.6. Uma descendência como as estrelas do céu	96
5. A Cristologia Existencial de Madre Teresa de Calcutá	105
5.1. Madre Teresa: “uma teóloga de joelhos”	105
5.2. Teologia existencial de uma mulher	108
5.3. Uma teóloga da escuridão: “Eu amei Jesus na noite”	114
5.4. Madre Teresa – Uma rica fonte para a Teologia Contemporânea	125
5.5. Cristologia existencial da Santa de Calcutá	132
6. Luzes da Cristologia Existencial	140
6.1. Um encontro pessoal com Jesus Cristo	140
6.2. Onde está o teu irmão?	150
6.3. A discípula mais perfeita do Senhor	157
7. Conclusão	164
8. Referências Bibliográficas	169

Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com este bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por Ele, tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com Ele. Não com minha justiça, que vem da Lei, mas com a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé. Anseio pelo conhecimento de Cristo e do poder de Sua Ressurreição, pela participação em Seus sofrimentos, tornando-me semelhante a Ele na morte, com a esperança de conseguir a ressurreição dentre os mortos. Não pretendo dizer que já alcancei (esta meta) e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo. Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para a frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo (Fl 3, 8-15).

Em um tempo de escuridão, Karl Rahner e Madre Teresa de Calcutá são luzes ardentes e brilhantes; em um tempo de crueldade, eles são exemplos de uma encarnação viva do evangelho de amor de Cristo; em um tempo sem Deus, é o Verbo que habita no meio de nós, cheio de graça e de verdade. Por isso, todos os que tiveram o inestimável privilégio de conhecê-los, pessoalmente ou não, devem se sentir eternamente gratos. É como nos sentimos agora!

Parafraçando Malcolm Muggeridge In: KOLODIEJCHUK, B. **Madre Teresa**: Venha, seja minha luz, p. 337.

1 Introdução

“Tenho sede!” (Jo 19, 28b)

Atualmente, tem sido cada vez mais comum encontrar inúmeros profetas da desgraça que trazem desânimo e preocupação para muitos! Perguntam-se: “nosso mundo terá/tem jeito?” Frequentemente, são tantas as notícias ruins que vamos nos abatendo e nos deixando levar por um pessimismo crescente! Mas será que não há “luz no fim do túnel”? Será que não podemos esperar algo novo? Onde ficam as palavras de Paulo?¹

Prefaciando o livro, que nasceu do retiro da cúria romana, orientado pelo Pe. José Tolentino, hoje Arcebispo da Biblioteca Vaticana, o Papa Francisco apresenta a sede de Jesus, afirmando: “é a sede de alcançar as nossas sedes, de entrar em contato com as nossas feridas.” O Pontífice recorda aqueles dias que serviram para encorajá-los a se tornarem testemunhas críveis do amor de Deus por cada criatura, apoiando, com a sua missão, a sede de tantos – especialmente dos pobres - que pedem: “Dá-me de beber”.²

Neste mesmo sentido, o Bispo de Roma, em sua primeira grande Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium*, apresentada como programa de missão, nos convidava a uma nova etapa evangelizadora.³ A urgência evangelizadora se encontra diante de uma profunda desertificação espiritual, que se manifesta na construção de uma sociedade sem Deus e sem os valores cristãos. Francisco, ao relembrar seu antecessor – na abertura do Ano da Fé – nos mostrava que, exatamente na experiência do deserto, podemos redescobrir a alegria do crer. E não só! É possível redescobrir inúmeros sinais da sede de Deus! Da mesma forma, nos encontramos diante da necessidade de assumir, como cristãos(ãs) do século XXI, a missão de sermos “pessoas-cântaros”.⁴

Nesta mesma dinâmica reflexiva, a teóloga Maria Clara Bingemer, falando da experiência de Deus na contemporaneidade, nos faz lembrar que o século XX, século sem Deus, vivenciou, no seu ocaso, a crise da modernidade: enquanto os últimos séculos queriam se emancipar de Deus, o fim do século XX e o início do

¹ “A esperança não decepciona!” (Rm 5, 5).

² MENDONÇA, J. T. **Elogio da sede**. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 10.

³ EG 1.

⁴ EG 86.

XXI vivem um certo regresso ao transcendente e um anseio de diversas experiências e práticas religiosas. A teóloga nos convida a refletir a mística cristã, agora, bem mais desvinculada da instituição, como uma experiência da *margem*. Essa nova dinâmica da mística cristã contemporânea será marcada pela narrativa dos seus protagonistas. Assim, vamos descobrindo “novos místicos (as)”!⁵

Com essa moldura e nessa perspectiva, iniciamos nossa peregrinação, com o objetivo de apresentar dois místicos que, apesar das escuridões internas e externas, souberam resplandecer a luz de Cristo.⁶ Nosso trabalho visa apresentar Karl Rahner e Teresa de Calcutá, a partir da perspectiva cristológica. Ambos serão vistos, neste trabalho, pelo prisma do que Rahner chama “Cristologia Existencial”.⁷

Rahner, em sua cristologia, vê a necessidade de um complemento para o estudo da chamada “cristologia ontológica”, através do que ele chama “Cristologia Existencial”, que consiste nessa relação entre o cristão e Jesus Cristo.⁸ Tal temática tem grande importância, dentro do campo teológico atual, por apresentar uma perspectiva mais existencial para a fé cristã e para a reflexão teológica.⁹

Mesmo partindo do pensamento de Karl Rahner, teólogo do século passado, nossa questão está também presente, desde o início, no Cristianismo, por demonstrar como a relação com Jesus Cristo é uma relação vital, que transforma a vida do cristão. Mesmo assim, corremos sempre o risco de nos esquecermos de que “o Cristianismo é antes de tudo a *expressão de uma experiência de Deus em Jesus Cristo*”.¹⁰

Vale ressaltar que a cristologia de Rahner nem sempre é tão estudada e, quando o é, acaba-se dando mais ênfase à chamada cristologia transcendental.¹¹

⁵ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 20.

⁶ “Vós sois a luz do mundo!”(Mt 5, 14).

⁷ RAHNER, K. Cristologia hoje: em vez de um epílogo. *Concilium*, v. 18, fasc. 173, p. 342-349, 1982.

⁸ Id., *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 360.

⁹ Id., *O desafio de ser cristão: textos espirituais*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 8.

¹⁰ MIRANDA, M. F. Experiência cristã e suas expressões históricas. In: ANJOS, M. F. (Org.) *Experiência religiosa. Risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998, p. 109.

¹¹ Como não é nosso objetivo fazer um estudo exaustivo sobre a cristologia rahneriana, nos remetemos ao estudo sistemático feito por Jair Reis (REIS, J. L. *A acolhida da fé no contexto multicultural: Contribuições da teologia de Rahner para o crer hoje*. Rio de Janeiro, 2010. 260p. Tese de Doutorado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 98-104).

Na mesma linha, Mário de França Miranda afirma que o coração da teologia de Rahner e de sua espiritualidade é, exatamente, a experiência de Deus, realizada por ele mesmo, nos primórdios de sua vida como jovem jesuíta.¹² No mesmo contexto, destacamos a afirmação do próprio Rahner, de que a espiritualidade de S. Inácio, recebida pela prática da oração e de uma formação religiosa, foi mais significativa para ele do que toda a filosofia e teologia estudadas.¹³

O próprio Vorgrimler, discípulo e principal comentador de Rahner, destaca que a “intenção de Rahner na cristologia, como em outros temas fundamentais da doutrina da fé, estava a serviço da comunicação do dogma, de sua ‘tradução’ para o ser humano ‘atual’.”¹⁴

Toda cristologia de hoje e de amanhã deveria, antes de mais nada, dizer muito mais do que até agora a respeito do relacionamento pessoal e de amor da parte de cada um para com Jesus de Nazaré... Se esse relacionamento de cada um para com Jesus fosse entendido, já de início e de modo claro, como um morrer com Jesus (em absoluta esperança) para mergulhar no Deus incompreensível e eterno, então a cristologia... Perderia a impressão de ser ela possível apenas para uma religião em particular, que não poderia ser a religião de todos os homens.¹⁵

Esta tese doutoral, de acordo com essas afirmações, procura seguir o caminho acima explicitado.

No primeiro capítulo, veremos a vida e a obra de Rahner, a partir de sua própria experiência de fé. Veremos o quanto essa experiência mística tocou sua vida e fez com que ele sempre fizesse uma teologia narrativa, a partir da própria existência. Com isso, procuramos ver como sua teologia nasce da experiência de Deus, gerando um verdadeiro teólogo místico.¹⁶ O jovem jesuíta, marcado pelo caminho do seu fundador, foi dando espaço para um jovem teólogo, que foi crescendo na criatividade e na maturidade.

Nosso objetivo, no segundo capítulo, é dedicarmo-nos à Cristologia Existencial, propriamente dita. A base será o que o próprio Rahner apresentava

¹² MIRANDA, M. F. Da experiência de Deus à teologia. In: Id. **A Igreja numa sociedade fragmentada**. São Paulo: Loyola, 2006, p. 212.

¹³ Ibid.

¹⁴ VORGRIMLER, H. **Karl Rahner**: experiência de Deus em sua vida e em seu pensamento. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 308.

¹⁵ RAHNER, K., *Cristologia hoje*, p. 346; SESBOÛÉ, B. **Karl Rahner**: itinerário teológico. São Paulo: Loyola, 2004, p. 130.

¹⁶ “Para mim e para muitos, ele era e é um teólogo que tem a experiência de Deus e que o busca. Outrora falávamos, em casos assim, de um ‘teólogo místico’”. Essas palavras de Metz revelam a figura de Rahner e apresentam a direção que queremos dar à apresentação do mesmo (SESBOÛÉ, B. *Karl Rahner*, p. 9-10).

como fundamento da sua teologia: os Exercícios Espirituais. Mostraremos a proposta existencial de Rahner, no encontro com Jesus, guiados pelo próprio teólogo, como um bom jesuíta, orientador de retiros.¹⁷

Com isso, ficará claro o que o teólogo propôs como centro da sua cristologia, no *Curso Fundamental da fé*. Diante de uma cristologia tradicional, Rahner deseja falar de uma relação entre a pessoa que crê e o “objeto” de sua fé: Jesus Cristo. Para o teólogo, essa postura traz claras consequências para toda a reflexão teológica, pois faz com que a teologia tenha incidência na vida do crente.

As duas direções da cristologia, segundo Rahner, são: descendente e ascendente.¹⁸ Assim, estudaremos a proposta do teólogo, vendo a incidência dos mistérios da vida de Cristo que tocam nossa própria história (descendente). Depois, percebemos um segundo acesso à Pessoa de Jesus, o irmão. Este acesso nos coloca diante da mediação concreta do encontro com Jesus, através de quem está ao nosso lado (ascendente).

Depois de contemplarmos essa base teológica sólida, desenvolvida pelo grande teólogo alemão do século XX, passamos para um momento, a partir do qual chegaremos a alguém que não é propriamente uma teóloga, reconhecida como tal: Madre Teresa de Calcutá. Mesmo que a santa indiana não seja mais do que uma santa e uma grande mulher, perceberemos que precisamos destinar a ela um pouco mais de atenção do que habitualmente o fazemos.

A reflexão e a vida de Teresa de Calcutá são sempre destacadas dentro do ambiente eclesial, bem como no ambiente social, tendo em vista a repercussão de sua vida. A santa indiana, apesar de nunca ter escrito um livro, e de ser avessa a qualquer tipo de teorização, deixou muitos escritos, por meio de cartas, orações e meditações, que traduzem a essência de seus ensinamentos, bem como de sua própria vida.

Por isso, depois de sua canonização, ocorrida em 04/09/2016, se faz necessário descobrirmos a riqueza de sua reflexão teológica, que acabou ficando restrita à sua congregação. Tal fato começou a mudar com o processo de beatificação e depois, o de canonização. Sua vida e escritos começaram a chamar mais atenção do que já havia acontecido.

¹⁷ RAHNER, K., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*. Barcelona: Herder, 1971 (Tradução nossa).

¹⁸ Id., *Curso Fundamental da Fé*, p. 362.

Um desafio foi conhecer suas origens, pois sem tal conhecimento, nunca chegaríamos ao cerne de sua teologia. Cristina Siccardi propõe esse olhar histórico e vivencial da biografia de Teresa, enfatizando o início de sua Obra em sua terra.¹⁹ Assim, nosso terceiro capítulo será dedicado à vida daquela que não deseja ser outra coisa, além de uma simples Missionária da Caridade.

Brian Kolodiejchuk, missionário da caridade e postulador da causa de canonização da Madre, no prefácio da grande obra *Venha, seja minha luz*, recorda que a santa sempre quis passar despercebida, mas, ao mesmo tempo, sempre chamou a atenção de todos, pelo exemplo de vida.²⁰ Segundo o seu principal biógrafo e postulador, o caminho para chegar ao coração da vida e escritos da santa de Calcutá são três obras: *Come be my light*²¹; *Where there is love, there is God*²²; *A call to mercy*²³.

Ao mesmo tempo em que Madre Teresa não podia esconder suas obras, que chamavam a atenção de todos, escondia os aspectos mais profundos da sua relação com Deus, pois para ela, os olhos mortais não deveriam conhecer esses segredos de amor. Seu silêncio se tornou um testemunho eloquente da sua humildade e da delicadeza de seu amor.²⁴

Tendo em vista que seus diretores espirituais conservaram parte de sua correspondência, o processo de beatificação/canonização trouxe à luz a impressionante história da relação íntima que manteve com Jesus. Segundo seu postulador, as confidências de Teresa revelam profundezas desconhecidas de santidade, que poderão colocá-la entre os grandes místicos da Igreja.²⁵ Neste sentido, perceberemos o quanto a vida da religiosa foi marcada por uma profunda experiência de relação com a Pessoa de Jesus.

A partir daí, vemos que Madre Teresa é um verdadeiro ícone, que transcende às religiões. Seu exemplo extrapola os muros da Igreja católica, vai além de um cristianismo farisaico e/ou fundamentalista, que impera em nossos

¹⁹ SICCARDI, C. **Madre Teresa**: Tutto iniziò nella mia terra. Milano: San Paolo, 2013 (Tradução nossa).

²⁰ KOLODIEJCHUK, B. **Madre Teresa**: Venha, seja minha luz. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008, p. 11.

²¹ CALCUTÁ, T. **Come be my light**. Bangalore: Asian Trading Corporation, 2014 [Usaremos a tradução brasileira, citada acima].

²² Id., **Where there is love, there is God**. Bangalore: Asian Trading Corporation, 2014 (Tradução nossa).

²³ Id., **A call to mercy**. New York: Image, 2016 (Tradução nossa).

²⁴ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 12.

²⁵ Ibid.

dias. Ela mesma, com suas palavras simples e diretas, nos aponta para essa verdade.

Sou albanesa de nascimento; hoje sou cidadã indiana. Sou também freira católica. No que diz respeito ao meu trabalho, pertenço a todo o mundo mas, no fundo do coração, só a Cristo pertenço.²⁶

Eileen e Katheleen Egan, na obra *Madre Teresa e le Beatitudini*,²⁷ questionam se nos seria possível fazer a mesma experiência de Teresa, como ver Cristo nos pobres, e transformar o sofrimento em alegria. Para elas, a Madre, através de suas reflexões, nos coloca no coração do Evangelho. A presente obra nos recorda que o exemplo de Teresa de Calcutá colocou em prática o ensinamento evangélico. Por isso, as autoras destacam que a Madre pode nos ajudar a fazer emergir nossas aspirações mais profundas, a reconhecer a presença de Deus na nossa realidade quotidiana e agir, a partir dessa profunda experiência mística. Deste modo, veremos sua vida no terceiro capítulo!

Teresa de Calcutá revela como que um novo cristianismo, ao fazer uma verdadeira síntese entre o Oriente e o Ocidente. Nessa perspectiva, Gloria Germani escreveu sua grande obra sobre a santa, fazendo um paralelo entre ela e Gandhi. A vida e a obra de Teresa acabam incidindo na própria temática do diálogo inter-religioso, e nos questionando sobre o tema, nos dias atuais.²⁸

É preciso destacar que Madre Teresa não pode ser vista como uma agente social, como alguns a concebem, tendo em vista que todas as suas obras eram feitas por amor, com amor e por amor a Jesus, como ela mesma explicitava. Ela própria salientava para suas irmãs religiosas que a Obra precisava ser marcada pelo sofrimento, para não ser uma obra meramente social e, sim, uma obra de Jesus Cristo, parte da redenção.

Encerramos essa segunda etapa da nossa jornada, contemplando, no quarto capítulo, o que praticamente ainda não foi considerado, pelo menos diretamente: a Cristologia Existencial de Teresa de Calcutá. Queremos contemplá-la, não apenas como mística religiosa, mas como verdadeira teóloga. Por esse motivo, usaremos e destacaremos uma nova obra – *Mother Teresa and the Mystics*²⁹ – que já aponta

²⁶ ALMEIDA, J. C. **O milagre impressionante de Teresa**. São Paulo: Planeta, 2016, p. 11.

²⁷ EGAN, E.; EGAN, K. *Madre Teresa e le Beatitudini*. Brescia: Queriniana, 2000, p. 14.

²⁸ GERMANI, G. **Teresa de Calcutá: Uma mística entre o Oriente e o Ocidente**. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 241-242.

²⁹ DAUPHINAIS, M; KOLODIEJCHUK, B; NUTT, R. (Orgs.). **Mother Teresa and the Mystics: Toward a renewal of spiritual theology**. Florida: Sapientia Press, 2018. A presente obra nasceu de

para esse caminho de consideração teológica, para aquela que jamais deixou de ser uma santa religiosa. Sua vida e seus escritos se tornam uma riqueza, ainda pouco conhecida, para a reflexão teológica atual!

Além disso, faremos dois enfoques, nesse quarto capítulo. Auxiliados pela reflexão de Virgínia Azcuy,³⁰ veremos como podemos encontrar, na Madre, uma verdadeira teologia existencial, isto é, uma teologia que nasce da vida e se dirige à vida.

Outra direção, que tomaremos nesse quarto capítulo, será uma das experiências centrais da vida de Madre Teresa: sua escuridão! Para isso, teremos como base a reflexão³¹ de Paul Murray OP que, além de ter conhecido a Madre, foi seu conselheiro e amigo. Murray nos auxilia na compreensão da noite escura da Madre, que destoa da mesma realidade nos carmelitas espanhóis, particularmente S. João da Cruz.

Nossa pesquisa se fundamenta nesses dois grandes místicos do século XX, mas aponta para o século XXI, trazendo muitas luzes para nosso milênio! Queremos iniciar este percurso, com o olhar voltado para dois grandes místicos, que se tornam grandes teólogos. Mesmo como filhos do século sem Deus, a vida de ambos se torna uma prova crível da existência de Deus.

Por último, no quinto capítulo, concluiremos o que esses dois grandes cristãos podem oferecer à Igreja, a todo cristão e a todo aquele que deseja fazer uma profunda experiência mística.

Dessa maneira, contemplaremos as luzes da cristologia existencial, com base num tripé. Primeiro, vemos o principal fruto dessa cristologia: o encontro vital com Jesus Cristo. Depois, nosso olhar se volta para o irmão, que se encontra no caminho da vida e que se torna mediação para o encontro com Jesus. Por fim, tomaremos a Virgem Maria como modelo desse caminho de experiência, de tal maneira, que a própria reflexão mariológica nos leve a um olhar mais existencial, para aquela que foi a primeira cristã!

Dentro do contexto latino-americano, no qual estamos inseridos, percebemos a presença e a urgência da nossa questão. A última conferência do

um congresso sobre o pensamento da Madre, ocorrido em fevereiro de 2017, na Flórida (Tradução nossa).

³⁰ AZCUY, V. Teresa de Lisieux: La Teología Existencial de una mujer. *Teología*, n. 69, p. 97-120, 1997/1 (Tradução nossa).

³¹ MURRAY, P. *I loved Jesus in the Night: Teresa of Calcutta – A Secret Reveled*. Brewster: Paraclete Press, 2017. (Tradução nossa).

Episcopado latino-americano (2007) abordou, de forma clara, a temática do discipulado que nasce do encontro com Jesus Cristo, bem como os lugares onde ocorre esse encontro e suas consequências. A própria Igreja no Brasil emitiu, recentemente, o Documento 107, que aborda a iniciação cristã como itinerário, para formar discípulos missionários. Todo o texto é permeado pela ideia de um encontro vital, do fiel com Jesus Cristo, que transforma a sua vida.

Com isso, fica clara a preocupação da Igreja de tratar o tema do discipulado, enfatizando a relação do cristão com Jesus Cristo. Contudo, ao olhar atentamente o estudo da teologia, especialmente da cristologia, e a própria iniciação cristã da Igreja, vemos que ainda nos falta um caráter experiencial/existencial que encontramos, claramente, nesses dois místicos.

Por isso, além de apresentarmos os dois teólogos, numa perspectiva comparativa, queremos, nesse último capítulo, trazer o Papa Francisco, para fazer ecoar sua palavra para a Igreja do século XXI, e demonstrar como os dois místicos estudados podem contribuir, eficientemente, para o caminhar eclesial nas estradas do mundo em que vivemos!

Iniciamos esse percurso de contemplação da vida e obra de Rahner e Teresa de Calcutá, sob a orientação do Papa Francisco³², de modo que seu apelo seja ouvido e acolhido através do auxílio dos dois místicos que, a partir de agora, se apresentam a nós.

Faz falta uma Igreja que não tenha medo de entrar na noite deles. Precisamos de uma Igreja capaz de encontrá-los no seu caminho. Precisamos de uma Igreja capaz de inserir-se na sua conversa. Precisamos de uma Igreja que saiba dialogar com aqueles discípulos, que, fugindo de Jerusalém, vagam sem meta, sozinhos, com o seu próprio desencanto, com a desilusão de um cristianismo considerado hoje um terreno estéril, infecundo, incapaz de gerar sentido...

Perante este panorama, precisamos de uma Igreja capaz de fazer companhia, de ir para além da simples escuta; uma Igreja, que acompanha o caminho, pondo-se em viagem com as pessoas; uma Igreja capaz de decifrar a noite contida na fuga de tantos irmãos e irmãs de Jerusalém; uma Igreja que se dê conta de como as razões, pelas quais há pessoas que se afastam, contêm já em si mesmas também as razões para um possível retorno, mas é necessário saber ler a totalidade, com coragem. Jesus deu calor ao coração dos discípulos de Emaús.

Eu gostaria que hoje nos perguntássemos todos: Somos ainda uma Igreja capaz de aquecer o coração? Uma Igreja capaz de reconduzir a Jerusalém? Capaz de acompanhar de novo à casa? Em Jerusalém, residem as nossas fontes: Escritura, Catequese, Sacramentos, Comunidade, amizade do Senhor, Maria e os Apóstolos... Somos ainda capazes de contar de tal modo essas fontes, que despertem o encanto pela sua beleza?

³² Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html. Acesso em: 02 jul. 2019.

2

Um teólogo místico – Da experiência de Deus à teologia

...Tuus sum ego: eu sou aquele que não se pertence a si mesmo, mas que pertence a Ti. Eu não sei mais nada, nem sobre mim, nem sobre Ti. Tu, o Deus da minha vida, a infinita riqueza de minha existência pobre e limitada.³³

Iniciamos nosso percurso, com o objetivo de apresentar a chamada Cristologia Existencial de Karl Rahner. Vale ressaltar que não temos a intenção de apresentar a sua cristologia de maneira exaustiva, mas o que ele próprio julga como essencial: a Cristologia Existencial.

Queremos contemplar o grande teólogo alemão como um grande místico que fez como que uma síntese, entre mística e teologia. Sua teologia nasce da forte experiência mística, e esta, da sua experiência de fé, particularmente com a prática dos Exercícios.³⁴

Maria Clara Bingemer, recordando Bernard McGinn, destaca que Karl Rahner ofereceu a grande e significativa contribuição da reflexão mística do século XX para o Catolicismo. Exatamente por isso, McGinn define o teólogo alemão como o *Doctor mysticus* do século XX.³⁵

“A espiritualidade de Inácio, que recebíamos por meio da prática da oração e de uma formação religiosa, foi para mim bem mais significativa do que toda a filosofia e teologia aprendidas”.³⁶ Com essas palavras tão claras de Karl Rahner, Mário de França Miranda descreve o teólogo alemão como um verdadeiro teólogo existencial, ou da experiência de Deus, e nós podemos defini-lo como um autêntico místico. Sem dúvida, estamos diante de um pensador que não apenas escreveu muito sobre as diversas áreas da teologia, como viveu, anteriormente, aquilo que sistematizou depois.

Jussara Linhares recorda que os grandes influenciadores do pensamento de Rahner foram os santos e os grandes místicos cristãos. Segundo a autora, os

³³ RAHNER, K. **Appels au Dieu du silence**. Paris: Salvator, 2017, p. 18. (Tradução nossa).

³⁴ Faz-se necessário esclarecer que não queremos apresentar a teologia de Rahner e o próprio, ocupando-nos do seu rigor teológico e/ou dos seus conceitos básicos. Queremos ver o místico que fundamenta o teólogo. Este será visto como consequência do místico. “Rahner não podia conceber uma teologia sistemática cindida da experiência espiritual do homem... A obra teológica encontra seu início, a montante na fé de seu autor e se dirige à fé de seu leitor.” (SESBOÛE, B., Karl Rahner, p. 31).

³⁵ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 264.

³⁶ MIRANDA, M. F., Da experiência de Deus à teologia, p. 212. SESBOÛE, B., Karl Rahner, p. 32.

“santos eram suas fontes, assim como a fé viva da Igreja”.³⁷ Ele próprio, com essa atitude, resgata a experiência fundante do seu Mestre e Fundador. Da mesma maneira, já acena com a centralidade da mística, na sua teologia.

Citando Vorgrimler, Ceci Mariani relembra que Rahner não pode ser considerado apenas, o que já seria muito, um teólogo da mística, mas ele próprio é um místico, que, ao confessar sua fé no Mistério infinito, fundamenta e oferece um horizonte para todo seu conhecimento.³⁸

Spadaro, no posfácio da tradução italiana de *Worte ins Schweigen*, reforça que, para Rahner, a teologia racionalística costuma trabalhar somente de modo científico, carecendo do elemento poético e mistagógico. Na verdade, a teologia precisa guiar a pessoa para uma experiência real e originária daquilo que é expresso nos conceitos.³⁹

Nesse mesmo sentido, Jair Reis recorda que Rahner “ênfatiza a estreita relação entre fé e experiência e atribui um papel indispensável à mistagogia. Ou seja, o processo de, com base na experiência humana, conduzir a pessoa ao mistério indisponível.”⁴⁰

Neste capítulo, propomo-nos a descrever a vida do grande teólogo alemão. Contudo, não é nosso intuito apresentar sua biografia nos moldes habituais, mas sim, contemplar sua vida na perspectiva da experiência de fé ao longo da caminhada como cristão, jesuíta e teólogo. Para isso, seguiremos alguns dos biógrafos de Rahner: Bernard Sesboüe e Herbert Vorgrimler. Como opção metodológica, acompanharemos o esquema de Vorgrimler, que foi seu discípulo e, provavelmente, seu principal biógrafo e comentador.

2.1. O jovem jesuíta

Ao redigir um escrito autobiográfico, o próprio Rahner deixa claro que teve uma base religiosa no seio da família. Sua formação inicial católica não aconteceu

³⁷ LINHARES, J. **O homem é o evento de uma autocomunicação de Deus absoluta, livre, gratuita e que perdoa.** Uma abordagem do núcleo da existência cristã nos fundamentos da teologia do primeiro Rahner. Belo Horizonte, 2012. 313p. Tese, FAJE, p. 73.

³⁸ MARIANI, C. B., Mística e teologia. Desafios contemporâneos e contribuições. **Atualidade Teológica**, n. 33, p. 375, set./dez. 2009.

³⁹ RAHNER, K. **Tu sei il silenzio.** Brescia: Queriniana, 2013, p. 96. (Tradução nossa).

⁴⁰ REIS, J. L. **A acolhida da fé no contexto multicultural:** contribuições da teologia de Rahner para o crer hoje. Rio de Janeiro, 2010. 260p. Tese de Doutorado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 5.

por causa da escola que frequentou, a qual não era confessional. Contudo, favoreceu seu contato com outras confissões religiosas.

Em minha família, incluindo meu pai, possivelmente de um modo especial por influência de minha mãe, todos eram, é claro, católicos e, se se pode dizer, piedosos, sem que eu tivesse a impressão de que isso implicasse qualquer tipo de busca de aparência social ou de hipocrisia.⁴¹

Já durante a adolescência, Rahner manifesta um comportamento interessante. Após a missa, costumava fazer uma “ação de graças” mais prolongada. Além disso, o fim da adolescência foi marcado por uma obra importante, na piedade popular de então: a *Imitação de Cristo*⁴², obra central para quem faz os *Exercícios Espirituais*. Ademais, fez parte do Movimento Juvenil da época (*Jugend-bewegung*) e chegou a conhecer o grande Romano Guardini, guia espiritual do movimento.

Sua vocação ao sacerdócio surge nos últimos anos do segundo grau, bem como o desejo de fazer parte de uma ordem religiosa. Por isso, antes de concluir o segundo grau, em novembro de 1921, Rahner pede o ingresso na Ordem dos Jesuítas, na qual seu irmão Hugo já havia ingressado, em janeiro de 1919. Neste mesmo ano, Rahner visitara o noviciado da congregação. Assim, o jovem K. Rahner ingressa na Companhia de Jesus, no dia 20 de abril de 1922.

Durante o período de noviciado, com duração de dois anos, o jovem jesuíta se exercitou na espiritualidade e na forma de vida da congregação. Os diretores dos Exercícios exerceram grande influência sobre o noviço. Um ano e meio depois de sua entrada, pôde fazer a experiência dos Exercícios, ao longo de um mês corrido. Para Rahner, os Exercícios constituíram uma “fonte” da sua teologia. Para ele, existe uma literatura piedosa que precede a reflexão teológica.⁴³

Segundo Zahlauer, Rahner percebeu que, na espiritualidade inaciana, havia uma intuição mística primordial, que se expressa de maneira fundante, do seguinte modo: é possível um encontro imediato do ser humano com Deus. Essa realidade se dá, segundo S. Inácio, na perspectiva da “lógica da encarnação, ou seja,

⁴¹ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 35.

⁴² Boff recorda que “Tomás de Kempis possuía uma mente livre. Mesmo dentro do espírito da *Devotio moderna*, não se deixou influenciar por nenhuma escola teológica ou tendência mística. Ao contrário, mostrava certa distância e também velada suspeita de todo saber teológico e teórico e de revelação particulares. O que para ele conta é a experiência espiritual de encontro com Cristo, com sua cruz, com sua obediência ao Pai, com sua humildade, com sua misericórdia, com o amor incondicional e com sua paixão.” (BOFF, L; KEMPIS, T. **Imitação de Cristo e Seguimento de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 7).

⁴³ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 39.

contemplando Jesus de Nazaré. Neste mesmo âmbito, referindo-se ao n. 15 dos Exercícios, Rahner encontra o conceito da “autocomunicação de Deus”. Com isso, o ser humano é assumido por Deus para o serviço do mundo e das outras pessoas.⁴⁴

Ceci Mariani enfatiza que a “experiência do encontro imediato com Deus provoca a visão de uma possibilidade nova, radicalmente diferente do que foi e do que é. Caem por terra as velhas imagens de mundo e de si mesmo.” Para a teóloga, a nova experiência só pode ser expressa com novas palavras: surgem, ao mesmo tempo, ruptura e vivência de algo inusitado.⁴⁵

Segundo Henrique Vaz, essa experiência de Deus se dá como experiência de uma plenitude ou de um sentido radical. É uma plenitude cheia de sentido, que nos liberta e ilumina, ao mesmo tempo. É a experiência de Deus na sua Verdade, sem a qual poderíamos nos equivocar com tantos deuses e senhores.⁴⁶

Rahner, como um verdadeiro jesuíta, une proximidade de Deus, seguimento de Cristo e abertura ao mundo. Essa dinâmica se baseia na finalidade dos Exercícios, que busca fazer com que o ser humano seja assumido por Deus para o serviço do mundo e dos seres humanos. Tal serviço deve estar sempre vinculado à situação concreta e temporal em que cada pessoa vive. Assim, aquele que faz a experiência dos Exercícios vincula a “fuga do mundo” ao “compromisso a favor do mundo”.⁴⁷

Ao comentar a mística inaciana da alegria do mundo, Rahner recorda S. Clemente, que afirma que devemos entrar, por força de nossa superioridade, sobre o mundo, no mundo e em suas tarefas, enviados por Aquele com O qual somos um em uma vida mística. Essa atitude será favorecida pela mística e piedade inacianas.

A inaciana afirmação do mundo não é otimismo ingênuo, nem um estabelecer-se no mundo, como se estivéssemos no centro de nossa vida. A inaciana alegria do mundo nasce da mística da união com Aquele com quem fomos feitos um na loucura da Cruz.⁴⁸

⁴⁴ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 40.

⁴⁵ MARIANI, C. B., Mística e teologia, p. 377.

⁴⁶ VAZ, H. C. L. **A experiência de Deus**. In: Id et al. **Experimentar Deus hoje**. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 75.

⁴⁷ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 40.

⁴⁸ RAHNER, K. La mística ignaciana de la alegría del mundo. In: Id. **Escritos de Teología**. v. III. Madrid: Taurus, 1961, p. 331 (Tradução nossa).

No desenvolvimento da sua teologia espiritual, Rahner sempre deixará transparecer seu contato profundo com os Exercícios. Assim, o teólogo mostra, segundo Vorgrimler, uma “teologia negativa da espiritualidade”. Esta se manifesta na escuridão, nas trevas que se hospedam no coração humano. Rahner as compara a um cárcere, que o faz sentir-se como que sepultado, com um sentimento de distanciamento de Deus, experimentando um silêncio insuportável.⁴⁹

Incompreensível Deus da minha vida! Sejas tu a minha vida! Deus da minha fé, atira-me na tua noite. Deus do meu amor, faz de toda noite a doce noite da minha vida. Sejas Tu o Deus desta esperança, porque um dia serás o Deus daquela minha vida que é amor eterno.⁵⁰

Neste contexto, Rahner fala de um amor descoberto, muitas vezes vinculado aos sinais de decepção da vida. Por isso, afirma, questionando-se e nos orientando: “Por acaso não é certo que Deus habita verdadeiramente em uma terra áspera, disforme, repleta de névoa; por acaso não é certo que Ele habita naquilo que se vai consumindo e que ali deve ser encontrado?”⁵¹

Miggelbrink cita alguns exemplos concretos de situações em que Rahner apresenta como ocasiões para encontrar Deus: a absoluta fidelidade à consciência; o cumprimento do dever; poder perdoar sem obter recompensa; renunciar; experiência de fracasso; a destruição do próprio mundo intelectual; a descoberta da própria banalidade e da falta de segurança própria.⁵²

Ao desenvolver sua teologia mística, Rahner deu atenção à chamada teoria da sensibilidade espiritual, que enfatiza a possibilidade de entrar em contato com Deus a partir dos “cinco sentidos”.⁵³ É claro o resgate do pensamento e da metodologia do seu mestre, quando o mesmo esclarecia que “não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas internamente.”⁵⁴ Por isso, o autor fala da “imediatez do contato com Deus” e a “concreção sensível”

⁴⁹ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 41.

⁵⁰ RAHNER, K., Tu sei il silenzio, p. 13. (Parece que as palavras do teólogo remetem ao anúncio da páscoa na vigília pascal: “a noite será luz para o meu dia”).

⁵¹ VORGRIMLER, H., op. cit., p. 41.

⁵² Ibid.

⁵³ A proposta já aparece em S. Inácio, na Segunda Semana dos Exercícios. A ação da alma para apreender as realidades espirituais foi, tradicionalmente, comparada ao exercício dos cinco sentidos. Contudo, esta apreensão é de ordem intuitiva. A aplicação dos sentidos, segundo S. Inácio, acontece no esforço final de um dia, como para recolher todo o seu fruto. Além do mais, certas meditações também estão marcadas pela mesma prática. Tal oração marca um evidente progresso sobre formas discursivas e até afetivas de meditação.

⁵⁴ LOYOLA, I. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Loyola, 2002. n. 2.

desse contato. Esses dois polos marcaram a teologia rahneriana até o final de sua vida.

Descrevendo a experiência de Deus, feita por seu mestre, vemos a clareza dessa possibilidade dada a todo ser humano que se abre à experiência profunda com Deus. O teólogo coloca, nos lábios de Inácio, aquilo que estava nos seus e pode estar no de cada pessoa que se encontra com o insondável, que se torna presente no hoje da história pessoal de cada um.

Por agora, porém, repito que me encontrei com Deus; que experimentei o próprio Deus. Já então eu era capaz de distinguir entre Deus, enquanto tal, e as palavras, imagens e experiências limitadas e concretas que de algum modo levam a Deus... Deus mesmo; era Deus mesmo que eu experimentei; não palavras humanas sobre Ele. Deus e a surpreendente liberdade que O caracteriza e que somente se pode experimentar em virtude de Sua iniciativa... E ainda que esta experiência constitua uma graça, isto não significa que, em princípio, seja negada a ninguém.⁵⁵

Nessa dinâmica fica claro o motivo pelo qual Rahner sempre defendeu que a tarefa primária dos jesuítas é dirigir os Exercícios, os quais possuem uma finalidade claramente mistagógica. Assim, o teólogo reconhece que a recepção da consolação⁵⁶ leva a pessoa a uma tarefa concreta. Por isso, a sua experiência com os Exercícios foi profundamente marcante, para toda a sua vida, em particular para as missões que assumia, como ocasião de sempre servir a Deus.

Não é em vão que seu primeiro texto impresso, escrito no final do noviciado, falava não apenas da aproximação de Deus, mas também de sua autocomunicação: *Warum uns das Beten not tut* (Por que precisamos da oração?). Fica claro que o teólogo não apenas iniciou sua missão como alguém que escrevia sobre a mística, mas sim, como um verdadeiro místico. Para ele, essa mística se dá na experiência de transcendência sobrenatural de cada pessoa.⁵⁷

Com isso, entende-se porque muitos comentadores enfatizaram que o “tema fundante” do pensamento rahneriano não foi de cunho filosófico, mas a experiência mística da autocomunicação de Deus, vivenciada por ele próprio, através da espiritualidade da sua Ordem. Assim, se percebe como a espiritualidade

⁵⁵ RAHNER, K. **Palavras de Inácio de Loyola a um jesuíta hoje**. S.l: Ignatiana, [1978?], p. 9-10.

⁵⁶ Nos Exercícios, número 316, S. Inácio afirma que a consolação espiritual ocorre quando, na alma, se produz alguma moção interior, pela qual ela vem a se inflamar no amor do seu Criador e Senhor... Da mesma forma, é entendida como todo aumento das virtudes teológicas e toda alegria interior que eleva e atrai a alma para as coisas celestiais e para sua salvação.

⁵⁷ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 44.

inaciana da experiência de Deus enraíza-se na “autoexteriorização histórica de Deus em Jesus Cristo.”⁵⁸

Concluído o noviciado, o jovem jesuíta iniciou seus estudos filosóficos, marcados pelo tomismo, como expressão de uma nova escolástica. Curiosamente, já dando sinais do seu futuro teológico, não se interessava tanto pelos temas aparentemente solucionados, mas às perguntas abertas, a partir das quais poderia continuar avançando sua reflexão. A partir daí, Rahner foi desenvolvendo sua tese sobre a autotranscendência.

Depois desse período, o estudante de filosofia foi designado pelos superiores para receber uma formação de especialista em história da filosofia, em Pullach. Nesse contexto, Rahner conheceu o pensamento de J. Maréchal, através de quem teve um contato mais pessoal com Tomás de Aquino.

A partir daí, seguindo a dinâmica das Constituições Jesuíticas, Rahner é destinado a uma atividade prática da Companhia: de 1927 a 1929, dá aulas de idiomas ao noviços jesuítas de Feldkirch/Tisis, e dedica-se a esse estudo, cultivando, de modo particular, uma série de leituras.

No outono de 1929, o teólogo inicia seus estudos teológicos em Valkenburg, na Holanda, deparando-se com a falta de uma elaboração mais profunda da teologia neoescolástica, a qual era apresentada pelos professores de maneira defensiva, contentando-se em sustentar seus próprios pontos de vista. Além disso, Rahner aproveitou esse tempo para continuar sua dedicação incansável à prática das leituras, que se resumiam, de modo especial, aos numerosos escritos dos Padres da Igreja, particularmente os do século II; depois, os diversos textos espirituais ou de místicos.

Sem dúvida, esse foi o tempo no qual Rahner dedicou muita atenção à teologia e à história da penitência. Ademais, esse período dos seus estudos teológicos foi marcado por uma intensa publicação sobre Jesus Cristo e sobre a história da filosofia.

Com a conclusão dos estudos filosóficos e teológicos, Rahner é ordenado sacerdote, em 26/07/1932. Para ele, ser sacerdote implicava dois traços constitutivos: ser servo de Jesus Cristo e ser servidor de sua Palavra.⁵⁹ Ao longo dos primeiros anos de ministério, o jovem sacerdote dedicou-se a diversas

⁵⁸ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 45.

⁵⁹ Ibid., p. 51.

atividades: a orientação dos Exercícios; cuidado pastoral de uma comunidade; conferências espirituais; atendimento de confissões; pregações. Com isso, sua teologia nunca foi apenas de um viés intelectual, mas possuía uma clara base prática, fruto do exercício do seu ministério. Seu compromisso mais característico era a direção espiritual de tipo personalizado. Com o aumento de atividades, essa prática foi sendo vivenciada através da extensa correspondência epistolar.

Seu ministério sacerdotal foi tão intenso, que chegou a ocupar muitas das publicações nas quais se dedicava a falar da existência sacerdotal. Esta era descrita como oposição a uma exaltação ideológica do sacerdote, própria da época.⁶⁰

Nesse período, Rahner deixa claras suas principais fontes de pesquisa, que o acompanharão ao longo de seus estudos e escritos: espiritualidade inaciana, teologia escolar neoescolástica, teologia patrística, relação entre a filosofia tomista e o pensamento da Modernidade, teologia no âmbito da responsabilidade pastoral, etc. Enfim, para ele

é importante e primária a experiência de um encontro imediato com Deus. Porém, a seu ver, tal experiência não era um acontecimento que se desenvolvia em um âmbito de puro espiritualismo. A experiência humana está sempre mediada pela sensibilidade.⁶¹

Por isso, se faz necessário recordar que, em 1932, Rahner havia redigido uma história da doutrina espiritual e teológica dos “sentidos espirituais”, baseando-se em Orígenes e Boaventura. Todo esse processo confirma o fato de que a teologia e a mística nunca serão e nunca foram atividades apenas intelectuais. Trata-se de um conhecimento de Deus, que se expressa em forma de amor.

Com isso, Rahner enfatizou esse ensinamento dos cinco sentidos espirituais, segundo São Boaventura. Resgatando o santo franciscano, Rahner defenderá que, no amor extático, distinto do conhecimento intelectual, existe um conhecimento de Deus, que pode ser definido como um “sentir a Deus” de tipo espiritual e profundo. “Na mística, porém, o conhecimento de Deus, por experiência vivida, é

⁶⁰ RAHNER, K. **Novo Sacerdócio**. São Paulo: Herder, 1968. Id., **Sacerdote e poeta**. Milano: Edizioni San Paolo, 2014. Id., **Um novo sacerdócio**. São Paulo: Herder, 1968. Id., **Inseridos no meio dos homens: espiritualidade, tarefas e problemas dos sacerdotes e religiosos**. São Paulo: Paulinas, 1984. Id., **El sacerdocio cristiano: en su realizacion existencial**. Barcelona: Editorial Herder, 1974.

⁶¹ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 53.

algo de obscuro e misterioso, de que não se pode falar se não tivermos essa experiência e, tendo-a não se falará sobre isso.”⁶²

Com esse processo, Rahner passa das perguntas do tipo basicamente, filosófico, através de um giro para a teologia transcendental, introduzindo a temática que o acompanharia ao longo da vida: “existencial sobrenatural”. Assim, a filosofia se tornava, para ele, como um momento interior da própria teologia.

2.2. A independência do jovem teólogo

Nesse período, designado para ensinar filosofia, Rahner inicia seu doutorado, no grande centro filosófico da época: a Universidade de Freiburg. Nessa época o teólogo foi aluno de Heidegger, o qual, para ele, foi o único “mestre” que conheceu.⁶³ Com as aulas e o testemunho desse grande filósofo, Rahner aprende que, em todas e em cada uma das coisas, é possível buscar aquele Mistério indizível, mesmo quando não é possível nomeá-lo com palavras.⁶⁴

Rahner defende que não toma nenhuma doutrina particular de Heidegger, mas o “estilo de pensamento e de pesquisa que se revelou extremamente precioso”. Assim, se faz possível uma nova reflexão dogmática, a qual não se torna apenas uma coleção de verdades e de julgamentos variados, sem uma reflexão da parte de quem faz teologia. Dessa nova maneira, se estabelece uma construção intrinsecamente coerente das verdades da fé.⁶⁵

No aprofundamento filosófico, Rahner também se dedicou ao estudo da fenomenologia de Hegel e Husserl. Na escolha do tema do seu trabalho de doutorado, Rahner tinha a intenção de colocar, em diálogo, a tradição filosófica católica com a filosofia moderna, pois para ele, a escolástica e a filosofia moderna se interessavam pelos mesmos problemas, apesar de usarem linguagens diferentes.

Segundo Raffelt, o projeto rahneriano de falar sobre o *Espírito no mundo* constituía “uma interpretação especulativa da metafísica do conhecimento do tomismo, influenciada pelos trabalhos de Joseph Maréchal, vinculada, já por isso,

⁶² RAHNER, K. *Cose d’ogni giorno*. Brescia: Queriniana, 2016, p. 40 (Tradução nossa).

⁶³ SESBOÛE, B., Karl Rahner, p. 16.

⁶⁴ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 59. Nesse mesmo sentido, comentando Rahner, Jair Reis recorda que “o mistério pode ser comunicado ao ser humano, porque este já se encontra elevado pela graça divina e, sob a influência da mesma, aceita a revelação do mistério.” (REIS, J. L. Deus: o mistério transcendente e próximo. *Coletânea*, v. 16, n. 31, p. 33, jan./jun. 2017).

⁶⁵ SESBOÛE, B., op. cit., p. 17.

à pergunta de Kant e realizada a partir do fundo do pensamento heideggeriano...’⁶⁶

Na filosofia e na teologia existenciais, estudadas por Rahner, não havia, segundo ele, relação com Heidegger, e sim com Maréchal. Não obstante, ele reconhece que a filosofia heideggeriana se faz presente na sua teologia, mas sem depender dela.⁶⁷

Assim, o ponto de partida de Rahner será a pergunta, feita pelo ser humano, quando, no mundo, se questiona pelo Ser em seu conjunto. Sua tese procurou confirmar, argumentativamente, que o ser humano, enquanto ser que conhece, pergunta necessariamente pelo todo do Ser, o qual é ilimitado. Para ele, o ser humano possui apenas uma pré-captação do infinito e, por isso, é um espírito finito.

Para Tomás enquanto teólogo, o ser humano é o lugar em que Deus se manifesta de tal maneira que o próprio Deus, através de sua palavra de revelação, faz possível que se ouça: *ex parte animae* [a partir da perspectiva da alma]... Dado que o ser humano convertendo-se *ad phantasma* [em sua versão para o fenômeno] se encontra no mundo, encontra-se aberto já desde sempre para o Ser [*Sein*] enquanto tal e, dessa forma, já tem, desde sempre, o conhecimento da existência [*Dasein* = Ser-aí] de Deus. Todavia esse Deus também se encontra para nós, já desde sempre, escondido, além do mundo... Entendido dessa forma, o ser humano pode escutar, no caso de Deus dizer algo, porque ele sabe que Deus existe.⁶⁸

Mesmo dedicando-se intensamente, ao estudo da filosofia, Rahner não abandonou seu interesse místico-teológico, passando a elaborar vários ensaios sobre a temática. Com isso, estava claro que o teólogo poderia se dedicar tanto à filosofia quanto à teologia. Assim se produz a mudança no destino do autor.

Já em Freiburg, Rahner inicia sua pesquisa teológica visando seu segundo doutorado. Em 1936, parte para Innsbruck onde redigiu o último capítulo da tese, sob o título *E latere Christi. Der Ursprung der Kirche, als zweite Eva aus der Seite Christi, des zweiten Adams. Eine Untersuchung über den typologischen Sinn von Joh 19, 34* (“E Latere Christi”. A origem da Igreja, como segunda Eva, do costado de Cristo, segundo Adão. Uma pesquisa sobre o sentido tipológico de Jo 19, 34.

⁶⁶ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 61.

⁶⁷ SESBOÛE, B., Karl Rahner, p. 17-18.

⁶⁸ VORGRIMLER, H., op. cit., p. 63. Não é nosso intuito aprofundar essa temática. Por isso, remetemos ao estudo cuidadoso de García-Alós. (GARCÍA-ALÓS, J. L. M. **El “existencial sobrenatural”**: clave interpretativa de la antropoteología de Karl Rahner. Barcelona: Santander, 1993, p. 157-190).

Fica clara sua preocupação, nesse período, com a eclesiologia, marcada pela reflexão querigmática da teologia patrística. Da mesma forma, tanto ele como o irmão, estão preocupados em aprender algo sobre o problema de “Deus no mundo”, tal como o próprio S. Inácio apresentava. Assim, é possível falar de uma “lógica inaciana do conhecimento existencial”.⁶⁹

Seu trabalho revela tanto o interesse pelos Padres da Igreja como pelo aspecto teológico e não jurídico da Igreja. Sua preocupação não era encontrar uma palavra fundacional, com a qual Jesus teria instituído a Igreja.

A efusão do sangue e da água, que brotam como uma torrente do lado de Cristo, constitui um símbolo da Igreja, pois ela, estando fundada no Espírito Santo, recebe sua origem do Crucificado, pois ele mesmo, enquanto crucificado (sangue) é fonte do Espírito (água).⁷⁰

Seu grau de doutor em teologia foi alcançado após o exame oral, em 19/12/1936. Neste mesmo contexto, Rahner recebeu a notícia de que Honecker exigia numerosas mudanças na sua tese de filosofia. Diante de tantas exigências e do desgaste da proposta, Rahner renuncia ao doutorado em filosofia.

Depois disso, no semestre de inverno (1937-1938), Rahner começa a dar aulas sobre o tratado dogmático da graça, o qual recebeu a marca do próprio autor. Diferentemente dos tratados usados, nos quais se iniciava com uma distinção dos diversos tipos de graça, Rahner iniciava falando da vontade salvífica universal de Deus, ou seja, iniciava o tratado de modo teocêntrico. Além do mais, a graça não era tomada, pelo autor, como um elemento autônomo do ser humano, mas sim como uma realidade cristológica que será sempre encontrada fundamentada de um modo trinitário.⁷¹

Nessa mesma linha, Rahner interpretará a Igreja como “manifestação” da graça e, para isso, utilizará o conceito de “sacramento”, antecipando sua posterior definição da Igreja como “proto-sacramento”. O teólogo reforçará suas indicações sobre o valor universal da vontade salvífica de Deus, a qual não exclui nenhum ser humano.

O intuito de Rahner não era ensinar algo novo, mas renovar a teologia. Seu empenho era ensinar uma teologia renovada e não uma nova teologia. Esse período introduziu, tanto na vida eclesial como na teologia, uma certa ruptura ou

⁶⁹ SESBOÛE, B., Karl Rahner, p. 20.

⁷⁰ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 66.

⁷¹ Ibid., p. 68.

um novo começo que se diferenciava muito da atitude anterior da Igreja que mantinha um tipo mais conservador e defensivo.

Diante dessas mudanças, encontramos uma “primeira geração” de autores que desenvolverão uma ação dominante de tipo social, espiritual e eclesial entre as duas guerras mundiais. Já a “segunda geração”, da qual Rahner fazia parte, não podia contentar-se em afirmar que o novo espírito agia tão só na práxis da vida eclesiástica. Assim, se levantam algumas questões no âmbito da filosofia, da teologia e da vida eclesial.⁷²

Nesse contexto, Rahner defendia a necessidade de um diálogo constante e aberto com a atualidade, sustentando que os cristãos devem aceitar o momento presente como algo que está presente e fazer com que o cristianismo encontre, nesse ambiente, um lugar que lhe seja adequado. A própria teologia da graça, de Rahner, é um exemplo de como o autor concebe sua missão teológica nesse contexto da “segunda geração”.

Na mesma linha de pesquisa e ensino da teologia, em agosto de 1937, Rahner ministra um curso com o tema “Fundamentação de uma filosofia da religião”, a partir do qual surgiu sua famosa obra intitulada *Ouvinte da Palavra*, publicada em 1941.

O livro *Ouvinte da Palavra* oferece uma fundamentação científico-teórica da filosofia da religião, enquanto ciência teológica, e levanta a pergunta temática fundamental sobre as relações do ser humano com Deus, isto é, se esse ser humano se encontra aberto a uma revelação de Deus. Rahner resgata *Espírito no mundo*, lembrando sua tese antropológica: o ser humano é espírito em espaço e tempo, e só pode ser espírito, na medida em que se abre aos fenômenos.⁷³

A revelação de Deus se torna o advento de uma palavra que a pessoa será capaz de ouvir. Dessa maneira, o ser humano, como um espírito no mundo e um ser histórico, está aberto para acolher, na liberdade, essa revelação/palavra.⁷⁴

Para Rahner, a história da humanidade continua sendo o lugar em que Deus pode falar. Por isso, o ser humano aparece como aquele que ouve a voz de Deus ou espera a automanifestação de Deus. Esta pessoa possui a capacidade de escutar a revelação de Deus.

⁷² VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 72.

⁷³ Ibid., p. 74.

⁷⁴ SESBOÛE, B., Karl Rahner, p. 62.

O ser humano é o ser espiritualmente receptivo que se situa em liberdade diante do Deus da liberdade que pode revelar-se, diante do Deus que, se vem, se expressa ou acontece [ereignet] como palavra na história humana. O ser humano é aquele que pode escutar em sua história a Palavra do Deus que é livre. Só dessa maneira é aquilo que ele deve ser.⁷⁵

Entre 1937-1939, Rahner deu continuidade ao seu trabalho como pesquisador e escritor. Nesse período, ele teve contato com Josef Andreas Jungmann, que era o diretor literário da revista de Innsbruck (ZKTh). Nesta revista, Rahner publicou sua tese, em 1961, sobre a oração “em nome da Igreja”. O texto foi escrito para o diretor da revista e para a Comissão Litúrgica preparatória do Concílio, e nele encontramos suas contribuições litúrgicas fundamentais sobre o símbolo, a celebração e a eucaristia.

... Essa celebração da Igreja não é importante e significativa porque nela acontece aquilo que, do contrário, nunca teria acontecido, mas porque nela se faz presente e se dá de uma forma expressa aquilo que faz que o mundo seja importante, aquilo que faz que o mundo esteja em todas as partes abençoado pela graça, pela fé, pela esperança e pelo amor, pois a cruz de Cristo já se realizou no mundo, e porque ela é o ponto culminante de sua história e o ponto culminante da expressão histórica dessa história de graça.⁷⁶

Durante esse período, Rahner publicou (1937), para o clero de Viena, dez meditações, que foram publicadas como livro, intitulado *Worte ins Schweigen* (Palavras no silêncio⁷⁷). Foram várias publicações que deram um grande contributo para a teologia da oração. Ele foi capaz de fundamentar a espiritualidade na teologia. Seus escritos se tornaram um verdadeiro testemunho de um professor de teologia que ora.

Em 1938, a Faculdade de Teologia de Innsbruck foi fechada pelos nazistas. Com isso, entre 1938-1939, Rahner aceitou e fez muitas conferências e pregações no estrangeiro. Depois, transferiu-se para Viena, onde residiu por cinco anos, período em que proferiu muitos sermões e conferências e conduziu muitos dias de retiro. Além disso, foi um momento significativo para sua vida e obra, pois foi o contexto da sua integração no Conselho de Pastoral de Viena. Essa experiência foi a base para sua participação no Concílio. Nesse trabalho, a teologia de Rahner se vinculou aos pastores comprometidos com a missão pastoral na Igreja.

⁷⁵ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 75.

⁷⁶ Ibid., p. 77.

⁷⁷ Nota da obra em português.

Durante esse tempo, é necessário citar a publicação da carta do Arcebispo de Freiburg im Breisgau, dirigida ao episcopado alemão (1943). O texto apresentava queixas sobre algumas inovações introduzidas nos campos da doutrina da fé e da liturgia católicas, que foram resumidas em 17 pontos. Com isso, o Cardeal de Viena incumbiu o Conselho de Pastoral de preparar um documento, que fosse como uma resposta à carta do arcebispo. Este texto, com 53 páginas, ficou conhecido como *Memorandum* de Viena. Tudo indica, segundo os diversos autores, que Rahner foi o principal autor do documento.

A partir de 1944, Rahner já estava de volta à Alemanha, exercendo seu ministério pastoral nos retiros e nos diversos atendimentos. Nesse momento, o teólogo viveu como um verdadeiro agente de pastoral, um pároco de aldeia, dedicando-se às diversas celebrações. De 1945-1948, em Pullach, Rahner retomou sua intensa atividade acadêmica. O teólogo intercalava sua atividade como professor, orientador de retiros e missionário nas comunidades necessitadas de assistência religiosa do padre. Nesse ambiente, Rahner se ocupou de vários temas teológicos, de modo especial, do tema da salvação, diante da publicação da encíclica de Pio XII (*Mystici Corporis*). Depois de uma intensa atividade teológica, Rahner volta a Innsbruck, em 1948, onde seu irmão já era decano da Faculdade de Teologia. Em 1949, torna-se professor ordinário de dogmática e história dos dogmas, na Universidade de Innsbruck.

Em 1949, Rahner recomeça seus trabalhos em Innsbruck, como professor de teologia dogmática. Ao mesmo tempo em que ensinava seguindo o esquema tradicional, o teólogo inseria algumas novidades, de forma que a teologia pudesse se desenvolver e evoluir diante do seu contexto.

2.3. A criatividade produtiva do teólogo

O período do seu magistério em Innsbruck, que antecedeu o Concílio, foi marcado pela constatação de inúmeros problemas na teologia do momento. Exemplo disso foi o enfretamento dos problemas relacionados à Mariologia, de modo particular relacionados ao dogma da assunção, que seria proclamado poucos anos depois.

Para Rahner, o transmitir a fé para os indivíduos do presente trazia duas condições: as pessoas devem entender, realmente, as perguntas sobre do que se

trata; devem ter interesse e estar, espiritualmente, dispostas a receber uma resposta.⁷⁸

Diante da questão mariológica do momento, Rahner interpretará Maria como promessa de uma realidade que vale para todas as pessoas. Ela é o cumprimento do que se espera que aconteça com todos!

Outro ambiente teológico de grande preocupação para Rahner foi a teologia pastoral. Suas reflexões nessa área nasceram, de modo especial, como fruto da sua experiência pastoral durante o regime nazista. Diante de tudo isso, o autor também se deparou com a lenta decadência dos membros da Igreja e fazia constantes advertências em seus escritos.

Em 1950, diante da constante solicitação de diversos grupos de agentes de pastoral, a editora Herder confiou a Rahner essa missão: oferecer um material teológico que auxiliasse na prática pastoral. A obra, composta por diversos volumes, nasceu entre 1964-1969. O autor propôs que nascesse com o título “Teologia Prática”. Esta, segundo o teólogo, fundamenta-se na revelação e encontra-se regulada pelo magistério da Igreja. Além de uma constituição sistemática, precisa trazer conhecimentos profanos, como qualquer outra disciplina teológica.

Como consequência desse trabalho, Rahner dirigiu, durante muitos anos, a seção de “teologia pastoral”, na revista internacional *Concilium*, da qual foi um dos fundadores, e juntamente com Congar, Kung e Colombo fez parte do comitê diretor inicial dessa grandiosa revista, que foi um marco da teologia do século XX, permanecendo até hoje como um referencial.⁷⁹

Mesmo preocupando-se com o caráter eclesiológico da teologia prática, Rahner enfatizava a necessidade de um cuidado pastoral dos indivíduos. Primeiro, havia uma preocupação com a mistagogia e, depois, deveria crescer, pela experiência concreta de Jesus, a decisão própria de cada pessoa a favor da fé na revelação de Deus. Assim, cada pessoa atuaria, segundo seus carismas, na vivência da vontade de Deus. Essa preocupação de Rahner se constata nos diversos Exercícios Espirituais que conduziu para sacerdotes e candidatos ao sacerdócio.

⁷⁸ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 109.

⁷⁹ SESBOÛE, B., Karl Rahner, p. 25.

A reflexão teológica de Rahner acabou sendo marcada, ao longo dos anos, pelo vínculo entre a espiritualidade do encontro imediato com Deus e a práxis cristã concreta. Nesse processo, Rahner acabou não elaborando uma sistemática fechada, mas alguns *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia – 16 volumes)⁸⁰. Os dois primeiros volumes foram dedicados à teologia sistemática; já o terceiro se ocupava da espiritualidade, interpretada de modo teológico. Vale ressaltar os volumes VII, *Sobre a teologia da vida espiritual*, e XII, *Teologia a partir da experiência do Espírito*.

Outra publicação de grande relevância foi a coleção (1956-1983) *Quaestiones disputatae*, na qual o teólogo procurava mostrar e impulsionar o caráter vivo da teologia católica, reelaborando questões que a “teologia escolar”, há tempos, considerava como respondidas. Nessa coleção, destacamos *Christologie – systematisch und exegetisch*, *Cristologia. Estudo teológico e exegetico* de 1972.

Além dessas grandes publicações, Rahner, desde 1950, dedicou sua atenção à publicação de diversos dicionários e enciclopédias de tipo teológico, trabalho que durou cerca de dez anos, ocupando-se de temas concretos de uma teologia que respondesse às exigências do momento atual. Como fruto desse trabalho, nasceu o *Theologisches Lexikon für die Praxis* (Dicionário teológico para a prática pastoral). Este novo dicionário foi intitulado *Sacramentum mundi*, por influência do Concílio.

Como um último aceno desse período de criatividade, é preciso destacar um fato de grande relevância na vida de Rahner: o Concílio Vaticano II. Num primeiro momento, em 1960, ele foi nomeado por S. João XXIII para a comissão que se ocupava da disciplina dos sacramentos.⁸¹

Depois, sua participação indireta se deu como conselheiro do Cardeal Franz König (Viena). Contudo, depois de tantas manifestações favoráveis a ele, S. João XXIII o nomeou teólogo oficial do Concílio (*peritus*), em 24/09/1962. Sua contribuição é clara na *Lumen Gentium*, *Sacrossanctum Concilium*, *Gaudium et Spes*. Ele próprio, depois de vinte anos, dizia que o Concílio foi o “início de um começo”.

⁸⁰ 1954-1984.

⁸¹ SESBOÛE, B., Karl Rahner, p. 23.

Com isso, é preciso destacar a fundação, por Rahner (seção pastoral) e Schillebeeckx (seção dogmática), da revista teológica interacional *Concilium*, que teve seu plano elaborado em 1958 e começou a ser publicada em janeiro de 1965. Depois, Rahner publicou uma edição manual dos textos do Concílio, para a qual redigiu uma introdução geral, e Vorgrimler redigiu as introduções para cada documento. “Eu lhe peço perdão, mas não se pode dizer que tive grande influência sobre o concílio. Seria falso afirmar algo desse gênero... É verdade que participei da maior parte das comissões teológicas e que colaborei com outros teólogos.”⁸²

Sesboüé, descrevendo o papel de Rahner, recorda palavras do teólogo alemão que manifestam sua humildade e clareza sobre o próprio Concílio. Da mesma forma, suas palavras revelam a consciência eclesial que permeou a vida desse grande homem. Sem dúvida alguma, é preciso fazer justiça ao teólogo, para recordar sua relevante presença antes, durante e depois do Concílio.

Creio que a coisa mais importante do concílio foi a coragem que a Igreja teve ao olhar o mundo moderno de frente de uma maneira que jamais existira. Se a Igreja de antes do Vaticano II for comparada com a Igreja após ele, pode-se observar uma passagem de uma ideia antes negativa, defensiva, para uma atitude mais aberta e positiva. Na minha opinião, está aí um dos grandes valores do concílio e ele tem uma extrema importância para a atualidade.⁸³

2.4. A maturidade do teólogo

O início desse novo período é marcado por uma missão significativa na vida de Rahner: ser o substituto de Guardini. Além disso, seu interesse pela meditação e vida interior permanece, nessa nova etapa acadêmica. Por outro lado, esse período foi caracterizado por uma forte procura dos meios de comunicação.

Nesse contexto, Rahner assumiu inúmeras obrigações internacionais, diante da repercussão do seu trabalho. Por outro lado, foi o período em que recebeu inúmeras honras e homenagens.

Depois de um tempo em Munique, Rahner parte para Münster, para ensinar teologia. Na ocasião, outro fato de grande relevância foi sua nomeação para o primeiro grupo da Comissão Teológica Internacional, em abril de 1969, cuja incumbência era desenvolver a obra do Concílio num plano científico.

⁸² SESBOÜE, B., Karl Rahner, p. 24.

⁸³ Ibid.

Outro fato importante, em nosso percurso, se deu no inverno de 1970-1971, quando Rahner ofereceu, pela primeira vez, um curso sobre cristologia, que deu origem a uma importante obra: *Christologie – systematisch und exegetisch Cristologia. Estudo teológico e exegetico*. Contudo, o material principal do curso foi guardado pelo autor, para ser publicado no livro posterior: *Grundkurs, Curso fundamental sobre a fé*. Sua preocupação era dedicar-se aos novos desenvolvimentos cristológicos da atualidade⁸⁴.

Esse tempo foi marcado por uma tomada de partido em favor da teologia da libertação. Rahner chegou a apresentar, na CTI, um trabalho sobre a “teologia da revolução” que para ele, tinha certos pontos de contato com a teologia da libertação. O próprio autor recordava seu texto sobre a unidade entre o amor a Deus e o amor ao próximo, como expressão dessa teologia⁸⁵.

Em minha opinião, que não é decisiva, esse trabalho é importante para uma teologia dentro da qual o compromisso sociopolítico e de crítica social dos cristãos tem uma importância fundamental.⁸⁶

Entre 1971-1975, Rahner se dedicou ao Sínodo da Alemanha e, logo em seguida, se concentrou na preparação da expressiva obra da maturidade: *Grundkurs des Glaubens, Curso fundamental sobre a fé* que, em 1979, já tinha alcançado 11 edições.⁸⁷

Em 1974, por ocasião do 70º aniversário de Rahner, Metz definia sua obra teológica como uma “biografia mística de um cristão”. Para o discípulo, o mestre sempre apontou para a necessidade de uma vivência mística, por parte de todo fiel cristão. Para Metz, sempre deve ser uma mística de olhos abertos”. Assim, se tornam místicos de uma compaixão ativa.⁸⁸

Nesse tempo de maturidade do teólogo, é possível constatar, segundo Vorgrimler, que a teologia de Rahner é alimentada por diversas fontes. Sua visão da Escritura⁸⁹ foi impulsionada, essencialmente, pela teologia do Espírito do NT e pela mensagem bíblica da vontade salvífica universal de Deus.

⁸⁴ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 146.

⁸⁵ RAHNER, K. Sobre la unidade del amor a Dios y el amor al prójimo. In: Id. **Escritos de Teología**. v. VI. Madrid: Taurus, 1969 (Tradução nossa).

⁸⁶ VORGRIMLER, H., op. cit., p. 160.

⁸⁷ SESBOÛÉ, B., Karl Rahner, p. 26.

⁸⁸ METZ, J. B. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013, p. 210.

⁸⁹ Aqui, cabe recordar a relação de Rahner com a Escritura. Foi, e é comum encontrarmos críticas a Rahner nesse ponto. O teólogo é acusado de não ter uma boa base bíblica e/ou não dar mais atenção à Escritura em seus escritos. Contudo, o próprio autor esclarece sua posição: “Talvez uma coisa que poderá surpreender à primeira vista o leitor seja a ausência quase total de citações

É possível constatar que a teologia rahneriana nasce da experiência divina da mística, da herança do autêntico Inácio de Loyola e da prática dos Exercícios. Para Vorgrimler, as orações de Rahner “traduzem”, de forma espiritual, os núcleos centrais de sua teologia.⁹⁰

O amadurecimento da teologia de Rahner também sobressai pelo seu empenho ecumênico, através de vários estudos e publicações. No momento atual, podemos dizer que sua teologia contribui para uma perspectiva macroecumênica, a qual inclui o ecumenismo estrito e o diálogo inter-religioso. Todavia, ele mantém sua posição teológica fundamental: a autorrevelação de Deus à humanidade encontrou, em Jesus de Nazaré, sua figura mais concreta e insuperável, que não pode ser invalidada. Da mesma forma, esse Jesus tem importância salvífica para todas as pessoas, incluindo os fiéis de outras confissões cristãs e até os não crentes. Por esse motivo, Vorgrimler defende Rahner da acusação que o define como “inclusivista”, incluindo-o na linha da “teoria do pluralismo religioso”, que defende que todas as religiões oferecem alguns caminhos valiosos de salvação. Contudo, tal visão não se enquadra no pensamento rahneriano!⁹¹

Aproximando-se dos seus últimos anos, Rahner diminuiu o ritmo de conferências e atividades diversas. Sua preocupação estava na caminhada da Companhia. Em 1981, foi transferido novamente para Innsbruck. Depois da comemoração do seu natalício, em 09/03/1984, Rahner foi internado, por causa de uma deficiência circulatória. Nesse contexto, ainda ditou algumas cartas e um escrito, a favor de Gutiérrez e da teologia da libertação, dirigidos à Conferência Episcopal peruana. Rahner faleceu no dia 29/03/1984, enquanto o reitor do colégio dos jesuítas de Innsbruck, lia o Salmo 23. Algumas palavras de Rahner, em 1981, revelam seu espírito nos últimos anos:

bíblicas como provas do que se afirma. Esse fato explica-se por várias razões, que devem ser vistas conjuntamente. Em primeiro lugar, o Autor não quer dar a mínima impressão de ser exegeta que trabalha como cientista especializado neste campo específico... Além disso, o leitor pode ter acesso ao material exegetico especializado ou de divulgação.” (RAHNER, K., Curso Fundamental da Fé, p. 9). Ademais, como veremos, seja nas orações, seja nas meditações dos Exercícios é perceptível a base bíblica em seus escritos. Inclusive, podemos destacar seu Homiliário Bíblico. Podemos dizer que encontramos uma referência bíblica indireta e constante, em sua escritura, mas não ausência. Sobre esse “limite”, o próprio Sesboüé faz um esclarecimento: SESBOÜÉ, B., Karl Rahner, p. 156-157.

⁹⁰ VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 184.

⁹¹ Ibid., p. 193.

Procure fazer aquilo que, de forma muito viva, se pode afirmar que é o seu dever. Além disso, experimente, como algo sempre novo, que o Mistério impronunciável que chamamos Deus não só vive e age, mas teve a ideia, totalmente inverossímil, de aproximar-se de você totalmente, de maneira amorosa. Veja Jesus Cristo, o Crucificado. Por meio d'Ele, você pode, finalmente, aceitar sua vida, aconteça o que acontecer nela. Não posso dizer nada que seja maior que essas simples verdades tão conhecidas, nada maior que essas máximas cristãs. E pergunto-me: quanto tempo falta até chegar para sempre o grande ocaso? Não sei. Por isso continuemos trabalhando, enquanto for de dia. No final, vai-se sempre com as mãos vazias, bem sei. Porém, então, eleve seu olhar ao Crucificado e vá. O que aparece é a eterna incompreensibilidade de Deus.⁹²

Ao concluirmos esse percurso, nos damos conta de que, com certeza, estamos diante de um teólogo que foi um grande místico. A sua vida revela sua forte e eficaz experiência de Deus, revelada em Jesus Cristo. Ele não só viveu essa experiência, mas possibilitou, e foi instrumento, para que outros vivessem. Sem dúvida, suas palavras, sua vida revelam seu ser e nos dão sentido e orientação para o presente e o futuro: “o cristão do século XXI ou será um místico ou não será um cristão”.⁹³

Para Metz, esta expressão referente ao cristão/devoto do futuro foi formulada em 1966. Essa pessoa precisaria experimentar algo para continuar sendo cristã. Por isso, essa mística não pode ser para um grupo seletivo, mas um evento popular, que ocorre com qualquer um. Dessa maneira, seria possível unir história de fé com história de vida, profissão de fé com experiência de vida, levando em consideração a fome de experiência por parte dos fiéis.⁹⁴

Na verdade, não fiz teologia científica, ou antes, fiz muito pouca. [...] Gostaria de dizer que sempre fiz teologia tendo em vista a pregação, tendo em vista o trabalho pastoral.⁹⁵

Concluindo, o caminho de reflexão sobre a vida do grande teólogo alemão nos leva a compreender, como diz Spadaro, que estamos diante de uma biografia mística do cristão de hoje, e de um amplo relato teológico da vida do cristianismo contemporâneo.⁹⁶ Depois de contemplarmos sua vida, damos um passo em direção à sua cristologia existencial.

⁹² VORGRIMLER, H., Karl Rahner, p. 196.

⁹³ RAHNER, K., **O Cristão do Futuro**. São Paulo: Cristã Novo Século, 2004. p. 78. Cardedal, citando Rahner, recorda que, quando se reclama, a necessidade da mística para permanecermos como cristãos num mundo enclausurado por sua mundanidade, cego ou surdo à transcendência, no fundo, estamos orientados às fontes de vida que ofereçam suporte e misericórdia com paz e felicidade mesmo no meio da dor e da obscuridade da história. “Para nós, isto significa descobrir, em Cristo, a vida mesma.” (CARDEDAL, O. G., *Cristologia*, Madrid: BAC, 2015. p. 603) (Tradução nossa).

⁹⁴ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p. 209.

⁹⁵ SESBOÜÉ, B., Karl Rahner, p. 55.

⁹⁶ RAHNER, K., *Sacerdote e poeta*, p. 5-6.

3

A Cristologia Existencial de Karl Rahner

Agora, que já contemplamos a vida desse grande teólogo alemão, nos propomos a aprofundar sua cristologia existencial, como o mesmo a apresenta na sua grande obra, *Curso Fundamental da fé*.⁹⁷ Para isso, seguiremos um percurso de quatro etapas. Primeiro, a fonte da teologia rahneriana: os *Exercícios Espirituais*. Através das próprias meditações conduzidas por Rahner, veremos como sua cristologia aparece. Depois, os passos dessa cristologia, como uma tarefa atual do refletir sobre Cristo. Por último, os dois braços ou frutos da cristologia existencial de Rahner que ele chama de cristologia descendente e cristologia ascendente.

3.1.

Na Experiência com Jesus: A fonte primeira da teologia de Rahner

Para qualquer estudioso de Karl Rahner, fica sempre claro que a prática e o estudo dos Exercícios Espirituais de S. Inácio resumem o núcleo da teologia rahneriana. “Os exercícios não constituem um sistema teológico. Teologicamente considerados, não são senão uma eleição: a eleição dos meios e da forma concreta de fazer do cristianismo uma realidade vivente entre nós”.⁹⁸

Sesboüé, no prefácio à obra *Worte ins Schweigen*⁹⁹, publicada em francês, enfatiza que a fonte da inspiração de Rahner, sua experiência forte e pessoal de Deus, está no seu contato com os Exercícios. Segundo o confrade, o mestre alemão sempre deu importância à série de pequenos livros, aos quais denominava “seus livros piedosos”.¹⁰⁰ Estes, segundo o próprio autor, não tinham encontrado a repercussão que mereciam. Por isso, queremos nos ater mais a eles.¹⁰¹

Por esse motivo, optamos por usar uma significativa obra do teólogo, intitulada *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, que reúne suas meditações dirigidas para os seminaristas, em Munique e em Roma. A presente

⁹⁷ RAHNER, K., *Curso Fundamental da Fé*, p. 360.

⁹⁸ Id., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 13.

⁹⁹ A primeira versão foi publicada em 1938. O texto é considerado um escrito da juventude de Rahner, que inaugura uma série desses escritos espirituais.

¹⁰⁰ RAHNER, K., *Appels au Dieu du silence*, p. 7.

¹⁰¹ SESBOÛÉ, B., *Karl Rahner*, p. 32.

obra será a espinha dorsal da primeira parte do capítulo, sem o objetivo de apresentar a obra, mas o de colher a sua cristologia existencial.

Para Rahner, ao mesmo tempo em que Deus transcende absolutamente nossa experiência, é o Senhor que, em Jesus Cristo, se aproximou de nós, intimamente.¹⁰²

Senhor Jesus Cristo, palavra eterna do Pai e verdadeiro homem, nós Te adoramos. Sejas para sempre o mistério vivo da nossa fé e da nossa vida que se fundamenta nesta fé: eterno Sumo Sacerdote e perpétuo sacrifício, sejas Tu mesmo nossa adoração ao Teu Pai no Espírito e na verdade. Em Ti e contigo, seja a nossa vida o serviço do Deus infinito, Tu o Sacramento do serviço da Majestade divina.¹⁰³

Durante a *primeira semana dos Exercícios*, Rahner recorda que, para S. Inácio, a reflexão sobre o pecado deve ser feita, não por meio de uma meditação metafísica, mas o encontro com o tema se dá apenas diante da cruz do Senhor.¹⁰⁴ Nesse sentido, é interessante notar que Rahner chega a destacar que a própria luta contra o que chamamos pecado venial se torna uma válida imitação de Cristo.¹⁰⁵

Salvador dos pecados, Vencedor misericordioso sobre nossos pecados e nossas fraquezas. Em Ti, queremos viver para que o Teu Amor forte opere em nós poderosamente. O Amor que unicamente é poderoso contra todo pecado agora e para sempre. Por Ti e em Ti, livra-nos de todo pecado, Sacramento de dominação de todo pecado.¹⁰⁶

Ao abordar a ascética no sacerdócio de hoje, Rahner salienta que, no colóquio com o Crucificado, precisamos nos perguntar o que mais podemos fazer por Cristo, e pedir a graça de se dar conta de como aperfeiçoar e ordenar a vida a fim de derrotar, em nós, o “mundo” e cumprir a imitação de Cristo.¹⁰⁷

Nós Te agradecemos porque nos quiseste preparar para Teu Sacerdócio. Nós confessamos que Tu nos escolheste, nós que somos indignos e fracos e que sem a Tua graça seríamos incapazes de seguir uma vocação como esta. Mas Tu nos preparaste! É para sermos suas testemunhas... Nós devemos renovar Teu sacrifício... Nós devemos administrar Tua graça.¹⁰⁸

Com a meditação sobre a Encarnação de Deus, S. Inácio inicia a *segunda semana* dos Exercícios. Rahner recorda que a questão sobre o significado da afirmação de que o Verbo de Deus se fez homem é o centro da reflexão cristológica que nunca termina.¹⁰⁹ Para ele, a “cristologia é fim e princípio da

¹⁰² RAHNER, K., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 18.

¹⁰³ Id., *Gebete des Lebens*. Freiburg: Herder, 2004. p. 57 (Tradução nossa).

¹⁰⁴ Id., op. cit., p. 41.

¹⁰⁵ Ibid., p. 65.

¹⁰⁶ Id., *Gebete des Lebens*, p. 57.

¹⁰⁷ Id., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 67.

¹⁰⁸ Id., op. cit., p. 139.

¹⁰⁹ Id., p. 95.

antropologia.¹¹⁰ E esta antropologia, em sua realização mais radical – a cristologia – é, eternamente, teologia.”¹¹¹

Quando uma pessoa à vista de Jesus, de Sua cruz e Sua morte, crê verdadeiramente que ali o Deus vivo lhe deu a última palavra, definitiva, já irrevogável e, por isso, abarcadora, e que ali lhe redimiu de todo cativo e tirania sob os existenciais de sua existência, fechada, culpável e entregue à morte, acredita em algo que somente é verdadeiro e real se Jesus é real e como a fé do cristianismo lhe afirma, crê – saiba refletidamente ou não – na encarnação do Verbo de Deus.¹¹²

Rahner, recordando o diálogo entre Jesus e Felipe, mostra que a inserção na vida de Cristo gera a participação na vida interna de Deus.

Se segue que olhar o rosto de Jesus de Nazaré se converte em visão de Deus cara a cara, ainda quando ambos, o encontro com Jesus e a visão de Deus que nele acontece, somente se impõem decisivamente quando a estreiteza de nosso velho corpo se rompe na morte.¹¹³

Rahner defende que a vida de Jesus é a epifania, o oferecimento, o “aqui” da palavra e da vida de Deus e viver essa vida é a razão de ser de cada um de nós.¹¹⁴

Da mesma forma, os sacramentos sinalizam e robustecem a corrente para o interior da vida de Jesus. “Vida das pessoas, fonte da graça, sejam Tu mesmo a vida do Deus Uno e Trino. Em Ti, participamos de Tua vida, Sacramento da vida sobrenatural de nossas almas.”¹¹⁵

Assim, esta inserção na vida concreta, histórica, contemporaneamente presente, de Jesus, tem já lugar nosso ingresso na bem-aventurança da vida íntima da Trindade. Contudo, o teólogo recorda que é possível nos fecharmos a esse chamado de Cristo e impedir que a Sua lei se torne a lei da nossa vida, ou seja, podemos eliminar da nossa vida a vida de Jesus.¹¹⁶

Porém, se escutamos esta “chamada” e assumimos, com fé e amor, a esta vida de Jesus em nós, então se produz o que conhecemos sob o nome de “imitação de Cristo”... Esta imitação e seguimento podem realizar-se em muitos graus diferentes de autoentrega e seguimento segundo a figura de Jesus tenha penetrado de forma, por assim dizer, somente anônima na vida de uma pessoa ou que tenha

¹¹⁰ REIS, J. L. **A acolhida da fé no contexto multicultural**: contribuições da teologia de Rahner para o crer hoje. Rio de Janeiro, 2010. 260p. Tese de Doutorado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 102.

¹¹¹ RAHNER, K., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 108. “Um dos princípios fundamentais do pensamento deste teólogo (Rahner) jesuíta é a relação entre a teologia e a antropologia... a antropologia compreende o homem na sua abertura transcendente em direção ao Absoluto. (GARCIA, A. F. **A empatia do coração de Cristo**. Rio Bonito: ECU, 2017, p. 110).

¹¹² *Ibid.*, p. 109-110.

¹¹³ *Ibid.*, p. 114.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 113.

¹¹⁵ *Id.*, *Gebete des Lebens*, p. 57.

¹¹⁶ *Id.*, *op. cit.*, p. 114-115.

alcançado além disso “autoexplicação” de Jesus como palavra e acontecimento, o Evangelho como escrito e anunciado.¹¹⁷

A proposta será sempre realizar nossa imitação de Cristo de maneira consciente; devemos praticá-la e cultivá-la. Ao propor a continuidade das meditações dos Exercícios, Rahner propõe duas ideias para definir o que entende por “imitação”.¹¹⁸

A imitação de Cristo não pode ser entendida como observância de uns princípios morais ou seguir Jesus como um mero exemplo, mas segui-LO implica entrar no movimento de sua vida e, assim, na vida divina que Ele nos dá. Ademais, a chamada à imitação de Cristo não nos chega de fora, mas vem do interior, conforme nossa natureza, levando em consideração que somos destinados, pela nossa mais íntima essência, à vida com Cristo. Com isso, a imitação tem que ser uma decisão de seguimento específico de cada pessoa.¹¹⁹

Dá-me, Deus infinito que me apoie sempre em Jesus, meu Senhor. Seu coração me revela como Tu és para mim. Quero olhar para Seu coração, quando desejo saber quem Tu és... Deus do meu Senhor Jesus Cristo, eu quero olhar para o coração humano d’Ele. Só então, eu sei que Tu me amas.¹²⁰

A verdadeira imitação de Cristo, a convivência com Ele, consistirá em fazer que a lei interior de Sua vida opere em cada diversa situação pessoal. Essa dinâmica se dá no Espírito que faz com que seja uma verdadeira e autêntica imitação de Cristo. Com isso, se faz necessário descobrir, em cada nova situação pessoal, a forma válida de prolongar a vida de Jesus. Nessa dinâmica, o teólogo destaca que, já que não é possível alcançar a salvação da vida senão perdendo-a, a pessoa só poderá alcançar a maturidade de sua existência, destinando-a ao serviço, no sacrifício desinteressado, no consumir-se pelos outros.¹²¹

Para Rahner, essa atitude de imitação do Filho é graça e, a ninguém, pode ser prescrita.¹²² Nas palavras de Lúcia Pedrosa, nessa lógica rahneriana, é possível afirmar que o seguimento de Cristo só é realizado no mergulho no mistério trinitário, na fé.

O seguimento de Cristo ancorado apenas na dimensão ética corre o risco de não ir adiante, de desmoronar, como o edifício construído sobre outro alicerce que não o reconhecimento de Cristo como o Filho, como revelação do amor de Deus. Para

¹¹⁷ RAHNER, K., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 115.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 116.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 117.

¹²⁰ *Id.*, *Gebete des Lebens*, p. 53-54.

¹²¹ *Id.*, *op. cit.*, p. 119.

¹²² *Id.*, **Trevas e luz na oração**. São Paulo: Herder, 1961, p. 21.

isso é necessária a humildade, que reconhece o próprio nada e a dependência de Deus.¹²³

Nesse processo, a primeira coisa que precisamos aprender de Jesus é ser verdadeiramente humanos. Da mesma forma, esse seguimento precisa ser vivido na discrição. Tudo isto precisa ser entendido e executado discretamente. Jesus pedirá sempre uma postura clara, que inclua sincera renúncia, extrema moderação interior diante de qualquer tipo de existência poderosa no mundo. A força animadora virá sempre e unicamente da fé, possibilitando a plenitude de vida que somente Jesus pode nos oferecer. Com isso, se passa de uma proposta aparentemente teórica para a prática: o Reino de Cristo.

A meditação sobre o Reino de Cristo é considerada fundamental na segunda semana dos Exercícios. S. Inácio tem a intenção de que o exercitante retire um valor para uma eleição que o compromete. O mais importante nesse processo é a aceitação da forma concreta que Deus quer do exercitante, de sua própria imitação de Cristo. Com isso, se oferecem as meditações da vida de Jesus, não apenas para que o exercitante tome consciência da “nova lei” dada por Jesus e para sua imitação em geral, mas para que ele descubra, na vida de Cristo, um imperativo válido para si mesmo. Assim, S. Inácio conduz o fiel a se oferecer ao Senhor com autêntica consagração e explícita oblação, de tal forma que, nas meditações seguintes, Cristo, com o exemplo de sua vida e pela força do Espírito, comunique ao exercitante o que deve ser eleito.¹²⁴

Ao comentar a parábola do Rei, Rahner recorda que quem quer segui-IO, tem que compartilhar sua sorte e seu modo de vida, e contentar-se com isso. Quem faz a escolha por Ele, deve trabalhar com Ele, seguindo-O na dor e na glória. Ao tomar sobre si cansaço, pobreza, cruz e morte, o exercitante se torna fragmento do reino e de sua glória. Com isso, o retirante oferece toda a sua vida ao trabalho do Reino, preparando-se para uma oblação magnânima. De forma clara e direta, Rahner recorda que, no caso dos sacerdotes, Deus quer possuí-los totalmente e eles devem compartilhar, querendo ou não, o destino de Cristo.¹²⁵

Na continuidade, é feita a meditação sobre a Anunciação a Maria. Nesse contexto, a proposta de S. Inácio, segundo Rahner, é olhar as pessoas

¹²³ PEDROSA-PÁDUA, L. **Santa Teresa de Jesus: Mística e Humanização**. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 371.

¹²⁴ RAHNER, K., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 124-125.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 129-132.

primeiramente, ouvir o que dizem e, por fim, olhar o que fazem. E assim, se faz necessário participar da meditação com todo o coração, e fazer com que o mistério escolhido para cada meditação projete-se em nossa vida. Com isso, o exercitante é conduzido a pedir, nessa meditação da encarnação, um conhecimento interno do Senhor, tomando consciência de que Jesus se fez homem para que mais O amemos e O sigamos.¹²⁶

Primeiro, o foco está no Deus que se anuncia e, depois, no anjo da anunciação. Interessante que Rahner destaca que “o relato mesmo da anunciação deveria mover-nos a estabelecer uma relação existencialmente mais estreita com estas criaturas de Deus.”¹²⁷

Em seguida, se destaca a imagem de Maria, dentro de um mundo tenebroso e aparentemente perdido, e descrita por Rahner como o coração que Deus encontrou: “um coração de mãe”.¹²⁸ Rahner conclui a meditação, fazendo um paralelo entre anunciação e sacerdócio.

O sacerdote do Novo Testamento é o continuador oficial, o fiador da permanência da Encarnação no mundo, iniciada na anunciação. Com a fé, que Isabel louvou a Maria, o sacerdote deveria realizar pessoalmente, na sua vida o que cumpre por ofício: continuar, com sua própria entrega, a Encarnação de Deus.¹²⁹

Para S. Inácio, segundo Rahner, é preciso contemplar a vida do Senhor sem pseudoiluminações, sem frases românticas e sem humanismo minimizante. Como exemplo disso, a própria meditação do nascimento de Jesus deve estar aberta ao impacto de que o nascimento do Logos inicia o caminho de morte do próprio Cristo.

No seguimento da segunda semana dos Exercícios, S. Inácio propõe a contemplação da vida oculta de Jesus. Depois de falar do sacerdócio como vida religiosa, Rahner propõe a vida oculta de Jesus como forma de vida religiosa. Ele apresenta Jesus como um homem claramente religioso. Para a conformação de nossa imitação de Cristo é significativo que o Filho de Deus encarnado tivesse que amadurecer em sua vida e devesse viver até completar seus trinta anos e iniciar sua vida pública.¹³⁰ Como consequência desse processo, se faz necessário que nossa imitação de Cristo assuma a vida pobre e obediente que Ele viveu.

¹²⁶ RAHNER, K., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 134.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 137.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 138.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 140.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 151-152.

Independentemente do estado de vida do cristão, a pobreza e a obediência se tornam referências para qualquer um que se propõe a imitar o Cristo.

Da mesma forma, a dinâmica de uma vida oculta deve ser própria para quem segue Jesus Cristo. Assim, a vida oculta de Cristo traz um significativo valor para uma vida cotidiana ordinária, sem grandes mudanças ou eventos de destaque.

Toda dinâmica dessa segunda semana tem como objetivo fazer com que o exercitante faça sua eleição. Nesse processo, Rahner recorda que a perda e o encontro de Jesus no templo iluminam os diversos conflitos que podemos enfrentar. O exemplo da Sagrada Família apresenta como é possível enfrentar as tensões da vida com humildade, fé e com a abnegação dos interessados. Antes da meditação das duas bandeiras, e concluindo a meditação sobre a permanência de Jesus, no templo, aos doze anos, Rahner faz um convite:

Tentemos abrir nosso ser à história da primeira peregrinação de Jesus. E peçamos a nosso Senhor que nos dê a graça de ser incondicionalmente fiéis a Sua chamada de estar no que é de Deus, a fim de que também nós prolonguemos, em nossa vida, algo do que acabamos de meditar.¹³¹

Ao meditar sobre as duas bandeiras, Rahner recorda que nossa vida é feita de decisões. Assim, nossa vida se move constantemente entre decisões e, muitas delas, dolorosas. E a decisão só pode ser tomada com compromissos por Cristo. O exercitante estará sempre entre as propostas de Cristo e de Lúcifer.

O caminho seguinte é aquele apresentado pelas Bem-aventuranças, como expressão do estilo de vida de Cristo, apresentado ao exercitante. Para que a pessoa chegue ao cumprimento de tal lei, se faz necessária a união com o Senhor, na dinâmica da sua imitação.¹³²

Ao descrever as três maneiras ou modos de humildade, Rahner chega ao ápice dessa virtude, seguindo a orientação do seu mestre, afirmando que ao terceiro grau da humildade se chega quando se vive aquele amor à cruz de Cristo. O pressuposto é que quem segue sempre o Senhor, crucificado, escândalo e loucura para o mundo, é o que está no bom caminho. Seu intento será unicamente a incondicional imitação de Cristo. Com isso, essa pessoa prescinde, por

¹³¹ RAHNER, K., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 163.

¹³² *Ibid.*, p. 173.

completo, de si e se põe, como imitador de Cristo, à disposição incondicionada de Deus.¹³³

Após seguir o caminho específico dos Exercícios e encerrar a segunda semana, Rahner propõe falar sobre o sacerdócio, tendo em vista que S. Inácio enfatiza que a reflexão dos Exercícios precisa passar para a realidade concreta de cada exercitante. O teólogo relembra que, da mesma maneira que a existência cristã, o sacerdócio se funda em Cristo Jesus.¹³⁴

A Igreja como totalidade nunca poderia dizer: eu prego a verdade de Deus e confiro seus sacramentos, porém a vida privada de meus representantes nada tem a ver com isso e em geral, se move em outro plano. Se Deus permitisse uma tal separação entre a atuação ministerial e a conduta pessoal, a Igreja já não seria o corpo de Cristo prolongado na força do Espírito Santo e com isso a permanente epifania de Deus no mundo; seria, pelo contrário, a mais horrorosa mentira e a prova mais atroz da derrota definitiva de Deus...¹³⁵

Para Rahner, o sacerdócio precisa impregnar toda a vida daquele que o recebeu. A santidade sacerdotal não é uma questão de conveniência, mas emana da essência do sacerdócio ministerial.

As meditações sobre a Paixão, na *terceira semana dos Exercícios*, são introduzidas por S. Inácio, com a última ceia. De acordo com Rahner, Jesus queria que a Eucaristia, sinal do Seu amor, portador do próprio Cristo, ficasse como expressão da união com Ele (Jo 6, 56). Contudo, aquele que recebe o sacramento do coração de Jesus sem dispor seu próprio coração, e se apoia num falso conceito do *opus operantum*, acaba recebendo o sacramento como entidade mágica e não encontra Jesus Cristo. Para uma recepção genuína do sacramento se faz necessário, da parte de quem recebe, a preparação e a ação de graças, bem como a relação pessoal com o Cristo, entregue sob as espécies.¹³⁶ Com isso, a Eucaristia, como sacramento do coração de Cristo se torna, de fato, fonte de nosso amor aos irmãos e irmãs.¹³⁷

Por isso, disse João: “O Verbo se fez carne”. Quer dizer: Sim, aqui está, onde nós estamos; está no meio de nós; compartilha nossa vida, nosso espaço e nosso tempo e nossa existência; aqui, podemos e devemos buscar o Deus eterno. E, agora, nos diz Jesus: “Tomai e comei, isto é o meu corpo, minha carne”.¹³⁸

¹³³ RAHNER, K., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 191-192.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 195.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 199.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 202-203.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 207.

¹³⁸ *Id.*, **Dios, amor que descende**: Escritos espirituales. Santander: Editorial Sal Terrae, 2008, p. 108 (Tradução nossa).

Nesse caminho da paixão, morte e ressurreição de Jesus, nos deparamos com sua obediência, que motiva a nossa. Seu “fazer-se obediente” (Fl 2, 8) impulsiona a nossa obediência a Deus, que somente se dá, verdadeiramente, a partir de Jesus, fundada unicamente no seguimento de Cristo. Dessa forma, será possível amar a nós mesmos, amando a Deus e seguindo Seus caminhos, não os nossos. Este Deus, que jamais pode ser apenas a abstração metafísica de uma perfeição infinita, mas o Deus vivente que dispõe a cruz e a morte.¹³⁹

Rahner conclui a narrativa da morte recordando que, em nossa vida, sempre há um suplemento de dor que não se vence, unicamente, com a atitude de sobriedade e valentia. Sem Cristo e Sua cruz será possível apenas lidar com um estado de desespero verdadeiramente sem limites, coberto pelo silêncio e pelo cinismo. Porém, fomos chamados a continuar, na nossa vida, a vida de cruz de Jesus, como o ato de nossa fé e de nossa esperança, nossa paciência e amor.

Na sequência da experiência da Sua morte, chegamos à Sua ressurreição. Para Rahner, somos sempre os ressuscitados com Cristo. Ele é o ressuscitado e nós temos o Seu Espírito transfigurador. Essa conformidade com Ele se dá agora, mas precisa se tornar manifesta. Para tudo isso se faz necessário um ato de fé: “somente quem crê faz a experiência e, ao fazê-la, crê”.¹⁴⁰

A *quarta semana dos Exercícios* se inicia com a proposta de meditar o significado da glorificação do Filho do Homem para a salvação do mundo. Esse mesmo Senhor glorificado e que foi transpassado é a fonte do Espírito. Ele se converteu na fonte do Espírito, por ter derramado e sacrificado sua realidade terrena, juntamente com Seu sangue. O aceitar a cruz, a penitência, a inutilidade, a impotência, a efusão do próprio coração, a exemplo de Cristo, nos predispõe a receber o sopro poderoso e a majestade do Espírito.¹⁴¹

Ao vivenciarmos essa dinâmica de vida de Cristo, na Sua entrega final, somos conduzidos à experiência do Espírito. Quando nos desprendemos de nós mesmos, precisamente quando somos fiéis, verdadeiramente, à cruz de Cristo, ocorre em nós o incrível: “o Espírito do amor do Pai e do Filho nos arrebatava

¹³⁹ RAHNER, K., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 227-228.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 237-238.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 241-242.

consigo, nos arranca de nós para conduzir-nos, com Sua divina liberdade, mais além de toda finitude, e faz-nos partícipes de Sua vida divina.”¹⁴²

Como conclusão das meditações sobre os Exercícios, Rahner propõe uma reflexão sobre o paralelo entre Maria e a Igreja. De acordo com sua posição, Maria é santa porque concebe em si o Logos, como Cordeiro de Deus, para a salvação do mundo; porque sob a cruz, oferece sua maternidade, somando-a ao sacrifício de seu Filho, porque sua vida não é senão um holocausto ao serviço de seu Filho pelas almas. Assim, a Igreja se torna uma comunidade de redimidos que imitam Cristo, realizando, necessariamente, o que Maria viveu antes, de maneira exemplar, tornando-se um modelo para a Igreja.¹⁴³

3.2. Cristologia Hoje

Tal cristologia de hoje e de amanhã deveria, antes de mais nada, dizer muito mais do que até agora a respeito do relacionamento pessoal e de amor da parte de cada um para com Jesus de Nazaré.¹⁴⁴

Na sexta seção do *Curso Fundamental da Fé*, ao falar sobre Jesus Cristo e, por consequência, sobre o estudo da cristologia, Rahner inicia o ponto 9 falando da “Relação pessoal do cristão com Jesus Cristo”. Sua ênfase é na necessidade de uma “Cristologia Existencial”.

É preciso destacar que antes, ele mesmo já havia falado de Jesus no quadro da evolução do mundo; da fenomenologia de nossa relação com Jesus Cristo; da cristologia transcendental; da Encarnação; sobre o Mistério Pascal de Cristo; sobre o conteúdo, validade e limites da cristologia e soteriologia clássicas; e sobre os novos pontos de apoio de uma cristologia ortodoxa.

Segundo o próprio Rahner, não é comum, na dogmática corrente, falarmos de uma cristologia existencial, pois a mesma estaria vinculada à teologia espiritual e/ou à mística cristã. Sendo assim, o teólogo enfatiza a importância e a validade do tema, tendo em vista a necessidade de compreender o cristianismo não como

¹⁴² RAHNER, K., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 248.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 253-254.

¹⁴⁴ *Id.*, *Cristologia hoje*, p. 104.

mera teoria abstrata, mas como um processo existencial: uma relação pessoal com Jesus Cristo¹⁴⁵.

Rahner destaca, nesse contexto, a existência de uma relação de certa forma anônima mas real, da pessoa com a concretude da história da salvação e, por consequência, com a pessoa de Jesus. Tal relação existe e deve existir, na pessoa que ainda não fez, na fé e no sacramento toda a experiência histórica concreta e expressamente refletida dessa realidade de salvação. Contudo, ao lado dessa experiência de um cristianismo anônimo, se encontra um cristianismo pleno, consciente de si mesmo, que se caracteriza na escuta da Palavra, na profissão da fé, na vivência dos sacramentos e na prática da vida cristã, em referência à pessoa de Cristo.¹⁴⁶

Castillo, recordando as cristologias dos teólogos alemães, nos leva a entender a proposta de Rahner. Nosso saber sobre Jesus não poderá ser reduzido a um conhecimento metafísico. “... nosso conhecimento sobre Jesus, o Cristo, não pode ser reduzido, nem formulado, sequer fundamentalmente, somente em categoriais ontológicas.”¹⁴⁷

O processo do ser cristão envolve a pessoa por inteiro. Por isso, o teólogo afirma que “sempre somos cristãos para nos tornarmos cristãos.”¹⁴⁸ Segundo ele, a relação com Cristo se dá na fé, na esperança e na caridade. Assim, a pessoa deve conquistar e levar à radical realização no empenho de toda a sua existência pessoal. A verdade e a realidade da existência cristã implicam, de fato, uma exigência, que pode parecer excessiva, ou quase uma ideologia irreal, para muitas pessoas. Porém, não podemos esquecer que

A experiência humana não é outra coisa do que o convite a entregar-se com paciência, com abertura e fidelidade, ao desenvolvimento de sua própria existência cristã, até que essa vida, passo a passo, talvez em meio a dores e falhas, venha a desenvolver, transformando-se na experiência de relação pessoal com Jesus Cristo.¹⁴⁹

¹⁴⁵ RAHNER, K., Curso Fundamental da Fé, p. 360. Nesse quadro, as palavras de José Otacio Guedes, na apresentação da obra *A empatia do coração de Cristo*, nos ajudam a entender a situação: “A relação de teologia e espiritualidade passa, ainda hoje, por crise de relação. A insegurança de fazer uma teologia, não aceita na academia, levou muitos estudiosos a produzir escritos técnicos, cheios de tentativas filosóficas de falar de Deus; por outro lado, o desejo de alcançar um público sedento, mas não disposto ao esforço da verificação nas fontes, propiciou reflexões ‘piegas’ que propõem ter fundamento simplesmente em experiências particulares.” (GARCIA, A. F., *A empatia do coração de Cristo*, p. 5).

¹⁴⁶ Id., Curso Fundamental da Fé, p. 361.

¹⁴⁷ CASTILLO, J. M. *Jesus: A humanização de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 59.

¹⁴⁸ RAHNER, K., op. cit., p. 361.

¹⁴⁹ Ibid.

Será nesse processo descrito acima que poderemos dizer em que consiste nossa relação, sempre irrepetível com Jesus Cristo, mesmo que a apresentemos de maneira pálida e abstrata, experimentando-a, concretamente, em nossa vida pessoal.

Nesse sentido, Castillo, comentando um grande discípulo de Rahner, nos ajuda a entender essa dinâmica da cristologia de Rahner, diante do caráter peculiar da mesma. Metz destaca que “o saber cristológico não se constitui nem se transmite, primeiramente, nos conceitos, mas nos relatos de seguimento”. Dessa maneira, o teólogo de Granada assevera que os discípulos dos Evangelhos e, poderíamos dizer, os de hoje

Não conheceram Jesus porque ouviram aulas magistrais de cristologia e aprenderam alguns conceitos abstratos, mas sim porque se puseram a segui-lo, a viver com Ele e como Ele... foram com Jesus e assim, compartilhando sua forma de vida, o conheceram.¹⁵⁰

Rahner enfatiza que o que pretende dizer não é algo simples, pois sempre se tratará do Deus absoluto, mas se refere a nós, na singularidade concreta de Jesus, de tal forma que esse Deus se torna *absolutum concretissimum*. Ou seja, diz respeito à salvação singular de cada indivíduo que a experimenta na sua história particular, vivida na fé e no amor.

Comentando o próprio Rahner, Castillo reforça que a intenção do teólogo alemão é elaborar uma “*Cristologia em busca*” e, assim, a cristologia encontra o buscado no próprio Jesus Cristo. Esse “buscado”, na cristologia, é o próprio Deus e a salvação que n’Ele encontramos. Assim, “*encontrar Deus em Jesus de Nazaré é o mesmo que encontrar Deus (e a salvação que Ele nos concede) na história, na vida e na atuação daquele judeu que foi Jesus, o nazareno.*”¹⁵¹

A pessoa se sente impelida a entregar-se de maneira livre, na sua concretude histórica. Dessa forma, a relação com a pessoa de Jesus será sempre única e singular, capaz de gerar um amor totalmente pessoal e íntimo para com a Pessoa divina. Por isso, esse amor não pode ser entendido como mera ideologia, ou um vago estado de ânimo. Tal dinâmica será descrita pelo autor a partir de dois pontos de vista: *um descendente e outro ascendente.*¹⁵²

Cristo, como portador da salvação e mediação histórica concreta da nossa relação imediata para com Deus, se comunica a nós. Jesus se torna o evento da

¹⁵⁰ CASTILLO, J. M., Jesus, p. 58.

¹⁵¹ Ibid., p. 207. (Grifo do autor)

¹⁵² RAHNER, K., Curso Fundamental da Fé, p. 362.

absoluta unidade entre Deus e a humanidade. Com o dado da ressurreição, compreendemos que a realidade humana de Jesus, como realidade do Logos eterno, permanece eternamente. Por isso, esse Logos eterno tem um significado soteriológico, para cada um de nós. Sua realidade humana será sempre mediadora permanente da nossa proximidade imediata para com Deus.

A relação pessoal com Jesus, em amor íntimo e pessoal, é parte essencial da existência cristã, na medida em que este homem e sua realidade humana se tornam nossa própria realização salvífica consumada e plena, não só em sua história temporal. Nossa salvação é sempre singular e irrepetível!

A pessoa se faz absolutamente singular e única, na medida em que se encontra com Deus, num verdadeiro precipitar-se absoluto, infinito e incompreensível. Dessa forma, o ser humano não se dilui no universal, mas se torna absolutamente singular e único, pois alcança uma relação única com Deus, relação na qual este Deus se torna seu Deus: um Deus pessoal!¹⁵³

Por isso, a realidade da salvação se torna ontológica e pessoal, fazendo com que essa mesma salvação e sua consumação se verifiquem na realidade objetivamente real da mais radical subjetividade. O sujeito entrega-se de modo consciente e amoroso ao mistério de Deus, que se desvela de maneira imediata e direta e que, dessa forma, permanece sendo sempre mistério radical. Essa dinâmica vital ocorrerá através da permanente relação pessoal para com o Deus-homem, no qual atingimos, no tempo e na eternidade, a proximidade imediata para com Deus.

De fato, nessa experiência profunda que o ser humano pode fazer, Rahner deixa claro não só a capacidade que a pessoa tem, com sua abertura transcendental, mas a possibilidade de ela ser preenchida por esse mistério diante do qual se encontra. Nas palavras de Maria Clara Bingemer,

Esta experiência de união com Deus, acusada muitas vezes de alienar o ser humano, mostra-se, pelo contrário, extremamente fecunda e prenhe de valor e esperança, capaz de fascinar e seduzir a criatura desorientada que nada nas movediças águas pós-modernas e se defronta com uma infinidade de propostas de autoajuda e espiritualidade várias, algumas delas muito superficiais.¹⁵⁴

¹⁵³ RAHNER, K., Curso Fundamental da Fé, p. 363.

¹⁵⁴ BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 433. A reflexão da teóloga sinaliza um dado importante da vida do teólogo alemão: a grande influência que teve na teologia latino-americana, particularmente na Teologia da Libertação. Os grandes expoentes da Teologia da Libertação, através de seus escritos, revelam o quanto estudaram a teologia rahneriana. Em sua obra programática *Teologia da Libertação*, Gustavo Gutierrez, referencial da TdL e considerado seu pai, reconhece, num capítulo, a importância da concepção unitária de natureza e graça para a

Na dinâmica *ascendente*, fica claro que a relação com Jesus, manifestada no amor a Ele, se torna realização real, concreta e existencial no amor ao próximo, que se torna mediação para Deus. Isto é, pode ser mediação permanente para a proximidade imediata com Deus.

Em vários de seus escritos, Rahner enfatizou a unidade entre o amor concreto ao próximo e o amor a Deus¹⁵⁵. Para ele, o amor ao próximo não é apenas um mandamento a ser cumprido, pois é a realização pura e simples do cristianismo. Esse amor ao próximo é a realização salvífica da existência cristã que, por isso, se torna relação salvífica com Deus. O fundamento e, na linguagem de Rahner, o “sócio misterioso” desse amor será sempre Deus¹⁵⁶. Para ele, o mandamento do amor não é apenas a plenitude da Lei, mas também da oração.¹⁵⁷

O teólogo vai além, quando afirma que para chegar ao surgimento, desenvolvimento e amadurecimento da existência do ser humano, se faz necessário que este faça a experiência da intercomunicação pessoal, na experiência inter-humana espacial e temporalmente bem concreta, com um tu bem determinado que nos vem ao encontro. Esse amor de encontro inter-humano direto pressupõe fidelidade absoluta, ou seja, uma realização existencial que tem uma profundidade absoluta, ao ser sustentada pela graça, e uma dimensão que é assumida na vida eterna, entre Deus e a pessoa¹⁵⁸.

Sempre haverá uma dimensão que transcenderá o encontro corpóreo espacial e temporal e não será eliminada nem pela morte. Por isso é que, para

teologia latino-americana. Gutiérrez havia sido aluno de Rahner. Segundo o Cardeal Müller, o teólogo latino-americano havia recebido dos seus professores, entre eles Rahner, “aquele impulso interior de tentar ligar profundamente o falar de Deus com a tomada concreta de posição pelo homem que espera de Deus uma salvação global.” (MÜLLER, G. L., **Pobre para os pobres: A missão da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 38) Claramente, se vê a teologia de Rahner emergir. Na verdade, alcançar uma teologia do social, da história, das realidades terrestres, depois da superação do supranaturalismo da graça de Deus, fortemente criticada por nosso teólogo, acompanhado por Lubac e Balthasar, entre outros. Da mesma maneira, sua constante preocupação em confrontar a fé cristã com as diversas realidades da vida, da cultura e da sociedade, introduzindo-as na reflexão teológica, foi imprescindível para que se desenvolvesse uma teologia que leva a sério a situação dos marginalizados latino-americanos. É necessário também recordar que o próprio Rahner tomou a defesa da teologia da libertação, reconhecendo-a legítima e mesmo necessária, para a dolorosa situação social de tantos na América Latina. Nos seus últimos anos, ele lamentava o fato de não ter conhecido nosso continente.

¹⁵⁵ RAHNER, K. **Amar a Jesus. Amar al Hermano**. Santander: Editorial Sal Terrae, 1983. El “Mandamiento” del amor entre los otros mandamientos. In: Id. **Escritos de Teología**. v. V. Madrid: Taurus, 1964. p. 481-502. Id., Sobre la unidad del amor a Dios y el amor al prójimo. In: Id. **Escritos de Teología**, v. VI. Madrid: Taurus, 1969, p. 271-292 (Tradução nossa).

¹⁵⁶ Id., Curso Fundamental da Fé, p. 364.

¹⁵⁷ Id., Trevas e luz na oração, p. 42.

¹⁵⁸ Id., op. cit., p. 364.

Rahner, “semelhante amor não se prende nos limites de uma experiência direta puramente corpórea, mas atinge sua essência, radicalmente cristã e sua perfeição humana, somente quando na fé e na esperança transcende esses limites.”¹⁵⁹

Nessa dinâmica, o amor a uma pessoa humana, que sempre será mediação do amor a Deus, possuirá unidade última e indissolúvel com Ele e, portanto, poderá dirigir-se a Jesus, que poderá sempre ser amado como homem. N’Ele, o amor encontra a amplidão absoluta do mistério incompreensível. O amor a Jesus se torna caso absoluto do amor pela sua essência do Deus-homem. Em Jesus, o amor a um ser humano e o amor a Deus encontram sua unidade mais radical e servem de mediação entre si¹⁶⁰.

Rahner enfatiza que tudo o que foi dito por ele só pode ser compreendido

Realmente, apenas por quem busca e tem a coragem de amar Jesus de maneira realmente pessoal mediante a Escritura, os sacramentos, a celebração de sua morte, e a vida da comunidade de seus fiéis; por quem se arrisca a encontrar-se com ele pessoalmente e, ao fazê-lo, recebe como graça a coragem de não temer, já que, quando diz “Jesus”, não se refere só a uma ideia abstrata de um Deus infinito...¹⁶¹

Para o autor, todo encontro com o homem concreto, Jesus, se dá como apelo individual, a partir da concretude de sua vida na participação no mistério da vida de Jesus. Essa dinâmica será sempre iniciação em sua morte-ressurreição. Por isso, para ele, a vida cristã não pode ser entendida apenas como cumprimento de normas, mas será sempre apelo único e singular de Deus, o qual é mediado pelo encontro concreto no amor a Jesus, numa mística do amor. Tal experiência se realiza na comunidade dos que creem e amam, a que chamamos Igreja. Nela, Jesus se oferta como o Cristo.

Não obstante essa verdade, a pessoa que não encontrou o Cristo nesse contexto, poderá encontra-LO no seu irmão e no amor para com Ele, pois o próprio Jesus se faz encontrar, como que anonimamente, concretizando sua palavra: “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.” (Mt 25,40). Assim, percebe-se que Jesus vive sua vida nos pobres, nos famintos, nos encarcerados e nos moribundos.¹⁶²

¹⁵⁹ RAHNER, K., Curso Fundamental da Fé, p. 365.

¹⁶⁰ Ibid.

¹⁶¹ Ibid.

¹⁶² RAHNER, K., Curso Fundamental da Fé, p. 366. Nesse âmbito, vale recordar uma crítica constante feita à Rahner, em relação aos chamados “cristãos anônimos”. O teólogo não nega a necessidade de uma fé explícita, nem uma experiência plena na comunidade de fé, chamada Igreja. O que ele quer deixar claro é a possibilidade de muitos chegarem a um conhecimento indireto sobre Jesus Cristo e ao encontro com Ele, que pode e é encontrado por muitos, mesmo que ainda

3.3. Cristologia existencial descendente

A cristologia existencial de Karl Rahner, como vimos até agora, se resume numa palavra: encontro! Podemos dizer que é um encontro que nasce do amor, é vivido no amor e gera amor. A dinâmica da cristologia existencial rahneriana se manifesta de duas maneiras: descendente e ascendente. Veremos, a seguir, a primeira.

Em *Was heisst Jesus lieben?*¹⁶³, Rahner se propõe a falar da relação do cristão com Cristo. Mas o próprio destaca que, para essa temática, só é possível oferecer sugestões, e que nunca será demais que um cristão escreva para outros cristãos.¹⁶⁴

A temática sobre o amor a Jesus não pode ser encarada de maneira rápida e fugaz. O objetivo de Rahner, ao falar sobre ela, é ajudar os cristãos a estabelecerem uma relação viva com Jesus. A necessidade imprescindível é refletir sobre esse tema, para uma renovação do cristianismo.¹⁶⁵

Para Rahner, a nossa relação com Jesus é uma realidade complexa, na qual os cristãos podem cair em dois mal-entendidos. Primeiro, considerar Jesus como um simples homem, cultivando um *jesuanismo*. O outro caminho unilateral da caracterização de Jesus é apresentá-lo como uma ideia. São dois extremos de uma leitura parcial da Pessoa de Jesus. Rahner afirma que podemos chamar Jesus como “poder cósmico de Deus que nos salva, que nos ama e que é eterno”.¹⁶⁶

O caminho proposto pelo teólogo é assumir o “risco de uma relação”, de forma que não devemos contemplar Jesus nem como mero homem, nem como ideia abstrata. O ponto de partida será uma realidade da vida humana: confiar em alguém! Para ele, essa abertura pessoal para o outro pode ter graus diversos de intensidade e formas diversificadas.¹⁶⁷

Desta maneira, é possível levantar e tratar inúmeras temáticas/reflexões sobre Jesus, boas e necessárias. Contudo, sempre haverá um a mais, de uma

não tenham professado a fé objetivamente, na e com a Igreja. A vida destes prova que existe a ação da graça que os conduz a uma vivência objetiva da fé. (SESBOÛE, B., Karl Rahner, p. 85-87; 126-131).

¹⁶³ Id., *Amar a Jesus. Amar al hermano*, 1983.

¹⁶⁴ Ibid., p. 7.

¹⁶⁵ Ibid., p. 9-10.

¹⁶⁶ Ibid., p. 11-12.

¹⁶⁷ RAHNER, K., *Amar a Jesus. Amar al hermano*, p. 13-14.

liberdade que se arrisca, um passo a mais de amor na relação verdadeiramente cristã com Jesus. Assim, a pessoa pode ir além desses diversos conhecimentos.¹⁶⁸

Unicamente quando se aceita e se ama a Jesus mesmo pelo que Ele é, por cima do que sabemos sobre Jesus – unicamente quando se aceita e se ama a Ele mesmo, e não a nossa mera ideia sobre Cristo nem aos meros resultados de nossos conhecimentos históricos –, é quando começa a verdadeira relação com Ele, a relação consistente num absoluto aventurar-se n’Ele.¹⁶⁹

O teólogo reforça que essa relação com Cristo é algo singular e radical porque se realiza numa dinâmica de absoluta confiança e amor incondicional. Além disso, essa experiência relacional não pode ser realizada com uma ideia abstrata, porque corremos o risco de ter um encontro com a nossa própria ideia e, dessa forma, não amaríamos uma pessoa concreta e real.¹⁷⁰

Com isso, o questionamento que surgiria, naturalmente, é: como poderíamos amar alguém tão distante de nós, que viveu há 2000 anos e do outro lado do mundo? Esse intuito de encontro, relação e amor direcionados a Jesus não poderia nos levar a uma mera abstração? Contudo, um cristão comum acreditaria e acredita, tem consciência de que Jesus continua vivendo hoje; é o Ressuscitado. Por isso, “uma relação de amor com ele, uma relação radicalmente imediata e singular, não teria dificuldades insuperáveis”.¹⁷¹

Jesus é o Ressuscitado e o Salvador junto de Deus! Este é o Deus dos vivos e não o dos mortos, como o próprio Jesus afirmou. Sendo assim, tanto Jesus como os bem-aventurados estão próximos a nós, com um amor silencioso e estão presentes, de fato. Assim, nosso acesso a Cristo está aberto e garantido para todos! Porém, podemos perguntar se Sua história ainda tem importância para alguns de nós?¹⁷²

A relação com Jesus não pode se enquadrar num simples culto antigo e vivido como qualquer um dos tantos heróis da história. Da mesma forma que fazemos com os santos, nos voltamos a Jesus, na certeza do Seu novo estado de vida. Da mesma forma que desejamos estar ao lado dos outros, buscamos fazer o mesmo com Jesus e os santos. O desejo é de um intercâmbio pessoal, de amor entre duas pessoas!¹⁷³

¹⁶⁸ Ibid., p. 15-16.

¹⁶⁹ Ibid., p. 16.

¹⁷⁰ Ibid.

¹⁷¹ Ibid., p. 17.

¹⁷² Ibid., p. 17-19.

¹⁷³ RAHNER, K., Amar a Jesus. Amar al hermano, p. 20.

Rahner relembra que, entre duas pessoas que se amam, sempre haverá uma divergência abismal persistente. Contudo, esta não suprime o amor e a unidade. Assim, coexistem unidade e diversidade! Por isso, uma distância espacial e/ou temporal, aparentemente maior, entre duas pessoas que querem e devem se amar, não significará uma impossibilidade para o amor. Este supera o tempo e o espaço! “... o amor ama e aceita o outro precisamente como o outro (= como diferente) e não o absorve em si, nem consome sua peculiaridade”.¹⁷⁴

Se pode amar Jesus, por ser Ele quem é, com amor verdadeiro, autêntico, imediato. Com isso, em nosso caso, podemos e devemos pressupor absolutamente que quem aqui é amado, vive verdadeira e vitalmente junto de Deus. Assim, podemos pressupor e sentir com a fé que este Jesus, por própria iniciativa... toma a iniciativa, em seu amor, para conosco e, mediante o que chamamos a graça (o dom divino do amor a Deus e a Jesus) torna possível nosso amor a Ele.¹⁷⁵

Assim, é possível amar Jesus superando as distâncias de tempo e espaço. Com a ressurreição de Jesus, Sua biografia não é algo meramente do passado. O teólogo destaca que, no amor, superando o tempo e o espaço, por conta do amor e pelo poder do Espírito de Deus, podemos e devemos amar realmente a Jesus, com imediatez e concretude.¹⁷⁶

Em suma, apesar da distância espacial, cultural e temporal entre nós e Jesus, não podemos dizer que essa realidade se torne um obstáculo insuperável para amar a Jesus de forma real. Esse Jesus, mergulhado na incompreensibilidade de Deus, se aproxima de nós como uma pessoa concreta e histórica, a qual queremos amar e abraçar.¹⁷⁷

Daí, duas observações são necessárias. Primeiro, o amor a Jesus não reprime a experiência de amor verdadeiro a qualquer outra pessoa. Ao contrário, esse amor ao próximo está incluído e é pressuposto para amar a Jesus. Esse amor ao próximo pode e deve crescer por meio do amor a Jesus. Quem se relaciona com Ele, de fato, se abre a novas possibilidades de amor ao próximo. Este se torna irmão(ã) de Jesus.¹⁷⁸

Depois, esse amor a Jesus tem que ir crescendo e amadurecendo! A intimidade com Ele se desenvolve e nasce da oração, da intimidade com a Escritura e é dom do Espírito. Não é possível impor tal amor por decreto!

¹⁷⁴ Ibid., p. 22.

¹⁷⁵ Ibid., p. 23.

¹⁷⁶ Ibid., p. 24-25.

¹⁷⁷ Ibid., p. 25.

¹⁷⁸ RAHNER, K., Amar a Jesus. Amar al hermano, p. 25-26.

Contudo, “o desejo de possuir tal amor já é seu começo: um começo que tem prometida a plenitude”.¹⁷⁹

Com a compreensão de como é possível falar desse amor, com Rahner, passamos a um degrau a mais: a relação com Jesus! Esta pode ser descrita de duas maneiras. Podemos partir de Jesus: quem Ele é, o que creem sobre Ele e como O aceitam. Depois, aceitamos esse Jesus crido, conhecido e compreendido por nós: essa seria uma opção de relação. Porém, podemos ir no sentido contrário. Partindo de nós, da nossa busca por Ele. O que sabemos sobre Ele se deduz da relação que temos com Ele. Nas duas possibilidades, o que interessa é como o compreendemos! Ou descrevemos a partir d’Ele ou de nós!¹⁸⁰

As duas vias, apresentadas por Rahner, são caminhos que se encontram e se unem. Uma verdadeira relação com Jesus é condição para conhece-LO “objetivamente” em Seu próprio ser. Por isso, o que falamos sobre Ele não pode estar separado do que dizemos da relação que temos com Ele. “O amor e a pessoa amada se condicionam reciprocamente e a descrição de um leva implícito também o enunciado sobre o outro”.¹⁸¹

Então, quem é esse Jesus que amamos e com quem travamos uma relação singularíssima? O que é necessário apresentar como básico para um conteúdo de cristologia atual? Esta, como ensina a Igreja, precisará sempre partir do testemunho de Jesus sobre si mesmo. Como Ele Se compreendeu, a Sua tarefa, Sua missão e Sua cruz...¹⁸² Ele é o Messias: Deus feito homem e é o Deus que Se dá a Si mesmo aos outros!

Jesus se compreendia como o Messias! Com Ele, o Reino definitivo e insuperável de Deus estava inaugurado. O Reino é o próprio Deus: Ele mesmo e não algo distinto a Ele. N’Ele, Deus estava se comunicando, comunicando Sua glória, oferecendo Seu perdão; n’Ele, Deus estava pronunciando Sua última Palavra, definitiva, insuperável e essa Palavra era o próprio Deus.¹⁸³

Apesar de toda obra criada manifestar a presença de Deus, ela não pode manifestar o definitivo e o insuperável de Deus. A criação permanece algo provisório! Só Jesus é considerado a Palavra última, insuperável e definitiva na

¹⁷⁹ Ibid., p. 26.

¹⁸⁰ Ibid., p. 27.

¹⁸¹ Ibid., p. 28.

¹⁸² Ibid.

¹⁸³ RAHNER, K., Amar a Jesus. Amar al hermano, p. 31.

história entre Deus e a humanidade. Dessa forma, Ele se torna a promessa genuína e real, que Deus faz de Si mesmo. Jesus é a epifania desse mistério: Aquele homem de Nazaré fazia Deus estar presente, sensivelmente, no meio do povo!¹⁸⁴

Rahner lembra que, em Jesus, Deus Se aproximou totalmente de nós! Segundo o teólogo, a velha cristologia continua sendo a nossa cristologia. Contudo, temos o direito e a obrigação de refletir, constantemente, sobre ela e de assumi-la; de tentar ensiná-la de outra maneira, apresentando seu conteúdo, meditando profundamente sobre ela, sob outros aspectos distintos dos antigos.¹⁸⁵

Dessa maneira, é possível formular a antiga cristologia, mediante uma teodramática, entendida corretamente, e prudentemente formulada e assim, projetá-la do ponto de vista de uma teologia da história, cristãmente entendida, que não comprometa a imutabilidade eterna de Deus. Nesse caminho, um cristão sensível que trabalha em sua própria salvação com humildade e esperança, pode e deve dizer a si mesmo:

Em Jesus, Deus se aproximou totalmente de mim, Deus em pessoa, e operou na história da humanidade algo que não pode ser anulado porque Deus não pode voltar atrás; e, em Jesus, Deus fez algo consigo mesmo. Nesta aproximação de Deus através de Jesus Cristo, Deus me disse: Aqui estou como tua própria glória definitiva, irrevogável, libertadora, perdoadora na história que tem que consumir-se em ti, porém, por minha parte, operei já, em tua vida, o definitivo de meu amor, precisamente porque Jesus existe e permanece eternamente.¹⁸⁶

A partir daí, Rahner se questiona: o que acontece quando amamos Jesus? Veremos a relação com Jesus na perspectiva da pessoa que ama e, por conta desse amor, gera união com Jesus. Segundo o teólogo, é claro que essa relação se sustenta pela virtude (sobrenatural) divina (teologal) do amor. Com isso, é preciso ser enfatizado que nesta relação de amor com Jesus, nós somos os que respondemos à iniciativa que é d'Ele. O amor de Deus, que nos antecipa, faz com que nosso amor seja possível, comunicando-nos o amor no mais íntimo de nós mesmos.¹⁸⁷

A prova suprema e realmente decisiva da possibilidade deste amor é que tal amor existe, de fato. Percebemos, através de pessoas que fazem com que Jesus

¹⁸⁴ Ibid., p. 33-35.

¹⁸⁵ Ibid., p. 49-50.

¹⁸⁶ Ibid., p. 50-51.

¹⁸⁷ RAHNER, K., *Amar a Jesus. Amar al hermano*, p. 51.

seja, com certeza, o centro do seu pensar, do seu querer, do seu amar e de toda a sua existência.¹⁸⁸

Dessa forma, estamos diante de um amor incondicional e definitivo! Sem dúvida, amamos uma Pessoa real, buscamos-la, pensamos nela, nos sentimos próximos dela e percebemos a nossa própria vida plasmada por essa Pessoa. Seu pensar, sentir e destino marcam nossa existência.¹⁸⁹

A diferença do amor a Jesus e do amor a outras pessoas começa pelo fato de existir certa reserva: o temor do amante de não agradar o amado e o temor de o amado falhar. Da mesma maneira, o amar uma pessoa que não apresente, sensivelmente, algo amável. Além disso, o amor aos outros pode estar marcado pela transitoriedade. São secretas reservas e temores que distinguem o amor a Jesus dos outros amores.¹⁹⁰

No amor a Jesus, é preciso haver definitividade. Ou seja, precisa ser um amor que supere as últimas reservas e inseguranças do amor humano. Precisa se tornar um amor incondicional que vá até às últimas dimensões. Assim, se torna um amor possível de ser caracterizado pelo incondicional e definitivo, com direito a não ter reservas nem moderação. Tudo isso se dá porque estamos diante de Deus, que é definitivo e incondicional! Contudo, na nossa vida, esse amor está sempre no início: nunca é um amor consumado, porque tem que crescer, aprender e conquistar as dimensões da vida!¹⁹¹

Assim, podemos pensar quais as condições prévias para esse amor. Esse amor precisa estar sustentado pelo poder da incondicionalidade de Deus. É o mesmo que se dizia, pela teologia escolástica, quando se afirmava que esse amor salvífico a Jesus se realiza na dinâmica da virtude teologal da caridade. Por isso, a virtude infusa do amor divino, na dinâmica da graça antecedente, se torna o princípio, garantia e sustentáculo do amor humano para com Deus.¹⁹²

Rahner recorda que, da parte da pessoa, é preciso não haver reserva e ter uma unidade absoluta e definitiva com Deus. Supõe que a pessoa viva numa

¹⁸⁸ Ibid., p. 52.

¹⁸⁹ Ibid., p. 53.

¹⁹⁰ Ibid., p. 54.

¹⁹¹ Ibid., p. 55.

¹⁹² RAHNER, K., *Amar a Jesus. Amar al hermano*, p. 56.

dinâmica de comunhão com o próprio Deus, de tal maneira, que sua vida esteja marcada pela Sua graça e pela Sua ação.¹⁹³

Na dinâmica de amar, Rahner enfatiza que se ama a Jesus, também onde há amor sem reservas, onde Ele é vivido de modo autêntico e original, mesmo que o amante não conheça o Nome de Jesus. Ele diz que Jesus é amado anonimamente! Porém, para nós cristãos, O chamamos pelo Nome e O amamos originária e radicalmente.¹⁹⁴

Nesse amor a Jesus, se faz necessário o abandonar-se à incompreensibilidade de Deus. A pessoa se entrega, existencialmente, a Deus e aceita Seu mistério, eternamente radiante e radical. Por isso, quem, de fato, ama a Jesus, ama Aquele cujo destino quer compartilhar, entregando-se ao destino da morte de Jesus. Por isso, “toda descida nos horrores da morte é apenas uma queda nos abismos do Amor eterno.”¹⁹⁵

Com Jesus, a pessoa se abandona nas mãos misteriosas do Pai, ao ser iluminada por uma luz suprema, oculta, e humildemente confessada, que a faz pronunciar: “Pai”.¹⁹⁶

O absoluto do cristianismo é Deus e o absoluto da entrega da existência humana a Deus se chama – no fundo – Jesus de Nazaré; e ambas são precisamente uma mesma coisa que, na cristologia escolástica, chamamos união hipostática da Palavra [Verbo] eterna com a realidade humana de Jesus.¹⁹⁷

Rahner destaca que a questão do sentido da vida é outra via de acesso a Jesus. Este tema abarca a totalidade da fé cristã! A própria pergunta sobre o sentido da vida pode nos remeter a Jesus, que pode ser visto como o sentido da vida! O cristão busca “fora” do curso da história a interpretação do sentido total.¹⁹⁸

Essa pergunta sobre o sentido total tem como objetivo o próprio Deus. Este surge, para o cristão, como resposta sobre o sentido da vida. Contudo, Ele permanece sendo o mistério inabarcável, impenetrável, que não pode ser manipulado, seguindo assim, por toda a eternidade.¹⁹⁹

¹⁹³ Ibid., p. 57.

¹⁹⁴ Ibid., p. 58-61.

¹⁹⁵ RAHNER, K. Trevas e luz na oração, p. 85.

¹⁹⁶ Id., Amar a Jesus. Amar al hermano, p. 62.

¹⁹⁷ Ibid., p. 64.

¹⁹⁸ Ibid., p. 65.

¹⁹⁹ RAHNER, K., Amar a Jesus. Amar al hermano, p. 70-71.

Para o teólogo, é possível uma chamada cristologia de baixo, marcada pela experiência com Jesus. Este se torna expressão da nossa salvação! Essa realidade se dá na experiência histórica do Deus que Se doa a Si mesmo à humanidade. Dessa experiência com a Pessoa de Jesus, chegamos ao enunciados metafísicos da cristologia clássica. Isto é, a relação com Jesus nos encaminha para o aprofundamento do conhecimento sobre Ele, que é o Verbo de Deus.²⁰⁰

Há uma cristologia ascendente (que parte do homem Jesus) e que desemboca na cristologia descendente clássica (Deus se faz homem). Com isto, se compreende como e porquê uma relação, aparentemente, inócua, de confiança incondicional em Jesus pode conter, implicitamente, de maneira total, a cristologia clássica. E esta relação de confiança é inteiramente possível e será possível a um cristão normal que não seja um teólogo especializado... se um cristão confia e crê abertamente n'Ele e faz que essa esperança insuperável seja mais válida que todas as dúvidas, ceticismos e reservas, então será um cristão ortodoxo; entenderá existencialmente a cristologia clássica; encontrará e aceitará realmente Jesus, retamente entendido, como seu Salvador.²⁰¹

3.4. Cristologia existencial ascendente

Em 10/11/1980, Rahner fez uma conferência sobre a fraternidade, na Universidade de Graz, publicada sob o título: *Wer ist dein Bruder?*²⁰² Ele reconhece que estamos diante de um tema ilimitado.²⁰³ Para Rahner, é sempre clara a ponte entre o amor a Deus e o amor aos outros, resgatando, mesmo sem o citar, o pensamento joanino (1Jo 4, 20). Na verdade, para Rahner, o amor ao próximo, na vida prática, será a prova do amor a Deus.²⁰⁴

O amor a Deus não pode ser considerado como um preceito dentre outros. Ele é, ao mesmo tempo, origem e meta de todos os mandamentos particulares. Dessa forma, a pessoa alcança sua perfeição no único ato total de sua existência, amando a Deus por ser Ele quem é. Assim, esse amor constitui a totalidade da realização da existência humana.²⁰⁵

A relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo é muito estreita! O amor ao próximo não pode ser apenas considerado como uma obra exigida pelo amor a Deus e consequência desse amor, mas, de certa forma, é uma condição que

²⁰⁰ Ibid., p. 85-86.

²⁰¹ Ibid., p. 86-87.

²⁰² Id., Amar a Jesus. Amar al hermano. Id. **Quem é teu irmão?** São Paulo: Paulinas, 1986.

²⁰³ Ibid., p. 90.

²⁰⁴ Ibid., p. 91.

²⁰⁵ Ibid., p. 92-93.

precede o próprio amor a Deus. Por isso, o amor a Deus e o amor ao próximo se condicionam mutuamente.²⁰⁶

Contudo, Rahner destaca que não podemos entender essa relação como um humanismo secularizado, entendendo o amor a Deus como algo do passado e o amor ao próximo como algo do presente. As duas expressões de amor estão condicionadas, de fato! Por isso, não há amor a Deus que não seja, em si mesmo, amor ao próximo. Só no amor ao próximo, podemos afirmar um verdadeiro amor a Deus. Quem ama a Deus poderá dar-se, incondicionalmente, a outra pessoa e não convertê-la em meio para afirmação de si mesmo. “Somente quem ama o próximo pode saber quem é realmente Deus”.²⁰⁷

A ex-sistência para Deus é a interioridade mais íntima da pessoa. Quando a pessoa é amada com uma orientação para Deus, é amada em seu supremo ser e essência; e quando a pessoa se abre realmente no amor ao próximo, se dá para ela a possibilidade de sair de si mesma com verdadeiro amor, para amar a Deus.²⁰⁸

Rahner recorda que a antropologia católica destaca a unidade e a diversidade entre os sentimentos e a ação. Esta é entendida como um ato concreto, especificável e controlável, que é possível demarcar, descrever e organizar. Já os sentimentos significam a relação única e total da pessoa com Deus e com o próximo. Por isso, sentimentos e ação não podem ser identificados, nem separados!²⁰⁹

O amor ao próximo apresenta uma verdadeira historicidade, que se realiza em atos. É um amor que vai penetrando a dinâmica da vida eclesial. Com isso, a própria Igreja vai tomando consciência de tantas novas tarefas que põem e devem ser desempenhadas por ela mesma, visando concretizar essa dinâmica de amor concreto destinado ao próximo, como manifestação do amor a Deus.²¹⁰

Rahner lembra que estamos diante de uma nova realidade, para falar de fraternidade cristã. A nova fase histórica já é percebida, ao substituir a expressão “amor ao próximo” por “fraternidade”. Estamos diante de uma humanidade global

²⁰⁶ RAHNER, K., *Amar a Jesus. Amar al hermano*, p. 94.

²⁰⁷ *Ibid.*, p. 95.

²⁰⁸ *Ibid.*, p. 96. “Ex-sistencia (em alemão, Ek-sistenz) é um termo inspirado na filosofia de Heidegger e tem o significado de ‘sair extaticamente de si para entregar-se à verdade do ser’ (neste caso, a Deus). Há um jogo de palavras, quase intraduzível, entre ‘sair de si na extasis’ e permanecer na interioridade mais íntima” (Nota do tradutor).

²⁰⁹ *Ibid.*, p. 97.

²¹⁰ *Ibid.*, p. 98-99.

e unificada. Esta humanidade vai se unificando cada vez mais! Da mesma maneira, estamos contemplando uma nova classe de interioridade da pessoa.²¹¹

A nova situação da humanidade vem acompanhada de uma nova situação da Igreja e de sua fraternidade. Assim, a Igreja pode e deve ser a Igreja universal e viver sua fraternidade de maneira nova e original! A exigência é que vivamos, de fato, uma Igreja universal, com marcas de universalismo. Dessa maneira, contemplamos um maior pluralismo dentro da Igreja.²¹²

Rahner destaca que outra nota característica da fraternidade cristã nasce da situação atual, que possibilita maior intercomunicação entre os membros dessa mesma comunidade eclesial. Vivemos num mundo de intercomunicação! Se essa realidade já era presente no tempo do escrito de Rahner, quanto mais agora! É o momento de maior proximidade entre as pessoas, mesmo que através do mundo virtual!²¹³

É possível viver essa dinâmica de fraternidade através dos encontros fraternos (Mt 18, 20). De certa forma, giramos entre dois pontos: uma tendência à busca do isolamento para o encontro solitário com Deus e, ao mesmo tempo, a busca de experiências de oração comunitária, visando um encontro com o Senhor. “A oração comum em grupos carismáticos é, certamente, uma forma possível de cultivar esta fraternidade cristã...”²¹⁴

Com isso, podemos colher algumas conclusões práticas para a vida cristã! Sempre há um risco na verdadeira fraternidade. O amor cristão ao próximo assume uma nova categoria e uma dignidade distintas, quando é vivido como manifestação concreta do amor pessoal a Deus, e não apenas como uma obrigação, um mandamento!²¹⁵

De fato, o amor cristão ao próximo não alcança sua verdadeira essência a não ser quando já não são feitos cálculos, mas quando vence a prontidão para amar sem recompensa, quando no amor ao próximo se aceita também a necessidade da cruz.²¹⁶

Somente quando se compreende realmente a unidade entre o amor a Deus e o amor ao próximo é que este abandonará seu caráter de preceito particular, deixando de lado a necessidade de um obra específica, para se tornar um ato

²¹¹ RAHNER, K., Amar a Jesus. Amar al hermano, p. 101-103.

²¹² Ibid., p. 105-108.

²¹³ Ibid., p. 109.

²¹⁴ Ibid., p. 112.

²¹⁵ Ibid., p. 115.

²¹⁶ Ibid., p. 116.

existencial total, porque englobará toda a nossa vida. Somente dessa forma, podemos falar de uma liberdade total que nos faz livres de nós mesmos!²¹⁷

Além disso, podemos falar de uma abertura à fraternidade! Esta, quando autêntica, possibilita a superação, que tem estado em alta, da mentalidade sectária em nossa subjetividade religiosa! Fazemos parte de uma Igreja universal que não pode ser mutilada pelos gostos individuais dos seus membros, pela mentalidade subjetivista individualista do nosso tempo.²¹⁸

Para vivermos a fraternidade na Igreja, é necessário superar certas posturas antigas e novas de individualismo e preconceitos! A verdadeira fraternidade exige que aceitemos o outro com a sua própria mentalidade, mesmo que nos seja estranha. Curioso que Rahner destaca, já no início da década de 1980, a existência de muitos jovens que difundem, na Igreja, um individualismo estranhamente fora de moda e chegam a considerá-lo como um direito óbvio.²¹⁹

O próprio Rahner reforça que dessa dinâmica de amor ao próximo também nasce a missão universal da Igreja. A fraternidade cristã, com sua nova situação, pede a encarnação da missão eclesial! O verdadeiro católico não deveria ter vergonha de sentir interesse por essa missão, deveria ser o contrário. A responsabilidade do fiel se manifesta com sua responsabilidade pelo mundo inteiro e, não apenas, pelo seu contexto.²²⁰

Ao mesmo tempo, essa “nova” fraternidade traz, indubitavelmente, uma dimensão social. A essência dessa fraternidade faz nascer uma responsabilidade política, uma teologia política, que deve ser entendida como de todos e de cada cristão, mesmo que sob formas distintas. “O cristão de hoje tem uma responsabilidade política como não teve em tempos anteriores”.²²¹

Nesse caminho de fraternidade, se fazem possíveis novas possibilidades de intercomunicação, acessos novos à interioridade subjetiva recíproca. A intercomunicação atual favorece uma fraternidade muito mais intensa do que antes. Só assim chegamos a verdadeiras comunidades de base e comunidades

²¹⁷ RAHNER, K., *Amar a Jesus. Amar al hermano*, p. 116.

²¹⁸ *Ibid.*, p. 119.

²¹⁹ *Ibid.*, p. 120.

²²⁰ *Ibid.*, p. 125-126.

²²¹ *Ibid.*, p. 126-133.

integradas ou, nas palavras das atuais Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, comunidades eclesiais missionárias!²²²

Dessa dinâmica de fraternidade comum, nasce a fraternidade confessante! É preciso aproveitar e viver, de fato, o dever de confessar, com alegria e espontaneidade, a nossa fé. É preciso superar uma postura de religiosidade individualista, com uma mentalidade pouco fraterna, sem proclamar a fé para os demais, deixando-se levar por um isolamento mortal!²²³

Só assim chegaremos à vivência profunda do mistério da fraternidade! Ela pode ser vista como esse mistério insondável, quando se identifica com a totalidade da existência humana. O próprio ser humano é o mistério marcado, nascido do mistério maior, que é o próprio Deus. É preciso ir sempre além, para que nossa antropologia não reduza o ser humano a um ser limitado e fechado! Uma verdadeira antropologia cristã contemplará o ser humano diante do mistério do Deus Uno e Trino!

A fé cristã tem o convencimento de que unicamente o amor a Deus e ao próximo – que é mais que um mandamento e o exercício de um dever – conduz o homem à salvação; que esse amor constitui a totalidade da Lei e dos Profetas; que pode dar-se inclusive na humildade de uma rotina diária, na qual... pode inclusive ter lugar aquela suprema renúncia e entrega a Deus que nos permite participar na última e definitiva proeza de Jesus na cruz. A fraternidade que se sustenta e se realiza no amor a Deus é o mais elevado que pode acontecer. E esta suprema elevação é a possibilidade que se oferece a todo ser humano.²²⁴

Assim, concluímos esse segundo momento de nossa pesquisa, depois de contemplar o desenvolvimento da cristologia existencial de Karl Rahner. Ficou claro que a experiência de fé, sobretudo nos Exercícios Espirituais, dá a tônica da teologia rahneriana. O fazer os Exercícios ou orientá-los é básico, para Rahner, como fonte da sua teologia. Ademais, o desenvolvimento da reflexão do teólogo nos mostra a necessidade de uma constante renovação do estudo da cristologia, para que consigamos anunciar o mistério da fé no hoje da história.

Sem dúvida, a própria divisão dual da cristologia existencial de Rahner nos ajuda a compreender a atualidade de Jesus Cristo e seu acesso, aberto e permanente, para cada pessoa ao longo da história da humanidade! Jesus vem a nós através de seus mistérios, que tocam a nossa vida e nós vamos a Ele, através

²²² RAHNER, K., Amar a Jesus. Amar al hermano, p. 133-134. CNBB, Doc. 109.

²²³ Ibid., p. 137.

²²⁴ Ibid., p. 151.

da experiência histórica do amor ao próximo, que será sempre manifestação do amor a Deus!

Agora, seguimos em frente, para contemplar a vida e a obra de Teresa de Calcutá, e percebermos, nela, a força de uma verdadeira cristologia existencial, que se manifesta por sua longa e profícua história de vida!

4

Uma religiosa mística - a História de uma Missionária

Com o mesmo objetivo que tivemos para descrever a vida de Karl Rahner, no primeiro capítulo, passamos a relatar a vida de Madre Teresa de Calcutá. Não temos o intuito de fazer uma biografia nos moldes comuns, mas apresentar a vida dessa grande santa a partir da perspectiva existencial, ou seja, sua vida à luz da experiência de fé. Para isso, usaremos como espinha dorsal a obra *Madre Teresa – Venha, seja minha luz*, a qual recolhe seus escritos e descreve a sua vida a partir desses mesmos escritos.²²⁵

Este livro foi organizado e comentado pelo Pe. Brian Kolodiejchuk MC²²⁶, postulador de sua causa de canonização. Assim, desejamos descrever a vida daquela que se considerava um “lápiz nas Mãos de Deus”, para contemplar a grandeza de Deus no “nada” da Sua serva. “Ele escreve, Ele pensa, ele faz os movimentos. Eu só tenho que ser o lápis”.²²⁷

Pe. Brian destaca que, ao surgirem os diversos testemunhos sobre a madre, e os documentos para o processo de beatificação e canonização, veio à tona a impressionante e cativante história de uma profunda relação íntima, vivida entre a santa de Calcutá e Jesus. Mesmo levando uma vida, aparentemente, normal e ordinária, por trás havia uma profundidade e uma santidade quase desconhecidas exteriormente. Mesmo que suas obras tenham sempre se destacado, sua vida interior era muito mais forte e significativa do que transparecia.²²⁸

²²⁵ Aqui, se faz necessário apresentar duas observações. A primeira é que esta obra oferece inúmeros escritos da Madre, como lembra o Pe. Brian, na página 22: diários, instruções, discursos e cartas. A segunda observação diz respeito às cartas. A correspondência foi o principal método de comunicação da Madre, ao longo de sua vida. Só o Padre Van Exem, que foi seu diretor, havia juntado dois baús de cartas da Madre, até 1993.

²²⁶ No dia 11/10/2017, depois de algumas trocas de mensagens, tivemos um encontro com o Padre Brian, em Roma. Desse encontro, algumas observações são importantes para clareza do nosso percurso. Primeiro, o Padre deixou claro que não haveria possibilidade de acesso ao processo de canonização. Sua indicação foi seguir três obras específicas, que recolhem o centro do material da Madre: *Mother Teresa, Come be my light; Where there is love, there is God; A call to mercy*. Segundo o postulador, as três obras formariam o material necessário para nossa pesquisa. Depois, fez duas observações: a Madre era uma jovem apaixonada por Jesus; ao falar do pensamento dela, precisamos falar de um *jesuscentrismo*, porque sua relação era com a pessoa de Jesus, e não com um título.

²²⁷ KOLODIEJCHUK, B., *Madre Teresa*, p. 11.

²²⁸ *Ibid.*, p. 12. Nesse mesmo sentido, Tereza Mendonça, apresentando a vida de Madre Teresa e Edith Stein, recorda que as duas são figuras exemplares e caracterizam muito bem a imagem da profetiza: não foram apenas mensageiras da Palavra de Deus, restringindo-se sua ação ao domínio verbal, mas a própria vida foi revelação da natureza do amor divino no mundo. Essas duas grandes mulheres, segundo a autora, encontraram seu meio singular de vida para professar o amor. (MENDONÇA, T. Edith Stein e Madre Teresa de Calcutá: duas mulheres, um mesmo amor. In:

4.1. A jovem Gonxha Agnes

Gonxha Agnes Bojaxhiu nasceu no dia 26/08/1910 e foi batizada no dia seguinte²²⁹, em Skopje, na Iugoslávia, onde sua família fazia parte de uma comunidade albanesa. Seu coração de adolescente se inflamava, ao ouvir os testemunhos dos missionários católicos de Bengala, na Índia.²³⁰

A meta da santidade escolhida por Madre Teresa foi, sem sombra de dúvida, uma marca ao longo de toda sua vida: “Se eu alguma vez vier a ser Santa – serei com certeza uma Santa da escuridão’. Estarei continuamente ausente do Céu – para acender a luz daqueles que na Terra se encontram na escuridão.”²³¹ Na verdade, sua meta para o céu foi concretizada na terra e construída à base de muitas lutas interiores, que se tornaram perceptíveis através dos seus escritos. Por isso, entendemos o subtítulo dessa obra central (*Venha, seja Minha luz*), frase que, na verdade, havia sido o pedido de Deus a ela, para que fosse a luz do Seu amor por onde passasse, mas especialmente, entre os mais pobres dos pobres.

Pe. Brian relembra três aspectos que marcaram sua vida interior ao longo da sua caminhada: o voto privado, que fez quando era religiosa de Loreto; as experiências místicas ao redor da fundação da Congregação; e sua íntima comunhão com a Cruz de Cristo, durante a experiência de escuridão.²³² Apesar de todos os desafios de sua vida, Teresa de Calcutá transbordava uma alegria, um amor e um entusiasmo que impressionavam a todos.

Todo esse percurso é percebido através dos seus escritos, sobretudo os destinados aos Bispos e sacerdotes que lhe eram próximos. Apesar do seu desejo de que tudo que havia escrito fosse queimado, todo esse material foi guardado e veio à luz, com o processo de canonização. Seu interesse em não guardar nada era para que ficasse claro que toda a Obra fosse atribuída a Deus e nada, a ela mesma.

BINGEMER, M. C. L.; YUNES, E. (Orgs.). **Profetas e Profecias**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 223.).

²²⁹ “Gonxha, que significa ‘botão de flor’, foi batizada em 27 de agosto de 1910. Ela própria sempre considerou esse o dia do seu verdadeiro nascimento.” (ALMEIDA, J. C., O milagre impressionante de Teresa, p. 15.)

²³⁰ EGAN, E.; EGAN, K. **Madre Teresa e le Beatitudini**. Brescia: Queriniana, 2000, p. 138 (Tradução nossa).

²³¹ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 13.

²³² *Ibid.*, p. 14.

De fato, sua Obra tinha raízes no mistério da missão de Jesus, na união com Ele mesmo e que fez, por primeiro, a experiência do abandono do Pai.²³³

As palavras proferidas por sua mãe, ao se despedir, foram como palavras proféticas para aquela jovem, que se empenharia, ao longo de toda a sua vida, a ser esposa de Jesus: “Segure a mão d’Ele (Jesus), e caminhe sozinha com Ele. Siga em frente porque, se olhar para trás, irá voltar.”²³⁴ Essas palavras caíram no coração da jovem Gonxha Agnes Bojaxhiu, aos dezoito anos, como palavras fundamentadas na Palavra de Deus e no conhecimento daquela que a gerou e educou, ao longo de sua vida.

Em 26/09/1928, aquela jovem albanesa partia para a Irlanda, com o intuito de ingressar no Instituto da Bem-Aventurada Virgem Maria (as Irmãs de Loreto), tendo a consciência de que, naquele tempo, quando um missionário partia em missão, nunca mais regressava. Em Dublin, ela permaneceu dois meses para adaptação à nova vida e ingressa, no postulante, no dia 12/10.²³⁵

A decisão dos dezoito anos nasceu, segundo ela, aos doze, quando percebeu que tinha vocação para os pobres, em 1922. Seu desejo era ser missionária, sair e dar a vida de Cristo às pessoas. Sua decisão sempre foi tão firme que, depois, chegou a dizer: “... ao longo desses 40 anos, nunca duvidei por um segundo de que havia feito a coisa certa; era a vontade de Deus. A escolha foi d’Ele.”²³⁶

Ao longo de sua vida, se percebe que a escolha dos dezoito anos não havia sido uma aventura da juventude, mas fruto de uma profunda relação com Jesus. Ela própria dizia que, desde a infância, o Coração de Jesus foi o seu primeiro amor. Essa verdade ficou estampada na carta de candidatura enviada à superiora da Congregação. Nesta, ela manifestava seu desejo sincero: “ser irmã missionária e trabalhar por Jesus, que morreu por todos nós.”²³⁷

Interessante que todo esse amor e dedicação não eram novidade da jovem Gonxha. Quando recebeu a Comunhão, pela primeira vez, ela afirma que foi o momento no qual o amor pelas almas passou a estar dentro dela. Com o tempo, esse amor foi crescendo! Seu desejo era tão expressivo que, ao escrever para os

²³³ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 21.

²³⁴ Ibid., p. 25.

²³⁵ GONZÁLEZ-BALADO, J. L. **Teresa de Calcutá**: uma vida de amor a Jesus nos pobres. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 30.

²³⁶ Ibid., p. 26.

²³⁷ Ibid.

familiares, pedia-lhes que rezassem por ela, para que Jesus a ajudasse “a salvar o maior número possível de almas imortais da escuridão da falta de fé”.²³⁸ Curiosamente, a própria não imaginava que seria ela a experimentar, no futuro, essa mesma escuridão.

Sua viagem marítima foi marcada por um poema que escreveu e o intitulou “Adeus”²³⁹.

[...]
 Estou deixando meus velhos amigos
 Renunciando à família e ao lar
 Meu coração me impele avante
 A servir ao meu Cristo.
 [...]
 Corajosamente de pé no convés
 Alegre, de semblante pacificado,
 A feliz pequenina de Cristo
 Sua nova noiva prometida
 [...]
 Tem na mão uma cruz de ferro
 Sobre a qual pende o Salvador,
 Enquanto sua alma ardente lá oferece
 O seu doloroso sacrifício.
 [...]

4.2. A noiva de Cristo

Depois de cinco semanas de viagem, em 06/01/1929, festa da Epifania, Irmã Teresa chega a Calcutá, capital de Bengala. Em seguida, foi enviada para Darjeeling, onde continuaria sua formação no noviciado. Em 25/05/1931, professou seus primeiros votos, tomando o nome de sua santa de devoção, canonizada poucos anos antes, e se torna Irmã Teresa.²⁴⁰

Sua alegria era fortíssima, ao se considerar uma “pequena esposa de Jesus”. Apesar de todos os desafios da Índia, ela descrevia que tudo era fonte de alegria, uma oportunidade para imitar Jesus e viver em união com Ele. “Quando as coisas se tornam mais difíceis, consolo-me com a ideia de que dessa maneira as almas são salvas e de que o meu querido Jesus sofreu muito mais por elas.”²⁴¹

²³⁸ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 27.

²³⁹ Ibid., p. 28-29.

²⁴⁰ Temos uma “missionária no Carmelo – Santa Teresinha do Menino Jesus, padroeira das missões – e uma contemplativa no mundo - Madre Teresa de Calcutá.” (BONDAN, F. J. **Madre Teresa de Calcutá**: Uma santa para o século XXI. São Paulo: Ave-Maria, 2015, p. 10)

²⁴¹ KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 31.

Todo o trabalho missionário que estava por vir, requereu para a jovem religiosa uma boa dose de fervor, uma profunda motivação evangélica e uma intensa fé na ação misericordiosa. Desde o início, ela tinha um espírito de pioneira. Seu testemunho inicial já mostra que tinha a consciência de que o trabalho de uma missionária não seria apenas um trabalho de misericórdia, mas teria um claro aspecto contemplativo.²⁴²

Concluídos os primeiros anos, em Loreto, a Irmã Teresa chegava mais perto da sua profissão de votos perpétuos, o que ocorreu em 1937. Nesse período, já sobressaíam algumas de suas características: piedade, compaixão, caridade e zelo. Não obstante, Pe. Brian recorda que as pessoas ainda não percebiam a profundidade espiritual daquela freira; não era tão notável sua profunda união com Jesus, que era a fonte de sua fecundidade espiritual e apostólica. Apenas seus confessores tinham consciência desse dado.²⁴³

Em carta de 08/02/1937²⁴⁴, destinada ao seu antigo confessor, em Skopje, a Irmã Teresa já sinaliza o segredo da poderosa ação de Deus em sua alma. A própria saudação da carta mostra a tônica da sua vida espiritual: “Caro Padre em Jesus”. A pessoa de Jesus será sempre sua referência. A irmã se define como “de Deus” para toda a eternidade. Ao mesmo tempo, manifesta alegria, por ter carregado sua cruz com Jesus. Ela descreve essa relação, afirmando: “Jesus e eu temos sido amigos até agora...” Com isso, a irmã assume o compromisso de abraçar o sofrimento, antes mesmo que ele chegue, e destaca que ela e Jesus vivem no amor. Curiosamente, já de uma maneira profética, Irmã Teresa enfatiza que sua vida espiritual não era “um mar de rosas”. Ao contrário, destaca que sua companheira é a escuridão.²⁴⁵

E quando esta se torna densa demais, e ela pensa que chegaria ao inferno, então, nesse momento, ela se oferece a Jesus. Seu desejo era abraçar tudo que fizesse Jesus feliz! Mesmo parecendo um cenário dramático, a futura santa lembra

²⁴² CALCUTÁ, T. **Il cammino semplice**. Milano: Oscar Mondadori, 2014, p. 6 (Tradução nossa).

²⁴³ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 31-32.

²⁴⁴ A presente carta, dirigida ao Padre Franko Jambrekovic, S.J., que parece ser uma das primeiras, do grande epistolário de Madre Teresa, revela algumas realidades de suma importância: a relação da Madre com os Jesuítas foi uma marca da sua vida, seja através de sacerdotes e até de Bispos; depois, o próprio fato de manter uma escrita constante e o costume de fazer até uma certa direção espiritual através dessas mesmas cartas; e uma terceira realidade que chama a atenção é que, nessa carta, parece que Madre Teresa está revelando, mesmo sem ter consciência, o seu futuro, marcado por tantas situações, entre as quais o paradoxo do riso com a escuridão.

²⁴⁵ KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 32.

que ria mais do que sofria. Por isso, segundo ela, alguns concluíam que ela era uma “noiva mimada de Jesus” e que vivia com ele em Nazaré, muito longe do Calvário. Na verdade, nem ela e nem os outros compreendiam a profundidade de tudo que estava sendo vivido, muito menos o que seria o futuro dessa grande mística do século XX. Ao pedir que seu antigo diretor rezasse por ela, faz uma afirmação emblemática: “o nosso trabalho é a nossa oração”. Tempos depois, ela mesma ensinaria suas irmãs: “Trabalho não é oração, oração não é trabalho, mas devemos rezar o trabalho por Ele, com Ele e para Ele.”²⁴⁶

A conclusão de sua carta revela três “curiosidades”: “a Índia é quente como o inferno”; ao contrário, as almas que nela habitam, “são belas e preciosas porque o Sangue de Cristo as cobriu como o orvalho”; ao se despedir, dirige-se ao Padre, dizendo “sua em Jesus”, que será uma marca em suas cartas²⁴⁷.

Segundo Padre Brian, essa carta tem uma enorme relevância, pois é a primeira vez que Madre Teresa se refere a sua companheira: a escuridão. Tal experiência, lembra o biógrafo, não era uma novidade na mística católica e, por isso, relembra a “noite escura” de S. João da Cruz. Uma pessoa passa por dolorosas purificações antes de atingir a união com Deus. São duas fases: a “noite dos sentidos” e a “noite do espírito”. Na primeira, a pessoa se liberta dos apegos que a prendem às satisfações sensoriais; na segunda, a pessoa é purificada das raízes mais profundas das suas imperfeições. Com isso, as virtudes teologais são postas, rigorosamente, à prova. A oração se torna difícil e quase impossível; o aconselhamento espiritual se torna praticamente inútil; e a dor aumenta com o número de provações exteriores. Assim, a pessoa passa por uma dolorosa purificação, é conduzida a um total desprendimento de todas as coisas criadas e a um elevado grau de união com Cristo, tornando-se um instrumento eficaz em Suas mãos, servindo-O de forma pura e desinteressada.²⁴⁸

²⁴⁶ KOŁODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 33.

²⁴⁷ Na página 23 desta obra, Pe. Brian faz uma ressalva sobre a pontuação nos escritos da Madre, comunicações pessoais feitas a pessoas próximas. Assim, a escrita se tornava informal e sem preocupação de publicação. Até por isso, fica claro o fato de a Madre usar o travessão como um sinal do seu estilo de pontuação. O travessão, como uma interrupção do pensamento, acaba substituindo muitos outros sinais. O postulador ressalta que tal estilo revela o dinamismo da Madre e a vivacidade da sua personalidade e, ao mesmo tempo, certa “pressa” em se comunicar, sem se preocupar com coisas “não essenciais”.

²⁴⁸ KOŁODIEJCHUK, B., op. cit., p. 34-35.

4.3.

A mais nova religiosa de Loreto: Madre Teresa

Depois desse percurso, de enorme profundidade, em 24/05/1937, com um coração feliz e grato, a jovem Teresa pronuncia seu “sim” definitivo, através dos votos de pobreza, castidade e obediência. Dessa maneira, a jovem missionária se entrega ao seu Esposo, com um amor para toda vida. Providencialmente, a celebração foi presidida por Dom Ferdinand Périer, S.J., que seria o grande referencial eclesialístico da sua futura obra. E, mais uma vez, os filhos de S. Inácio passam a marcar a vida daquela que, a partir daquele momento, seguindo o costume da época, seria chamada de Madre Teresa. Será mais uma carta destinada ao seu antigo diretor espiritual, Padre Jambrekovic, que revelará o que estava acontecendo no interior daquela jovem.²⁴⁹

A correspondência (25/11/1937) em questão revela o estado interior de Madre Teresa, a qual enfatiza que sua alegria era tão grande que seria capaz, por vontade própria, de incendiar o seu próprio sacrifício, enfatizando: “Agora sou e por toda a eternidade!” Ela própria já se via como a esposa de Jesus. Este, para ela, havia sido tão bom que parecia querer garantir a posse do seu coração. Porém, a mesma correspondência apresentava o realismo da futura grande missionária: “se queremos conquistar Bengala para Cristo, temos que pagar com muitos sacrifícios.” Tudo, particularmente as contrariedades, passava a ser visto nessa ótica do sacrifício!²⁵⁰

Já concluindo sua carta, Madre Teresa, novamente, pede orações a seu antigo conselheiro, para alcançar seu objetivo: “Quero ser toda só para Jesus – de verdade e não apenas pelo nome e pelo hábito.” Nesse contexto, enfatiza sua luta contra o próprio “eu”, que traz à tona, segundo ela mesma, a antiga Gonxha, orgulhosa. Porém, Madre Teresa destaca que houve uma mudança: seu amor por Jesus. Através deste amor, ela daria tudo, incluindo a vida, por Ele. Sem querer ser utópica, recorda-se que essa verdade é bonita de ser dita, mas não é tão fácil assim.

Recordando as palavras do diretor (Gonxha, você quer beber o cálice até a última gota? – Mt 20, 22; 26, 39), em Skopje, afirma que não sabia se tinha clara consciência no momento, mas agora, quer e com alegria, sem uma lágrima sequer.

²⁴⁹ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 36.

²⁵⁰ Ibid., p. 36-37.

Seu realismo sempre foi eloquente e, por isso, conclui o diálogo, afirmando: “As coisas não são muito fáceis quando a pessoa precisa estar de pé de manhã à noite. Mas ainda assim, é tudo por Jesus; assim, tudo é belo, embora seja difícil.”²⁵¹

Para ela, era claro que, por ser noiva de Jesus e por ansiar a união com Ele, precisaria se unir ao Seu sofrimento. Essa cruz do sofrimento não era apenas relacionada a situações externas. Sua luta diária também era para superar seus próprios defeitos. Dessa maneira, a jovem religiosa continuava se empenhando pelo seu propósito, manifestado ao primeiro diretor espiritual: “beber o cálice até a última gota.” Essa verdade já era notada pelos outros, como dizia uma outra Irmã: “Ela estava muito, muito apaixonada por Deus Onipotente.”²⁵²

Como qualquer outra freira de Loreto, Madre Teresa continuava, após os votos, a seguir suas atividades e obrigações em St. Mary’s. Seu empenho era contínuo, a ponto de as companheiras enfatizarem sua dedicação incansável. Nesse período, ela mesma assumiu o apostolado de visitar os pobres aos domingos, decisão pessoal que lhe deixou profundas marcas.²⁵³

Ela própria, ao relatar esse trabalho, enfatiza que não podia ajudá-los materialmente, porque não tinha nada. Contudo, tinha o intento de levar-lhes alegria. A intimidade com eles já era tanta, que os pequeninos não a chamavam mais de “Mother”, como eram chamadas as outras irmãs, mas de “Ma”. A jovem missionária se impressionava com a pobreza dos indianos de Calcutá. A própria visita gerava muita alegria para os pobres. Numa destas, a mãe da família visitada afirmou: “Oh, Ma, venha nos ver outra vez! O seu sorriso trouxe o sol a esta casa!” Ela própria, nessas visitas iniciais, se dirigia a Deus, afirmando algo que anunciava seu futuro próximo: “Meu Deus, com que facilidade os faço felizes! Dá-me forças para ser sempre a luz da vida deles, a fim de conduzi-los a Ti.”²⁵⁴

Com um amor sempre mais crescente por Jesus, Madre Teresa se via sempre motivada a inovar a manifestação desse amor. Sem dúvida, se percebe uma mulher completamente apaixonada por seu Esposo. O amor vivido, de crescente intensidade, a levou a ofertas extraordinárias. Talvez, a novidade mais

²⁵¹ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 37-38.

²⁵² Ibid., p. 38-39.

²⁵³ Ibid., p. 39.

²⁵⁴ Ibid., p. 39-40.

impressionante foi a que ela mesma chamou de “voto privado”,²⁵⁵ feito em abril de 1942: “Fiz um voto a Deus, que me compromete sob [pena de] pecado mortal, a dar a Deus qualquer coisa que Ele possa me pedir, ‘Não Lhe recusar coisa alguma’.”²⁵⁶ Ela estava fazendo, de fato, uma loucura de amor!

Depois de 17 anos, a própria Madre deu a tônica desse “voto privado”. Segundo ela, o voto era o que escondia tudo nela. Isto é, aquele voto fazia com que tudo que era vivido estivesse em segundo plano diante de um compromisso de amor feito por uma mulher apaixonada por Aquele que era o amor da sua vida. Para ela, essa entrega total e profunda era a resposta sincera e justa Àquele que se entregou a nós! Seu propósito era um só: “pagar amor com amor”. Assim, ficou selada a sua oferta integral e cotidiana de se unir, por completo, ao seu Amado.²⁵⁷

Seu voto, ao invés de causar dor e desânimo ou uma pressão psicológica, era sinal de alegria. Inclusive por isso, ela dizia que quando via uma pessoa triste, provavelmente, deveria estar recusando alguma coisa a Jesus. Sua mais profunda e duradoura alegria, que a acompanharia ao longo da vida inteira, consistia em dar a Jesus tudo o que Ele pedisse. Para ela, dar alegria a Jesus era o mesmo que encontrar a própria alegria.²⁵⁸

A cotidianidade da sua vida religiosa era marcada pelo voto. As menores coisas eram marcadas por esse grande amor. Por isso, afirmava para suas irmãs: “Não procurem coisas grandes, apenas façam coisas pequenas com grande amor. [...] Quanto menor for a coisa, maior deve ser o nosso amor.” Assim, todas as exigências do momento presente eram respondidas imediatamente. No fundo, estava em jogo seu desejo de dar a Jesus algo sem reservas.²⁵⁹

Como pano de fundo desse voto, Madre Teresa, com toda sua comunidade, estava vivendo o envolvimento da Índia, na Segunda Guerra Mundial, o que atrapalhou bastante a vida da sua comunidade, da sua escola e sua decisão! A escola foi requisitada pelo exercito britânico como hospital militar.

²⁵⁵ A própria literatura espiritual do seu tempo trazia a prática de fazer votos privados. Dois exemplos se destacam: o do jesuíta irlandês, Padre William Doyle e o da irmã Benigna Consolata, religiosa da Ordem da Visitação. Contudo, provavelmente, sua maior inspiração, foi sua padroeira: S. Teresa de Lisieux. Uma autobiografia da época trazia um trecho da Bula de canonização, na qual Pio XI relembra que a mística carmelita, inspirada pelo Espírito, havia prometido não recusar nada a Deus.

²⁵⁶ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 41.

²⁵⁷ Ibid., p. 42-43.

²⁵⁸ Ibid., p. 46.

²⁵⁹ Ibid., p. 47.

Com isso, todas as religiosas e alunas tiveram que deixar Calcutá. Nesse contexto, diante de uma grande sobrecarga de tarefas, Madre Teresa caiu doente, e esteve tão mal, que pensaram que não resistiria. Contudo, em setembro do mesmo ano, já estava de pé e trabalhando a todo vapor.²⁶⁰

De 1942 a 1943, Madre Teresa vive o duro e terrível momento da Guerra de Bengala, que leva o povo à dor da fome e a muitas lutas pela liberdade da Índia.²⁶¹ Nesse período, mais de três milhões de pessoas morreram! Diante desse cenário, sua fé na Providência, e a certeza de que Deus nada lhe recusaria, foram os diferenciais de sua vida e da comunidade. Seu amor era tão grande, que era capaz de fazer tudo o que estivesse a seu alcance, até mesmo suportar qualquer humilhação ou sofrimento.²⁶²

Exemplo da sua prontidão de amor por Deus e, por consequência, aos outros, foi em agosto de 1946. Um conflito hindu-mulçumano desencadeou uma violência em massa. O “Dia da Grande Matança” ceifou cinco mil vidas, sem falar nas mais de 50 mil pessoas feridas. Madre Teresa se aventura para fora dos muros seguros de seu convento, à procura de comida para as alunas internas, podendo assim, testemunhar o cenário de guerra, para fora dos limites da sua comunidade.²⁶³

A consciência da sua fraqueza, limitação e pobreza era acompanhada pela certeza do auxílio divino que lhe garantia graça constante e possibilitaria sua fidelidade amparada. Ela estava ciente, como explicou às Constituições, que

Podemos recusar a Cristo como recusamos aos outros: não Te darei as minhas mãos para trabalhares, os meus olhos para veres, os meus pés para andares, a minha inteligência para estudares, o meu coração para amares. Tu bates à porta, mas eu não abrirei. Não Te darei a chave do meu coração.²⁶⁴

4.4. A pobre entre os pobres

Uma terça-feira (10/09/1946), que poderia ser como outra qualquer, será central e determinante para toda a vida de Madre Teresa. Aos 36 anos, durante sua viagem a Darjeeling, cidade aos pés do Himalaia e a 600 km de Calcutá, para o retiro anual, ela recorda que foi naquele trem, que se sentiu chamada a abandonar

²⁶⁰ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 48.

²⁶¹ EGAN, E.; EGAN, K., Madre Teresa e le Beatitudini, p. 140.

²⁶² KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 49.

²⁶³ Ibid., p. 49-50.

²⁶⁴ Ibid., p. 50.

tudo e a seguir o Senhor nas favelas. Para ela, a mensagem era absolutamente clara: devia deixar o convento e trabalhar junto aos pobres, vivendo entre eles. Segundo ela, esse foi o “chamado dentro do chamado”.²⁶⁵

Esse chamado foi tão central que a própria regra das Missionárias da Caridade enfatiza que a Obra teve início quando o Espírito ofereceu à Madre um carisma particular: “Esta inspiração ou carisma significa que o Espírito Santo comunicou a vontade de Deus à Madre.”²⁶⁶

Madre Teresa viveu um decisivo encontro místico com Cristo. Para ela, foi um chamado dentro da própria vocação. Ela sabia que era a vontade de Deus e que tinha que seguir, e não havia dúvida que a obra seria d'Ele. Mais tarde, esse dia passará a ser chamado o “Dia da Inspiração”, que ela própria registrou como sua entrada na nova Congregação. As Missionárias da Caridade nascem, segundo ela, nesse dia, das profundezas do anseio infinito de Deus por amar e ser amado. O chamado era “para saciar a sede de Jesus, servindo-O nos mais pobres dos pobres”.²⁶⁷

Madre Teresa defenderá, ao longo de toda sua vida, que a razão mais importante da Congregação era saciar a sede de Jesus. Com isso, o esboço das Constituições, redigido vários meses após o encontro do trem, registrará: “A Finalidade Geral das Missionárias da Caridade é saciar a sede de Jesus Cristo na Cruz de Amor e Almas.” Com isso, fica claro que sua experiência está marcada pelo contexto do Calvário e motivada pelas palavras de Jesus na cruz: “Tenho sede” (Jo 19, 28).

A sede de Jesus, segundo a Madre, era sede de amor, de sacrifício. Por ser Deus, Sua sede e Seu amor trazem a marca do infinito. Assim, seu objetivo será saciar essa sede infinita de um Deus feito homem. Por isso, as Irmãs, semelhantes aos anjos no céu, terão a missão de saciar o Deus sedento, através de seu amor e do amor das almas que elas carregam, vivenciando os quatro votos: Absoluta Pobreza, Castidade, Obediência e Caridade para com os pobres.²⁶⁸

Para viver essa profunda experiência mística, que marcará sua vida e a de todos os seus seguidores, a jovem religiosa recorria à Maria, com a qual

²⁶⁵ EGAN, E.; EGAN, K., *Madre Teresa e le Beatitudini*, p. 140.

²⁶⁶ KOLODIEJCHUK, B., *Madre Teresa*, p. 140.

²⁶⁷ *Ibid.*, p. 54.

²⁶⁸ *Ibid.*, p. 55.

precisariam estar unida, pois ela foi a primeira a ouvir o grito sedento do Filho agonizante. Só assim seria possível realizar a missão!

Vamos permanecer sempre com Maria nossa Mãe no Calvário perto de Jesus crucificado, com o nosso cálice feito dos quatro votos, e preenchê-lo com o amor do sacrifício pessoal, o puro amor, sempre erguido próximo ao Seu Coração sofrido, para que Ele possa ficar feliz em aceitar o nosso amor.²⁶⁹

Essa sede foi sendo traduzida por ela, como sinônimo de aspectos singulares do amor de Deus por cada pessoa. Para ela, tudo, nas Missionárias da Caridade, existe apenas para saciar Jesus. Essa sede era a manifestação do amor de Jesus, como se Ele mesmo estivesse dizendo: “Amo vocês”. Por isso, essas Palavras de Jesus no Evangelho marcariam a vida de toda a Congregação. Em cada capela, ao lado do Crucifixo, estarão essas Palavras, para recordar a todos a espiritualidade e a missão da Instituição.²⁷⁰

Jesus quer que eu lhe diga novamente [...] quão grande é o amor que Ele tem por cada um de vocês – além de tudo o que vocês possam imaginar. Ele não só os ama, mais ainda – Ele anseia por vocês. Ele os ama sempre, mesmo quando vocês não se sentem merecedores.

Ao mesmo tempo em que essa sede era manifestação de um profundo mistério, era também sinal da missão que a Madre estava assumindo. Como consequência dessa experiência, a Finalidade Específica será levar Cristo às casas e às ruas das favelas. “Os doentes serão tratados, na medida do possível, em seus pobres lares. As criancinhas terão uma escola nas favelas. Os mendigos serão procurados e visitados nos seus buracos, fora da cidade ou nas ruas.”²⁷¹

Madre Teresa dedicará um amor particular aos pobres e a todos aqueles que sofrem. Para ela, só o amor que tem Deus como origem e como fim daria sentido e felicidade à vida dos mais necessitados. Ela não apenas levava a luz de Cristo a essas pessoas, mas reconhecia o Cristo em cada uma delas, resgatando o relato de Mt 25. Por isso, compreendeu a profundidade da identificação de Jesus com cada sofredor, e entendeu a ligação mística entre os sofrimento de Cristo e os sofrimentos dos pobres. Dessa maneira, se empenhará para “levar almas a Deus e Deus às almas.”²⁷²

O dia 10/09/1946 também será o início de uma fase significativa na vida da Madre: a recepção das locuções interiores. Ela não só ouvia Jesus, mas falava

²⁶⁹ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 55.

²⁷⁰ Ibid., p. 56.

²⁷¹ Ibid., p. 57.

²⁷² Ibid.

com Ele. Segundo Pe. Brian, ela está entre os santos a quem Jesus falou diretamente, com o objetivo de transmitir uma missão especial para Seu povo. Madre Teresa, desde o início, nunca teve dúvida de que Jesus falava com ela. Sua referência às locuções se resumia a uma palavra: “Voz”.²⁷³

O belo diálogo entre Jesus e a Madre era composto por palavras significativas: “Minha esposa”; “Minha pequenina”; “Meu Jesus”. A voz interior lhe pedia: “Venha, venha, leve-Me aos buracos dos pobres. Venha, seja Minha luz.” Tudo isso passou a ser registrado por ela, a partir do retiro em Darjeeling. Futuramente, ela se referirá a essas anotações como a “cópia da Voz, desde setembro de 1946.”²⁷⁴

No mês seguinte ao seu retiro, em outubro de 1946, foi o tempo de retomar as atividades e fazer algo que será e foi marca na vida de Madre Teresa: comunicar o que vivenciou ao diretor espiritual que, desde 1944, era o Padre jesuíta Celeste Van Exem. Tudo o que ela estava vivenciando precisava passar pelo seu voto de obediência, e isto significava passar pelo seu diretor, por suas superiores e pela Igreja.²⁷⁵

Curiosa e prudentemente, seu diretor proibiu-a, como primeira exigência, de pensar na inspiração. Sobretudo, sua decisão impedia a jovem Madre Teresa de comunicar o assunto ao Arcebispo de Calcutá. Essa orientação durou de setembro de 1946 a janeiro de 1947. Só depois desses meses, o Padre Van Exem a autorizou a informar o Arcebispo local.²⁷⁶

Numa carta de 13/01/1947, Madre Teresa relata seu “novo chamado” a Dom Périer, S.J., que era o Arcebispo de Calcutá à época. Sua obediência e confiança na vontade de Deus, manifestada nos superiores é tanta, que ela chega a afirmar: “a uma palavra de Vossa Excelência, estou disposta a não voltar jamais a considerar qualquer dos estranhos pensamentos que me têm ocorrido continuamente.”²⁷⁷

O conteúdo da carta era claro! Seu objetivo era ser “toda de Jesus” e fazer com que outras almas, particularmente as indianas, passassem a amá-lo fervorosamente. Ao mesmo tempo, queria se identificar com as jovens indianas e,

²⁷³ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 57.

²⁷⁴ Ibid., p. 58.

²⁷⁵ Ibid., p. 59.

²⁷⁶ Ibid., p. 59-60.

²⁷⁷ Ibid., p. 61.

assim, amar o Senhor como Ele nunca foi amado. Deixava claro para o Arcebispo que a voz que ouvia era insistente, e a questionava se deixaria de acolher o chamado. Certo dia, ao receber a Comunhão, ela ouviu o Senhor lhe dizer claramente o que queria.²⁷⁸

Quero freiras indianas, vítimas do Meu amor, que sejam Maria e Marta. Que estejam tão unidas a Mim que irradiem o Meu amor por sobre as almas. Quero freiras livres, cobertas com minha pobreza da Cruz. Quero freiras obedientes cobertas com Minha obediência da Cruz. Quero freiras cheias de amor cobertas com a Caridade da Cruz. Vai recusar fazer isto por Mim?²⁷⁹

Jesus lhe pedia para que seguisse sua sede de amor, que a levou até a Índia e que fosse totalmente d'Ele. Sua proposta era que Sua jovem esposa assumisse a dinâmica de vida que Ele e sua mãe assumiram: dar tudo pelas almas. Ele lhe dizia: “sua vocação é amar e sofrer e salvar almas”. Até sobre seu futuro hábito, o sári indiano, Jesus falou! Suas palavras eram profundas para um coração tão apaixonado como o de Madre Teresa. O que era pedido soava como loucuras de amor!

Quero Irmãs Missionárias da Caridade indianas que serão Meu fogo de amor entre muitos pobres... Quero que Me traga os pobres... Sei que você é a pessoa mais incapaz, fraca e pecadora, mas é precisamente porque você é assim que Eu quero usá-la para a Minha Glória! Vai recusar?²⁸⁰

Em outra ocasião, a voz era tão clara que ela não conseguia duvidar! Ao se colocar sempre à Sua disposição, a Madre ouvia seu Esposo que pedia provas desse amor e dessa vontade de ser totalmente d'Ele.

É agora que quero agir. Deixe-Me fazê-lo. Minha pequena Esposa... Eu estarei sempre com você... Deixe-me agir. Não Me recuse. Confie amorosamente em Mim. Confie cegamente em Mim. Pequenina, Me dê almas. Há conventos com muitas freiras que cuidam dos ricos e capazes, mas para os Meus muito pobres não há absolutamente nenhuma. Eu anseio por eles. Amo-os. Vai recusar?²⁸¹

Depois de dias de muita oração, a Madre escreve essa carta ao Arcebispo, cumprindo também o pedido do próprio Jesus, que lhe mandava fazer esse pedido ao Bispo que, segundo o próprio Jesus, deveria conceder essa obra a Ele, que havia lhe concedido 25 anos de graça, referindo-se ao seu jubileu de prata sacerdotal. A proposta era a realização de um verdadeiro “Apostolado de Cristo” na Índia. Sua intenção era se tornar uma religiosa, segundo o coração d'Ele.²⁸²

²⁷⁸ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 61.

²⁷⁹ Ibid., p. 61-62.

²⁸⁰ Ibid.

²⁸¹ Ibid., p. 62-63.

²⁸² Ibid., p. 65.

Madre Teresa tinha a consciência e o desejo de cumprir sua missão: levar alegria ao coração sofrido de Jesus. Tudo o que fosse possível, para ela, valeria a pena, mesmo que apenas uma única criança infeliz passasse a ser feliz, com o amor de Jesus.²⁸³

No contexto da redação de sua primeira carta a Dom Périer, Madre Teresa havia sido notificada da sua transferência para Asansol, que ficava a 200 Km de Calcutá. Apesar da dureza de deixar St. Mary's, a Madre acata, serenamente, a mudança. Providencialmente, sua nova missão não era marcada por tantas atividades e facilitaria uma vida de oração e discernimento mais intensa. Seu anseio era sempre dar tudo a Nossa Senhor!²⁸⁴

Depois de aguardar a resposta do Arcebispo, que não chegava, ela resolve escrever outra carta. Nesta (25/01/1947), ela tinha clareza de que a missão não seria fácil e bem mais exigente do que a que vivia. Contudo, não podia negar que Nosso Senhor não parava de chamá-la. Ao resgatar sua história pessoal, ela recorda que, desde os 5 anos, quando havia recebido a Primeira Comunhão, começou a sentir o amor pelas almas, que foi crescendo com os anos. A própria transferência foi vivida, com alegria, como uma oblação ofertada a Jesus.²⁸⁵

A carta do Arcebispo (19/02/1947) chega, para alegria de Madre Teresa! O prelado, como bom jesuíta, enfatiza que não lhe diria nada antes de o Espírito o iluminar, e para que tivesse a certeza de que a obra era de Deus. Esse diálogo epistolar entre Dom Périer e Madre Teresa durou algum tempo e foi marcado por muitas emoções.²⁸⁶

Numa nova correspondência, a Madre enfatiza que deseja levar Jesus para tantos lares escuros, e é para isso que Jesus desejava que elas entregassem suas vidas, como vítimas pelas famílias. Insistia em que cada Missionária da Caridade poderia alcançar “cada buraco”, onde quer que existisse uma vida humana, uma alma para Jesus.”²⁸⁷

Sua alegria era procurar o que o Senhor quisesse e isso se dava num contexto de distúrbios e insurgências civis, no período anterior à independência da Índia. Reconhecendo-se como um “pequeno nada”, ela ansiava por levar alegria

²⁸³ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 67.

²⁸⁴ Ibid., p. 69.

²⁸⁵ Ibid., p. 70-71.

²⁸⁶ Ibid., p. 72-73.

²⁸⁷ Ibid., p. 77.

ao Coração Sofrido de Jesus”. Ao mesmo tempo, se conscientizava de que Deus supriria o que faltava nela mesma.²⁸⁸

Apesar de sua insistência contínua com o Arcebispo, este lhe respondia com muita prudência, sem querer tomar nenhuma decisão de forma impensada. A postura do Bispo era respondida por um ato de fé e obediência da jovem religiosa. Ao mesmo tempo, ela suplicava a graça de Deus para lidar com essa situação, um tanto desafiadora para ela. Com isso, a experiência da desolação lhe fazia companhia e fazia com que duvidasse de tudo, tivesse muito medo, mas, ao mesmo tempo, estava disposta a imolar-se.²⁸⁹

De maio a julho de 1947, Madre Teresa inicia um tempo de férias e volta a Darjeeling, para um novo retiro espiritual. Este a fez experimentar, novamente, o consolo necessário para lidar com tudo que estava vivendo. Dessa maneira, pôde se dedicar a responder algumas questões do Arcebispo, sobre a nova ordem que estava para nascer. Concentra-se em descrever o que Nosso Senhor havia lhe pedido.

O esboço da nova ordem, redigido durante a Novena de Pentecostes e enviado na festa de Corpus Christi, era uma clara resposta aos questionamentos de Dom Périer e se organizava em 9 pontos:

1. O que quer exatamente e, em detalhe, fazer? “Nosso Senhor quer freiras indianas, vítimas do Seu Amor, que estejam unidas a Ele, que irradiem o Seu amor às almas...” Serão pobres, livres de tudo, através da pobreza da Cruz (pobreza absoluta). Para serem capazes de ver Deus nos pobres, viverão a castidade angélica. Para viverem sempre à disposição do Senhor, viverão a obediência alegre.²⁹⁰
2. Por quais meios deseja realizá-lo? “Indo para o meio das pessoas – cuidando dos doentes em seus lares – ajudando os moribundos a fazer as pazes com Deus... - visitando os pobres nos hospitais – e ajudando os mendigos das ruas.”²⁹¹
3. Como formaria as suas discípulas?

²⁸⁸ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 81.

²⁸⁹ Ibid., p. 84.

²⁹⁰ Ibid., p. 85-86.

²⁹¹ Ibid., p. 86.

Dando-lhes um conhecimento completo da vida espiritual... elas vivam uma vida de íntima união com Deus... se não estiverem enamoradas de Deus – não serão capazes de viver essa vida de permanente imolação pelas almas.²⁹²

4. Que tipo de pessoas recrutaria para esta obra? Jovens com mais de 16 anos e fortes de corpo e mente; com muito bom senso, alegres e bem dispostas.
5. Onde ficará o centro da sua obra? No momento, nas favelas e nas ruas de Calcutá. Depois, nas grandes cidades da Índia.²⁹³
6. Não seria possível realizar este fim através de alguma congregação já existente? Não, porque, na maioria, são europeias. Depois, são as almas que devem chegar até elas. As Missionárias da Caridade irão à procura. Elas farão as obras de Cristo nas casas dessas pessoas. Nesse item, a própria Madre recorda as Palavras do Senhor, no dia do chamado: “Há muitas freiras para cuidar dos ricos e das pessoas abastadas – mas para os meus muito pobres não há absolutamente ninguém. Eu anseio por eles – amo-os.”²⁹⁴
7. Não seria mais prático optar por uma espécie de associação ou irmandade? Seculares não serão capazes de levar essa vida. É preciso que sejam almas livres e que sejam capazes de sacrificar tudo apenas por uma coisa: levar uma alma a Deus.
8. As possibilidades de sucesso
 Não sei qual será o sucesso – mas, se as Missionárias da Caridade levarem alegria a uma só família infeliz – fizerem com que uma única criança inocente das ruas se mantenha pura para Jesus – que um único moribundo morra em paz com Deus – não lhe parece, Excelência, que valeria a pena oferecer tudo – só por essa pessoa – porque essa levará grande alegria ao Coração de Jesus.²⁹⁵
9. Como as irmãs iriam se sustentar? As Irmãs farão todos os trabalhos domésticos, para sua manutenção. Não precisarão de criadas. Quanto ao resto, “confio Nele! Ele estará conosco – e quando Ele lá estiver, não precisaremos de nada.”²⁹⁶

²⁹² KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, 86.

²⁹³ Ibid., p. 87.

²⁹⁴ Ibid., p. 88.

²⁹⁵ Ibid., p. 89.

²⁹⁶ Ibid.

Madre Teresa concluía a carta pedindo a ajuda espiritual de Dom Périer e afirmava: “Se temos Nosso Senhor no meio de nós – com a Missa diária e a Sagrada Comunhão, nada temo pelas Irmãs nem por mim. Ele olhará por nós. Mas sem Ele eu não posso viver – torno-me impotente.”²⁹⁷

Em julho de 1947, Madre Teresa retorna a Calcutá, para a comunidade de Entally. Nessa ocasião, ela teve a oportunidade de se encontrar com seu diretor, que afirmava: “Eu sabia que Nosso Senhor tinha elevado aquela freira a um estado de oração superior; talvez não tenha havido propriamente êxtase, mas o estado imediatamente anterior ao êxtase foi atingido.”²⁹⁸ As palavras, dirigidas ao Arcebispo local, daquele que a conhecia, em profundidade, já apontava para a profundidade da experiência que a Madre estava vivendo.

A mesma correspondência do Padre Van Exem já sinalizava outro dado, que seria um distintivo na vida de Madre Teresa: “Ela tem um medo mortal de tudo o que chame a atenção para a sua pessoa e parece muito solidamente firmada na humildade.”²⁹⁹ Por isso, sua ênfase era sempre para que a obra fosse sempre vista como uma obra de Deus e não dela. Suas palavras a Dom Périer revelam sua intenção mais profunda: “Não pense em mim – porque sou muito pecadora e totalmente indigna do Seu amor – mas pense apenas n’Ele e no amor que receberia das Irmãs e das almas sob os cuidados delas.”³⁰⁰

Seu diretor não só aprofundava seu conhecimento sobre a jovem religiosa, como se surpreendia, cada vez mais, diante do que via e ouvia daquela que era a mais nova noiva de Jesus. Em certa ocasião, ela mesma lhe escreveu, quase parafraseando o Sl 62: “A atração pelo Santíssimo Sacramento era por vezes tão intensa. Ansiava pela Sagrada Comunhão. Noite após noite, o sono desaparecia – e só para passar aquelas horas ansiando pela chegada d’Ele.”³⁰¹

O desafio de “convencer” Dom Périer continuava. Contudo, ela própria tinha consciência do que precisava enfrentar e não se deixava abater. Ao contrário, insistia mais e renovava seus propósitos. Seu diálogo com o Arcebispo era mediado pelo seu diretor espiritual.

Eu sabia que haveria muitas complicações, mas a minha confiança n’Ele não se abala. Quanto mais dificuldades e sofrimentos houver em relação à causa, maior

²⁹⁷ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 90.

²⁹⁸ Ibid., p. 95.

²⁹⁹ Ibid.

³⁰⁰ Ibid., p. 97.

³⁰¹ Ibid., p. 96.

será a prova de que é de Sua vontade que o trabalho se inicie no 50º aniversário da entrada de Santa Terezinha no céu e, da sua, na Companhia de Jesus.³⁰²

Depois de questionada por Dom Périer, Madre Teresa lhe responde através do Padre Van Exem, manifestado sua certeza em tudo aquilo que acredita, e que descrevia como iniciativa do próprio Jesus para que ela seguisse em frente. Seu único intento era cumprir o “chamado dentro do chamado”, deixando de lado tudo que era próprio dela e que, segundo ela, poderia atrapalhar a obra que vinha do alto.

Uma das questões, sobre sua saída da Congregação de Loreto, colocadas por Dom Périer, foi respondida com muita lucidez e fé por parte da Madre. Suas respostas mesclavam lucidez e segurança. Seu objetivo era apresentar as sérias razões pedidas pelo Arcebispo.

Ninguém pode me separar de Deus – estou consagrada a Ele e como tal desejo morrer – não sei o que diz o Direito Canônico a este respeito – mas sei que Nosso Senhor nunca Se permitirá ser separado de mim – nem permitirá que alguém me separe d’Ele. – S. E. Precisa de uma “razão séria” para me apoiar em Roma. A salvação das almas, o saciar a sede de Cristo de amor e de almas – não é isto suficientemente sério?³⁰³

Depois de todo esse diálogo, mediado pelo Padre Van Exem, Madre Teresa continuava insistindo com o Arcebispo. Sua certeza de fé a conduzia. “Imploro-lhe, Excelência, em Nome de Jesus e pelo amor de Jesus, que me deixe ir. Não demore mais. Não me detenha... O senhor ainda tem medo. Se a obra for toda humana, morrerá comigo; mas, se for toda d’Ele, viverá durante séculos.”³⁰⁴

Dando prosseguimento ao seu intenso diálogo epistolar com o Arcebispo, Madre Teresa descreve, novamente, o conteúdo do seu diálogo com a Voz que a acompanhava, convidando-a e apresentando-lhe firmes exigências e censuras para a obra que deveria nascer. Ela deixa claro que o ano de 1946 foi marcado por um forte anseio de ser toda para Jesus e de fazer com que outras pessoas passassem a amá-lo fervorosamente.³⁰⁵

Ao descrever o “chamado dentro do chamado”, Madre Teresa deixava claro que nem ela tinha clareza para compreender tudo o que estava ouvindo. Da mesma forma, ela se considerava indigna, pecadora e fraca para assumir tal missão. Seu desejo era que Jesus procurasse uma alma mais digna que ela. Não

³⁰² KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 98.

³⁰³ Ibid., p. 99.

³⁰⁴ Ibid., p. 103.

³⁰⁵ Ibid., p. 107.

obstante, a “Voz” de Jesus a questionava sobre sua disponibilidade. Ele lhe pedia que confiasse cega e amorosamente n’Ele.

Minha pequenina – venha – Me leve aos buracos onde vivem os pobres. – Venha, seja Minha luz. – Eu não posso ir sozinho – eles não Me conhecem – por isso não Me querem. Você venha – venha, vá no meio deles, Me leve com você para junto deles... Tem medo. Como o seu medo me magoa. – Não tenha medo. Sou eu quem está lhe pedindo que faça isto por mim... Sou eu em você, com você, por você...³⁰⁶

O relato ao Arcebispo, mediado pelo seu diretor espiritual, foi o único momento em que a Madre revelou suas três visões. A primeira era a de uma multidão de pobres e crianças que suplicava para que ela fosse salvá-los e que os levasse a Jesus. A segunda manifestava a dor da multidão e de Maria, ao entrar em cena, e fazer o seu pedido para que a Madre levasse esses pobres a Jesus, e levasse o próprio Jesus a eles. A última visão fica mais intensa e se manifesta pela escuridão que cobria essa multidão. Com isso, a Madre ouvia: “Eu lhe pedi. Eles lhe pediram, e ela, a Minha Mãe, lhe pediu. Vai recusar fazer isto por Mim?”³⁰⁷

Depois de um meticuloso processo de discernimento, Dom Périer já tinha percebido a força do caráter e a grandeza do coração daquela jovem religiosa. Chegou a consultar teólogos em Roma, padres conhecedores da realidade indiana. Diante de todas as consultas, o Arcebispo se viu no direito de dar a autorização, sem risco de cometer uma imprudência. Ao escrever à Superiora Geral de Loreto, deixou claro seu pensamento. “Estou profundamente convencido de que, não dando o meu consentimento, estaria impedindo a realização, através dela, da vontade de Deus.”³⁰⁸

De fato, não foram os fenômenos extraordinários, visões, vozes que convenceram Dom Périer. Depois de muita oração e deliberação, o Arcebispo havia percebido a profundidade da vida de Madre Teresa, bem como sua vida de oração, sua obediência, seu zelo e seu desejo de levar uma solução eficaz para a situação crítica da Índia.

Assim, depois de 19 anos na Índia, em 06/01/1948, mais de um ano depois do “chamado dentro do chamado”, chegou a resposta tão esperada: “pode avançar”. Foram as palavras de Dom Périer para Madre Teresa, após a Missa, no

³⁰⁶ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 109-110.

³⁰⁷ Ibid., p. 112.

³⁰⁸ Ibid., p. 113.

convento de Loreto. Com isso, o Arcebispo se tornou seu mais tenaz defensor e seu principal guia.

Agora, faltava-lhe a autorização da Madre Superiora de Loreto. Quatro dias depois de receber a notícia do Arcebispo, Madre Teresa escreve à Madre Gertrude. Na carta, ela relata seu caminho vocacional, o chamado que havia recebido, a orientação do seu diretor espiritual e sua troca de correspondência com o Arcebispo. Seu pedido era claro e eloquente: “Não me impeça de me entregar a Ele e aos Seus pobres.”³⁰⁹

A correspondência foi enviada pelo próprio Dom Périer, acompanhada do seu relatório pessoal. Neste, ele próprio deixava claro o que pensava de Madre Teresa: “apesar dos indubitáveis defeitos exteriores, ela tem um ideal muito elevado em sua vida religiosa, é intimamente unida a Nosso Senhor, humilde e submissa, obediente e extremamente zelosa, inteiramente esquecida de si.”³¹⁰

Não recebendo uma resposta oficial da Madre Geral, dentro do período de um mês, Madre Teresa resolve escrever novamente a Dom Périer, para insistir. Com isso, ela já vai revelando e aprofundando toda a mística que acompanharia sua trajetória e a de suas Irmãs. “Quantas temos que ser para termos o Santíssimo entre nós? – O trabalho que teremos que fazer será impossível, sem a Sua contínua graça proveniente do sacrário. – Ele terá que fazer tudo. – Nós apenas teremos que segui-LO.”³¹¹

Em resposta à Madre Teresa, Dom Périer propõe a espera paciente e humilde, ao mesmo tempo em que revela sua relação com a Madre e com a obra nascente. “Reze muito e viva intimamente com Nosso Senhor J. C., pedindo por luz, forças, decisão; mas não antecipe a OBRA DELE. Tente não colocar em tudo isto nada de si mesma. A senhora é um instrumento d’Ele, e nada mais.”³¹² Com isso, ela percebia o quanto precisava caminhar para cumprir tal missão. Defendia que precisava aprender a libertar-se do próprio ego e viver intimamente com o Senhor.

Poucos dias depois, chegou a tão esperada resposta da Madre Gertrude, que não só autorizava Madre Teresa, como louvava o objetivo pelo qual sua Congregação “perderia” um membro. Afirmava que não poderia senão “aquiescer

³⁰⁹ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 117.

³¹⁰ Ibid., p. 120.

³¹¹ Ibid., p. 121.

³¹² Ibid., p. 123.

ou estaria não concordando com a Vontade de Deus.”³¹³ Só lhe faltava, agora, a autorização da Santa Sé.

Na carta dirigida ao Cardeal Prefeito da Congregação dos Religiosos, alguns pontos são destacados. Primeiro, Madre Teresa reconhecia que o futuro trabalho exigiria uma vida de oração e sacrifício. Depois, seria necessário, para abordar os pobres, tornar-se como eles, pois para atrair os pobres para Cristo, seria essencial uma pobreza completa. Por último, ela fazia uma constatação: “Há milhões que vivem nas cidades e aldeias indianas, ignorantes sobre Deus e sobre Cristo, em abominável condição de pecado. Nós os levaremos a Cristo e Cristo a eles.”³¹⁴

Mais uma vez, a espera se torna companheira de Madre Teresa. Por não ter chegado resposta de Roma, ela recorre, novamente, ao seu Arcebispo. Sua insistência era marcada pela força da sua fé no chamado. Sua ênfase não era numa obra apenas social, mas tinha um fundamento sobrenatural claro. “Almas estão sendo perdidas nas favelas e nas ruas, o Sagrado Coração de Jesus está sofrendo mais e mais – e aqui estou eu esperando – por apenas um único ‘Sim’...”³¹⁵

O Documento tão aguardado, assinado em 12/04/1948, chegou em 08/08/1948. O Papa Pio XII, por meio da Congregação dos Religiosos, lhe dava autorização para deixar Loreto e dar início à nova missão. Essa resposta, ao mesmo tempo em que alegrava seu coração apaixonado, causava a dor da partida, por deixar a segurança do convento e mergulhar num futuro imprevisível, nas favelas de Calcutá.³¹⁶

Com isso, em 17/08/1948, depois de receber a permissão da Santa Sé, da Congregação de Nossa Senhora de Loreto e do Arcebispo de Calcutá, Madre Teresa, agora, já está respondendo ao “chamado do trem” e assumindo um hábito simples, com um sári, típico das pobres indianas, e se recolhe numa favela da cidade. Depois, foi procurada por um certo número de ex-alunas, dando origem, assim, a uma nova comunidade: as Missionárias da Caridade.³¹⁷

³¹³ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 124.

³¹⁴ Ibid., p. 125-126.

³¹⁵ Ibid., p. 128.

³¹⁶ Ibid., p. 130.

³¹⁷ EGAN, E.; EGAN, K. Madre Teresa e le Beatitudini, p. 140.

4.5. Uma obra unicamente de Deus

A obra tão esperada e desejada por Madre Teresa estava se concretizando. Contudo, os grandes desafios ainda estavam por vir. Ao mesmo tempo em que o plano de Jesus estava se cumprindo, iniciava-se uma verdadeira noite escura do nascimento da nova congregação. A resposta da jovem fundadora era marcada por sua fé e desejo de seguir em frente: “Meu Deus, dá-me coragem agora – neste momento – para perseverar, seguindo Teu chamado.”³¹⁸

Nesse primeiro momento, ela se destina ao Hospital da Sagrada Família das Irmãs da Missão Médica de Patna, com o objetivo de aprender noções básicas de enfermagem. O desafio de deixar Loreto e seguir um novo caminho custava muito para ela, mas era cumprido com fidelidade, como ela própria dizia a Dom Périer, numa carta: “Por favor, reze por mim para que eu continue olhando para Ele alegremente.”³¹⁹ O momento vivido e todas as suas emoções são registrados num caderno médico que ela usava. Além de muitas informações, que lhe seriam úteis, ela redigiu uma oração da Irmã Benigna Consolata Ferrero.

Ó Jesus, único amor do meu coração, desejo sofrer o que sofro e tudo o que Tu quiseres que eu sofra, por Teu puro amor, não pelos méritos que eu possa adquirir, nem pelas recompensas que Tu me prometeste, mas apenas para Te agradar, para Te louvar, para Te dar graças, tanto na dor quanto na alegria.³²⁰

No dia 09 de dezembro, após concluir sua formação com as irmãs da Missão Médica, Madre Teresa regressou a Calcutá, instalando-se com as Irmãzinhas dos Pobres, no Convento de S. José. Porém, antes de dar início à sua missão, fez um retiro de oito dias, conduzido pelo Pe. Van Exem. Assim, em 21 de dezembro, a mais nova fundadora se dirige, pela primeira vez às favelas, como Missionária da Caridade. Enfim, depois de dois anos de grande discernimento, chegou “aos buracos escuros onde vivem os pobres”.³²¹

Uma de suas primeiras seguidoras descreveu essa imagem de uma forma plástica, poética e profética. A antiga religiosa de Loreto deu o passo definitivo. “Vê-la pobremente vestida com um simples, humilde sári, com um terço na mão,

³¹⁸ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 133.

³¹⁹ Ibid., p. 134.

³²⁰ Ibid.

³²¹ Ibid., p. 141.

era como ver o evangelho ganhar vida, fazendo Jesus presente entre os mais pobres. Podia-se dizer que uma Luz tinha alvorecido na escuridão das favelas.”³²²

Diante dos seus olhos, se descortinava uma Calcutá muito afetada por conta da II Guerra Mundial, da fome de 1943 e das frequentes rebeliões que ocorreram na cidade. Com a Independência da Índia, muitas pessoas foram para a capital de Bengala. Assim, as zonas ocupadas pelas favelas crescia absurdamente. O número de moradores de rua crescia absurdamente, e eles sofriam enfermidades, fome e até inanição.³²³

O início dessa missão foi muito desafiante, e fez com que a própria Madre sentisse sua incapacidade e sua pobreza diante de tanta miséria. Contudo, isso não fez com que ela não fizesse o que lhe era possível. Esse início também foi marcado não só pela pobreza, dificuldades e insegurança, mas pelas críticas que a acompanhariam ao longo da vida.

Por ordem do Arcebispo, ela iniciou a redação de um diário, relatando os trabalhos realizados e tudo o que lhe dizia respeito. Em 24/01/1949, dá uma resposta aos seus críticos. Ela própria estava tendo noção da dor dos pobres, que era muito dura para eles, e que ela própria experimentava, ao mesmo tempo em que recordava sua estabilidade em Loreto. Assim, ela chegava à conclusão do que estava vivendo. “Esta é a noite escura do nascimento da Congregação – Meu Deus, dá-me coragem agora – neste momento – para perseverar seguindo o Teu chamado.”³²⁴

Acredito que alguns estão dizendo para que serve trabalhar entre os mais inferiores dos inferiores – quando os grandes, os cultos e os ricos estão prontos para vir [então] é melhor dar todas as energias para eles. Sim, deixe que todos eles o façam. – O Reino deve ser pregado a todos. Se os ricos hindus e mulçumanos podem receber todo o serviço e devoção de tantas freiras e padres, certamente que os mais pobres dos pobres e os mais inferiores dos inferiores podem receber o amor e devoção de alguns de nós. Chamam-me “Irmã das favelas” e sou feliz por ser apenas isso, por Seu amor e para Sua glória.³²⁵

Passados dois meses iniciais, Deus providencia o necessário: o terceiro andar da casa dos Irmãos Gomes, que se tornou a primeira casa das Missionárias da Caridade. Apesar disso, seus sofrimentos e desafios não diminuam e eram sentidos profundamente pela jovem fundadora. Porém, sua oração refletia sua

³²² KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 141.

³²³ Ibid.

³²⁴ Ibid., p. 144.

³²⁵ Ibid., p. 142-143.

decisão: “Coração Imaculado de Minha Mãe, tem piedade da tua pobre filha. Por amor de ti quero viver e morrer MC.”³²⁶

Seu empenho era desafiador porque, nesse período, ela só tinha voluntários ao seu lado. Por isso, implorava confiante à Virgem Maria, manifestando sua grande necessidade: “Não tenho filhas – assim como há muitos anos ela disse a Jesus: Não têm vinho – deposito toda a minha confiança no seu Coração. Tenho a certeza de que a seu jeito ela me dará [filhas].”³²⁷

Sua prece foi atendida no dia 19/03/1949, quando uma ex-aluna, Shubashini Das, a futura Irmã Agnes, se une à Madre. Os meses seguintes foram testemunhas da chegada de novas candidatas. Com isso, em junho de 1950, a comunidade já contava com 12 irmãs. Assim, apesar de tudo o que era vivido, ela tinha a certeza de que estava no caminho certo, cumprindo a vontade d’Aquele que a enviou.³²⁸

Pouco antes da sua exclausuração de um ano expirar, chegou a autorização da Santa Sé para que ela prosseguisse por mais três anos. Com isso, em março de 1950, ela redige sua carta, solicitando a aprovação da congregação vaticana para seu novo instituto diocesano. Sua redação revela o cunho da obra que nasce e que intercalava serviços sociais e religiosos de grande relevância para seu povo.³²⁹

07/10/1950, festa de N. S. do Rosário, foi o dia escolhido para o nascimento da nova Ordem. Com autorização da Santa Sé, Dom Périer institui, oficialmente, a Congregação das Missionárias da Caridade na Arquidiocese de Calcutá. O Decreto oficial já dava a tônica do que seria essa nova obra. O objetivo era claro: “saciar a sede que N. S. Jesus Cristo tem pela salvação das almas, através da observância dos três votos... e de um quarto Voto adicional, de se dedicarem com abnegação ao cuidado dos pobres e necessitados...”³³⁰

Com esse passo, outro dado, que marcou e definiu a caminhada de Madre Teresa e das suas Irmãs, foi a autorização, há muito desejada, para ter o Santíssimo Sacramento na capela do convento. Com isso, ficou instituído que fariam um dia inteiro de adoração pelo nascimento da ordem. Ela própria dizia:

³²⁶ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 144.

³²⁷ Ibid., p. 145.

³²⁸ Ibid.

³²⁹ Ibid., p. 146.

³³⁰ Ibid., p. 148.

“Em breve, N. S. estará conosco – Então, tudo será fácil – Ele estará aqui pessoalmente.”³³¹

No dia 11/04/1951, um primeiro grupo de Irmãs deu início ao noviciado, como Missionárias da Caridade. Assim, a missão foi aumentando e tornando-se cada vez mais exigente. Madre Teresa respondia sempre com uma disposição impressionante. Seu intento era duplo: os objetivos das Missionárias da Caridade e a procura da santidade.

Em junho de 1952, é fundada a Casa dos Moribundos de Kaligat. Diante do memorável trabalho das Irmãs, a Câmara de Calcutá providenciou um dos abrigos para peregrinos do Templo de Kali. O local passou a ser chamado *Nirmal Hriday* que, em bengali, significa “coração puro”, em homenagem ao Imaculado Coração de Maria.³³²

A *Nirmal Hriday* era chamada, pela Madre, como *Casa do Tesouro* da Congregação. Segundo ela, a casa acolhia os semelhantes a Cristo sofrido: os esquecidos, os rejeitados e os indesejados. Era o “Cristo no disfarce angustiante”, que lhe dava a oportunidade de “colocar o seu amor em ação”.

Com o florescimento da missão, a casa da família Gomes não era suficiente. Depois de muita oração, Madre Teresa consegue uma casa na Lower Circular Road, que se tornou a Casa-Mãe das Missionárias da Caridade, para onde a comunidade se mudou, em fevereiro de 1953.³³³

Em 18/03/1953, Madre Teresa revela a Dom Pérrier, um dos seus maiores segredos: sua escuridão.

... Por favor, reze especialmente por mim para que eu não estrague a obra d’Ele e para que Nosso Senhor Se mostre – pois há dentro de mim uma escuridão terrível, como se tudo estivesse morto. Tem sido assim mais ou menos desde o momento em que dei início à “obra”. Peça a Nosso Senhor que me dê coragem...³³⁴

Um mês depois, ela fazia seus votos perpétuos e mais dez Irmãs faziam seus primeiros votos. A nova Congregação passava a ter uma maior estrutura. Tudo isso, acompanhado de um trabalho exigentíssimo, foi dando a elas uma grande publicidade. Mesmo vivendo essa nova realidade, a Madre tinha clareza do

³³¹ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 149.

³³² Ibid., p. 153-154.

³³³ Ibid., p. 157.

³³⁴ Ibid., p. 159.

seu desejo. “Por favor, reze por mim – para que eu não seja nada para o mundo e o mundo não seja nada para mim.”³³⁵

O cuidado dos doentes trouxe um desafio e um consolo para elas. Segundo Madre Teresa, com elas, ela estava vivendo uma relação espiritual. Cada doente era como um “segundo eu” de cada irmã. Dessa maneira, cada irmã compartilharia suas boas obras e orações com os doentes, e estes rezariam e sofreriam por elas. Esses doentes se tornariam “filhos da Congregação”.³³⁶

Mesmo diante de tantos frutos, Madre Teresa permanecia numa profunda escuridão: “minha própria alma permanece numa escuridão e desolação profundas.”³³⁷ A sua escuridão interior se tornava um modo privilegiado de penetrar no mistério da Cruz de Cristo, segundo o Padre Brian.³³⁸

Como se não bastasse tudo que estava experimentando, em janeiro de 1955, Madre Teresa revela a Dom Périer, que havia um novo elemento em cena: uma profunda escuridão. Ela própria se perguntava, tentando obter uma resposta ao que estava vivenciando: “Durante quanto tempo permanecerá Nosso Senhor longe?”³³⁹

Já concluindo o ano de 1955, em 15/12, escrevendo ao Arcebispo, Madre Teresa solicita a autorização para fazer, em 1956, um “Ano Eucarístico” para relembra o ano de 1946, quando surgiu o chamado. O objetivo, segundo ela, era espalhar pelas favelas o amor e a verdadeira devoção ao Santíssimo Sacramento, em ação de graças pela Congregação.³⁴⁰

Numa nova carta, de fevereiro de 1956, Madre Teresa descreve mais detalhadamente sua experiência espiritual. Era claro que seu desejo era um só: “ser santa de tal maneira que Jesus possa viver plenamente a Sua vida em mim.”³⁴¹ Nesse contexto, o próprio Dom Périer lhe respondeu, com um poema de S. João da Cruz sobre a “noite escura”. Toda essa situação fazia a Madre recordar do seu voto de não recusar nada a Deus, feito quatorze anos antes.

Nesse intenso peregrinar, outro encontro marcará a vida da jovem fundadora. Outro jesuíta entra na sua história: Pe. Lawrence Trevor Picachy que

³³⁵ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 162.

³³⁶ Ibid., p. 163.

³³⁷ Ibid., p. 164.

³³⁸ Ibid., p. 166.

³³⁹ Ibid., p. 167.

³⁴⁰ Ibid., p. 171.

³⁴¹ Ibid., p. 173.

seria, depois, Arcebispo de Calcutá (1969) e cardeal (1976). Foi um retiro, pregado para as noviças, em abril de 1956, do qual Madre Teresa participou e teve a ocasião de partilhar o que estava vivendo, para esse, que seria outro grande companheiro na caminhada da sua vida.

Apesar de tudo, da escuridão, da solidão, Madre Teresa permanecia fiel ao seu carisma. Os buracos escuros onde viviam os pobres se tornaram o local privilegiado de encontro com Jesus. Era nesse ambiente que ela queria amar Seu esposo até o fim. “Quanto a mim – há um único desejo – amar a Deus como Ele nunca foi amado – com um profundo amor pessoal... Reze por mim... para que realmente haja ‘só Jesus’ em mim.”³⁴²

Um fato curioso desse período foi que, depois de 11 anos³⁴³, Madre Teresa recebeu uma longa carta de sua mãe que, ao saber da sua saída de Loreto, pensava que a filha havia morrido. Ao saber das intenções da filha, Dona Drana ofereceu todo seu apoio e encorajamento.

Apesar das dores e desafios internos e externos, ela dizia ao Padre Picachy que havia encontrado a felicidade no sofrimento, mas a dor, às vezes, se tornava insuportável. Na verdade, ela não gostava do sofrimento em si mesmo. Contudo, o sofrimento era visto como uma oportunidade de estar unida a Jesus na Cruz, e de demonstrar seu amor por Ele. Diante de tanta dor, ela sentia como se tudo fosse desmoronar, mas usava o sorriso, que seria sua marca, para encobrir uma multidão de dores. Segundo ela, o sorriso era como uma grande capa.³⁴⁴

De 29/03/1959 a 12/04/1959, Madre Teresa participou mais uma vez de um grande retiro, pregado pelo Pe. Picachy. Essa foi uma das ocasiões em que a Madre reconheceu o quanto era importante poder tomar parte nos sofrimentos de Cristo. Ao mesmo tempo, ela se via desafiada a abandonar-se, sempre mais, à vontade de Deus. Na conclusão desse retiro, ocorreu a profissão final do primeiro grupo das Irmãs.³⁴⁵

Muito comovida por tudo que estava vivendo, Madre Teresa escreve a Dom Pérrier, agradecendo pelas 85 Irmãs e pelas 15, que estavam para chegar, lembrando que, há dez anos, eram apenas três. Ela própria descrevia que havia

³⁴² KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 178.

³⁴³ Nesse período, as duas não podiam escrever, por conta da situação política da Albânia.

³⁴⁴ KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 183-185.

³⁴⁵ Ibid., p. 192.

uma confiança cega no Sagrado Coração, ao enviar cada uma das irmãs, oferecidas a Jesus pela própria Madre.³⁴⁶

Vivendo tudo isso, Madre Teresa enfatizava que desejava ser uma santa, segundo o Coração de Jesus. Ao mesmo tempo, questionava-se, sobre quem era, para experimentar tudo isso. Contudo, não chegava a uma resposta para tudo isso. Não obstante, “dava a impressão de que a sua relação com Jesus a enchia de consolação.”³⁴⁷

Apesar de tudo, a profundidade do seu amor por Jesus ficava evidente, no contraste entre a dor que sentia, por conta da escuridão e da solidão, e a maneira como havia decidido agir, guiada somente pela fé.³⁴⁸ Mesmo assim, deixava claro para o Padre Picachy: “Comigo, a luz da escuridão é brilhante. Reze por mim.”³⁴⁹

A primeira viagem, para fora da Índia, ocorreu em julho de 1960, quando participou da Assembleia Nacional do Conselho Nacional das Senhoras, em Las Vegas – Nevada: *Catholic Relief Services*. A Ordem iniciou uma forte relação com esta associação, que ofereceu um verdadeiro socorro da comunidade católica americana, em prol das obras das Missionárias.³⁵⁰

Depois de não aceitar duas vezes o convite, consultado o Arcebispo, aceitou o terceiro. Sua ideia era que Eileen Egan (1911-2001) fosse no seu lugar. Eileen conheceu a Madre durante uma missão em Calcutá. Depois disso, viajou várias vezes com Madre Teresa, por mais de trinta anos e se tornou sua grande colaboradora, na América.³⁵¹

Para Madre Teresa, que não participava de encontros e convenções, essa era uma das mais difíceis missões. Depois de janeiro de 1929, quando desembarcou em Calcutá, essa era a primeira vez que ela partia da Índia (25/10/1960) e que falaria em público. Três mil mulheres aguardavam, em Las Vegas, para ver a pequena missionária, simples e desconhecida. Segundo ela, foi o mais difícil ato de obediência que ofereceria a Deus, e que abraçava, por Jesus e com Ele. Dos EUA, foi para a Inglaterra, Alemanha, Suíça, e concluiu sua missão na Itália.³⁵²

³⁴⁶ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 193.

³⁴⁷ Ibid., p. 197.

³⁴⁸ Ibid., p. 203.

³⁴⁹ Ibid., p. 208.

³⁵⁰ EGAN, E.; EGAN, K. Madre Teresa e le Beatitudini, p. 140-141.

³⁵¹ KOLODIEJCHUK, B. op. cit., p. 209.

³⁵² Ibid., p. 211.

Retorna a Calcutá em 01/12/1960 e recomeça seu trabalho ordinário. Nesse período, as Irmãs estavam nas comunidades de Delhi, Jhansi e Ranchi. Tudo isso foi marcando uma vida totalmente abnegada. Madre Teresa colocava tudo à frente dela mesma: Deus, a Obra, as Irmãs... Tinha uma total disponibilidade para Deus, e para o trabalho de Deus, entre os pobres.³⁵³

Em 1960, outro jesuíta aparece no caminho da Madre: Padre Joseph Neuner, que havia escrito um artigo sobre ela, em 1957. A troca de correspondência entre eles foi de 1960 a 1980. Em abril de 1961, convidado a pregar um retiro para as Irmãs de Calcutá, no qual a Madre esteve presente, puderam conversar. Com essa revelação, sobre seu estado interior, além do Arcebispo e do Padre Van Exem, Madre Teresa contava a uma terceira pessoa um pouco da sua inspiração de 1946 e as consequências. Na ocasião, teve a oportunidade de se aconselhar com ele e partilhar um pouco do que estava vivendo.³⁵⁴

Quando começou o trabalho – eu sabia o que tudo isto significaria... eu fiz apenas uma oração – que me desse a graça de dar santas à Igreja... O meu coração e a minha alma e o meu corpo pertencem só a Deus – que Ele jogou fora como indesejada a criança do Seu amor... Que Ele faça comigo o que quiser, como Ele quiser, por quanto tempo quiser. Se a minha escuridão é luz para alguma alma – mesmo se não for nada para ninguém – sou perfeitamente feliz – em ser a flor do campo de Deus.³⁵⁵

Em outubro de 1961, Madre Teresa foi eleita Superiora Geral, durante o primeiro Capítulo geral. Ao assumir essa missão, dizia ao Pe. Neuner que não estava sozinha, apesar do sentimento de solidão que a acompanhava, porque tinha a escuridão d’Ele, “tenho a dor d’Ele – tenho este anseio terrível por Deus – de amar e não ser amada. Sei que tenho Jesus – nesta união inquebrantável – porque a minha mente está fixada n’Ele e apenas n’Ele, por minha vontade.”³⁵⁶

O ano de 1962 trouxe outra novidade para a vida de Madre Teresa: o início da recepção de prêmios e outras honras³⁵⁷. Apesar de querer apenas ser uma verdadeira Missionária da Caridade, como foi Nossa Senhora³⁵⁸, reconhecia que

³⁵³ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 213.

³⁵⁴ Ibid., p. 216

³⁵⁵ Ibid., p. 219.

³⁵⁶ Ibid., p. 230.

³⁵⁷ A própria Madre Teresa relata que sorria, ao ver a caixa de papelão que enchia, à medida que ganhava mais coisas (prêmios, graus honorários e outras honrarias). Tudo era colocado nessa caixa. Para ela, a recepção desses prêmios seria para proclamar a presença dos pobres. (KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 277.)

³⁵⁸ Para ela, Nossa Senhora foi a primeira Missionária da Caridade. “Na nossa Congregação dizemos muitas vezes a Nossa Senhora – que Ela é a causa da nossa Alegria – porque nos deu

receber um prêmio seria muito bom para a Igreja, enquanto que, para ela, nada significava.³⁵⁹

Foi dessa maneira que, em 28/04/1962, Madre Teresa recebeu o seu primeiro prêmio importante, oferecido pelo Governo da Índia: *Padma Shri*. O prêmio era conferido a cidadãos indianos, pela distinção de seus serviços em vários campos de atividades. Em meados do mesmo ano, Madre Teresa enfrenta um grande desafio, que foi o fato de ser ajudada, apenas, por algumas cartas de seus diretores espirituais e raros encontros com os mesmos. Dentre esses, o Pe. Picachy, que havia sido nomeado Bispo.

Em 31/08/1962, ela recebe mais um prêmio: *Ramon Magsaysay*, oferecido pela *Compreensão Internacional* em Manila, Filipinas. Para ela, esses prêmios ajudavam as pessoas, sobretudo os governos, “a compreenderem o amor da Igreja pela Índia e que os missionários são o melhor presente que a Igreja pode dar a um país.”³⁶⁰

4.6. Uma descendência como as estrelas do céu

Madre Teresa dá outro passo significativo da sua missão, em 25/03/1963, ao fundar os Irmãos Missionários da Caridade, que se espalharão por todo o mundo. Com isso, enfatizava que seu desejo era fazer tudo apenas por Jesus. Com esse mesmo objetivo, em setembro do mesmo ano, faz a solicitação oficial a Roma, para receberem a aprovação pontifícia da congregação.³⁶¹

Como se já não bastasse tanta dor e sofrimento, Madre Teresa e suas Irmãs, em 1964, começam a presenciar os conflitos que explodiam em Calcutá, deixando uma centena de mortos e quatrocentos feridos. Era duro para ela contemplar tudo isso. “Houve problemas entre os hindus e os mulçumanos... Quanto dano o pecado pode fazer. Que mundo terrível é este – sem o amor de Cristo.”³⁶²

A tão esperada aprovação pontifícia (Decreto de Louvor) chegou em 01/02/1965, graça recebida com grande júbilo pela Madre. O Documento foi

Jesus. – Tomara que nos tornemos a causa da alegria dela – porque damos Jesus aos outros.”
(KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 238.)

³⁵⁹ KOLODIEJCHUK, B. Madre Teresa, p. 235.

³⁶⁰ Ibid., p. 243.

³⁶¹ Ibid., p. 247-249.

³⁶² KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 252.

entregue pelo Internúncio, o Arcebispo James Robert Knox, que descreveu a Congregação em três palavras: Dependência, Desprendimento e Dedicção. Dom Knox havia sido testemunha da abertura da primeira fundação fora da Índia: na Venezuela.

Veja o que Nosso Senhor faz. – Ele se derrama a Si próprio sobre a pequena Congregação – mas tira cada gota de consolação de minha alma. – Fico feliz que seja assim – porque eu apenas quero que Jesus seja na Congregação mais e mais e que eu seja menos e menos.³⁶³

Outro passo de suma importância, nesse percurso da missão de Madre Teresa, foi quando o Papa Paulo VI, em 1969, reconheceu a Associação Internacional dos Cooperadores de Madre Teresa como obra anexa às Missionárias da Caridade. A fundadora da Associação foi a senhora Anne Blaikie. Nos EUA, a obra será lançada pelo Dr. Warren Kump e senhora Patrícia Kump. Sua obra já não era restrita à vida religiosa consagrada!³⁶⁴

Madre Teresa ganhou maior publicidade ainda, quando em 1971, Malcom Muggeridge publicou o livro *Something beautiful for God*, que seria traduzido em várias línguas. Com isso, a mídia voltava sua atenção para a Madre e para sua obra. Ela continuava em sua peregrinação, dentro da grande solidão e dolorosa escuridão dos últimos seis anos. Apesar de tudo, a família dos Missionários (as) da Caridade só crescia e se espalhava pelo mundo. Em 1975, celebrando o jubileu de prata da Congregação, elas já eram mais de mil Irmãs, em 85 casas distribuídas por 15 países.³⁶⁵

Nesse período, outro sacerdote cruza o caminho de Madre Teresa. Agora, não um novo jesuíta, mas um filho do Padre Dehon: Padre Michael van der Peet. Como de costume, depois de um breve diálogo, o que era normal, Madre Teresa o convida para pregar um retiro para suas Irmãs. O Padre se tornou outra grande testemunha da santidade e da união com Deus, vividas por Madre Teresa.³⁶⁶

O ano de 1976 será conhecido pela fundação, em Nova Iorque, das “Irmãs da Palavra” que, no ano seguinte, serão chamadas de Irmãs Contemplativas Missionárias da Caridade. Sua intenção era continuar segurando a mão d’Ele e percorrer o caminho só com Ele.³⁶⁷

³⁶³ Ibid., p. 257.

³⁶⁴ EGAN, E.; EGAN, K., Madre Teresa e le Beatitudini, p. 141.

³⁶⁵ KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 273.

³⁶⁶ Ibid., p. 275.

³⁶⁷ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 282.

Apesar de todos os desafios e, depois de fazer uma grande peregrinação numa verdadeira “noite escura”, Padre Brian recorda que o final da década de 1970 será diferente para Madre Teresa. Depois dos pensamentos angustiantes que duraram muitos anos, agora ela começava a experimentar certa serenidade e paz.³⁶⁸

Outro momento forte e desafiador para ela foi a sua estadia nos EUA, para participação do 45º Congresso Eucarístico na Filadélfia, em 06/08/1976. Segundo seu próprio testemunho, foram dias cheios de sacrifício, nos quais ela viveu realmente “A Missa” e começou a compreender as Estações da Cruz com significado mais profundo. Nesse mesmo contexto, escrevendo ao Padre Michael, Madre Teresa recorda que, graças ao número de Irmãs na Casa-Mãe, será possível ter 10 horas de Adoração ao Santíssimo, em duas capelas. A importância residia no fato de que, para ela, era nessa experiência que residiam a força e a alegria da comunidade.³⁶⁹

Viver como mulher pública era um sofrimento para Madre Teresa, mas vivido e superado com heroísmo e bom humor, através da sua arma ou “capa”, como ela dizia. Em Cambridge (10/06/1977), ela revelou o mais profundo do que vivia e como era vivido por ela.

Lembro-me de que, há algum tempo, veio dos Estados Unidos um grande grupo de professores que me pediu “Diga-nos qualquer coisa que nos ajude”. E eu respondi: “Sorriam uns aos outros”. E acho que devo ter dito isto de uma forma muito séria, porque um deles perguntou-me: “A senhora é casada?” E eu respondi: “Sou, e às vezes tenho dificuldade em sorrir a Jesus porque Ele sabe ser muito exigente.”³⁷⁰

Como num jubileu prolongado, Madre Teresa, em 1978, decidiu dar a Jesus um jubileu de prata, abrindo 25 novas instituições que ela chamava *Tabernáculos*. Beirute acolheu a 25ª Fundação. Já em 1984, ocorre a fundação dos Padres Missionários da Caridade, em Nova Iorque. As Irmãs fizeram seu jubileu de prata em 1975; a *Kalighat* (Casa para os Moribundos), em 1977 e o primeiro grupo de Irmãs em 1978.³⁷¹

No final de 1979, em novembro, Madre Teresa foi eleita, novamente, Superiora Geral, no quarto capítulo das Missionárias da Caridade. No entanto, o ano ainda seria lembrado por outro fato: o maior prêmio recebido pela religiosa

³⁶⁸ Ibid., p. 280.

³⁶⁹ Ibid., p. 284-285.

³⁷⁰ Ibid., p. 286.

³⁷¹ KOŁODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 292-293.

de Calcutá, o Nobel da Paz, reconhecimento que fez com que sua obra fosse difundida ao redor do mundo. Da mesma maneira, o documentário *Madre Teresa* ficou conhecido por um número incalculável de pessoas, agora, graças à televisão e ao vídeo.³⁷² Tudo isso fez com que ela tivesse a compreensão de que Calcutá já estava em toda parte.³⁷³

Para ela, o Prêmio tinha “ajudado muitas pessoas a encontrarem o caminho para os pobres”.³⁷⁴ Seu discurso, no recebimento do prêmio, deu a tônica da sua vida ao longo dos anos, e o fundamento dessa mesma vida, e qual era o centro da sua missão. “Jesus se faz o faminto, o despido, o desabrigado, o doente, o preso, o que está só, o que ninguém quer, e afirma: ‘A Mim o fizestes.’ Ele tem fome do nosso amor e essa é a fome dos nossos pobres.”³⁷⁵

Giuseppino de Roma relembra que, apesar de tantos sucessos humanos, Madre Teresa permanece com seu estilo e com seu espírito de sempre: “acolher com respeito e total dedicação toda criança, todo pobre, todo doente, como se fosse Jesus.”³⁷⁶

O ano de 1980 trouxe uma nova e significativa experiência para a Madre: a participação no Sínodo dos Bispos, em Roma. Foi mais uma adesão vivida na obediência. No mesmo ano, ficou definido que, por conta do grande número de comunidades das Irmãs, as Casas seriam divididas em 12 regiões, e seria nomeada uma Superiora Regional, para ajudar a Madre no governo da Congregação. Ainda em 1980, aconteceram 12 novas fundações. A Madre definia o ano como era seu costume: “Foi um ano cheio da Paixão de Cristo”.³⁷⁷

As três últimas décadas da sua vida serviram para que respondesse a tantas perguntas, de dentro e fora da Igreja, sobre o porquê de ter suas irmãs nos lugares de miséria e de necessidade, os mais distantes da terra.³⁷⁸ E de forma um tanto curiosa, apesar de sua saúde se deteriorando, as duas últimas décadas foram um período de atividade intensa.³⁷⁹

³⁷² EGAN, E.; EGAN, K., *Madre Teresa e le Beatitudini*, p. 141-142.

³⁷³ *Ibid.*, p. 296.

³⁷⁴ KOLODIEJCHUK, B., *Madre Teresa*, p. 298.

³⁷⁵ *Ibid.*, p. 296.

³⁷⁶ DE ROMA, G. **Madre Teresa**: O segredo de um sorriso. Cachoeira Paulista: Editora Canção Nova, 2013, p. 59.

³⁷⁷ KOLODIEJCHUK, B., *op. cit.*, p. 302.

³⁷⁸ EGAN, E.; EGAN, K., *Madre Teresa e le Beatitudini*, p. 142.

³⁷⁹ KOLODIEJCHUK, B., *Madre Teresa*, p. 305.

Em 1982, ela se aventurou e foi ao Líbano, que estava devastado pela guerra. Tudo o que viu e ouviu marcou, profundamente, aquela mulher que só sabia amar: “Acabamos de deixar Beirute. - Tem sido uma contínua ação de Deus, amando a nós e à Sua gente – através de contínuos atos de amor em ternura e amor.”³⁸⁰

O ano de 1983 sinaliza as consequências físicas da missão. Durante a estadia em Roma, caiu de cama e foi hospitalizada, detectando-se uma grave deficiência no coração. Apesar de tudo, viveu mais essa dor como uma nova oportunidade de estar com o Senhor, que ela amava.³⁸¹

Madre Teresa passou a dedicar mais atenção ao ramo masculino da Ordem e, em 13/10/1984, deu início ao grupo dos Padres Missionários da Caridade, em Nova Iorque. Antes, já havia surgido o Movimento *Corpus Christi*, destinado a promover a santidade dos sacerdotes, reconhecido oficialmente pela Congregação para o clero, em 26/06/1981, na Festa do Sagrado Coração.³⁸²

Durante sua viagem à China, em 1985, Madre Teresa propõe enviar suas irmãs para trabalharem com os pobres e deficientes. Contudo, o filho de Deng Ziaoping, responsável pelas iniciativas aos deficientes, recusa a proposta. Sua obra se estende cada vez mais!³⁸³ Sua expressão internacional já era tão grande nesse período, que Javier Pérez de Cuellar, Secretário-Geral da ONU, a considerou a mulher mais poderosa do mundo.³⁸⁴

Nesse período, Madre Teresa conhece dois novos sacerdotes, que ouvirão seus relatos e testemunharão sua caminhada de fé e suas dores, no seguimento de Jesus Cristo. Foram os Padres Albert Huart, S.J., que se tornaria confessor das Irmãs na Casa-Mãe, e William G. Curlin, que se tornaria Bispo de Charlotte, na Carolina do Norte.

O ano de 1986 marcará o encontro de dois futuros santos, quando Madre Teresa recebe e guia João Paulo II para conhecer “seus tesouros”, na Casa dos moribundos de Calcutá. Depois de tantas honrarias recebidas, Madre Teresa recebeu a maior e mais querida, segundo ela, em 03/02/1986: a visita do Papa João Paulo II.

³⁸⁰ Ibid., p. 306.

³⁸¹ Ibid.

³⁸² Ibid., p. 309.

³⁸³ EGAN, E.; EGAN, K., Madre Teresa e le Beatitudini, p. 142.

³⁸⁴ KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 305.

Segundo o pontífice, Jesus estava sendo profundamente amado, através da Madre e de suas Irmãs, nas pessoas que a sociedade considera serem os menores. Ao visitar a Casa dos Moribundos de Calcutá (Nirmal Hriday em Kalighat), ele dizia: “Em Nirmal Hriday, o mistério do sofrimento humano encontra-se com o mistério da fé e do amor.”³⁸⁵

O final da década de 80 terá a marca do cuidado da Madre pelos doentes de AIDS, objeto de sua preocupação e solidariedade. Seu objetivo era estar perto de todos os diferentes “Calvários”, nos quais Jesus revivia sob as mais diversas aparências. Com isso também, em 1988, Madre Teresa leva suas irmãs para a União Soviética. Assim definia a Madre, sua experiência, em 01/01/1988, escrevendo ao Padre van der Peet:

Estamos atualmente em 77 países com mais de 350 casas. Já pensou – pobres entrando no Céu por todos os lados – [...] em Nova Iorque – já são mais de 50 os que tiveram uma boa morte – [...] A princípio, S. Pedro não me teria deixado entrar no Céu, porque no céu não havia favelas. – Mas agora o céu está cheio de gente das favelas. Jesus deve estar muito feliz por estes milhares chegando até Ele, com amor de Calcutá – Sei que vai gostar desta história do evangelho em toda sua realidade.³⁸⁶

A partir de 1989, Madre Teresa entra numa nova fase de sua vida, devido ao agravamento dos problemas cardíacos. Por várias vezes, esteve às portas da morte. Apesar de tudo, a década de 90 será marcada pelas inúmeras viagens da Madre. Com isso, a Sibéria recebe as irmãs, em 1990, e a terra-mãe, que viu nascer uma santa, recebeu suas filhas espirituais em 1991.

Madre Teresa queria levar a luz do amor de Deus aos países da Europa Central e da Europa Oriental, as quais haviam sofrido muito por conta da restrição à liberdade religiosa. Dessa maneira, foram fundadas casas na antiga União Soviética, incluindo várias na Rússia, na Tchecoslováquia, na Hungria e, finalmente, na Albânia. Nesses países, segundo a Madre, as pessoas tinham muita fome de Deus, porque essa mesma fome foi reprimida por muitos anos.³⁸⁷

Mesmo já tendo feito inúmeros trabalhos e grandes missões, no início de 1991 (02/01), Madre Teresa foi mais além, e bem mais ousada, ao escrever para George Bush e Saddam Hussein, na esperança de que a guerra iminente pudesse ser evitada. Era mais um exemplo de sua coragem e da sua determinação. Dizia-

³⁸⁵ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 313.

³⁸⁶ Ibid.

³⁸⁷ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 316.

lhes: “Os senhores têm o poder de trazer a guerra ao mundo, ou de construir a paz. POR FAVOR, ESCOLHAM O CAMINHO DA PAZ.”³⁸⁸

Sua ação não tinha fronteiras e não podia parar. Dessa maneira, o coração de Bagdá recebeu uma casa, em junho de 1991, oferecida pelo Governo, onde as Irmãs cuidariam de crianças portadoras de necessidades especiais. Em 1992, a grande família de Madre Teresa já está presente em 97 países, distribuída em 50 casas. É um ano de grande significado, pelo fato de os membros da Ordem receberem autorização para entrar na China.

Padre Brian recorda que, durante 1994 e 1995, Madre Teresa levou uma vida normal, mesmo dando sinais da sua fraqueza física. E curiosamente, aos 85 anos, continuava ansiosa por receber conselhos e orientações espirituais, com humildade e simplicidade. Ela estava “sempre com pressa de dar Jesus; nunca pensava em si mesma... a Madre entregava-se por completo.”³⁸⁹

Seus últimos anos de vida serão marcados por muitos sofrimentos físicos, provenientes de várias enfermidades. Contudo, não abandona a obra e continua servindo seus pobres. Em 1996, depois de se recuperar de uma crise de malária, que lhe causou complicações pulmonares, a grande missionária volta a sua atividade junto aos pobres das favelas.³⁹⁰

Madre Teresa tinha admitido, com toda a simplicidade: “Jesus está pedindo um pouco demais”; mas ainda aceitava tudo o que Ele lhe pedia. Ela pertencia a Ele e Ele era o seu único desejo. As Irmãs... ficaram ainda mais edificadas com o fato de, no que parecia ser a agonia final, ela apenas querer Jesus.³⁹¹

Não obstante tudo o que estava sofrendo fisicamente, permaneceu à frente da Congregação, até seis meses antes de falecer. Depois de se recuperar de uma doença quase fatal, em março de 1997, para sua grande alegria, a Irmã M. Nirmala Joshi foi eleita para sucedê-la.

Completando sua peregrinação nessa terra, em maio do mesmo ano, ela fez sua última viagem missionária a Roma, Nova Iorque e Washington. Regressa em julho, para Calcutá, e diz a uma amiga: “O meu trabalho está concluído”. Era perceptível sua alegria, felicidade e otimismo. Nesse contexto, uma irmã

³⁸⁸ Ibid., p. 319-320. Eileen e Kathleen Egan recordam que um “dom especial de Madre Teresa é seu poder de ser um ponto de reconciliação entre pessoas e grupos bastante diferentes e até mesmo antagônicos.” (EGAN, E.; EGAN, K. **Madre Teresa: Momentos de oração.** São Paulo: Editora Gente, 1996, p. 18).

³⁸⁹ KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 327-329.

³⁹⁰ EGAN, E.; EGAN, K., *Madre Teresa e le Beatitudini*, p. 143.

³⁹¹ KOLODIEJCHUK, B., *Madre Teresa*, p. 332.

testemunhou a Madre, diante da Sagrada Face, dizendo: “Jesus, nunca Te recusei nada”.³⁹²

A morte, como lembra John Scally, nunca foi motivo de temor para a Madre. Segundo ele, a Madre via a morte apenas como a realização do ciclo da vida. Exatamente por essa libertação do que chamamos “medo da morte”, o autor recorda que a Madre pode viver a experiência de plenitude e viver com confiança e serenidade. Para Scally, a Madre viveu a mesma certeza do Mestre Eckhart: nada há fora de Deus!³⁹³

O dia 05/09/1997 amanhece para jamais ser esquecido pela história! Providencialmente, esse dia era uma primeira sexta-feira do mês, dia dedicado ao Sagrado Coração, na piedade católica. Madre Teresa conclui sua missão sobre a terra, para dar início a seu objetivo, parafraseando sua santa de devoção: passar seu céu acendendo as luzes de tantos corações da terra. O mundo inteiro chora e se despede daquela pequenina freira, que surgira na imprensa internacional como uma santa contemporânea.³⁹⁴

Curiosamente, seus últimos instantes de vida soam como uma parábola da sua vida. Por volta das 20h, começa a sentir dores nas costas e a ter dificuldade de respirar. As Irmãs chamam um médico e um padre. De forma inesperada, acaba a energia elétrica e a casa fica completamente escura. Duas fontes de energia caíram ao mesmo tempo. Era um fato único! Não se podia fazer nada, nem mesmo ligar o respirador.

Eram 21h30. Com Calcutá mergulhada na escuridão, extinguiu-se a vida terrena daquela que tanta luz levava a essa cidade e a todo o mundo. Mas sua missão não acabou: do Céu, ela continua respondendo ao chamado de Jesus: “Venha, seja Minha luz”.³⁹⁵

Ao encerrarmos a viagem pela vida de Madre Teresa, não é possível deixarmos de concluir que estamos diante de uma mulher loucamente apaixonada por Jesus Cristo. Sua vida exala a fragrância desse amor, e não é possível pensá-la, se não for no prisma da sua relação vital com Jesus Cristo.

Com isso, vamos um pouco além! Buscaremos, através dos seus escritos e de alguns dos seus comentadores, refletir sobre a sua cristologia existencial, que nasce dos escritos de sua vida.

³⁹² KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 333.

³⁹³ SCALLY, J. **Un cuore infinito**. Milano: Piemme, 2016, p. 7 (Tradução nossa).

³⁹⁴ EGAN, E.; EGAN, K., Madre Teresa e le Beatitudini, p. 144.

³⁹⁵ KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 335.

5

A Cristologia Existencial de Madre Teresa de Calcutá

Neste quarto e penúltimo capítulo, temos o intuito de colher, na vida e na escritura de Madre Teresa, sua reflexão cristológica. Não como uma teóloga, no sentido estrito e acadêmico, veremos essa mística como uma grande mulher, que fez teologia a partir da sua experiência de vida.

Primeiramente, observaremos como podemos vê-la como uma teóloga, no sentido indutivo ou indireto. Depois, contemplaremos a teologia de Madre Teresa, com o auxílio da reflexão de Virginia Azcuy. Como consequência, aprofundaremos um elemento essencial da sua vida e escritos: a “noite escura”. Dessa forma, poderemos colher dessa santa um grande contributo teológico. Encerraremos com o que, de fato, podemos dizer que é sua cristologia existencial.

5.1. Madre Teresa – “Uma Teóloga de Joelhos”

Depois de concluir esta peregrinação pelos 87 anos dessa mulher extraordinária, percebemos o quão grandiosa foi! Não há dúvida de que estamos diante de uma grande mulher. Da mesma forma, não há dúvida de que estamos diante de uma grande mística e santa do Cristianismo. Além disso, podemos dizer que estamos diante de uma teóloga?

É bem provável que se estivesse viva, Madre Teresa não aceitaria esse “título”. Não obstante, esse é o nosso objetivo! Depois do que vimos e veremos, não há como negar que estamos diante de uma grande teóloga, não uma intelectual como Rahner ou uma teóloga da academia. Não daquelas que fizeram uma faculdade, um estudo... Ao contrário, estamos diante de uma teóloga, não nos moldes tradicionais, mas poderíamos dizer que encontramos uma teóloga indutiva, uma mulher que fez “teologia de joelhos”, como propunha Balthasar.

Thomas Moore destacava que o que mantinha elevado o espírito pessoal e a paixão ilimitada da Madre era seu cristianismo bastante peculiar: sua visão espiritualizada, seus métodos de oração e a figura inspiradora de Jesus. O autor recorda que ainda temos muito o que aprender com a Madre. Para ele, a psicologia moderna tem muito a aprender com as religiões que continuam nos ensinando o distanciamento do ego para chegarmos à descoberta da alma.³⁹⁶

Bento XVI, durante sua viagem à Áustria, em setembro de 2007, resgatando S. Bernardo e Balthasar, nos ajuda a entender como podemos ver Teresa de Calcutá como uma teóloga.

O pai da Ordem cisterciense, São Bernardo, no seu tempo, lutou contra o afastamento de uma racionalidade objetiva da corrente da espiritualidade eclesial. A nossa situação hoje, mesmo sendo diversa, tem também semelhanças notáveis. Na ansiedade por obter o reconhecimento de cientificidade rigorosa no sentido

³⁹⁶ CALCUTÁ, T. **Amor maior não há**. São Paulo: Universo dos livros, 2017, p. 11-12.

moderno, a teologia pode perder o alcance da fé. Mas como uma liturgia que esquece de olhar para Deus está, como tal, definhando, assim também uma teologia que já não respira no espaço da fé, deixa de ser teologia; termina por se reduzir a uma série de disciplinas mais ou menos relacionadas entre elas. Ao contrário, onde se pratica uma "teologia de joelhos", como pedia Hans Urs von Balthasar (cf. Hans Urs von Balthasar, *Theologie und Heiligkeit, Aufsatz von 1948 em: Verbum Caro. Schriften zur Theologie I, Einsiedeln 1960, 195-224*), não faltará a fecundidade para a Igreja na Áustria e também noutras partes.³⁹⁷

Em 1990, a Congregação para a Doutrina da Fé, falando sobre a vocação eclesial do teólogo, afirmava que, na Igreja, dentre tantas vocações, o Espírito suscita a vocação do(a) teólogo(a). Sua missão é “adquirir, em comunhão com o Magistério, uma compreensão sempre mais profunda da Palavra de Deus contida na Escritura inspirada e transmitida pela Tradição viva da Igreja.”³⁹⁸

A mesma Instrução recorda que o(a) teólogo(a) nunca deve se esquecer de que é membro do Povo de Deus e, por isso, “deve nutrir-lhe respeito, e esforçar-se por dispensar-lhe um ensinamento que não venha a lesar, de modo algum, a doutrina da fé.”³⁹⁹ É obvio que, mesmo sem ter intenção explícita de fazer teologia, não é possível negar que Madre Teresa não só fez teologia, como fez uma profunda reflexão teológica. Deus, o mundo e a pessoa estavam sempre diante dos olhos de Teresa, e essas três realidades ocuparam sua vida e sua reflexão.

O mesmo Cardeal Ratzinger, que assinou a citada Instrução, em sua obra posterior ao documento, nos faz recordar, já no prefácio, que impõe-se ao(a) teólogo(a) “a tarefa de levar adiante o diálogo das religiões e de contribuir para o desenvolvimento de um *ethos* mundial, que tenha como ponto central os conceitos de justiça, paz e preservação da criação.”⁴⁰⁰

Da mesma maneira, nos lembra Ratzinger, que aquele(a) que faz teologia precisa “conferir rumo e conteúdo aos anseios religiosos e de transcendência capazes de ser propostos hoje.” Dessa forma, o(a) teólogo(a) deveria ser alguém que trouxesse consolo às almas, que contribuísse para que as pessoas se autoencontrassem e superassem suas alienações, pois não é mais suficiente

³⁹⁷ http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2007/september/documents/hf_benxvi_spe_xvi_spe_20070909_heiligenkreuz.html. Acesso em: 07 abr. 2019.

³⁹⁸ CDF. **Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo**. São Paulo: Paulinas, 2009, n. 6.

³⁹⁹ *Ibid.*, n. 11.

⁴⁰⁰ RATZINGER, J. **Natureza e Missão da Teologia**. São Paulo: Vozes, 2016, p. 7.

falamos de um consolo coletivo de um mundo melhor e mais pacífico, que viria a realizar-se no futuro.⁴⁰¹

Nesse mesmo horizonte, o Papa Francisco, num encontro com os membros da Comissão Teológica Internacional, em dezembro de 2014, recordava o trabalho do(a) teólogo(a).

A vossa missão é servir à Igreja, o que pressupõe não só competências intelectuais, mas também disposições espirituais. Entre estas últimas, gostaria de chamar a vossa atenção para a importância da escuta. “Filho do homem — disse o Senhor ao profeta Ezequiel — todas as palavras que te digo ouve-as com os ouvidos e acolhe-as no coração” (Ez 3, 10). O teólogo é antes de tudo um crente que ouve a Palavra de Deus vivente e a acolhe no coração e na mente. Mas o teólogo deve pôr-se também humildemente em escuta do “que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2, 7), através das diversas manifestações da fé vivida pelo povo de Deus... Com efeito, juntamente com todo o povo cristão, o teólogo abre os olhos e os ouvidos aos “sinais dos tempos”. Está chamado a “ouvir atentamente, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e a sabê-las julgar à luz da palavra de Deus — é a que julga, a palavra de Deus — para que a verdade revelada seja sempre compreendida mais profundamente, seja entendida melhor e possa ser apresentada de maneira mais adequada” (Conc. Ecum. Vat. II, Const. *Gaudium e spes*, 44).⁴⁰²

Depois desses pressupostos, podemos perceber o quanto Madre Teresa foi, de fato, uma grande teóloga e, mais ainda, unindo teologia e vida. Não foi apenas uma teórica, mas soube encarnar sua reflexão. Sua teologia foi gestada pela profunda intimidade com Deus e fez com que sua fé tivesse um forte alcance vital. Com isso, nos propomos a aprofundar essa perspectiva da vida de Madre Teresa. Para esse intento, seguiremos, de modo particular, três comentadores: Virginia Azcuy⁴⁰³, Pe. Paul Murray OP e Pe. Brian Kolodiejchuk MC.

5.2. Teologia Existencial de uma mulher⁴⁰⁴

Nesse item, buscamos o auxílio da teóloga argentina Virginia Azcuy, especialista em Santa Teresinha. O artigo que usaremos nos ajuda a entender e aprofundar mais ainda o pensamento de Madre Teresa. Nossa escolha se deu,

⁴⁰¹ Ibid.

⁴⁰² http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papafrancesco_20141205_commissione-teologica-internazionale.html. Acesso em: 07 abr. 2019.

⁴⁰³ A professora Virginia Azcuy, da PUC de Buenos Aires, é uma grande especialista em S. Teresinha. Mesmo não sendo uma comentadora de Madre Teresa, sua reflexão nos ajudará a refletir a vida e a obra da Madre, para perceber como podemos dizer que ela foi uma grande teóloga.

⁴⁰⁴ AZCUY, V. Teresa de Lisieux, p. 97-120. O presente artigo foi apresentado pela teóloga, em Lisieux (1996), por ocasião da Abertura do Centenário da morte de Teresa de Lisieux. Na ocasião, a conferência tinha como tema: “Uma santa para o terceiro milênio”.

primeiro, para buscarmos uma certa influência que a Madre recebeu da santa francesa. Depois, porque a teóloga da PUC de Buenos Aires nos auxilia a compreender a reflexão da Santa de Calcutá.

Sem dúvida, para refletir sobre o pensamento de Madre Teresa, é preciso levar em consideração uma fenomenologia sobrenatural, para que possamos compreender como a realidade da fé se manifesta na vida dessa mística. Da mesma forma, para contemplarmos seu pensamento, precisamos levar, sempre em consideração, que estamos diante de um gênio feminino.⁴⁰⁵

Teresa de Calcutá, como sua padroeira, não foi uma teóloga que estudou sistematicamente, ou que tenha ensinado teologia. Não obstante, deixou uma teologia viva, que se percebe em sua vida e nos seus escritos. Dessa maneira, sua teologia pertence à chamada *teologia dos santos*⁴⁰⁶, ou seja, uma teologia que nasce da inspiração do Espírito e do encontro vital com a Pessoa de Jesus Cristo. Com isso, sua reflexão teológica nos oferta a sua percepção do mistério de Deus, ao mesmo tempo em que seu testemunho nos enriquece.⁴⁰⁷ Assim, Madre Teresa se torna uma verdadeira Mestra da teologia contemporânea e/ou uma figura teológica.

Azcuy recorda que Meester descreveu Balthasar como um grande defensor da fecundidade da teologia da santidade. O teólogo da Basileia propõe uma unidade entre a teologia e a santidade, enfatizando o exemplo dos santos, que vivem o que ensinam e, com isso, unem vida e conhecimento. Dessa forma, podemos colher uma teologia, através dos santos, da fenomenologia teológica da figura dos mesmos. Com isso, esses santos oferecem à teologia, segundo Meester, uma “verdadeira transfusão de sangue”.⁴⁰⁸

Segundo Balthasar, a verdade, em seu núcleo, é uma verdade “existencial” e, por isso, será inteligível nas figuras concretas da história, nas quais a verdade se apresenta. Essa dinâmica tem um realce maior para nós, que cremos que a Verdade é uma Pessoa! Por isso, podemos afirmar que a existência dos santos se

⁴⁰⁵ Ibid., p. 97.

⁴⁰⁶ BALTHASAR, H. U. V. Teologia e santidade. In: **Concilium**. Buenos Aires. Ano V. n. 2. 1988.

⁴⁰⁷ AZCUY, V., op. cit., p. 98.

⁴⁰⁸ AZCUY, V., Teresa de Lisieux, p. 99.

torna uma fonte de conhecimento irrenunciável para a teologia. O Evangelho de João nos dá essa tônica, na ênfase da união entre a vida de Jesus e Sua palavra.⁴⁰⁹

Hoje, mais do que nunca, esse conteúdo existencial é acolhido e valorizado. A própria vida dos santos está repleta de germes de doutrina. Da mesma forma que sua padroeira, Madre Teresa viveu, anteriormente, o que escreveu depois. Gloria Germani, ao descrever Madre Teresa como uma mística entre o Oriente e o Ocidente, relembra que a Madre nunca gostava de ficar na teoria e, apesar de solicitada, nunca escreveu um livro, nem mesmo sobre a história de sua Congregação.⁴¹⁰

A Palavra de Deus foi se encarnando em sua vida.⁴¹¹ Já em 1975, Paulo VI relembrava, nesse sentido, que o mundo escuta melhor as testemunhas do que os mestres.⁴¹²

Seguindo a reflexão de Balthasar, Azcuy relembra que santo é aquele que pode considerar-se, primeiramente, como revelação do amor trinitário, como figura teológica (o Belo); depois, como uma teologia na vida, existencial (o Bem); e, em terceiro lugar, como uma interpretação vivente e permanente da Palavra feita carne (a Verdade). Nessa perspectiva, a teologia ganha um novo contributo, sob o olhar existencial de uma vida concreta de alguém que buscou corresponder, com a vida, à sua fé.⁴¹³

O amor de todo fiel cristão pelos santos se fundamenta na imagem existencial de uma vida concreta como a nossa, atraente, que temos diante dos olhos. Com isso, nos permitimos dizer que cada santo pode ser considerado um lugar teológico, um ambiente adequado para fazer teologia. A sua vida se torna uma “ilustração íntima da vida de Cristo” e espera um comentário teológico. Neste, a escrita teológica será apenas um fragmento.⁴¹⁴

A irradiação da santidade, por parte de uma pessoa, nasce do olhar e da contemplação d’Aquele que é a Luz e a Beleza, o Cristo, fazendo com que o santo se torne uma manifestação luminosa e bela. Assim, podemos afirmar que a atitude contemplativa e receptiva do Amor é a primeira dimensão que faz de Teresa de Calcutá uma teóloga. Esse ensinamento pode e deve ser acolhido por quem faz

⁴⁰⁹ Ibid.

⁴¹⁰ GERMANI, G., Teresa de Calcutá, p. 7.

⁴¹¹ AZCUY, V., op. cit., p. 99-100.

⁴¹² EN 41.

⁴¹³ AZCUY, V., op. cit., p. 100.

⁴¹⁴ AZCUY, V. Teresa de Lisieux, p. 101.

teologia: aprender a contemplar e viver na dinâmica do Amor que se encarnou e se tornou um de nós. Dessa forma, a Madre se torna um *Sacramento do Amor* de Deus e, parafraseando Congar, ela está entre “os faróis que Deus acendeu no limiar de um século atômico”.⁴¹⁵

A santidade e a teologia da Madre podem ser consideradas a partir da teodramática, na contemplação e vivência do Bem. Nessa dinâmica da trilogia de Balthasar, se encontra a ação, o Drama de Deus, no qual a pessoa é convidada a participar, entrando na dinâmica da liberdade e do amor. É o momento do testemunho existencial de um amor que vai até à cruz, e pode ser entendido como demonstração existencial da verdade, da qual o santo se torna demonstração da verdade revelada. Assim, encontramos uma existência teológica ou uma expressão de teologia existencial pelo fato de viver, de modo encarnado, a verdade sobre Deus.⁴¹⁶

Assim como Cristo, no testemunho de sua vida, especialmente na Paixão, se converte no único Teólogo, assim também os santos chegam a ser intérpretes da vida do Senhor, mediante sua vida de seguimento, oração e anúncio do Evangelho. Eles são “uma nova exposição da revelação, um enriquecimento da doutrina”.⁴¹⁷

Dessa maneira, a verdade doutrinal, expressa nas palavras, nos ensinamentos, se torna manifesta na existência e, por isso, acaba sendo verdade no sentido mais pleno. A vida e, depois, as palavras que serão luzes e inspirações. Com isso, se unem experiência e mensagem, existência e doutrina.⁴¹⁸

Seguindo a leitura que Azcuy faz de S. Teresinha, também podemos dizer que a teologia de Madre Teresa pode ser caracterizada segundo o Belo, o Bem e a Verdade. Sua teologia se torna epifania, existência e doutrina. É epifania, porque expressa o amor de Deus pela humanidade. E é por isso, que se torna existência, porque antes de ser expressão do amor de Deus para os outros, ela experimentou esse amor de Deus e quis corresponder com a vida. É doutrina, porque sua vida e escritos se tornam transmissão da fé na dimensão testemunhal: seu ensinamento não se separa da sua existência.⁴¹⁹

Da mesma forma que podemos destacar na santa de Lisieux, a santa de Calcutá apresenta uma dogmática explícita ou implícita, seja na sua escritura, ou

⁴¹⁵ Ibid.

⁴¹⁶ Ibid., p. 102.

⁴¹⁷ Ibid., p. 103.

⁴¹⁸ Ibid.

⁴¹⁹ AZCUY, V. Teresa de Lisieux, p. 104.

através da luz que lança sobre verdades fundamentais da fé. A sua existência se torna ponto de partida para reflexão teológica, na medida em que ela encarna o que crê. Daí se depreende o que a vida e a teologia de Madre Teresa oferecem: uma profunda unidade entre o amor a Deus e o amor ao próximo.⁴²⁰ Vale ressaltar que essa foi uma marca da cristologia rahneriana, como mostramos!

Assim como sua padroeira, Madre Teresa nos oferece, com sua vida e escritos, a manifestação de uma teologia da mulher e uma santidade feminina, que se torna manifestação do Belo.⁴²¹

O Deus de Teresa de Calcutá é o Deus Pai que nos ama a ponto de doar o que tem de mais precioso: Seu único Filho. Da mesma maneira, Jesus se torna seu esposo crucificado, que tem sede. Ao contrário de Teresa de Lisieux, Madre Teresa não parece fazer um paralelo da paternidade de Deus com a do seu pai. Da mesma maneira, não parece vislumbrar Jesus com um rosto materno ou entranhas maternas.⁴²²

Quando Deus nos criou, Ele fez com um ato de amor. Não há outra explicação porque Deus é amor. Ele nos criou para amar e ser amados. Se pudéssemos recordar sempre, não teríamos guerras, violência e ódio no mundo. Tão belo. Tão simples.⁴²³

Fato é que Madre Teresa encarna, de fato, o papel materno. Não apenas suas filhas/Irmãs, mas seus pobres, voluntários, perceberam a mãe diante deles. Da mesma maneira, diante do Crucificado, ela se coloca como a esposa, sobretudo vivendo a dinâmica da teologia da vida consagrada feminina. Percebemos sua experiência interior e feminina, seu afeto, ternura, sensibilidade e fineza de espírito, que se manifestam no seu louco desejo de saciar a sede do seu Esposo crucificado.⁴²⁴

Outro dado relevante, encontrado em Teresa de Lisieux, ecoado na vida de Teresa de Calcutá, é a sua fraternidade e amizade vividas em Cristo. A Madre assinava muitas de suas correspondências com essa marca: “sua em Jesus”. Sua amizade e fraternidade, em particular com os mais próximos, estavam fundamentadas em Cristo.⁴²⁵

⁴²⁰ Ibid., p. 105.

⁴²¹ Ibid., p. 106.

⁴²² Ibid., p. 106-107.

⁴²³ CALCUTÁ, T., *Where is love, There is God*, p. 6.

⁴²⁴ AZCUY, V., *Teresa de Lisieux*, p. 108.

⁴²⁵ Ibid., p. 110.

Escrevendo ao Pe. Neuner, ela manifesta sua comunhão com Jesus: “Padre, pode me explicar – quando tiver tempo – como crescer na ‘profunda união pessoal do coração humano com o coração de Cristo?’ Desde a infância que o Coração de Jesus é meu primeiro amor.”⁴²⁶

Outro dado muito interessante da vivência da santa de Lisieux, que a faz parecer uma inspiração clara da santa de Calcutá, é a consciência que ambas tinham de ser instrumentos nas mãos de Deus. Esse “ser instrumento” não diminuía a missão das duas santas. Ao contrário, elas tinham consciência de portar uma mensagem para si mesmas e para os outros. Assim se expressa a Madre sobre isso: “As suas dificuldades e as minhas – devemos oferecê-las a Jesus pelas almas... Sei que quero, com todo o meu coração, o que Ele quiser, como Ele quiser e enquanto Ele quiser”.⁴²⁷

Azcuy relembra que S. Teresinha afirmava que Deus se serve das Suas criaturas como instrumentos, para fazer Sua obra nas almas. Por isso, a santa se descrevia como um pincel, escolhido por Jesus, para pintar Sua imagem nas almas.⁴²⁸ De forma paralela, como vimos acima, Madre Teresa se via como um lápis, usado por Deus para fazer Sua obra.⁴²⁹ Por isso, afirmava que dia após dia – repetia a mesma coisa – talvez apenas com seus lábios – “Faz-me sentir o que Tu sentiste. Faz-me compartilhar Contigo a Tua dor”. Queria estar à disposição d’Ele.⁴³⁰

Já de forma distinta da sua padroeira – que se considerava como guia e mestra da vida espiritual, como catequista para os sacerdotes, modelo para adultos e crianças, homens e mulheres, habitantes de diversas culturas – Madre Teresa era mais modesta, e não se via com todas essas “funções”. Não obstante, diante de Deus, ambas se fundamentavam numa profunda e inabalável confiança em Deus, a partir de um mesmo ponto: partir da consciência do seu “nada”.⁴³¹

Outro dado relevante das duas místicas é que valorizavam e mantinham laços fraternos, e também familiares, na dinâmica da comunhão dos santos, que as tornava unidas a tantas pessoas espalhadas por tantos lugares. Ao contrário da

⁴²⁶ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 262.

⁴²⁷ Ibid., p. 241-242.

⁴²⁸ AZCUY, V. Teresa de Lisieux, p. 115.

⁴²⁹ KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 11.

⁴³⁰ Ibid., p. 248.

⁴³¹ AZCUY, V. Teresa de Lisieux, p. 116.

carmelita, a missionária da caridade tinha essa realidade muito mais viva dentro de si, por aquilo que tinha de retorno por conta da expansão da sua obra.⁴³²

Assim, vamos percebendo a semelhança entre elas e, principalmente, a inspiração exercida pela santa de Lisieux. Azcuy relembra algumas palavras de S. Teresinha que se aplicam, perfeitamente, a Madre Teresa: “Talvez, Jesus se compraza em unir duas almas para sua glória; Ele permite que, de vez em quando, elas possam comunicar Seus pensamentos e exercitar-se mais para Deus.”⁴³³

Seja Teresinha, seja Teresa de Calcutá, ambas manifestam a herança da mestra maior das carmelitas, que foi S. Teresa de Jesus. Com isso, essas grandes mulheres tinham consciência de que a oração é, de fato, um trato de amizade. Para elas, a experiência orante é claramente de cunho existencial.⁴³⁴

A fonte para elas é sempre a mesma: Jesus, rosto da Trindade, manifestação do amor de Deus. Este também se torna o Esposo das religiosas, mas não só: é o Esposo da humanidade. E será através de Jesus que a pessoa se abrirá e receberá as outras duas Pessoas da Trindade, que tomam posse da pessoa que as acolhe.

Nessa relação com as Pessoas da Trindade, juntamente com o Evangelho, Azcuy reforça que S. Teresinha encontra a fonte através da qual recebe e desenvolve sua teologia. E não será diferente com Madre Teresa! Por isso, podemos dizer que as duas fazem uma teologia da amizade com Deus, de um Deus amigo e próximo! Mas, sobretudo, estão diante de um Deus misericordioso e apaixonado pela humanidade! Assim, nos encontramos diante de uma teologia para amizade com Deus e com Jesus. Por isso, podemos dizer que contemplamos, com categoriais rahnerianas, uma verdadeira cristologia existencial.⁴³⁵

Dessa dinâmica, nasce uma “eclesiologia de comunhão,” que marcou o Vaticano II. Ela nasce da comunhão com Deus, da amizade e da experiência de comunhão na dinâmica da comunhão dos santos. Com isso, enquanto Teresinha se via como amiga dos santos, Teresa de Calcutá se via mais como uma admiradora, sem deixar de se considerar próxima dos Santos que já estão no céu.⁴³⁶

⁴³² Ibid., p. 116-117.

⁴³³ Ibid., p. 118.

⁴³⁴ Ibid.

⁴³⁵ AZCUY, V. Teresa de Lisieux, p. 119.

⁴³⁶ Ibid., p. 119-120.

As palavras conclusivas de Virginia Azcuy se aplicam, perfeitamente, tanto à S. Teresinha como à S. Teresa de Calcutá!

Que a teologia existencial desta mulher siga iluminando, como os Profetas e os Doutores, a Igreja universal presente no meio dos povos, para que, nesta passagem para o próximo milênio, o Espírito Santo faça ondas da infinita ternura de Deus e que não falte, à história, um Coração ardente de Amor.⁴³⁷

5.3.

Uma teóloga da escuridão: “Eu Amei Jesus na noite”⁴³⁸

... Esperamos que a contemplação da escuridão espiritual da Madre revigore a teologia espiritual de uma forma que o nosso serviço aos outros seja verdadeiramente um serviço de amor, e que o nosso amor seja o fruto da nossa fé, que a nossa fé seja fruto da nossa oração, a qual somente pode ser alcançada quando é fruto do nosso silêncio.⁴³⁹

Ao falar em “Noite Escura”, automaticamente nos remetemos aos místicos, de forma especial aos espanhóis e, mais particularmente, a S. João da Cruz. É com essa premissa que o Padre Paul Murray OP se propõe a refletir o pensamento e, principalmente, a vida de Madre Teresa, que se intitulava uma *santa da escuridão*⁴⁴⁰. Para o Padre Paul, estamos diante de uma “mulher viva, uma santa viva”.⁴⁴¹

Padre Murray não é apenas mais um comentador de Madre Teresa, mas foi seu amigo, e confessor das Missionárias da Caridade. Sua reflexão não é apenas a de um teólogo, mas de um amigo próximo da Madre de Calcutá. Ao mesmo tempo, enfatizando a experiência da escuridão, sua longa noite escura, e solidão feita por ela, ele propõe uma reflexão a partir da “Noite Escura” de S. João da Cruz.

De antemão, é preciso ficar claro que essa escuridão não era... uma experiência de depressão ou de desespero. Padre Paul relembra que S. João faz a distinção entre o indivíduo depressivo e o contemplativo. O primeiro vive num estado de autopreocupação contínuo, e é incapaz de dar serviço e atenção a Deus. Já o segundo, não lhe importa a experiência da noite, pois ele se volta “para Deus com uma constante e íntima solicitude e com ansioso cuidado.”⁴⁴² Dessa forma,

⁴³⁷ Ibid., p. 120.

⁴³⁸ MURRAY, P., I loved Jesus in the Night.

⁴³⁹ DAUPHINAIS, M; KOLODIEJCHUK, B; NUTT, R., (Orgs.). Mother Teresa and the Mystics, p. 9.

⁴⁴⁰ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 13.

⁴⁴¹ MURRAY, P., I loved Jesus in the Night, p. 9-10.

⁴⁴² MURRAY, P., I loved Jesus in the Night, p. 37.

fica mais clara a situação da Madre e como podemos entendê-la. De fato, como uma mulher contemplativa, ela acolhia “a sombra lançada em sua alma pela esmagadora luz da presença de Deus” presente e escondido.⁴⁴³

A iniciativa de Madre Teresa não era, de forma alguma, apenas como a de uma líder social, mas sua atuação social tinha uma fonte espiritual clara e profunda. A fome e sede dos pobres, para ela, foram assumidas pelo próprio Jesus. Ao mesmo tempo, a maior fome do mundo e sua mais terrível angústia não se resumem à dimensão física.

O grande desafio ou sofrimento das pessoas é a angústia de não ser querido, ser esquecido, rejeitado ou não ter ninguém. As palavras ou a reflexão da Madre não eram “a expressão de pensamentos, ou até mesmo de convicções, mas, de algum modo, a expressão de seu ser inteiro.”⁴⁴⁴

Nesse peregrinar de Madre Teresa, também se faz necessário lembrar que a mesma foi destinatária de várias visões e locuções místicas. Durante suas orações, nos momentos da Comunhão, ela ouvia o próprio Jesus questionando-a: “Irás recusar?” Mesmo assim, ela continuava sentindo-se indigna, pecadora e fraca. Inclusive, chegava a enfatizar que não compreendia nem metade das coisas que lhes eram pedidas. Com isso, sua ênfase era no fato de que Deus queria usar o seu nada.⁴⁴⁵

Segundo Padre Paul, as experiências dolorosas de Madre Teresa faziam recordar outra santa, que passou pelo mesmo: S. Bernadete Soubirous. As palavras da jovem santa francesa se encaixariam, perfeitamente, na jovem santa de Calcutá: “Por esta alma que vós me destes, pelo deserto interior, por vossas noites, por vossos flashes de luz, por vossos silêncios, por vossos golpes tropejantes, por tudo, por vós, ausente ou presente, obrigada, Jesus.”⁴⁴⁶

A própria Madre utiliza palavras que revelam sua humildade e semelhança com S. Bernadete, reconhecendo que se Deus pudesse encontrar uma mulher mais pobre do que ela, por meio de quem fazer o trabalho, Ele não a escolheria, mas outra mulher.⁴⁴⁷ Além da humildade, suas palavras apontam para sua consciência de que a Obra, que estava se iniciando, seria d’Ele. Ela seria apenas, como

⁴⁴³ Ibid., p. 18-19.

⁴⁴⁴ Ibid., p. 16.

⁴⁴⁵ Ibid., p. 20-21.

⁴⁴⁶ MURRAY, P., I loved Jesus in the Night, p. 24-25.

⁴⁴⁷ Ibid., p. 27.

lembrou em Roma (07/03/1979), um instrumento, ou seja, um lápis nas Suas mãos.⁴⁴⁸

Padre Murray relembra os diversos escritos, nos quais Madre Teresa se revela como uma “santa da escuridão”. Apesar disso, vivia a contradição de continuar sendo uma referência de fé forte para as pessoas que a encontravam, ao mesmo tempo em que se via sem fé. Porém, apesar de tudo, permanecia sorrindo para Deus e para os outros. “Estar apaixonada e ainda não amar, viver pela fé e ainda não acreditar. Gastar a mim mesma e ainda estar em escuridão total.”⁴⁴⁹

Mas como entender tudo isso? Como reconhecer esse paradoxo numa “mulher de Deus”? Não seria uma grande farsa, como a própria Madre se questionava? Para responder e tentar entender tudo isso, Padre Murray recorre ao que poderíamos chamar o “Doutor da Noite escura”: S. João da Cruz. Este recorda que as palavras e revelações de um místico, nessa experiência, personificam uma grande relevância, mas que não podem se limitar à nossa interpretação. Não conseguimos apreender todo esse mistério de vida!⁴⁵⁰

A própria Madre Teresa, escrevendo ao Pe. Neuner, reconhece que consegue entender um pouco e até apreciar as obras de S. João da Cruz, as quais a deixavam com “fome de Deus”. Os escritos do místico espanhol contribuíam para que ela encarasse o sentimento terrível de não ser desejada por Deus. Na verdade, ocorre uma verdadeira peregrinação interior na direção de Deus, que se torna um caminho escondido e maravilhoso de iluminação. Para o carmelita, a noite escura é um influxo de Deus na alma e “implica uma purificação radical das feridas mais enraizadas da alma e das imperfeições”.⁴⁵¹

Seguindo essa questão da purificação, própria da teologia espiritual, Padre Brian recorda a humildade de Madre Teresa, ao defender a necessidade de ser purificada de suas imperfeições. Porém, seu sofrimento estava na dinâmica reparadora e não expiativa. Seguindo o exemplo de Jesus, ela participava da missão de salvar almas. Por isso, seu sofrimento não era de purificação de pecados, mas para salvação dos pecadores.⁴⁵²

⁴⁴⁸ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 11.

⁴⁴⁹ MURRAY, P. op. cit., p. 30-31.

⁴⁵⁰ Ibid., p. 33.

⁴⁵¹ MURRAY, P., I loved Jesus in the Night, p. 34.

⁴⁵² KOLODIEJCHUK, B. Madre Teresa, p. 260.

Nesse processo da “Noite Escura”, a alma contemplativa experimenta a dor e a agonia, e chega a considerar a morte como um alívio. Com isso, imagina que o próprio Deus está com ela. Por isso, podemos entender o que a Madre experimentou e verbalizou, acenando para sua própria “Noite Escura”.⁴⁵³

Na escuridão ... Senhor, meu Deus, quem sou eu já que Vós me abandonais? A criança de Vosso amor – e agora tornou-se como a mais odiada – aquela que Vós jogastes fora como indesejada – não amada. Eu chamo, agarro, quero – e não há Ninguém para responder ... A solidão do coração que quer amor é insuportável ... Eu não tenho fé. – Não me atrevo a falar as palavras e pensamentos que se aglomeram em meu coração – e fazem-me sofrer incontável agonia ... Se houver Deus, por favor me perdoe ... Quando tento elevar meus pensamentos ao Céu – há tal condenado vazio que aqueles mesmos pensamentos retornam como facas afiadas e machucam minha própria alma. – Amor – a palavra – não traz nada. Dizem-me que Deus me ama – e ainda assim a realidade de escuridão e frieza e vazio é tão grande que nada toca minha alma.⁴⁵⁴

Ao mesmo tempo em que Madre Teresa revela o seu interior, parece fazer eco da experiência de S. Teresinha e S. João da Cruz. É como se a Santa de Calcutá sintetizasse, em sua própria vida, a experiência da Infância Espiritual da Santa de Lisieux e a Noite Escura do místico Carmelita. Sem dúvida, a Madre não está relatando algo exterior a ela ou uma reflexão espiritual, mas está externalizando o que está vivendo no seu interior.

Na verdade, o que a Madre está sentindo, segundo o pensamento de S. João da Cruz, é a convicção de que Deus a abandonou. Com isso, vive a dor da rejeição, da aversão e se sente lançada à escuridão. Por isso, ela própria percebia o quão desafiadora era a realidade que estava vivendo. Ela própria compara a sua dor com a dos que estão no Inferno e sentem a dor eterna da perda de Deus.⁴⁵⁵

Com tudo isso, o exemplo de Madre Teresa, vivenciando o binômio escuridão-alegria, se tornou uma fonte de enorme encorajamento e um exemplo de firme esperança. Ela continua sendo sinal, nas palavras de Thomas Moore, de uma “santa viva”, que não falou ou trabalhou dentro de parâmetros sociais e científicos limitados.⁴⁵⁶ Além disso, é necessário ficar claro não ser possível pensar que qualquer experiência de escuridão ou solidão possa ser enquadrada numa experiência mística e/ou de santidade.⁴⁵⁷

⁴⁵³ MURRAY, P., op. cit., p. 35.

⁴⁵⁴ Ibid. (Grifo nosso)

⁴⁵⁵ Ibid., p. 36.

⁴⁵⁶ CALCUTÁ, T., Amor maior não há, p. 14.

⁴⁵⁷ MURRAY, P., I loved Jesus in the Night, p. 38-39.

Para entender melhor esse processo, Padre Murray recorda os três sinais que S. João da Cruz usa para descrever o início da noite escura. Primeiro, “a pessoa procurando Deus, começa a perder o deleite e a satisfação originais que costuma ter nas coisas de Deus e nas coisa do mundo.” Segundo, “a pessoa começa a suspeitar de que está agora retrocedendo ao invés de avançar”. Terceiro, “a pessoa acha que é simplesmente incapaz de retornar ao seu caminho original de oração...”⁴⁵⁸

Mesmo vivendo toda essa graça, como foi com Madre Teresa, S. João da Cruz revela que esse estágio de contemplação acaba sendo uma realidade secreta e escondida para a própria pessoa que o recebe. Além disso, diferente do místico espanhol, a mística de Calcutá não descreve sua experiência em termos técnicos ou teológicos, mas com palavras simples e acessíveis. Na verdade, sua expressão está sempre relacionada à simplicidade evangélica.⁴⁵⁹

Sua experiência da noite escura, é verdade, atrai nossa atenção para o indizível mistério de Deus. Sua descrição envolvente da noite de fé também nos chama a atenção para o próprio coração da angústia e do anseio humano... S. João Paulo II comentou primeiro sobre o fato de que, nos escritos de João, a noite escura aparece ‘com uma experiência tipicamente humana e cristã’.⁴⁶⁰

Padre Murray nos ajuda a perceber a relação dos dois místicos, ao mesmo tempo em que traz à nossa realidade a possibilidade de tais experiências, como realidades próprias da pessoa que se abre ao mistério de Deus. Mas será com as palavras de S. João Paulo II, comentando S. João da Cruz, que perceberemos o sentido mais profundo da experiência de escuridão feita por Madre Teresa. Ela própria recordava que o que sentia não só era como uma oferta pela Obra que começava, mas sobretudo uma associação com aquilo que os pobres do mundo sentiam em relação às pessoas e ao próprio Deus.

Nossa era tem vivido momentos dramáticos: o silêncio ou a ausência de Deus; a experiência de desastres e de sofrimentos, tais como guerras ou até mesmo o holocausto de muitas pessoas inocentes. Todos esses momentos têm conduzido a uma melhor compreensão desta sua expressão [“a noite escura”] dando a ela o caráter de uma experiência coletiva, aplicável à própria realidade da vida e não apenas a um estágio ao longo de um caminho espiritual.⁴⁶¹

Por isso, é possível a todas as pessoas que sofrem por tantos motivos, encontrar, nestes dois místicos, um testemunho inesperado para a esperança.

⁴⁵⁸ Ibid., p. 39-40.

⁴⁵⁹ Ibid., p. 40-41.

⁴⁶⁰ Ibid., p. 41-42.

⁴⁶¹ MURRAY, P., *I loved Jesus in the Night*, p. 42.

Segundo o pontífice polonês, tantos tipos de sofrimento físico, moral ou espiritual são realidades que, para o crente, se tornam uma experiência purificadora, a que poderíamos intitular noite de fé. Dessa maneira, se faz possível estender o significado da noite de fé, sem querer diminuí-la, “para abranger algumas das terríveis formas de sofrimento humano do nosso tempo”.⁴⁶²

Nos próprios escritos de Madre Teresa soa como que uma voz atea, que duvida da própria existência de Deus. Ela própria se preocupava com essa sensação. Contudo, Padre Paul, com base em S. João da Cruz, recorda que a fé possui uma natureza dupla e paradoxal. Mesmo que a fé traga certeza para o intelecto, compreende também a escuridão de não abarcar toda a realidade criada. Assim, o próprio crente sente-se, algumas vezes, como um descrente. Por esse motivo, a pessoa sente uma profunda angústia e a escuridão da noite da fé.⁴⁶³

No caso da Madre, o torturante era o desejo por Deus. Ela própria se questionava sobre o porquê que o amar trazia tanta dor e sofrimento. Dessa maneira, ela vivenciava a dor da ausência d’Aquele que ela amava profundamente. Com isso, ela própria se questionava: “Onde está Jesus?” Essa dor da “ausência do Amado” marcou o itinerário espiritual da Madre. Porém, ela constantemente dava o “salto da fé”, sem se deixar abater pelo sentimento. “Graças a Deus, não servimos a Deus com os sentimentos, do contrário não sei onde estaria”.⁴⁶⁴

Por isso, Padre Paul a descreve como uma mulher de vontade indomável e de convicção e, ao mesmo tempo como pertencente aos mais pobres dos pobres: “um ícone para todos aqueles que vivem vidas desnorteadas, uma santa dos feridos e dos corações quebrados.”⁴⁶⁵

Dessa maneira, Madre Teresa pode afirmar que amou Jesus na noite! Além do mais, 12 anos depois do “chamado dentro do chamado”, em 1958, ela reconhece que Deus lhe concedia experimentar um consolo, acompanhado de amor e alegria, que geravam uma verdadeira união de amor, por reconhecer que

⁴⁶² Ibid., p. 43.

⁴⁶³ Ibid., p. 44-45.

⁴⁶⁴ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 260. As palavras da Madre nos fazem recordar as palavras do profeta: “Nada mais ardiloso e irremediavelmente mau que o coração. Quem o poderá compreender?” (Jr 17, 9). O profeta defende que, em tudo, o coração é enganador! A Madre propõe um caminho fundamentado numa vontade firme, que esteja atenta aos sentimentos passageiros!

⁴⁶⁵ MURRAY, P., I loved Jesus in the Night, 47-51.

Deus estava satisfeito com a Obra iniciada. Ela experimentou essa graça durante uma missa na catedral de Calcutá.⁴⁶⁶

Oração não pretende ser uma tortura, não pretende nos fazer sentir inquietos, não pretende nos perturbar. É algo para olhar adiante, para conversar com meu Pai, conversar com Jesus, aquele a quem eu pertencço: corpo, alma, mente e coração. E quando vêm os momentos em que não conseguimos rezar, é muito simples: se Jesus está em meu coração, o deixo rezar, permito que Ele reze em mim, que Ele converse com Seu Pai no silêncio do meu coração. Já que eu não consigo falar – Ele falará; já que não consigo rezar – Ele rezará. É por isso que, com frequência, nós deveríamos dizer: ‘Jesus em meu coração, eu acredito no seu amor fiel por mim’.⁴⁶⁷

Suas palavras não apenas expressam a profundidade que vivia, mas a capacidade de expressar, com simplicidade, o caminho de oração, ao qual qualquer um poderia abraçar. Diferente do místico espanhol, sua “noite escura” se aproxima mais das pessoas simples que vivem suas dores e escuridões na vida! Ao invés de centrar-se em si mesma, ela se volta para o Amado da sua vida!

Meu amor por Jesus continua crescendo mais simples e mais, penso eu, pessoal... Eu quero que Ele esteja à vontade comigo – que não se importe com meus sentimentos – contanto que Ele se sinta bem – que não se importe até com a escuridão que O rodeia em mim- mas que, apesar de tudo, Jesus é tudo para mim e que eu amo ninguém mais além de Jesus.⁴⁶⁸

As palavras da Madre expressam sua profundidade e o quanto ela se entregou a Cristo. Ao mesmo tempo que se coloca como uma simples crente, dando a possibilidade de outros se verem nela, sua experiência é muito particular. Por esse motivo, Padre Paul reforça, citando o Cardeal Ratzinger, que, certas graças místicas conferidas a fundadores, revelam suas experiências pessoais e, por isso, não são objeto de aspiração de todos os fiéis, nem mesmo dos membros da própria família religiosa. Assim, o autor cita um texto medieval, que ajuda a entender o processo vivido por ela, descrevendo a experiência do orar: “No início é comum não sentires nada, mas uma espécie de escuridão sobre tua mente... Mas aprenda a estar em casa nessa escuridão. Retorne a ela quantas vezes puderes, deixando teu espírito clamar a Ele a quem tu amas.”⁴⁶⁹

Tudo era sinal de uma verdadeira luz paradoxal da presença de Deus. Ao mesmo tempo, o vivido pela Madre não era como uma experiência masoquista, até porque ela própria destaca seu perfil sensitivo, afirmando: “eu amo as coisas

⁴⁶⁶ Ibid., p. 52.

⁴⁶⁷ Ibid., p. 53-54.

⁴⁶⁸ Ibid., p. 54.

⁴⁶⁹ MURRAY, P., I loved Jesus in the Night, p. 58-59.

belas, conforto e tudo o que o conforto pode trazer – ser amada e amar.”⁴⁷⁰ Para então compreender ou tentar entender um pouco do que ela viveu, Padre Paul cita um texto dos monges contemplativos, redigido em 1967, que descreve a “noite dos místicos”:

O deserto desnuda o nosso coração; ele varre nossos pretextos, nossos álibis, nossas imagens perfeitas de Deus; reduz-nos ao essencial; coloca-nos diante de nossa própria verdade, deixando nenhuma possibilidade de fuga. Isso pode ser benéfico para a própria fé. Pois é no coração de nossa miséria que as maravilhas da misericórdia de Deus são manifestadas... Embora atravessasse caminhos de deserto – que podem assemelhar-se àqueles que a tentação do ateísmo pode conduzir – a experiência do contemplativo não é negativa. A ausência de Deus transcendente é também, paradoxalmente, Sua presença imanente.⁴⁷¹

Assim, fica claro que a experiência de fé é, de fato, totalmente misteriosa, e não uma questão meramente intelectual, porque o objeto central da fé não é uma série de dogmas. Nesse processo, Maria Clara Bingemer relembra que, para a maioria dos místicos cristãos, o Deus que experimentavam era, ao mesmo tempo, transcendente e imanente – e não dois seres diferentes!⁴⁷² Em alguns momentos, experimentaremos uma profunda sensação da presença de Deus, mas apenas em alguns momentos.⁴⁷³

Com a mão da fé nós alcançamos e realmente tocamos, por assim dizer, e em um nível de comunhão íntima, a Palavra que é Vida... mesmo quando o “contato” é mais real, não há percepção sentida de nenhum tipo. E isso é o que significa a noite escura.⁴⁷⁴

Como se não bastasse tudo que estava vivendo interiormente, Madre Teresa sofria uma questão de consciência. Até que ponto não estava enganando tantas pessoas que se sentiam edificadas pelo seu exemplo de fé. Ao mesmo tempo em que as pessoas recebiam luz, alegria e coragem com suas palavras e testemunho, ela mesma não conseguia experimentar nada disso. Era uma forte contradição que vivia! Por isso, suplicava: “Jesus, não deixes minha alma ser enganada – nem me deixes enganar ninguém.”⁴⁷⁵

Com frequência pergunto-me o que realmente Deus obtém de mim neste estado – sem fé, sem amor – nem sequer sentimentos... a escuridão é tão escura, e a dor é tão dolorosa. – Mas aceito tudo o que Ele dá e dou tudo o que Ele tira. As pessoas

⁴⁷⁰ Ibid., p. 69.

⁴⁷¹ Ibid., p. 61.

⁴⁷² BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 217.

⁴⁷³ MURRAY, P., I loved Jesus in the Night, p. 61-62.

⁴⁷⁴ Ibid., p. 62.

⁴⁷⁵ MURRAY, P., I loved Jesus in the Night, p. 63-64.

dizem que são atraídas para mais perto de Deus – vendo a minha forte fé. – Não é isto enganar as pessoas?... Porém continuo sorrindo para Deus e para todos.⁴⁷⁶

Por isso, também se compreende o motivo pelo qual muitos críticos de Madre Teresa, bem como os “novos ateus” a “expuseram como uma fraude, uma hipócrita, ou até mesmo algo próximo a uma ateia.”⁴⁷⁷ A sua experiência das “Noites escuras”, como um verdadeiro sofrimento espiritual, pode ser vista sem a nuance teológica apropriada, gerando falsas expectativas a pessoas bem-intencionadas.⁴⁷⁸

Nesse mesmo sentido, Ralph Martin defende a Madre dessas acusações de alguns secularistas. Segundo ele, interpretar como hipocrisia a escuridão de Madre Teresa ou afirmar que ela não acreditava em Deus de fato, seria sinal de uma leitura superficial de suas cartas. O autor destaca que, depois de ler os escritos da Madre, fica aterrado pela profundidade da santidade dela. Para ele, a fé e o serviço da Madre eram tão intensos que surpreende a todos!⁴⁷⁹

Segundo o Padre Paul, encontramos três dimensões na experiência da Madre: “primeira, o simples prazer que ela sente na alegria dos outros ao seu redor; segunda, sua comovente consciência da terrível escuridão e solidão interior; e, terceira, sua surpreendente alegria em ser uma com a vontade de Deus.”⁴⁸⁰

Graças à orientação do Pe. Neuner, Madre Teresa passa a ver a escuridão como o lado espiritual de seu apostolado. Por isso, passa a amar a escuridão como parte da escuridão e da dor de Jesus na terra. Dessa maneira, sua experiência da noite escura se torna a encarnação do sentimento de não ser amada e de ser rejeitada e, assim, tudo isso a fez unir-se mais de perto aos mais pobres dos pobres. Dessa forma, a luz da sua escuridão se torna brilhante, segundo ela mesma narra. “A situação física dos meus pobres deixados nas ruas rejeitados, não amados, sem seus direitos reclamados – são a verdadeira imagem da minha própria vida espiritual.”⁴⁸¹

Eles [os pobres] são minha oração – eles são minha própria vida. – Amo-os como amo a Jesus – e agora, como não amo a Jesus – também não amo a eles. Sei que

⁴⁷⁶ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 244.

⁴⁷⁷ DAUPHINAIS, M; KOLODIEJCHUK, B; NUTT, R. (Orgs.), *Mother Teresa and the Mystics*, p. 4.

⁴⁷⁸ *Ibid.*, p. 7.

⁴⁷⁹ MARTIN, R. John of the cross and Mother Teresa. In: DAUPHINAIS, M; KOLODIEJCHUK, B; NUTT, R. (Orgs.). **Mother Teresa and the Mystics: Toward a renewal of spiritual theology**. Florida: Sapientia Press, 2018, p. 29-30 (Tradução nossa).

⁴⁸⁰ MURRAY, P., *I loved Jesus in the Night*, p. 65.

⁴⁸¹ MURRAY, P., *I loved Jesus in the Night*, p. 67-68.

isto são apenas sentimentos – porque a minha vontade está firmemente unida a Jesus e por isso às Irmãs e aos Pobres.⁴⁸²

Todo esse percurso não desembocava num prazer orgulhoso e/ou vaidoso de quem se sente melhor do que os outros. Ao contrário, o resultado era um trabalho maior e mais dedicado aos pobres. Por isso, ela mesma descrevia ao seu amigo dominicano: “Os pobres não precisam de nossa compaixão, Padre Paul, eles precisam de nossa ajuda. Nós precisamos da compaixão deles.”⁴⁸³

Madre Teresa chega à conclusão de que Deus utiliza o seu “nada” para o bem dos outros. O próprio Jesus iluminava, com Sua vida, o que ela percebia na carne: “Jesus veio ao mundo com a mensagem mais importante de todos os tempos, e Ele tinha somente trinta e três curtos anos para comunicá-la. E ele gastou trinta anos fazendo nada!”⁴⁸⁴

Se, Padre Paul, na hora de oração ou meditação parecer para ti que não somente tens distraído em sua oração, mas que não tens feito nada de forma alguma, nunca deixes aquela hora ou aquele lugar de oração nervoso ou amargurado contigo mesmo. Primeiro – volta-te para Deus e dá a Deus aquele nada!⁴⁸⁵

Como era possível tudo isso? Onde estava a resposta ou a fonte para uma vida como essa? Segundo Padre Murray, a celebração da Eucaristia era, de fato, um mistério inigualável e belo, vivido por ela não como uma prática religiosa separada do serviço aos pobres. Era clara a sua necessidade, quase desesperada, de ser alimentada pelo “Pão da Vida”.

Na Missa, nós temos Jesus na aparência do pão, enquanto nas favelas eu vejo Cristo no disfarce angustiante dos pobres. A Eucaristia e os pobres são apenas um amor para mim... A Missa é o alimento espiritual que me sustenta. Eu não poderia passar um único dia ou hora em minha vida sem ela.⁴⁸⁶

Seu objetivo era sempre o mesmo: “Meu grande desejo é encontrar qualquer pessoa que não tenha ninguém.”⁴⁸⁷ Assim, se esforçava para levar e anunciar o amor de Cristo a todos! Dessa forma, se tornou e continua sendo uma “fonte de luz neste mundo de escuridão”⁴⁸⁸. E isso era claro e concreto para ela, como se percebe na correspondência dirigida a Malcolm Muggeridge⁴⁸⁹:

⁴⁸² KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 262.

⁴⁸³ MURRAY, P., op. cit., p. 71.

⁴⁸⁴ Ibid., p. 72.

⁴⁸⁵ Ibid.

⁴⁸⁶ Ibid., p. 76.

⁴⁸⁷ MURRAY, P., I loved Jesus in the Night, p. 79.

⁴⁸⁸ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 337.

⁴⁸⁹ **Thomas Malcolm Muggeridge** (Croydon, Surrey, 24 de março de 1903 – Robertsbridge, 14 de novembro de 1990) foi um jornalista, escritor, satirista, soldado-espião e um acadêmico cristão

Cristo deseja ser teu Alimento. Cercado com abundância de Alimento vivo, tu te permites passar fome. – O amor pessoal que Cristo tem por ti é infinito. – A pequena dificuldade que tu tens com relação a Sua Igreja é finita. – Supere o finito com o infinito. Cristo te criou porque Ele te quis. Eu sei o que tu sentes – desejo terrível – com vazio escuro – e ainda assim é Ele o Apaixonado por ti.

Padre Paul também relembra o nome escolhido pela jovem Gonxha. A sua espiritualidade fazia lembrar a espiritualidade da jovem carmelita francesa. A própria Teresinha afirmava algo sobre o paradoxo da presença de Deus, que será vivido pela Madre: “Ele se esconde, está envolto em trevas.” Por isso, a jovem francesa destacava: “Jesus te ama com um amor tão grande que, se tu o visses, estarias em um êxtase de alegria do qual tu morrerias, mas tu não O vês e sofres.” “Quando eu me uni à vida religiosa, eu estava esperando tomar o nome de Teresa conforme Santa Teresa de Lisieux... Eu queria o nome da pequena Teresa, não da grande Teresa.”⁴⁹⁰

A própria S. Teresinha, escrevendo a sua irmã Celina, revela aquilo que, depois, será vivido por Madre Teresa:

Ele [Jesus] faz a si mesmo pobre, de modo que nós podemos fazer caridade a Ele; Ele estende suas mãos para nós como um mendigo que, no dia ensolarado do julgamento, quando aparecer em Sua glória, pronunciará palavras amorosas e nós as ouviremos... Foi o próprio Jesus que pronunciou aquelas palavras, é Ele que quer nosso amor, implora por Ele. Ele se coloca, por assim dizer, à nossa mercê. E a menor coisa é preciosa aos Seus olhos divinos.⁴⁹¹

Na verdade, esse pensamento se tornou como que uma obsessão para Madre Teresa. Para ela, não apenas na Hóstia partida do altar Jesus tem sede do nosso amor e implora por nossa atenção. Também na pessoa que encontramos aflita ou em necessidade, Jesus está com sede, nos aguardando. Dessa maneira, a Madre afirmava que o mistério da sua vida e das suas irmãs se resumia nos cinco dedos da mão: “Vós-o-fizestes-a-mim” (*You-did-it-to-me*).⁴⁹²

O testemunho da Madre revelava um encontro entre a infinita liberdade de Deus e a finita liberdade de uma alma individual. Citando Balthasar, Padre Paul Murray reforça que há uma ativa-passiva prontidão para receber toda Palavra.

Onde essa prontidão é alcançada, Deus pode, se Ele assim escolher, acumular numa pessoa mais do que ela pode humanamente suportar... E essa prontidão

britânico. Em seus últimos anos, ajudou a popularizar Madre Teresa de Calcutá e defendeu a Igreja Católica.

⁴⁹⁰ MURRAY, P., *I loved Jesus in the Night*, p. 82-83.

⁴⁹¹ *Ibid.*, p. 84.

⁴⁹² MURRAY, P., *I loved Jesus in the Night*, p. 85.

para assumir mais do que é humanamente possível conduz diretamente à paixão de Cristo.⁴⁹³

Tudo isso confirma o que Padre Paul afirma, quando apresenta a Madre como uma mulher tomada pelo fogo do amor de Deus, do qual ela se tornou uma chama viva.⁴⁹⁴ E toda essa missão era vivida com um profundo senso de humor, liberdade e alegria.⁴⁹⁵ Nesse processo, ela se mantinha com a consciência de que somos apenas instrumentos da maravilhosa graça de Deus. Por isso, enfatizava que deveríamos sempre agradecer, primeiro, ao Senhor!⁴⁹⁶

Lembre-se de que a paixão de Cristo termina sempre na alegria da Ressurreição, então, quando tu sentires em seu próprio coração o sofrimento de Cristo, lembre-se de que a Ressurreição tem que vir, que a alegria da Páscoa tem que amanhecer. Nunca deixe coisa alguma te encher tanto de tristeza a ponto de te fazer esquecer a alegria do Cristo Ressuscitado.⁴⁹⁷

5.4.

Madre Teresa – Uma rica fonte para a Teologia Contemporânea⁴⁹⁸

Roger W. Nutt, na Introdução da obra *Mother Teresa and the Mystics: Toward a renewal of spiritual theology*⁴⁹⁹, reconhece que a atividade missionária de amor aos pobres, vivida pela madre, não é apenas expressão da sua vida, do seu trabalho, mas um rico conteúdo para exploração teológica que nos ajuda a pensar o misticismo e a renovação da teologia espiritual.⁵⁰⁰

A própria obra central que reúne os escritos privados da Madre (*Come Be My Light*) é, segundo Nutt, um “tópico de profunda intriga teológica e importância oportuna.” Segundo o mesmo autor, como também afirmava Bento XVI⁵⁰¹, nos santos, encontramos os verdadeiros e os melhores intérpretes do

⁴⁹³ Ibid., p. 90.

⁴⁹⁴ Ibid., p. 92.

⁴⁹⁵ Ibid., p. 99-100.

⁴⁹⁶ Ibid., p. 104.

⁴⁹⁷ Ibid., p. 111.

⁴⁹⁸ KOLODIEJCHUK, B., *Mother Teresa*, p. 11-28.

⁴⁹⁹ A obra reúne conferências de um evento realizado nos dias 10 e 11/02/2017, na *Ave Maria University* da Flórida. O objetivo foi explorar a riqueza teológica da vida e do pensamento de Madre Teresa.

⁵⁰⁰ DAUPHINAIS, M; KOLODIEJCHUK, B; NUTT, R. (Orgs.), *Mother Teresa and the Mystics*, p. 2.

⁵⁰¹ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100127.html. Acesso em: 12 abr. 2019.

Evangelho. Ao viverem uma profunda e bela intimidade com Deus, os santos(as) lançam luzes sobre a vida das pessoas, em cada período da história.⁵⁰²

Suas palavras e sua própria vida nos revelam o paradoxo do Cristo sempre presente e, ao mesmo tempo, escondido. Dessa experiência profunda nasce seu trabalho e das suas Irmãs, não como reformadores políticos ou assistentes sociais, pois, como ela enfatizava, o mais importante era uma profunda intimidade com Cristo. Não queria fazer um trabalho meramente social ou algo próprio de partidarismo político. “O trabalho dela era uma forma de vida em união com Cristo... era um serviço para saciar a sede de Cristo.”⁵⁰³

As horas dedicadas por ela à oração e à devoção a Cristo na Eucaristia não serviram como escapatórias fragmentadas à sua ação missionária – elas eram as fontes. Ela compartilhou o amor de Deus pelo mundo com os pobres, primeiro vivendo para Deus em profunda, mas simples intimidade com Cristo. O serviço aos pobres, nos ensinamentos da Madre, é o fruto interior de uma união com Cristo.⁵⁰⁴

Exatamente por isso, como lembra Nutt, Madre Teresa mantinha seu *cartão de visita*⁵⁰⁵, o qual resumia o âmago da sua doutrina. O verdadeiro serviço animado pela caridade cristã nasce de uma vida espiritual anterior. Assim era seu *cartão*: “O fruto do silêncio é a oração; o fruto da oração é a fé; o fruto da fé é o amor; o fruto do amor é o serviço.”⁵⁰⁶

Com isso, fica claro o contributo de Madre Teresa para a reflexão da teologia espiritual e a própria concretização da “chamada universal à santidade, proposta pelo Vaticano II. Dessa maneira, compreendemos que o trabalho da Madre, mesmo na escuridão espiritual em que vivia e, também por causa dela, nos confronta com a verdade básica da tradição mística do Cristianismo, como atualização das palavras do Filho de Deus no alto da Cruz. “... a verdadeira intimidade com Deus – união mística – nessa vida é normalmente envolta em escuridão e acompanhada de sofrimento.”⁵⁰⁷

⁵⁰² DAUPHINAIS, M; KOLODIEJCHUK, B; NUTT, R. (Orgs.), Mother Teresa and the Mystics, p. 2.

⁵⁰³ Ibid., p. 2-3.

⁵⁰⁴ Ibid., p. 3.

⁵⁰⁵ Ibid.

⁵⁰⁶ CALCUTÁ, T., Where there is love, There is God, p. 3. Pe. Brian recorda que, quando Madre Teresa já tinha um alcance internacional, começou a distribuir esse cartão. De um lado estavam escritas essas palavras e, do outro, a assinatura da Madre e a frase: “Deus te abençoe”. Ela própria o chamava de seu “cartão de visita”. Não indicava nem seus dados, nem a Ordem.

⁵⁰⁷ DAUPHINAIS, M; KOLODIEJCHUK, B; NUTT, R. (Orgs.), Mother Teresa and the Mystics, p. 4.

Deus não exulta a criatura humana saciando o ego; Ele nos redimiui do pecado por meio do sofrimento de Seu Filho. O caminho para a vida eterna para cada e qualquer cristão é seguir esse caminho. Nós não seguimos Cristo para evitar o sofrimento e no fim a morte; nós seguimos Cristo para sermos capazes de morrer – para aceitar, enfim, a nossa fraqueza e vulnerabilidade – em união com Deus... Jesus não pregou ou viveu um evangelho de prosperidade financeira ou de honra nesse mundo. Ele nos ensinou que o pecado e suas consequências são reais, mas que se nós vivermos por Ele e não pelas coisas desse mundo, nossos próprios sofrimentos e, no final, a nossa morte serão redimidos.⁵⁰⁸

Com essas palavras, Nutt resume e descreve o itinerário de Madre Teresa, que vivenciou como que uma pobreza espiritual. Sua vida não estava permeada por deleites e consolações. Sua união com Cristo ficou escondida na escuridão. Como expressão dessa realidade, o autor cita Merton, que afirmava: “A maneira de contemplar é uma obscuridade tão obscura que não é nada mais que dramática.”⁵⁰⁹

Da mesma maneira que Cristo, no alto da cruz, Madre Teresa nunca foi uma cética, mas tinha uma vida espiritual avançada. Sua noite escura não era como uma “chama cauterizante, nos primeiros estágios da vida interior”. Era de uma ordem mais pungente e profunda. Tudo isso marcou seu caminho de ascensão mística.⁵¹⁰

As palavras de Metz nos ajudam a entender esse processo. De acordo com sua posição, também a mística bíblica fala de um “abandono do eu” ou uma “morte do eu”. Isso não significa um desaparecimento gradual do eu ou uma crescente dissolução de si mesmo, mas uma interiorização mais profunda, que cresce, no caminho da compaixão, em direção à aliança mística entre Deus e a pessoa, que levará à visão beatífica de Deus (1Cor 15, 28).⁵¹¹

Madre Teresa se torna uma proclamadora das grandes verdades da tradição da mística cristã. “Quanto mais alguém for afastado pela graça de conexões pecaminosas criadas, e até mesmo bens, quanto mais próximo Deus atrai uma alma para Si, mais distante fica-se do mundo tangível e caído.” Recordando Dionísio, Nutt assevera que “se conhece a fé não somente por ensinamentos, mas também através de sofrer coisas divinas”.⁵¹²

⁵⁰⁸ Ibid., p. 5-6.

⁵⁰⁹ Ibid., p. 6.

⁵¹⁰ Ibid., p. 7.

⁵¹¹ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p. 106-107.

⁵¹² DAUPHINAIS, M; KOLODIEJCHUK, B; NUTT, R. (Orgs.), *Mother Teresa and the Mystics*, p. 8.

Dessa maneira, podemos assumir, com Nutt, que a realidade experimentada na “escuridão de Madre Teresa de Calcutá, bem como o grito de Cristo na cruz para o Pai, é um presente para a Igreja, no qual Deus busca nos levar à união com Ele por meio dos segredos e tesouros da vida interior.”⁵¹³

Nesse mesmo sentido, Metz recorda que a “mística cristã das tradições bíblicas é uma mística de busca de uma face, não uma espiritualidade cósmica ou natural, em face do isolamento. Buda medita, Jesus grita”.⁵¹⁴ Para ele, a última viagem de Jesus se conclui com um grito de busca pela face!

Com esse mesmo propósito, apresentado por Roger Nutt, Padre Brian tem o intuito de reconhecer, em Madre Teresa “Uma rica fonte para a Teologia Contemporânea”.

O religioso relembra S. João Paulo II, na NMI (n. 42), quando apresentava o amor como o verdadeiro coração da Igreja. Esse amor se manifesta na “ciência do amor”, vivida pelos santos que são os especialistas no assunto. Os santos vivem a *scientia amoris*, a qual complementa a *scientia fidei* ou do pensamento ou teologia especulativa.⁵¹⁵

Nessa mesma perspectiva, Bento XVI (Catequese de 21/10/2009) relembra que o conhecimento dos santos é uma fonte ou um ponto de referência para a teologia acadêmica. Descrevendo a figura de S. Bernardo, o Pontífice reforça que a busca da pessoa por Deus ocorre mais facilmente por meio da oração, do que por meio da discussão. “No final, a figura mais verdadeira de um teólogo e evangelizador está no Apóstolo João, que repousou sua cabeça no colo do Mestre.”⁵¹⁶

Segundo Padre Brian, podemos considerar os santos como teólogos, especialmente os místicos, os quais se tornam uma fonte importante da teologia. Dessa maneira, podemos reconhecer que Madre Teresa não apenas pode ser considerada uma grande santa do século XX, mas sua escritura a apresenta como uma das grandes místicas da Igreja.⁵¹⁷

A teologia vivida por Madre Teresa se torna uma rica fonte para o pensamento teológico, como percebemos através das palavras e da experiência

⁵¹³ Ibid., p. 9.

⁵¹⁴ METZ, J. B., *Mística de olhos abertos*, p. 106.

⁵¹⁵ KOLODIEJCHUK, B., *Mother Teresa*, p. 12.

⁵¹⁶ Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20091021.html. Acesso em: 12. abr. 2019

⁵¹⁷ KOLODIEJCHUK, B., *Mother Teresa*, p. 12-13.

dela mesma. Seu testemunho revela uma mulher, com santidade e profundidade mística, de grande relevância. Resgatando a afirmação da teóloga Rosemary Haughton⁵¹⁸, o autor enfatiza que Madre Teresa viveu a poesia do amor apaixonado, mesmo que não a tenha expressado em versos.⁵¹⁹

Ao longo de sua vida, a jovem albanesa, se apaixonou por Jesus como seu primeiro e único amor. Depois, decidiu amá-LO como nunca antes havia sido amado. Tudo o que escreveu fez com que compreendêssemos tanto seu amor apaixonado por Jesus, como seu intenso sofrimento interior ao longo de décadas. Dessa maneira, o postulador da causa de canonização da Madre enfatiza que a frase que poderia defini-la é: "ela foi uma mulher que amava Jesus apaixonadamente."⁵²⁰

Relembrando Susan Pritchford⁵²¹, o autor descreve que Madre Teresa viveu as duas faces da paixão: por um lado, um desejo forte e, por outro, o sofrimento. Essa paixão foi vivida pela Madre, já durante seu chamado vocacional. Seu chamado brota do encontro interior com o amor de Cristo, que a fez dar um passo para se tornar a “esposa de Jesus crucificado”.⁵²²

Três graças especiais manifestam a escolha feita por Madre Teresa e sua resposta ao chamado de Jesus. A primeira: o Coração de Jesus foi seu primeiro amor desde a infância; segunda: desde sua Primeira Comunhão, o amor pelas almas a acompanha; terceira: da mesma maneira que seu diretor, o desejo pelo martírio a acompanhou.⁵²³

Além da formação cristã recebida no seio da sua família, Madre Teresa, como jovem de Loreto, continuou aumentando sua união com Deus e passando pelas noites passivas e ativas de sentido, como descreve S. João da Cruz.

Não pense que a minha vida espiritual seja um mar de rosas – essa é uma flor que eu raramente encontro no meu caminho... Mas estou feliz – sim, mais feliz do que nunca.. Ah não – estou rindo mais do que estou sofrendo – de tal forma que se pode concluir que sou a noiva mimada de Jesus, que vive com Jesus em Nazaré – bem longe do Calvário... reze, reze muito por mim – eu realmente preciso do Seu amor.⁵²⁴

⁵¹⁸ “A poesia do amor apaixonado é a linguagem precisa da teologia”. (The Passionate God)

⁵¹⁹ KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 13.

⁵²⁰ Ibid.

⁵²¹ *God in the Dark: Suffering and Desire in the Spritual Life.*

⁵²² KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 14.

⁵²³ Ibid., p. 15.

⁵²⁴ KOLODIEJCHUK, B., Mother Teresa, p. 16.

O seu caminhar espiritual chega ao ápice em 1942, quando fez seu voto privado de não recusar nada a Deus. Johannes Tauler descreve dessa forma: “Então somos abandonados num caminho no qual não possuímos qualquer consciência da presença de Deus, e caímos numa angústia tão grande que não mais sabemos se estamos no caminho certo, nem mesmo sequer se Deus existe.”⁵²⁵

O voto privado da Madre deu origem ao “chamado dentro do chamado” em 1946. Foi um período de muitas locuções e visões, até mesmo de êxtase. Seu diretor destacava que foi uma experiência contínua, profunda e violenta de união com Deus. Assim, ela experimentava a união com Jesus, como um estado contemplativo da oração. É o estágio de consolação ou alegria, mas também de “aridez da ânsia por momentos de uma união ainda maior”.⁵²⁶

Padre Brian recorda as palavras do teólogo dominicano, Padre Garrigou-Lagrange, que iluminam o que foi vivido por Madre Teresa que, ao mesmo tempo em que vivia a união com Jesus, não experimentava essa união.

As vidas de alguns grandes servos de Deus especialmente dedicadas à reparação, à imolação para salvação de almas ou ao apostolado, por meio do sofrimento interior, ocorrem de tal forma que há o prolongamento da noite do espírito, mesmo após a entrada na transformação unitiva. Nesses casos, o desafio não seria mais principalmente purificador, seria acima de tudo reparador...

Para ela, viver essa vida não era fácil. Contudo, depois de um tempo, passa a aceitar sua escuridão e reconhece que a sede de Jesus é o elemento unificador de sua vocação e carisma religioso, sua espiritualidade e missão. “Estar apaixonada e ainda assim não amar, viver pela fé e ainda assim não acreditar, entregar-me e ainda assim viver na escuridão total...”⁵²⁷

Ao lidar com várias consequências da pobreza e com a própria, ela enfatizava que a maior das pobreza do mundo era a interior. Com isso, se identificava com os mais pobres dos pobres. “A situação física dos meus pobres escancara nas ruas os indesejados, os não amados e os não chamados. Eles são o verdadeiro retrato da minha própria vida espiritual, do meu amor por Jesus.”⁵²⁸

Segundo Pe. Brian, no seu amor pelos pobres, ela desejava se unir a eles de uma forma que fossem uma só coisa e, de tal modo, que estava disposta a

⁵²⁵ Ibid.

⁵²⁶ Ibid., p. 17.

⁵²⁷ Ibid., 19-20.

⁵²⁸ KOLODIEJCHUK, B., Mother Teresa, p. 22-23.

sofrer no lugar deles. O seu biógrafo afirma que o desejo da Madre se realizou num modo místico e concreto. O que ela sentia e vivia, na sua vida espiritual, fazia com que se sentisse como seus pobres. “Acolher esta agonia era um modo heroico de amar os pobres até que isso doesse.”⁵²⁹

Um princípio católico fundamental é que, na Redenção, Jesus nos substitui, toma o nosso lugar, compartilhando e sofrendo a nossa separação de Deus, trágico resultado do pecado original e dos nossos pecados. Madre Teresa entendeu que, unida a Jesus, compartilhando de Seu amor redentor, nós podemos nos colocar no lugar dos outros, sofrer pelos outros e obter graças pelos outros.⁵³⁰

A experiência da Madre manifestava uma verdadeira “união inquebrável”. Mesmo sem sentir, sua vivência da fé, esperança e caridade foi extraordinária. Apesar de não sentir o mesmo que as Irmãs, ela perseverava e permanecia sorrindo, como se nada estivesse acontecendo. Recordando as palavras de Cantalamessa, entendemos a vida de Madre Teresa:

Seria um grave erro pensar que, nas vidas dessas pessoas existe apenas sofrimento sombrio. No âmago de suas almas, eles desfrutavam de uma paz e alegria que são desconhecidas ao resto da humanidade, a qual brota de uma certeza – mais forte neles do que suas dívidas – de que eles estão vivendo de acordo com a vontade de Deus... A alegria e serenidade que irradiavam da face de Madre Teresa não era uma máscara, ao invés disso era o reflexo da profunda união com Deus experimentada por sua alma.⁵³¹

De fato, Madre Teresa tem muito a compartilhar com a ciência teológica da academia. Seu testemunho está entre os grandes místicos cristãos, os quais sofreram longos períodos de abandono. De forma amável e voluntária, ela compartilhou a ausência de Deus. Por conta do seu amor a Jesus e aos pobres, sofreu um verdadeiro “martírio místico”, como expressão da dor de não experimentar o amor de Deus, sentir-se indesejada e menosprezada por Ele. Sua grande agonia foi a falta de consolação interior.⁵³²

Santa Teresa de Calcutá viveu a dupla realidade da Paixão de Cristo por meio de uma intensa ânsia de amar e ser amada por Jesus e sofrer em união a Jesus devido a essa ânsia. Como um convincente e contemporâneo exemplo de uma mística e expert na “Ciência do amor”, eu acredito que ela seja uma rica fonte para os teólogos de hoje em dia.⁵³³

5.5. Cristologia existencial da Santa de Calcutá

⁵²⁹ CALCUTÁ, T., Where is love, There is God, p. 148.

⁵³⁰ KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 23.

⁵³¹ Ibid, p. 26.

⁵³² Ibid, p. 27-28.

⁵³³ KOLODIEJCHUK, B., Mother Teresa, p. 28.

“Prestemos honra a esta *pequena mulher apaixonada por Deus*, humilde mensageira do Evangelho e infatigável benfeitora da nossa época. Aceitemos a sua mensagem e sigamos o seu exemplo.”⁵³⁴ As palavras do Papa João Paulo II, durante a Homilia da Missa de Beatificação de Madre Teresa, nos ajudam a contemplar o que essa “grande mulher” nos ofereceu e continua nos oferecendo!

De fato, apesar de toda sua simplicidade, não podemos desprezar o que temos diante dos nossos olhos. Essa “benfeitora” não apenas contribuiu com o seu tempo e com os seus contemporâneos, mas permanece sendo luz no nosso caminho. Queremos e, de fato, aceitamos a sua mensagem e seu exemplo não apenas como uma grande mística e santa, mas como uma teóloga, que pode contribuir com a nossa reflexão teológica do século XXI, no início do Terceiro Milênio.

Toda sua vida e, sobretudo seus escritos têm como base a profundidade da intimidade de sua relação com Deus. De fato, era uma mulher apaixonada por Ele e que sabia que também era amada, mesmo quando não sentia. Sua resposta seria uma só: AMAR!⁵³⁵ Dessa maneira, sua relação com Jesus foi se intensificando, ao longo da sua vida, e fazendo com que, dessa relação, nascesse uma santa mística com uma grande reflexão com clara incidência na sua vida e na dos que a rodeavam.

Sua proximidade relacional com a Pessoa de Jesus fez com que ela compartilhasse sua Paixão com os pobres destinatários do seu chamado. Por conta dessa união, Madre Teresa foi aprofundando a consciência do significado do grito sedento de Jesus na Cruz. Contudo, ela própria fez, em “primeira mão”, a mesma experiência de Jesus, fazendo-se compassiva com os necessitados. Com isso, “em meio a sua escuridão pessoal, era a luz e o amor do Próprio Jesus o que dela irradiava e era isso que tinha um enorme impacto sobre os outros.”⁵³⁶

Durante toda a sua vida, ela não fez outra coisa senão conduzir a Jesus qualquer pessoa que encontrasse. Essa dinâmica vital se deu porque antes ela foi encontrada por Ele. Com isso, corria para estar com Ele e levar todos a experimentarem esse encontro de luz. Tudo isso só foi possível por conta de tudo o que a Madre viveu. Nessa peregrinação da fé, encontramos o fruto dessa

⁵³⁴ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2003/documents/hf_jp-ii_hom_20031019_mother-teresa.html. Acesso em 13/04/2019. *Grifo do próprio Papa.*

⁵³⁵ KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 337.

⁵³⁶ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 338.

relação: seu pensamento expresso nos escritos e na vida. É daí que podemos falar de uma verdadeira cristologia que nasce, como vimos com Rahner, da relação da Madre com Jesus ou, melhor dizendo, a própria relação já é a cristologia existencial da santa de Calcutá.

A sua sede por Jesus a impelia a procurar ajuda a fim de crescer em uma ‘profunda união pessoal do coração humano com o coração de Cristo... Jesus foi o primeiro amor de Madre Teresa e o seu único amor, em uma relação que foi se tornando mais intensa em cada período de sua vida. Seu coração seria atraído com singular intensidade para o coração de Cristo até o dia de sua morte. Uma das melhores descrições de Madre Teresa a apresenta como uma mulher ‘totalmente, apaixonadamente, loucamente enamorada de Jesus’.⁵³⁷

Pensar a relação que Madre Teresa teve com Jesus, sua cristologia existencial, não pode se restringir a um período histórico ou a fatos específicos. Na verdade, toda a sua vida não foi outra coisa a não ser uma verdadeira história de amor entre ela e Aquele que ela mesma considera seu Amado ou, na dinâmica própria da vida religiosa, seu Esposo Crucificado. O conselho de sua mãe, na despedida da filha querida, se tornou uma máxima de todos os dias da sua vida: “segure a mão Dele [Jesus] e caminhe sozinha com Ele. Siga em frente porque, se olhar para trás, irá voltar.”⁵³⁸

Com isso, seu desejo era um só: sair e dar a vida de Cristo às pessoas necessitadas. O exemplo de entrega de Jesus se tornava seu próprio motivo de ir em frente. Dessa maneira, todo sofrimento era abraçado por ela de forma que vivesse, com Jesus, na dinâmica do amor e da entrega. Dessa maneira, sua decisão foi: prometer a Jesus que nada seria recusado a Ele! Foi seu “voto privado”!

Agora, foi o encontro com Jesus, em 1946, numa viagem de trem que se tornou o centro de toda a vida dessa jovem apaixonada por Jesus. Foi, como ela descreve, “o chamado dentro do chamado”. Com isso, sua relação se tornou pessoal, profunda e original! Jesus se tornava Alguém perto e com quem ela falava diretamente. Sua “nova vocação” nascia, claramente, dessa intimidade com Jesus.

Como lembra o Pe. Brian, todo o foco da Madre “era unicamente Jesus: Ele era a razão para seu futuro apostolado, o modelo da sua caridade, o padrão do seu novo estilo de vida, a garantia do seu sucesso; ele era o seu ‘Tudo’”.⁵³⁹ Com isso, seu anseio era: levar a luz de Cristo! Sua carta, destinada à Madre Geral de

⁵³⁷ Ibid., p. 263-264.

⁵³⁸ Ibid., p. 25.

⁵³⁹ KOŁODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 85.

Loreto, dava a tônica do passo a ser dado para sempre para não falar da influência de Inácio de Loyola na sua vida: “Agora, querida Madre Geral, desejo executar o plano da melhor forma, para a glória do Seu nome. Dirijo-me à senhora, para que me ajude a cumprir a sua santa Vontade em relação a mim.”⁵⁴⁰

Para qualquer outra pessoa, toda essa jornada poderia ter sido muito diferente e prazerosa. Contudo, com a Madre não foi assim! Desde o início da Obra, sua alma permanecia em escuridão e desolação profundas. Apesar disso, abria mão da consolação do sentir-se unida a Jesus, para viver o desafio da fé! Mesmo sentindo a solidão, permanecia querendo ser a “esposa de Jesus Crucificado”. Com isso, a mesma pode ser luz para os outros, a começar pelas próprias Irmãs:

Quando for muito difícil para você – apenas esconda-se no Sagrado Coração – onde o meu coração com o seu encontrarão toda a força e o amor. Você quer sofrer em puro amor – diga antes, no amor que Ele escolher para você – Precisa ser uma “hóstia imaculada”.⁵⁴¹

Sua relação com Jesus não beneficiava apenas a si mesma e a suas Irmãs, mas a seus doentes e sofredores, considerados seus colaboradores. Para ela, seguindo o princípio paulino (Cl 1, 24), todos eles deveriam estar agradecidos: as Irmãs pelo trabalho e os doentes pelo sofrimento. Todos completam, uns nos outros, o que falta a Cristo. Tudo isso fica claro na sua correspondência, que revela não apenas uma beleza poética, mas uma profundidade teológica digna de nota:

Que bela vocação é a nossa, sermos portadores do amor de Cristo nas favelas. – A vida de sacrifício de vocês é o cálice, ou melhor, os nossos votos são o cálice e o sofrimento de vocês e o nosso trabalho são o vinho – a hóstia imaculada. Ficamos juntos segurando o mesmo cálice e assim, com os anjos em adoração, saciamos a Sua Sede ardente de almas.⁵⁴²

Seu conselho era que cada sofredor se tornasse uma “vítima alegre”, sorrindo para Jesus. Elas os considerava seus! Todo esse sofrimento era ofertado por ela a Deus! Assim, ela os definia como “nossa casa do tesouro – a central elétrica das MC.” Obviamente, a Madre não fazia essa leitura num prisma masoquista, como chegou a ser acusada.⁵⁴³

Ao contrário, desejava aliviar todo tipo de dor que encontrava, mas ajudava os sofredores a viverem suas dores na dinâmica de Jesus Crucificado.

⁵⁴⁰ Ibid., p. 116.

⁵⁴¹ Ibid., p. 164.

⁵⁴² KOŁODIEJCHUK, B., Madre Teresa, Venha, p. 169.

⁵⁴³ Ibid., p. 170.

Era claro, para ela, o desejo de Cristo por uma semelhança íntima com Ele. Madre Teresa não gostava do sofrimento em si; na verdade, achava-o quase insuportável. Mas apreciava a oportunidade que assim lhe era concedida de estar unida a Jesus na Cruz e de demonstrar o amor que tinha por Ele.⁵⁴⁴

“Ame a Jesus – viva com Jesus para poder viver para Jesus.”⁵⁴⁵ Quase que comentando S. Paulo (Fl 1, 21), Madre Teresa reforça o sentido da sua vida e a força com a qual enfrenta os desafios da experiência da desolação. Contudo, essa relação não era tão simples e gratificante. Parecia um certo combate, um processo de purificação, como pensam alguns comentadores da espiritualidade: “Ele está destruindo tudo em mim... Ele tem liberdade para fazer seja o que for. Reze por mim, para que eu continue sorrindo para Ele.”⁵⁴⁶

Nessa dinâmica relacional, sua meta de santidade crescia sempre mais! E a manifestação era sempre a de uma santidade marcada pela vida de Jesus. “Quero ser uma santa de acordo com o Seu Coração manso e humilde, conseqüentemente, nestas duas virtudes de Jesus vou tentar dar o meu melhor.” Daí, nascia um segundo desejo: ser uma “apóstola da Alegria – consolar o Sagrado Coração de Jesus através da alegria.”⁵⁴⁷ E, sem dúvida, vemos o seu empenho em cumprir esse divino propósito!

Mesmo na escuridão, ela permanecia firme e só manifestava o que havia em seu interior para pouquíssimas pessoas: os padres e bispos que a aconselhavam. E assim, permanecia encarnando, na sua vida, a fé, a esperança e a caridade. Era, sem dúvida, um sinal de uma fé inabalável, que não tinha nada de sentimentalismo imaturo e superficial.⁵⁴⁸

Nosso Senhor achou melhor que eu me mantivesse no túnel – e, aí, voltou a desaparecer – deixando-me sozinha. – Sinto-me muito grata pelo mês de amor que me deu. Por favor, peça a Nossa Senhora que me mantenha perto Dela para que eu não perca o caminho nesta escuridão.⁵⁴⁹

Padre Brian recorda que a Madre acolhia o convite de Jesus para imprimir a Sua Paixão em seu coração. Assim, ela dava a impressão de que sua relação com

⁵⁴⁴ Ibid., p. 184.

⁵⁴⁵ Ibid., p. 176.

⁵⁴⁶ Ibid., p. 178.

⁵⁴⁷ Ibid., p. 180.

⁵⁴⁸ O caminho espiritual vivido pela Madre e proposto por ela, a quem a ouvia, se encontra com aquilo que García Rubio propõe, quando diz: “algo da maturidade humana é necessário para viver a experiência do Deus cristão”. (RUBIO, A. G. **A caminho da maturidade na experiência de Deus**: Um ensaio de cristologia para nossos dias. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 5.)

⁵⁴⁹ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 186.

Ele, mesmo na solidão e escuridão, a enchia de consolação. Na verdade, essa dinâmica relacional era sustentada pela graça, por sua determinada determinação e sua força de caráter quase que inabalável. Assim, podia vencer a si mesma e viver a alegria que não sentia, mas surgia da sua fé!⁵⁵⁰

Obedecendo ao seu diretor espiritual (Padre Picachy), redigiu uma carta, dirigida a Jesus, em 03/09/1959. Quase treze anos depois do “encontro do trem”! A carta é marcada pela sinceridade, pela fé e pelo drama que esta mulher estava vivendo e, por isso, ela é direta e clara, como lhe haviam pedido:

Meu Jesus, desde a minha infância que me chamaste e me guardaste para ser Tua – e agora quando ambos tomamos a mesma estrada – agora Jesus – eu vou no sentido errado. Dizem que as pessoas no inferno⁵⁵¹ sofrem uma dor eterna devido à perda de Deus – que passariam por todo esse sofrimento se apenas tivessem uma pequena esperança de possuir a Deus. – Na minha alma sinto justamente essa dor terrível de perda – de Deus não me querer – de Deus não ser Deus – de Deus não existir realmente (Jesus, por favor, perdoa as minhas blasfêmias – disseram que escrevesse tudo)... No meu coração não há fé – nem amor – nem confiança – há tanta dor – a dor do anseio, a dor de não ser querida. – Quero a Deus com toda a força da minha alma – porém, aí entre nós – há esta separação terrível... Me consumo – mas estou mais do que convencida de que a obra não é minha. Não duvido de que foste Tu que me chamaste, com tanto amor e tanta força. – Foste Tu – eu sei. É por isso que a obra é Tua e és Tu inclusive agora. Mas não tenho fé – não acredito. – Jesus, não permitas que a minha alma seja enganada – não permitas que eu engane a ninguém.... A Tua pequenina.⁵⁵²

Para Thomas Moore, a vida e as palavras de Madre Teresa nos oferecem a alma da religião e, ao mesmo tempo, nos ajudam a superar a ideia de religião como atividade meramente espiritual. A fé da Madre estava sempre unida à compaixão e esta jamais esteve separada do seu comportamento.⁵⁵³ O fruto de tudo isso, além do mais, nunca foi uma espiritualidade alienante ou desencarnada.⁵⁵⁴ Por isso, enfatizava, pedindo o auxílio do Padre Picachy, para que, na Congregação, as Irmãs vivessem uma dinâmica de doação da vida integral a todos os necessitados.

⁵⁵⁰ Ibid., p. 197.

⁵⁵¹ “No seu livro *Eschatology*, o futuro Papa Bento XVI pontua quanto, na história recente da santidade, o Inferno ganhou de novos significados e forma. Para os santos, o Inferno não é uma ameaça a ser feita às outras pessoas, mas um desafio pessoal. E esse desafio é sofrer na noite escura da fé, experimentando a comunhão com Cristo, em solidariedade com sua descendência na Noite... O Inferno é tão real que alcança a existência dos santos. A esperança pode superá-lo, mas somente quando se compartilha o sofrimento da noite infernal ao lado daquele que veio para transformar a nossa noite por meio do sofrimento.” (KOLODIEJCHUK, B., Mother Teresa, p. 27).

⁵⁵² KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 200-202.

⁵⁵³ CALCUTÁ, T., Amor maior não há, p. 13.

⁵⁵⁴ Nesse mesmo sentido, o Papa Francisco, combatendo o gnosticismo atual, destaca o que os seus seguidores defendem quando “concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada em uma enciclopédia de abstrações.” (GE 37).

... Usemos a nossa energia em fazer penitência – em jejuar etc. pelos nossos pecados – mas, em vez disso, em nos consumirmos dando Cristo aos Pobres e para isso precisamos de Irmãs fortes de corpo e mente. Se Deus enviar a doença – é coisa d’Ele – mas não me parece que tenhamos [o] direito de estragar a nossa saúde – e de nos sentirmos miseráveis por causa da fraqueza na hora em que chegarmos aos pobres. – É melhor comermos bem e termos muita energia para sorrirmos bem aos pobres e trabalharmos por eles.⁵⁵⁵

Logo após a experiência do trem, Madre Teresa relata uma outra, de forte consolação, depois de transferida para Asansol (1947): “... e ali foi como se Nosso Senhor tivesse Se entregado a mim – por inteiro. A doçura, a consolação e a união daqueles 6 meses – passaram depressa demais.”⁵⁵⁶ Foi algo forte, marcante e duradouro até chegar a escuridão, acompanhada da solidão!

Uma de suas Irmãs mais antigas revela que uma das forças, senão a principal, na vida e missão da Madre era a recepção da Eucaristia. Nesse sentido, Cristina Siccardi enfatiza que a Madre tinha uma espiritualidade cristocêntrica e eucarística, que era acompanhada de fé, esperança, caridade e uma indiscutível coragem.⁵⁵⁷ Ela a recebia diariamente e até duas, se possível, num dia e dizia: “Que bonito é receber Jesus duas vezes ao dia.” Longe de parecer, apenas um gesto de piedade eucarística, revelava o seu amor por Jesus e sua fé na presença real. Tudo isso revelava sua fé profunda e, por isso, manifestava sua adoração.⁵⁵⁸

A dor da escuridão foi sendo, para ela, uma forma de identificação a quem servia, os pobres. Para o Padre Brian, ela “estava sendo atraída para a profunda dor que eles experimentavam, por se sentirem indesejados e rejeitados e, acima de tudo, por viverem sem fé em Deus.” Da mesma maneira, o Padre Neuner defendia que sua escuridão era, na verdade, o elo misterioso que a unia a Jesus. Para este, que foi um de seus conselheiros, a “experiência redentora da sua vida foi ter compreendido que a noite que vivia no seu coração era uma maneira especial de partilhar a paixão de Jesus.”⁵⁵⁹

Apesar do próprio Padre Neuner a orientar sobre a “noite escura” descrita por S. João da Cruz, Madre Teresa não conseguia tirar proveito dos livros do místico espanhol. Apesar de perceber sofrimentos parecidos com os descritos pelo carmelita, dentro desse processo da vida espiritual, orientada pelo seu diretor, ela

⁵⁵⁵ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 213.

⁵⁵⁶ Ibid., p. 219.

⁵⁵⁷ SICCARDI, C., Madre Teresa, p. 8.

⁵⁵⁸ KOLODIEJCHUK, B., op. cit., p. 220.

⁵⁵⁹ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 223.

percebia que o propósito da sua experiência não era o mesmo que descrevia S. João. Era uma “noite escura” diferente!⁵⁶⁰

Minhas queridas filhas – sem o nosso sofrimento, o nosso trabalho seria apenas um trabalho social, muito bom e muito útil, mas não seria a obra de Jesus Cristo, nem parte da redenção. – Jesus quis nos ajudar, compartilhando a nossa vida, a nossa solidão, a nossa agonia e a nossa morte. Tudo isso tomou sobre Si mesmo, e o carregou na noite mais escura. Só sendo “um” conosco é que Ele nos redimiu. Nós podemos fazer a mesma coisa.⁵⁶¹

O seu amor a Jesus era manifestado pelo seu profundo amor aos pobres, aos quais se identificava radicalmente. Tudo aquilo que era vivido por eles formava o que ela descrevia como o quadro da sua vida espiritual. Acontece uma relação tripartida: Jesus – o pobre – a Madre!⁵⁶² Por isso, pode se expressar dessa maneira: “Há três dias recolhemos da rua duas pessoas sendo comidas vivas por vermes. Tinham a agonia da Cruz no rosto. – Que terrível a pobreza é, quando não se é amado.”⁵⁶³

Para ela, o “primeiro artigo do credo” dos seus pobres era a evidência do terno amor de Deus por cada um deles.⁵⁶⁴

Acolhamos o convite do Papa Francisco, na conclusão da Homilia de Canonização da Madre, e não desperdicemos esse dom dado pelo Espírito, à Igreja e ao mundo, nesse tempo:

Que esta incansável agente de misericórdia nos ajude a entender mais e mais que o nosso único critério de ação é o amor gratuito, livre de qualquer ideologia e de qualquer vínculo e que é derramado sobre todos sem distinção de língua, cultura, raça ou religião. Madre Teresa gostava de dizer: “Talvez não fale a língua deles, mas posso sorrir”. Levemos no coração o seu sorriso e o ofereçamos a quem encontremos no nosso caminho, especialmente àqueles que sofrem. Assim abriremos horizontes de alegria e de esperança numa humanidade tão desesperançada e necessitada de compreensão e ternura.⁵⁶⁵

⁵⁶⁰ Ibid., p. 225.

⁵⁶¹ Ibid., p. 227.

⁵⁶² Ibid., p. 239.

⁵⁶³ Ibid., p. 259.

⁵⁶⁴ Ibid., p. 260.

⁵⁶⁵ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160904_omelia-canonizzazione-madre-teresa.html. Acesso em: 13 abr. 2019.

6

Luzes da Cristologia Existencial

“... Se aprende para viver: teologia e santidade são um binômio inseparável.”⁵⁶⁶

Chegamos ao último momento da nossa pesquisa, que nos colocou diante de dois grandes místicos que, por sua riqueza de vida e pensamento, nunca poderão ser esgotados. Nesta última etapa da nossa jornada, nos propomos a colocar Rahner e Madre Teresa em diálogo mais próximo e colhermos o quanto eles podem nos ajudar a fazer “teologia de joelhos”.

⁵⁶⁶ GE 45.

Nosso último capítulo visa refletir, de modo comparativo, o contributo teológico do teólogo alemão e da Santa de Calcutá que ilumina a reflexão teológica. Contemplaremos as luzes que esses dois grandes místicos nos oferecem, no hoje da nossa vida, de tal maneira que possamos aprofundar a ciência teológica, de modo que esta tenha, sempre mais, uma profunda incidência na nossa vida ordinária.

A teologia do Papa Francisco será nosso pano de fundo e, ao mesmo tempo, a via de síntese e de concretização do contributo dos nossos dois autores, como uma proposta para rever e retomar nossa caminhada, como discípulos de Jesus Cristo.

6.1. Um encontro pessoal com Jesus Cristo

“Então, perguntou-lhes Jesus: ‘E vós, quem dizeis que eu sou?’.” (Mc 8, 29)

A introdução do livro de Garcia Rubio, *O encontro com Jesus Cristo vivo*, nos apresenta não apenas seu intuito, mas o que cremos como proposta de toda a verdadeira cristologia. Esta precisa ser expressão e instrumento de um

Encontro vivo da comunidade eclesial e de cada cristão com a palavra, com os gestos, atitudes e opções, com a vida toda de Jesus Cristo, com a existência de um homem encantador como ser humano, que foi, ao mesmo tempo, a assombrosa revelação de um Deus extremamente desconcertante e cativante.⁵⁶⁷

Com o mesmo objetivo, Pagola defende a necessidade de voltar a Jesus. Este precisa sempre estar no centro do cristianismo. Por isso, se faz necessário despertar nossa paixão pela fidelidade a Jesus. Segundo o teólogo espanhol, não podemos reduzir Jesus a uma “sublime abstração”. Para ele, o caminho é um contato vivo com Jesus, de forma que O conheçamos e nos sintonizemos vitalmente com Ele. O teólogo nos lembra que, hoje, não podemos viver motivados por um conjunto de verdades sobre Cristo. “Não quero crer num Cristo sem carne.”⁵⁶⁸

Numa bela e profunda catequese sobre o hino cristológico da Carta aos Filipenses, Bento XVI nos indica o mesmo caminho proposto pelos teólogos que acabamos de ver, e nos oferece uma síntese do que encontraremos na cristologia dos nossos dois místicos. O Papa nos convida a fixarmos, em oração, nosso olhar

⁵⁶⁷ RUBIO, A. G. **O encontro com Jesus Cristo vivo**: Um ensaio de cristologia para nossos dias. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 3.

⁵⁶⁸ PAGOLA, J. A. **Jesus**: Aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 566.

no crucifixo, de modo que o amor de Deus entre em nossa vida. Segundo o pontífice, foi esse o meio que o apóstolo Paulo utilizou para enfrentar o risco iminente do seu martírio. Nunca afastar o olhar de Cristo é o caminho para nossa vida, de modo a que cheguemos a conformar nossa vida com a d'Ele.⁵⁶⁹

Quando lemos os escritos cristológicos de Rahner percebemos, com clareza, a marca da espiritualidade jesuíta e, ao mesmo tempo, uma incidência clara na antropologia. Em Rahner, cristologia e antropologia estão em estreita relação. O teólogo reforça a necessidade de uma reflexão que não seja restrita a um campo dogmático, mas toque a vida concreta de cada um. É claro que estamos diante de um grande cristão, marcado por Santo Inácio, e que viveu seu sacerdócio como expressão da sua profunda fé.

As palavras orantes de Rahner expressam uma profundidade teológica acompanhada por uma profundidade de intimidade pessoal. Suas palavras revelam uma pessoa que viveu uma profunda comunhão com Jesus:

Laço de Amor, Símbolo de União. Em Ti, me deixa ser unido a todos que Tu queres que eu ame. Faça com que, cada vez mais, pertençamos a Ti. Assim também ficaremos cada vez mais unidos em amor entre nós por Ti, Sacramento do amor verdadeiro e da Comunidade.⁵⁷⁰

Diante de Jesus, o teólogo alemão se vê frente a Alguém próximo que toca, profundamente, sua vida. O Cristo crucificado se torna fonte de vida para ele e para qualquer crente. A cruz de cada dia passa a ser assumida como participação no destino do Mestre, e caminho para a eterna Luz pascal. Ele sempre nos oferece a graça de permanecermos crentes e corajosos, procurando a Sua vida eterna. Nesse caminho, Rahner deseja, um dia, diante da face do Senhor, sem véus, vê-IO, adorá-IO, bem como o Pai e o Espírito.⁵⁷¹

Numa homilia, no segundo domingo depois de Pentecostes, comentando Lc 14, 16-24; Jo 6, 53-56, Rahner reforça que o mesmo Jesus, sentado à direita do Pai, está próximo de nós. Não precisamos buscá-IO longe de nós, pois O temos aqui: é possível vê-Lo, tocá-IO e recebê-IO corporalmente. E o teólogo nos consola, quando diz que mesmo que sintamos estar longe do Senhor, ou pensamos nessa realidade, devemos, pelo menos, recebê-IO corporalmente.⁵⁷²

⁵⁶⁹ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20120627.html

⁵⁷⁰ RAHNER, K., *Gebete des Lebens*, p. 57-58.

⁵⁷¹ RAHNER, K., *Gebete des Lebens*, p. 58.

⁵⁷² Id., **Homiliário Bíblico**. Barcelona: Herder, 1970, p. 54 (Tradução nossa).

Diante de Jesus, Rahner propõe que nos aproximemos d’Ele com a consciência de nossa pobreza, como pobres, famintos, mendigos, mutilados, coxos e cegos, para contemplarmos Sua glória. Ao recebermos Seu Corpo, Ele infunde em nós Sua graça e Sua força, Sua luz e Sua vida. Dessa forma, recebemos a Sua vida eterna. Precisamos d’Ele, porque veio até nós e porque somos pobres e vazios. Assim, cabe a nós dar a Ele o que é nosso!⁵⁷³

Eu creio que podemos confiar sempre n’Ele – seja qual for nossa disposição de ânimo – e aproximamos deste banquete da vida eterna, porque Ele está onde nós estamos, e nós não temos que temer que esteja longe de nós, porque Ele nos deu Seu corpo e Seu sangue, a vida eterna.⁵⁷⁴

A união da pessoa com Jesus, segundo Rahner, vai se desenvolvendo e dando frutos e trazendo consequências para a mesma. O nível de comunhão é profundo, gerando como que uma fusão que não anula as duas pessoas: Jesus e a pessoa que crê. De fato, o fruto é chegar a dizer, como Paulo: “Não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim.” (Gl 2, 20)

A comunhão com Jesus desemboca no encontro definitivo com Ele! O “dia de Cristo”, como chama Rahner, acontecerá quando Ele vier a nós, pela nossa morte ou por Sua segunda vinda. Nesse momento, precisamos manifestar que, de fato, ao longo da nossa vida, quem operou não fomos nós mesmos, mas o próprio Jesus, para glória e louvor de Deus.⁵⁷⁵

Jesus se torna o centro da vida de quem crê! Rahner reforça que Jesus se torna o centro da nossa existência e se, desse centro, nascem nossos pedidos e desejos, tudo se resume e se concentra n’Ele e no Seu Espírito. Dessa maneira, o Pai nos escuta! “Ele está em nós, pela fé, pela caridade, pela graça e pelo Seu Espírito...”⁵⁷⁶

Com isso, nossa oração assume a dinâmica do clamor que Jesus dirige ao Pai, no alto da cruz (Lc 23, 46). A súplica de Jesus se dirige ao Pai, confiando e esperando Seu retorno a esse mesmo Pai. Esta volta é garantia do envio do Espírito. Assim, recorda Rahner que esse Espírito é a presença de Deus em nós. Ele mesmo pede a Deus por nós mesmos, a fim de que nossa oração seja escutada e, desse modo, a alegria se cumpra na nossa vida!⁵⁷⁷

⁵⁷³ RAHNER, K. op. cit., p. 55.

⁵⁷⁴ Ibid.

⁵⁷⁵ Ibid., p. 144.

⁵⁷⁶ RAHNER, K., Gebete des Lebens, p. 89.

⁵⁷⁷ Id., Homiliario Bíblico, p. 91.

O nível de comunhão com Jesus é garantia de que não temos a verdade, mas estamos nela. Esse estar na verdade nos possibilita ouvir a voz de Cristo (Jo 18, 37). Nesse processo, nos tornamos testemunhas de Cristo e membros do Seu reino. Por isso, Cristo sempre nos atrai a Ele, dissipando as trevas que habitam em nós; põe em nós a Sua verdade e nos possibilita esperar, contra toda esperança, na confiança de que Sua vitória se realize ao ser levantado na cruz.⁵⁷⁸

O Senhor está sempre perto de nós, mas precisamos nos perguntar se estamos também próximos d'Ele.⁵⁷⁹ Dessa maneira, para Rahner, Deus será glorificado por meio de Jesus, que vive em nós. Em Jesus, nós vivemos e morremos! Ele nos dá Sua força! Assim, em tudo o que vivemos, pensamos, fazemos, sofremos, glorificaremos ao Pai, por meio do Filho, no qual e pelo qual ofertamos nossa vida!⁵⁸⁰

É claro, para Rahner, a presença de Cristo, como Palavra eterna do Pai e homem verdadeiro. Ele chega a definir Jesus como o sacramento do serviço da divina majestade, sacramento da vida sobrenatural nas pessoas e sacramento da vitória, contra todo pecado. O nível de comunhão entre Rahner e Jesus cresce a tal ponto, que o teólogo afirma: “em Ti, queremos superar todas as horas escuras. Faz com que tudo o que nos acontece, o aceitemos como participação no Teu destino, para que se converta, para nós, em caminho para a luz eterna da Páscoa...”⁵⁸¹

Rahner deseja meditar a Paixão de Jesus, contemplando o mistério da Cruz, de tal forma que consiga entender o que fez Jesus, o que sofreu e por quem sofreu. Para ele, a graça de Cristo é capaz de mexer conosco a tal ponto, que cheguemos a compreender a mediocridade dos nossos dias e, assim, vivamos uma vida nova. As últimas palavras de Jesus foram pronunciadas para nós!⁵⁸²

Chegará o dia em que me falarás na hora da minha morte e depois dela. E estas palavras significarão um começo eterno ou, talvez, um fim sem fim. Senhor, faz que ao morrer, eu possa escutar as palavras de tua misericórdia e amor; faz que não deixe de escutá-las.⁵⁸³

A certeza da presença de Jesus entre nós é clara para Rahner! Ele penetra todos os espaços, com Sua imensidade. No Sacramento do altar, Jesus se faz

⁵⁷⁸ Ibid., p. 93-95.

⁵⁷⁹ Ibid., p. 147.

⁵⁸⁰ Ibid., p. 197.

⁵⁸¹ Id., Gebete des Lebens, p. 57-58.

⁵⁸² RAHNER, K., Gebete des Lebens, p. 59.

⁵⁸³ Ibid., p. 59.

presente com Seu corpo, Sua alma e Sua divindade. Aquele mesmo Jesus que nasceu em Belém, viveu em Nazaré, está aqui! “Estás em meio a nós. Tua vida humana é incrivelmente próxima. Aquilo que viveste há 1900 anos somente passou na aparência.”⁵⁸⁴

Na experiência de fé, o cristão recebe, por graça, a coragem de não mais temer que tenha apenas uma ideia abstrata de um Deus infinito, quando diz “Jesus”. Exatamente por isso, o “encontro com o Jesus dos evangelhos é o encontro de um ser concreto e de uma pessoa histórica irreduzível”.⁵⁸⁵

Ao meditar a agonia de Jesus, Rahner reforça que Jesus se faz presente não apenas no Santíssimo Sacramento, mas Ele vive em nós pelo Espírito que nos unge e consagra! Ele está e vive entre nós! Pelo Batismo, fomos incorporados ao Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja. Esta é a presença oficial da graça de Cristo na história pública da humanidade.⁵⁸⁶

“Portanto, se vives em nós, nossa vida, até nas banalidades cotidianas, se submeterá às leis de Tua vida. Nossa vida é uma continuação da Tua.”⁵⁸⁷ Essas palavras orantes se unem, perfeitamente, à compreensão que Rahner tem do sacerdote, o qual, anulando sua inteira personalidade em Jesus, diz a Palavra de Cristo. Desse modo, o sacerdote deve entender sua vida como Cristo entendeu a Sua: ela é dom para os outros.⁵⁸⁸

Concede-me a graça de dizer sim. Sim ao mais amargo. Sim a tudo, porque tudo – inclusive as consequências de minha culpa – é querido pelo amor eterno. Dá-me a graça de orar quando o céu estiver cinzento e me sinta sepultado no silêncio de Deus, quando todas as estrelas de minha vida se apaguem, quando a fé e o amor pareçam mortos em meu coração e quando meus lábios balbuciem fórmulas de oração que ressoem como mentiras para meu coração que ainda confessa Teu amor. Que a impotência paralisante de uma alma em agonia, que não tem onde agarrar-se, seja ainda um grito que se dirige ao Pai. Nesse momento – Te digo agora, ajoelhado diante de Ti – que tudo se submerja e fique inundado da Tua agonia do Getsêmani.⁵⁸⁹

Depois de testemunharmos uma profunda e vital cristologia de Rahner, fica claro que não estamos diante de um mero teólogo especulativo. Teologia e vida se confundem, na cristologia de Rahner. Jamais Jesus será uma figura histórica do passado, mas uma Pessoa presente, aqui e agora, no hoje de nossas

⁵⁸⁴ Ibid., p. 69-70.

⁵⁸⁵ Id., *Je crois à Jésus Christ*. Paris: Desclée de Brouwer, 1971. p. 96 (Tradução nossa).

⁵⁸⁶ Id., *La Iglesia y los sacramentos*. Barcelona: Herder, 1967. p. 20 (Tradução nossa).

⁵⁸⁷ Id., *Gebete des Lebens*, p. 82-83.

⁵⁸⁸ Id., *Sacerdote e poeta*, p. 85-86.

⁵⁸⁹ RAHNER, K., *Gebete des Lebens*, p. 86.

vidas. Mesmo não tendo o rigor teológico e a preocupação de fazer uma reflexão como uma teóloga, veremos o mesmo desenrolar em Madre Teresa.

Em 1983, Madre Teresa teve de ser internada, por conta de uma grave deficiência cardíaca. Durante sua internação, a Madre escreveu uma resposta à pergunta que Jesus lhe havia feito, como fez a Pedro (Mt 16, 15):⁵⁹⁰

Tu és Deus...
 Tu és Um com o Pai...
 Tu nasceste em Belém...
 Quem é Jesus para mim?
 Jesus é o Verbo Encarnado.
 Jesus é o Pão da Vida...
 Jesus é a Palavra – para ser falada...
 Jesus é o Pão da Vida – para ser comido.
 Jesus é o Faminto – para ser alimentado...
 Jesus é o Indesejado – para ser desejado.
 Jesus é o Leproso – para as chagas limparmos.
 Jesus é o Pedinte – para um sorriso lhe darmos.
 Jesus é o Bêbado – para o escutarmos.
 Jesus é o Deficiente Mental – para o protegermos...
 Jesus é o Dependente de Drogas – para seu amigo nos tornarmos.
 Jesus é a Prostituta – para do perigo a afastarmos e sua amiga nos tornarmos...

Depois de fazer uma síntese, em fórmulas, do que vimos como cristologia descendente e ascendente, Madre Teresa oferece uma clara expressão da sua cristologia existencial, mostrando um nível de intimidade com Jesus, que deu a tônica para toda a sua vida. Suas palavras revelam uma clara cristologia desenvolvida e aprofundada, que nasce e se desenvolve da sua relação com Jesus Cristo.

Para mim
 Jesus é o meu Deus.
 Jesus é o meu Esposo.
 Jesus é a minha Vida.
 Jesus é o meu único Amor.
 Jesus é o meu Tudo.
 Jesus, eu o amo com todo o meu coração, com todo o meu ser.
 Dei-Lhe tudo, até os meus pecados,
 e Ele me desposou em ternura e amor.
 Agora e por toda a minha vida sou a esposa do meu Esposo Crucificado.
 Amém.⁵⁹¹

Para Madre Teresa, é claro que Jesus é a expressão clara do amor de Deus que, por amor, pronunciou Seu Verbo que Se fez carne e passou a habitar em nosso meio e conosco. Ele veio para nos trazer a mensagem que Deus nos ama.

⁵⁹⁰ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 306-308.

⁵⁹¹ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 308.

Para ela, da mesma forma que o Pai manifesta Seu amor a Jesus, quando nos doa a nós, Jesus nos ama quando nos oferece ao mundo.⁵⁹²

A vinda de Jesus teve como objetivo nos trazer a paz, que não é apenas estar bem com os outros, mas Ele veio para nos trazer a paz do coração, que nasce do amor, do fazer o bem aos outros.⁵⁹³

Contemplando o presépio, Madre Teresa nos convida a contemplar a encarnação e aprender, com o Menino-Deus, a viver o abandono!⁵⁹⁴ Mas não apenas, o aprendizado central, segundo a Madre, deve ser o proposto pelo próprio Jesus: aprender d’Ele a ter um coração manso e humilde! A vida inteira de Jesus, do início ao fim, é marcada pela mansidão e gentileza!⁵⁹⁵

Madre Teresa recorda que, com as nossas boas obras, tornamos Jesus presente no mundo. Recordando Jo 1, 21s; 8, 25, Madre Teresa reforça que Jesus não responde quem é, diretamente, mas se refere às obras realizadas por Ele mesmo. Para Jesus, as boas obras anunciam a Boa-Nova e, através delas, as pessoas encontram o próprio Deus e experimentam o amor do Deus vivo.⁵⁹⁶

Meditando as palavras de Jesus, a Madre recorda a centralidade dessa boas obras, no momento do nosso encontro definitivo com Jesus, no juízo. Porém, ela vai mais além e nos lembra que, no caso da fome a ser saciada, vai além de uma fome de pão, para uma fome de amor e de ser amado e de ser desejado. Todas as obras que saciam essas fomes levam uma profunda alegria para a vida dos outros.⁵⁹⁷

Contemplando as estações da Via-Sacra, Madre Teresa reforça que a santidade é “Jesus em nós”, ou seja, Ele vivendo em nós, Sua vida na nossa. O caminho, então, deve ser despojar-nos de nós mesmos.⁵⁹⁸ Nesse mesmo contexto, a Madre se volta para a Palavra central para ela: “Tenho sede” (Jo 19, 28). Segundo ela, essa Palavra de Jesus é uma expressão, uma palavra de amor.⁵⁹⁹

Segundo a Madre, esse saciar a sede de Jesus deve ser o propósito e a alegria da vida de sua comunidade. Para isso, ela propõe ficar, com Maria, aos pés da cruz, e reconhecer que é um dom de Deus a Congregação ter sido escolhida

⁵⁹² CALCUTÁ, T., *Where is love, There is God*, p. 34.

⁵⁹³ *Ibid.*, p. 36.

⁵⁹⁴ *Ibid.*, p. 37.

⁵⁹⁵ *Ibid.*, p. 39.

⁵⁹⁶ *Ibid.*, p. 40.

⁵⁹⁷ CALCUTÁ, T., *Where is love, There is God*, p. 40-41.

⁵⁹⁸ *Ibid.*, p. 46.

⁵⁹⁹ *Ibid.*, p. 50.

para saciar a sede de Jesus. De fato, foi nessa lógica que a Madre viveu e propôs a todos, particularmente, à sua comunidade.⁶⁰⁰

A comunhão com Jesus deve nos levar a sentir Sua sede por um abandono total, que se manifesta na Sua sede de pureza, pobreza, obediência e de amor incondicional. Essa dinâmica nasce de uma vida contemplativa, que gera, em nós, uma mudança concreta na lógica em que vivemos.⁶⁰¹

Para Madre Teresa, perceber Jesus que manifesta Sua sede do nosso amor só será possível se nos libertarmos do pecado. Essa percepção é fruto da comunhão íntima com Jesus, e desemboca num empenho concreto de uma vida ofertada a Ele, mesmo no serviço aos outros. “Encontrar a sede de Jesus é o mais importante que devemos fazer, mas este encontro é uma graça.”⁶⁰²

“Você precisa de Jesus mais do que qualquer outra coisa na vida. Frequentemente, me pergunto, que coisa seria o mundo se não existisse o tabernáculo, se não existisse Jesus.”⁶⁰³ As palavras da Madre revelam uma real e profunda dependência em relação a Jesus, mas, segundo ela mesma, não é uma realidade restrita a ela, mas partilhada por todos nós! Ele se torna, claramente, uma necessidade vital para qualquer pessoa!

Nessa dinâmica relacional, Madre Teresa dá um grande destaque para o Santíssimo Sacramento. A própria Congregação, segundo ela, está profundamente unida à Eucaristia. Esta seria a garantia da presença das irmãs na Comunidade. Diante do Mistério da Eucaristia, não apenas podemos manifestar nosso amor a Jesus, mas deixar que Ele nos ame. Recordando o Sl 42, 3, Madre Teresa enfatiza que essa dinâmica de vida não é privilégio dela e de suas irmãs, porque todo ser humano deseja Deus e tem sede d’Ele.⁶⁰⁴

O amor à Eucaristia, em Madre Teresa, não é, de forma alguma, desvinculado de uma vida concreta. Sua devoção eucarística é claramente vinculada à vida concreta: fé e vida estão em estreita relação e sintonia! Por isso, uma missionária da caridade, ou qualquer cristão não poderia dizer que ama Jesus na Eucaristia, mas não tem tempo para os pobres. Se amamos, de fato, Jesus na Eucaristia, traduziremos, naturalmente, o amor em ações. A Madre afirma que não

⁶⁰⁰ Ibid.

⁶⁰¹ Ibid., p. 52.

⁶⁰² Ibid.

⁶⁰³ Ibid.

⁶⁰⁴ CALCUTÁ, T., *Where is love, There is God*, p. 53-54.

é possível separar a Eucaristia e o pobre. “Jesus não estava satisfeito em apenas nos alimentar com o Pão da Vida, mas Ele se fez o faminto, no disfarce angustiante dos pobres.”⁶⁰⁵

Em síntese, Madre Teresa afirma que Jesus Se fez Pão da Vida, para saciar nossa fome de Seu amor e para realizar uma união real conosco!⁶⁰⁶

Vá diante do Santíssimo Sacramento - Ele está lá. Quando olhamos para a cruz, sabemos o quanto Ele nos amou; quando olhamos para o tabernáculo, sabemos o quanto Ele nos ama agora. "Amou", passado; "ama", presente. Não só passado, Ele nos ama agora. Ele me ama carinhosamente.⁶⁰⁷

A intimidade com Cristo é inegável, tanto na teologia de Rahner como na de Madre Teresa. No teólogo, encontramos uma reflexão que nasce de um coração cristão, sacerdotal e de um teólogo. Na madre, contemplamos uma reflexão que nasce de um coração apaixonado, de uma cristã que se tornou religiosa.

Se em Rahner encontramos o rigor de um teólogo, no sentido acadêmico do termo, em Madre Teresa, percebemos uma palavra mais pessoal e livre, de uma religiosa que viveu uma profunda relação com a Pessoa de Jesus. Sem dúvida, em ambos, percebemos uma reflexão que nasce da meditação assídua da Palavra e, por consequência, de uma relação pessoal entre os dois e Jesus Cristo.

Enquanto Rahner mantém seu rigor teológico, permeado de uma linguagem até poética, em alguns momentos, Madre Teresa fala da experiência espiritual, que nasce da sua intimidade com Jesus, através da Palavra e da sua vida de missionária. É perceptível que os dois fazem teologia na vida e para a vida! É quase impossível dissociar a teologia dos dois da vida de cada um! Contudo, é claro que a dimensão testemunhal é muito mais salientada em Madre Teresa, pela sua própria vocação, do que em Rahner.

A contribuição teológica, dentro do campo cristológico, dos nossos dois místicos se une, com clareza, à posição do Papa Francisco. Nesse sentido, Pe. Brian Kolodiejchuk nota uma inegável semelhança entre a atenção e o amor do Papa Francisco para com os que vivem nas “periferias existenciais”, e a propensão de Madre Teresa para servir os mais pobres entre os pobres.⁶⁰⁸

Ao longo desses anos, o pontificado do Papa Francisco tem sido um ícone dessa cristologia existencial. O pontífice enfatiza, em vários momentos, a

⁶⁰⁵ Ibid., p. 54.

⁶⁰⁶ Ibid., p. 61.

⁶⁰⁷ Ibid., p. 60.

⁶⁰⁸ CALCUTÁ, T. A call to mercy, p. X.

necessidade de um encontro real com Jesus Cristo que gera, em nós, uma nova realidade. Não é possível negar que sua reflexão é marcada pela teologia de Aparecida, em que vemos a centralidade do encontro com Jesus Cristo.

Dirigindo-se aos jovens, o Papa reforça a necessidade do anúncio de três verdades: um Deus que é amor; Cristo nos salva; Ele, o Cristo, vive. Na certeza do Cristo vivo e presente em nosso meio, o pontífice reforça a necessidade de recordar, sempre, a presença de Cristo, para evitar o risco de tomar Jesus apenas como um bom exemplo do passado. Segundo ele, essa mera recordação não nos serviria para nada, nos deixaria da mesma forma e não nos libertaria. Na verdade, “o que nos enche com a sua graça e que nos liberta, o que nos transforma, o que nos cura e nos conforta é alguém que vive, é o Cristo Ressuscitado, cheio de vitalidade sobrenatural, vestido de luz infinita.”⁶⁰⁹

O convite do Papa Francisco para os jovens serve para todos os que fazem a escolha por Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, torna-se uma palavra que sintetiza a proposta proclamada e vivida por Rahner e Madre Teresa, quando ambos unem cristologia existencial ascendente e cristologia existencial descendente. Somos chamados a correr “atraídos por esse Rosto tão amado, que adoramos na Sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão sofredor. Que o Espírito Santo vos impulsione nesta corrida adiante.”⁶¹⁰

Se Ele vive, então poderá estar presente em cada momento da tua vida, para o encher de luz. Assim, nunca mais haverá solidão nem abandono. Ainda que todos nos abandonem, Jesus permanecerá, como prometeu: “Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos” (Mt 28, 20). Tudo preenche com a sua presença invisível e, para onde quer que vás, lá estará Ele à tua espera. É que Ele não só veio, mas vem e continuará a vir todos os dias, para te convidar a caminhar para um horizonte sempre novo.⁶¹¹

6.2.

Onde está o teu irmão?⁶¹²

“Todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes.” (Mt 25, 40)

Em todo o caminho que percorremos, fica claro que uma sadia cristologia existencial jamais poderá abrir mão da alteridade. Nas palavras de J. B. Metz, não podemos falar de um misticismo que não seja de olhos abertos, capazes de

⁶⁰⁹ CV 124.

⁶¹⁰ CV 299.

⁶¹¹ CV 125.

⁶¹² Gn 4, 9.

enxergar quem está ao nosso lado. Segundo Metz, essa mística se torna um perfil imprescindível da espiritualidade cristã.⁶¹³

S. João Crisóstomo, comentando o Evangelho de Mateus, sintetiza essa dinâmica da cristologia existencial que nos une, profundamente, a Cristo e, ao mesmo tempo, aos outros. Assim afirma o Bispo: “Queres honrar o corpo de Cristo? Não o desprezes quando nu; não o honres aqui com vestes de seda e abandones no frio e na nudez o aflito.”⁶¹⁴

Dessa maneira, é perceptível que em uma experiência mística significativa, sempre haverá uma pirâmide relacional⁶¹⁵ entre Deus/Jesus - a própria pessoa - e o outro “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê. Temos de Deus este mandamento: o que amar a Deus, ame também a seu irmão.” (1 Jo 4, 20s)

As palavras de S. João fazem eco das palavras de Jesus, quando afirma que toda Lei e os profetas se resumem em dois mandamentos: amar a Deus e o próximo como a si mesmo (Mt 22, 36-40). Dessa maneira, toda relação pessoal com Jesus Cristo sempre terá uma incidência, na relação com os outros. Ao mesmo tempo, o outro poderá ser sempre mediação para o encontro com Jesus.

Como vimos no capítulo segundo, Rahner sempre deu clara ênfase à cristologia ascendente. Para o teólogo, nunca seria possível falar do amor a Jesus Cristo sem uma clara referência ao irmão. Tanto que nos seus *Escritos de Teologia*, ele dedicou um artigo ao tema da unidade entre o amor a Deus e o amor ao próximo.⁶¹⁶

Em Jesus Cristo, a unidade entre o amor a Deus e o amor ao próximo se radicaliza, escatológica e cristologicamente, e chega a seu ponto culminante⁶¹⁷. Rahner também destaca que não é possível abordar esse amor ao próximo de modo corrido, pois é algo de uma importância fundamental e que supõe o desenvolvimento e a maturidade da vida humana.

⁶¹³ METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*, p. 7.

⁶¹⁴ CRISÓSTOMO, J. Das homilias sobre Mateus. In: **Liturgia das horas**. v. IV. São Paulo: Paulinas e Paulus, 1999, p. 155.

⁶¹⁵ PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística, mística cristã e experiência de Deus*. **Atualidade Teológica**, n. 15, 2003, p. 344-373.

⁶¹⁶ RAHNER, K., *Sobre la unidade del amor a Dios y el amor al proximo*.

⁶¹⁷ *Ibid.*, p. 290.

Senhor Jesus, Tu mesmo me ensinaste um caminho para uma fé realmente determinante para minha vida. É o caminho do amor cotidiano e ativamente útil ao próximo. Nesse caminho, Te encontro, desconhecido e conhecido... Tu mesmo sais a meu encontro no próximo, já que formas uma incompreensível unidade com quem recebe meu amor... Tu que és o caminho para o próximo, guia-me por Teu caminho. Tu és o irmão desconhecido e, nele, és Deus para sempre. Amém.⁶¹⁸

O amor humano exige uma confiança absoluta. Essa realidade supõe uma vida espiritual, mantida pela graça, de modo que se chegue a uma profundidade absoluta. Não obstante, “este encontro imediato, corporal e concreto, se sublima sempre até Deus e até Cristo”.⁶¹⁹

Segundo Rahner, esse amor ao próximo pode ser visto como a *comprovação* do amor a Deus, O qual deve ser amado, e nos deu o mandamento do amor ao próximo como uma forma de cumprirmos, seriamente, nosso amor a Ele⁶²⁰. Essa postura de Rahner pode ser vista como uma consequência das palavras de 1 Jo 4, 20.

Se esse amor ao próximo for autêntico e cristão é, em potência e ato, uma manifestação da virtude infusa, sobrenatural e teológica da caridade. Desse modo, a virtude se torna amor a Deus como ato de entrega ao próprio Deus.⁶²¹ Para Rahner, o amor ao próximo explícito é o ato de amor a Deus que, no amor ao próximo, se insere sempre, ainda que atematicamente, na transcendentalidade sobrenatural.⁶²²

Podemos dizer então, que quando nos amamos reciprocamente, a realidade salvífica de Deus está, de fato, em nós. Com isso, no amor ao próximo, autêntico, está dada toda a salvação cristã, como todo o Cristianismo.⁶²³ A relação é tão estreita entre o amor a Deus e o amor ao próximo que podemos dizer que eles se supõem mutuamente.

O amor ao próximo não apenas é exigido pelo amor a Deus e é sua consequência, mas também é condição que o precede.⁶²⁴ S. Tomás comentando esse tema do amor ao próximo reiterava que a razão de amar o próximo é o próprio Deus. Para o Aquinate, o ato pelo qual Deus é amado é da mesma espécie

⁶¹⁸ Id., Gebete des Lebens, p. 92.

⁶¹⁹ Id., Je crois à Jésus Christ, p. 93.

⁶²⁰ Id., Sobre la unidade del amor a Dios y el amor al projimo, p. 275.

⁶²¹ Ibid., p. 276.

⁶²² RAHNER, K., Sobre la unidade del amor a Dios y el amor al projimo, p. 289.

⁶²³ Ibid., p. 292.

⁶²⁴ Id., Quem é teu irmão?, p. 10.

daquele através do qual se ama o próximo. Assim, o hábito da caridade se estenderá não apenas a Deus, mas também ao próximo.⁶²⁵

É fato que Deus é maior do que um ser humano e deve ser adorado acima de qualquer realidade humana. Porém, a relação entre os dois *amores* permanece e se condiciona. Assim, não existe um amor a Deus que já não seja em si mesmo amor ao próximo.⁶²⁶ Nesse sentido, a pessoa será amada *em e por* Deus e, dessa forma, será amada no seu ser e significado último. Ao sair de si para amar o próximo, o sujeito tem a possibilidade de amar a Deus.⁶²⁷

O teólogo destaca que a *disposição interior* seria a única e total relação da pessoa com Deus e com o próximo e, essa disposição interior só será verdadeira se for concretizada na ação.⁶²⁸ Não basta um amor teórico, de discursos! Por isso, o amor ao próximo possui uma dimensão histórica que se concretiza na ação.⁶²⁹ De diversas formas concretas, o amor ao próximo permanece vivo na história e vai se concretizando nas diversas realidades.⁶³⁰

Depois de refletirmos sobre a ênfase na dinâmica de fraternidade cristã no pensamento de Rahner, veremos como a mística de Calcutá apresenta seu olhar para todo aquele que se torna mediação e sinal da presença de Cristo na vida ordinária.

Com tudo que vimos na vida e nos escritos de Madre Teresa, é inegável que sua experiência mística foi desenvolvida a partir de um encontro profundo com a Pessoa de Jesus Cristo. Contudo, essa dinâmica relacional não se fechava nos dois, mas sempre incluía o outro. O encontro com Jesus era motivação para a Madre ir ao encontro dos outros. Porém, o encontro com os outros, particularmente os mais necessitados, era ocasião de encontro com Jesus, baseando-se na Palavra do próprio Senhor.

Segundo Madre Teresa, ela, suas irmãs e todos os seus colaboradores são contemplativos na ação. O ser profundamente contemplativo é um dever constitucional para as(os) Missionárias(os) da Caridade. O ser contemplativo

⁶²⁵ ST II, II. q. 25. a. 1.

⁶²⁶ RAHNER, K. op. cit., p. 10.

⁶²⁷ Ibid., p. 11.

⁶²⁸ Ibid., p. 12.

⁶²⁹ Ibid., p. 13.

⁶³⁰ Ibid., p. 14.

significa uma profunda união com Ele, com uma visão clara de modo que Jesus possa servir-se à Sua vontade.⁶³¹

O ser contemplativo no coração do mundo implica o aprendizado para rezar o trabalho realizado, de forma que este seja cumprido com Jesus, por Ele e para Ele. A Madre recorda a existência de um perigo constante, de serem transformadas em simples assistentes sociais e/ou fazer o serviço para os outros, apenas pelo gosto de fazê-lo. Isso poderia acontecer, se houvesse o esquecimento do motivo pelo qual ela e suas irmãs realizavam o seu trabalho.⁶³²

As nossas obras não são outra coisa senão uma expressão do nosso amor por Cristo. Os nossos corações devem ser cheios do amor por Ele, e de modo que traduzamos este amor em ação. Os mais pobres entre os pobres se tornam naturalmente os instrumentos para exprimir o nosso amor a Deus.⁶³³

Madre Teresa se considera pertencente a Jesus, e chamada a estar unida a Ele, como expressão da sua vocação. O seu trabalho, para ela, é fruto do seu amor, e este se exprime no trabalho. A própria oração, em ação, é amor em ação. Por isso, para ela e para elas, a santidade não é algo extraordinário, mas um simples dever. “Ser santas para nós não é nada de especial: somos consagradas; Jesus e eu somos uma só coisa.”⁶³⁴

Nesse serviço aos outros, havia um distintivo reconhecido por todos: tudo era feito para qualquer pessoa. Para Madre Teresa, qualquer pessoa é a manifestação de Deus, em pessoa, e seria isso o diferencial. O olhar da fé permitiria ver Deus em qualquer pessoa que encontrasse, confirmando sua posição com a narrativa do Gênesis. Se o trabalho não tivesse essa visão de fé, gerando a incapacidade de ver Jesus no outro, tudo estaria perdido!⁶³⁵

Dessa maneira, Madre Teresa propõe uma vida de comunhão com Deus. Dessa forma, todos os pequenos gestos podem ser oferecidos através de Jesus. Por isso, ela reconhece o motivo da grande alegria que é ter a vocação que oferece a oportunidade de servir Jesus nos Seus pobres. Será a própria felicidade do serviço de caridade que fará com que o trabalho seja eficaz. Assim, a Madre enfatiza a necessidade de um olhar de fé para servir os outros.⁶³⁶

⁶³¹ CALCUTÁ, T. Where is love, There is God, p. 155.

⁶³² Ibid., p. 156.

⁶³³ Ibid.

⁶³⁴ Ibid.

⁶³⁵ CALCUTÁ, T., Where is love, There is God, p. 157-158.

⁶³⁶ Ibid., p. 158.

Ela defende a necessidade de uma atitude, diante dos necessitados e para com eles, semelhante a dos sacerdotes, que tocam a hóstia consagrada com delicadeza, ternura e a olham com amor.⁶³⁷ Sua obra de amor aos necessitados dava-lhe a possibilidade, bem como a quem se deixava tocar por suas palavras, de experimentar algo profundo, de uma inigualável experiência mística: tocar o Corpo de Cristo nos sofredores, amados e servidos por sua comunidade.⁶³⁸

A profundidade e amplitude do serviço de Madre Teresa e de suas seguidoras, que não deveriam ser privilégio delas, mas de todos os cristãos, são depreendidas dessas palavras dialogais, de uma vivacidade impressionante:

Um dia, trouxeram um morador de rua que tinha metade de seu corpo todo comido. Vermes rastejavam por todo o corpo e ninguém conseguia ficar perto dele - o cheiro era tão grande. Então, eu fui limpá-lo e ele olhou para mim, e então perguntou: “por que você faz isso? Todo mundo me jogou fora, por que você faz isso? Por que você chega perto de mim?” “Eu te amo”, eu disse. “Eu te amo. Você é Jesus no disfarce angustiante. Jesus está compartilhando sua paixão com você.” E então ele olhou para cima e disse: “mas você, você também, fazendo o que está fazendo, você também está compartilhando”. Eu disse: “Não, eu estou compartilhando a alegria de amar você, amando Jesus em você”. E este senhor hindu, tão cheio de sofrimento, o que ele disse? “Glória a Jesus Cristo”.⁶³⁹

Madre Teresa defendia que elas recebiam muito mais do que seus assistidos, porque estes lhe davam a oportunidade de estar 24 horas com Jesus. Tudo que fosse feito a eles era feito ao próprio Jesus. Sua prece era que Jesus servisse a todos os irmãos do mundo, que vivem na pobreza e na fome, doando-lhes o pão cotidiano através das mãos das Missionárias da Caridade. Através de um amor compreensivo, seu desejo era que essas pessoas recebessem paz e alegria.⁶⁴⁰

O amor concreto ao outro, na teologia da Madre, é claramente a possibilidade de satisfazermos nosso desejo de amar a Deus, O qual é buscado por nós, incessantemente. Ele nos criou para coisas grandes, segundo ela: para amar e ser amados. Será sempre o discurso escatológico de Jesus, o fundamento para seu

⁶³⁷ Ibid.

⁶³⁸ Ibid., p. 167.

⁶³⁹ Ibid., p. 159-160. Este exemplo concreto nos faz lembrar as palavras de Bondan, que destaca a grande contribuição da Madre em prol do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. Segundo ele, a religiosa nos mostrou “como conciliar a evangelização no mundo contemporâneo com os esforços oriundos de outras correntes, como as ecumênicas ou do diálogo respeitoso com as outras religiões.” (BONDAN, F. J. Madre Teresa de Calcutá, p. 10)

⁶⁴⁰ CALCUTÁ, T. Where is love, There is God, p. 160.

pensamento e sua ação: “Todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes.” (Mt 25, 40)⁶⁴¹

Todo esse serviço humilde de amor é a ocasião de saciar a sede de Jesus na cruz. Por isso, a Madre sempre enfatizou a necessidade de permanecer junto à cruz, como Maria, para aprender com ela e como ela a estar junto de tantos rostos desfigurados de Jesus, no mundo de hoje, sobretudo nas vidas dos mais pobres entre os pobres no corpo e no espírito. Com isso, seria possível saciar a Sua sede de amar e ser amado. Dessa forma, nunca Sua obra seria um serviço meramente assistencialista, como poderiam pensar e pensaram, e acusaram-na, mas seria sempre uma obra de fé e amor!⁶⁴²

Sua doação de vida e a de todas as suas seguidoras precisava ir sempre além e de forma radical: “eu não quero que você dê assim, mas eu quero que você dê até doer. E esta doação é amor de Deus em ação.”⁶⁴³ Por isso, se empenhava também para que sua doação fosse destinada a todos, sem exceção.⁶⁴⁴

Seja o pensamento de Rahner, seja o da Madre, sempre destacam claramente o valor do outro na vida cristã. Para os dois, a vivência cristã sempre terá uma incidência na fraternidade. Nunca a relação com Cristo estará desvinculada da relação com os outros.

Depois de refletirmos sobre a contribuição dos dois místicos, percebemos a preocupação teológica de Rahner e uma reflexão profunda e sistemática sobre a mediação do outro na vivência da fé cristã. De fato, o teólogo manifesta seu rigor intelectual, mas, ao mesmo tempo, não perde a sensibilidade, para salientar sempre um olhar para o outro que passa ao nosso lado.

Se a preocupação teológica de Rahner faz uma profunda e incisiva reflexão sobre o serviço ao próximo, Madre Teresa, marcada por uma profunda fé, se volta para o próximo necessitado, como possibilidade do encontro com Jesus. Enquanto Rahner desenvolve sua profunda obra teológica, Madre Teresa desenvolve sua profunda obra social. Fica claro que um (Rahner), mesmo sem o saber, serve de fundamento na ação do outro (Madre Teresa). Podemos dizer que a teologia de Rahner se encaixa, perfeitamente, como base para aquilo que a própria Madre desenvolveu com suas palavras e obras.

⁶⁴¹ Ibid., p. 161.

⁶⁴² Ibid., p. 163.

⁶⁴³ Ibid., p. 165.

⁶⁴⁴ Ibid., p. 166-167.

O olhar atento ao outro, seja ele quem for, como vimos, em Rahner e Madre Teresa, se materializa e se expande para toda a Igreja, de modo claro e indiscutível, no hoje da nossa história, através do pontificado do Papa Francisco. Suas palavras e gestos revelam uma coração e um olhar direcionados para Cristo e para os outros!

Da união com Cristo, lembra Francisco, nasce um processo de santificação. Contudo, lembra o Papa a necessidade de sempre conceber Cristo com o Reino que Ele veio trazer. Com isso, nossa identificação com Cristo e Seus desígnios exigirá sempre o compromisso de construir o Seu Reino. “O próprio Cristo quer vivê-lo contigo, em todos os esforços ou renúncias que isso implique e também nas alegrias e na fecundidade que te proporcione.”⁶⁴⁵

Francisco nos mostra como a cristologia existencial apontará sempre para o Reino que Jesus trouxe. E, por isso, precisa contemplar sempre o outro! Não pode haver cristologia existencial sem o Reino, e não podemos pensar este sem a face do outro. Por isso, ele nos diz: “Não é saudável amar o silêncio e esquivar o encontro com o outro, desejar o repouso e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço.”⁶⁴⁶

Com isso, fica claro que uma verdadeira cristologia existencial nos coloca na dinâmica da nova evangelização e, de fato, “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo.”⁶⁴⁷ O Papa nos lembra sempre que o querigma cristão traz repercussões comunitárias e sociais. Ao mesmo tempo, o querigma terá um “conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparecem a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade.”⁶⁴⁸

O sucessor de Pedro, como um bom jesuíta, sintetiza a cristologia existencial ascendente, afirmando que “em cada irmão e irmã em dificuldade, nós abraçamos a carne sofredora de Cristo.”⁶⁴⁹ Só assim poderemos falar de uma real e concreta santidade, que exigirá uma grande abertura de coração e uma profunda correspondência com a vida de Jesus.

⁶⁴⁵ GE 25.

⁶⁴⁶ GE 26.

⁶⁴⁷ EG 176.

⁶⁴⁸ EG 177.

⁶⁴⁹ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130724_gmg-ospedale-rio.html. Acesso em: 18 jun. 2019.

Não tenhas medo de apontar para mais alto, de te deixares amar e libertar por Deus. Não tenhas medo de te deixares guiar pelo Espírito Santo. A santidade não te torna menos humano, porque é o encontro da tua fragilidade com a força da graça.⁶⁵⁰

6.3.

A discípula mais perfeita do Senhor⁶⁵¹

Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena. Quando Jesus viu sua mãe e perto dela o discípulo que amava, disse à sua mãe: “Mulher, eis aí teu filho”. Depois disse ao discípulo: “Eis aí tua mãe”. E dessa hora em diante o discípulo a recebeu como sua mãe. (Jo 19, 25ss).

As palavras de S. João sempre foram entendidas como uma manifestação clara da relação entre cada fiel que segue, ou seguiria Jesus Cristo e Sua Mãe. Maria não apenas se torna uma companheira da caminhada cristã, mas um grande modelo para quem quer seguir Jesus Cristo. Ela será sempre uma intercessora e uma pedagoga, que orienta os seguidores de Jesus Cristo.

Ao se aproximar de Maria, como seguidores de Jesus Cristo, é normal que busquemos sua maternidade espiritual. Contudo, nos lembra Francilaide Ronsi, que precisamos contemplar Maria como mulher, mãe e discípula, inseparável do seu Filho. Ao reconhecemos sua humanidade e historicidade, podemos nos aproximar “de seu testemunho na vida de todos os que desejam realizar a vontade de seu Filho.”⁶⁵²

Como lembra Afonso Murad, todo estudo sobre “Maria deve ajudar a conhecer quem é essa mulher que viveu em Nazaré... hoje está na comunhão dos santos, perto de Jesus e tão próxima aos seres humanos.” De fato, Murad nos lembra que a mariologia, “como parte da teologia cristã, visa a ser *Boa-Nova* para homens e mulheres do nosso tempo.”⁶⁵³

Com esses pressupostos, percebemos o quanto a cristologia existencial pode contribuir para o estudo da Mariologia, de tal forma que esta permaneça vinculada ao estudo sobre Jesus Cristo. Dessa maneira, será possível oferecer uma dimensão mais existencial da reflexão sobre a figura da Virgem de Nazaré e uma

⁶⁵⁰ EG 34.

⁶⁵¹ DAp 266.

⁶⁵² RONSI, F. de Q. Maria: mulher toda de Deus. *Coletânea*. v. 17, n. 33, p. 94, jan./jun. 2018.

⁶⁵³ MURAD, A. **Maria, toda de Deus e tão humana**: Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 17.

reflexão, com clara incidência na vida real das pessoas, de forma que não se resume a uma piedade desencarnada e/ou mágica.⁶⁵⁴

Rahner propõe uma reflexão, em paralelo, entre Maria e a Igreja. Segundo ele, Maria está na estrutura dos Exercícios de S. Inácio e aparece no tríplice colóquio proposto pelo Santo fundador. Ela ocupa um lugar especial na espiritualidade de Santo Inácio. Rahner busca uma maior contemplação da Virgem de Nazaré, na meditação da quarta Semana dos Exercícios.⁶⁵⁵

Para o teólogo alemão, a Bem-Aventurada Virgem Maria revela o ideal efetivo da pessoa absolutamente redimida. “Em Maria, se realizou, sem reservas, o ato de amor a Deus.”⁶⁵⁶ Mesmo num mundo tenebroso e, aparentemente, perdido, Deus encontrou um coração que veio ao Seu e o Seu a recebeu: um coração de mãe.⁶⁵⁷ O destino de Maria “se identifica com o do seu Filho. Não somente na glória, mas diante de todas as fadigas, opróbrio e morte.”⁶⁵⁸

O sacerdote do Novo Testamento é o continuador oficial, o garantidor da permanência, no mundo, da Encarnação iniciada na anunciação. Com a fé de Maria, louvada por Isabel, o sacerdote deveria realizar, pessoalmente, em sua vida, o que cumpre por ofício: continuar, com sua própria entrega, a Encarnação de Deus.⁶⁵⁹

Maria, como redimida perfeita, oferece uma existência que diz muito de uma unidade, entre seu desenvolvimento individual e o serviço total, ou entre santidade pessoal e apostolado. Rahner defende que Maria é santa porque concebe o Logos como Cordeiro de Deus para a salvação do mundo; porque, sob a cruz, oferece sua maternidade, somando-a ao sacrifício de seu Filho; porque sua vida não é senão um holocausto, em serviço do seu Filho pelas almas. “Em sua existência nada fica vazio, nada inalcançado.”⁶⁶⁰

Para o teólogo, a Virgem Maria, em sua condição de primeira representante da virgindade do NT, se torna representante, “no mundo, da Igreja enquanto Igreja do fim dos tempos, totalmente consagrada a Cristo, assim como nós estamos chamados a fazer com nosso celibato.”⁶⁶¹ Maria se torna o modelo da

⁶⁵⁴ EG 284 -288.

⁶⁵⁵ RAHNER, K., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 250.

⁶⁵⁶ *Ibid.*, p. 51-52.

⁶⁵⁷ *Ibid.*, p. 138.

⁶⁵⁸ *Ibid.*, p. 140.

⁶⁵⁹ *Ibid.*

⁶⁶⁰ RAHNER, K., *Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio*, p. 253-254.

⁶⁶¹ *Ibid.*, p. 254.

Igreja. Esta se torna uma Igreja pura, imaculada, virginal, que implica uma comunidade de redimidos que imitam Cristo.⁶⁶²

Interessante destacar que Rahner reforça que para chegarmos a um cristianismo encarnatório, a contemplação de Deus não pode provocar o aniquilamento de todo o resto. Maria, como outras figuras da história da salvação, nos mostram essa verdade.⁶⁶³ Não há uma anulação do que não é Deus!

Se conhecemos realmente a Maria, como Virgem Imaculada, não amamos e veneramos somente alguém a quem “também” se pode amar e venerar, mas que amamos a realização criada e evidente do que é essencial para realizar a piedade cristã, a saber, o sim à superação radical do estado do qual procedemos, entrando no que determinou a existência da Santíssima Virgem, desde sua origem até sua última profundidade: a graça de Deus.⁶⁶⁴

A reflexão de Rahner nos aponta para uma mariologia existencial ou uma mariologia que nasce da cristologia existencial. Na verdade, é claro para Rahner que não podemos falar de Maria sem uma clara referência a Jesus Cristo. Da mesma maneira, sua reflexão mariológica está marcada pelo caminho dos Exercícios Espirituais, os quais, por sua vez, estão marcados por uma clara espiritualidade bíblica.

Em Rahner, Maria jamais será uma figura do passado, mas uma presença cheia de sentido para cada cristão que assume o seguimento de Jesus Cristo. Ela se torna companheira de caminho, como testemunha do que significa ser cristão. Sua vida será sempre protótipo para todos os que seguem Jesus Cristo.

Quando nos remetemos à Madre Teresa, encontramos a Virgem Maria ocupando um lugar central e tão significativo, que a Madre define a Mãe de Jesus como a primeira Missionária da Caridade.⁶⁶⁵ Para ela, sem Maria, não podemos falar de Jesus. Ao mesmo tempo, nunca teremos conhecimento pleno sobre Maria, porque sempre haverá algo que nos escapará.⁶⁶⁶

A Imaculada Conceição atrai a si a presença do próprio Deus. Devemos a ela nossa gratidão, por ter doado seu próprio corpo para que Jesus viesse até nós. Madre Teresa nos compara com Maria, afirmando que Aquele que recebemos na

⁶⁶² Ibid.

⁶⁶³ Ibid., p. 255.

⁶⁶⁴ Id., El dogma de la Inmaculada Concepción de Maria y nuestra piedad. In: Id. **Escritos de Teología**. v. III. Madrid: Taurus, 1961. p. 162. (Tradução nossa).

⁶⁶⁵ KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 238.

⁶⁶⁶ CALCUTÁ, T. Where is love, There is God, p. 37 e 39.

Santa Comunhão, ela recebeu no seu seio. Citando Fulton Sheen, ela afirma que a anunciação foi a Primeira Comunhão, para Maria.⁶⁶⁷

Maria é a mais bela das criaturas, porque reflete, com maior perfeição, a semelhança com Deus. É uma criatura, mas é também a mais semelhante com o Criador. Ela é a mediadora de todas as graças! Madre Teresa recorda que a própria Congregação é consagrada ao Imaculado Coração de Maria. Dessa forma, o Instituto tem a missão de difundir o reino do Coração Imaculado entre os mais pobres dos pobres.⁶⁶⁸

Ela se torna a primeira Missionária da Caridade, porque foi a portadora do amor de Deus que, por primeiro, cuidou de Jesus e O vestiu, alimentou e educou. Dessa forma, como Maria, as Missionárias da Caridade fazem aquilo que ela fez: acolher Jesus e doá-lo, apressadamente.⁶⁶⁹

É tão forte a presença de Maria na cristologia da Madre que ela chega a afirmar que: “você nunca pode ser tudo para Jesus, se o seu amor por Nossa Senhora não é uma realidade viva.” É preciso se aproximar de Nossa Senhora para que ela possa nos trazer Jesus. Assim, devemos ficar com Jesus e pedir repetidamente a Sua mãe: “faz de mim tudo só para Jesus.”⁶⁷⁰

Meditando as palavras de S. João, durante a crucificação, Madre Teresa nos indica o caminho do discípulo amado que leva Maria para sua casa e passa a cuidar dela: “Eu coloquei Maria sob meus cuidados? Que lugar tem Maria na minha vida? Ela é minha mãe? Eu (confio) tudo a ela? Tome-a ao seu cuidado, ela vai te ensinar como ir a Jesus.”⁶⁷¹

Nesse processo, se faz necessário acolher Jesus como fez Maria: com grande amor e grande humildade. Mas como saber se O acolhemos assim? Quando compartilhamos nossa alegria, fazemos algo aos outros, damos o perdão. Lembra a Madre que, quando comungamos, conseguimos mais do que aquela mulher que queria tocar a orla do manto de Jesus. Mas por que dizemos coisas ruins aos outros ou nos ofendemos até depois da comunhão? Segundo a Madre é porque não acreditamos que Ele veio até nós.⁶⁷²

⁶⁶⁷ Ibid., p. 42.

⁶⁶⁸ Ibid., p. 43.

⁶⁶⁹ Ibid.

⁶⁷⁰ Ibid., p. 44.

⁶⁷¹ CALCUTÁ, T., Where is love, There is God, p. 46.

⁶⁷² Ibid.

Maria é aquela que nos ajuda a preparar a recepção do Senhor! Devemos acolhê-LO como a Serva do Senhor e devemos pedir que nos dê a Sua força e a Sua alegria. O caminho é nos apegarmos à Nossa Senhora e pedir que ela nos ensine como levar Jesus.⁶⁷³ Para a Madre, Maria é tanto a intercessora, como o modelo do cristão e, particularmente, da Missionária da Caridade.

No combate às tentações, Madre Teresa também relembra que Maria sempre nos socorrerá. Ela vem em nosso auxílio! O caminho é nos conservarmos com Jesus através de Maria: ser todo d'Ele. O próprio uso do rosário é, para Madre Teresa, uma arma que devemos usar em nossa luta contra o mal, nos empenhando na batalha para difundir o Reino de Deus. Para ela, somos soldados em batalha!⁶⁷⁴

Dê-me seu coração, tão lindo, tão puro, tão imaculado, tão cheio de amor e humildade, que eu possa receber Jesus no Pão da Vida, amá-LO como você O amou e servi-LO no angustiante disfarce dos mais pobres entre os pobres. Eu quero ser santo como você é. Eu quero pertencer apenas a Jesus.⁶⁷⁵

Ao contemplarmos o reflexo dos grandes místicos que temos diante de nós, fica claro que ambos jamais falarão ou verão a figura de Maria dissociada do seu Filho. Ademais, ambos falam dela com um nível de proximidade que toca a vida concreta de cada pessoa e a faz semelhante a qualquer discípulo de Jesus.

Não obstante, é perceptível que Rahner faz uma reflexão com uma perspectiva mais própria da reflexão teológica, enquanto Madre Teresa, mesmo sem perder a força teológica, tem uma reflexão mais própria do que chamamos de piedade. Porém, jamais será uma piedade imatura ou superficial, mas uma reflexão piedosa, com boa base teológica e forte incidência na vida concreta de cada um.

A proposta do Papa Francisco nos serve como síntese e nos aponta um caminho para a reflexão mariológica. O Pontífice a define como a mulher de fé que vive e caminha na fé. Por isso, ela se torna um ponto de referência eclesial. Ao ser conduzida pelo Espírito, Maria é destinada ao serviço e à fecundidade.⁶⁷⁶ A vida de Maria é sempre doação e, quem a segue, não pode percorrer outro caminho.

⁶⁷³ Ibid., p. 56.

⁶⁷⁴ Ibid., p. 113.

⁶⁷⁵ Ibid.

⁶⁷⁶ EG 287.

“Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja.” Ela é sempre uma contemplativa do mistério de Deus; uma mulher orante e trabalhadora, mas, ao mesmo tempo, é a “Senhora da prontidão” que sai “às pressas” (Lc 1, 39) para ajudar! Maria nos ajuda a fazer da Igreja uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos!⁶⁷⁷

Segundo o Papa, Maria é a figura que viveu como ninguém as bem-aventuranças de Jesus. “Conversar com ela consola-nos, liberta-nos, santifica-nos.”⁶⁷⁸ Ela resplandece no coração da Igreja e se torna a grande custódia da esperança que nos ensina a dizer ‘sim’ “com teimosia, paciência e criatividade daqueles que não se encolhem e recomeçam.”⁶⁷⁹

Podemos dizer, parafraseando o Papa que, em Maria, bem como em Rahner e em Madre Teresa, o “‘sim’ e o desejo de servir foram mais fortes que as dúvidas e dificuldades.”⁶⁸⁰ As palavras orantes do Papa Francisco dirigidas a Maria – Mulher da escuta, da decisão e da ação – nos ajudam a contemplar essa Mulher que continuará sendo um estrela da evangelização, nas palavras de S. Paulo VI, para toda a humanidade:

Maria, Mulher da escuta, abre os nossos ouvidos; faz com que saibamos ouvir a Palavra do Teu Filho Jesus, no meio das mil palavras deste mundo; faz com que saibamos ouvir a realidade em que vivemos, cada pessoa que encontramos, especialmente quem é pobre e necessitado, quem se encontra em dificuldade.

Maria, Mulher da decisão, ilumina a nossa mente e o nosso coração, a fim de que saibamos obedecer à Palavra do teu Filho Jesus, sem hesitações; concede-nos a coragem da decisão, de não nos deixarmos arrastar para que outros orientem a nossa vida.

Maria, Mulher da ação, faz com que as nossas mãos e os nossos pés se movam “apressadamente” rumo aos outros, para levar a caridade e o amor do teu Filho Jesus, para levar ao mundo, como tu, a luz do Evangelho. Amém!⁶⁸¹

⁶⁷⁷ EG 288.

⁶⁷⁸ GE 176.

⁶⁷⁹ CV 43 e 45.

⁶⁸⁰ CV 44.

⁶⁸¹ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130531_conclusioni-mese-mariano.html. Acesso em: 10 jun. 2019.

7 Conclusão

*“Venha ser minha luz!”*⁶⁸²

No início da *Gaudete et Exsultate*, o Papa Francisco recorda que cada cristão deve conceber sua própria missão na terra como um caminho de santidade. “Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, em um momento determinado da história, um aspecto do Evangelho.”⁶⁸³ Segundo o Pontífice, “cada santo é uma mensagem que o Espírito Santo extrai da riqueza de Jesus e dá ao seu povo.”⁶⁸⁴ Para o Sucessor de Pedro, porém, “nem tudo o que um

⁶⁸² KOLODIEJCHUK, B., Madre Teresa, p. 58.

⁶⁸³ GE 19.

⁶⁸⁴ GE 21.

santo diz é plenamente fiel ao Evangelho, nem tudo o que faz é autêntico ou perfeito.”⁶⁸⁵ Assim, Francisco convida todos a identificar a palavra, a mensagem de Jesus que Deus quer dizer ao mundo, com a nossa vida.⁶⁸⁶

As palavras do Santo Padre cabem perfeitamente no encerramento dessa jornada que fizemos. De fato, o testemunho luminoso de Rahner e Madre Teresa nos apontam uma vida marcada por uma busca incessante pela santidade, entendida como profunda, verdadeira e vital configuração a Jesus. Mesmo um “século sem Deus”, ou que tentou anulá-LO, não foi capaz de impedir que o Espírito nos oferecesse esses dois grandes místicos, que respondem ao anseio do mesmo Espírito para o século XXI.⁶⁸⁷ Mesmo um mundo que tentou matar Deus, não foi capaz de calar a Sua voz, que nos alcançou pela vida dessa pequena religiosa e desse grande teólogo. O Mundo e a Igreja ainda podem aprender muito com esses dois grandes testemunhos que recebemos!

A vida de Rahner nos fez enxergar não apenas um grande teólogo, mas um profundo cristão e verdadeiro jesuíta, tocado pelo Mistério e desejoso de apresentá-LO aos outros. Por trás de seus escritos, vimos um coração sedento de Deus e que, encontrando-O, queria, de todo modo ajudar tantos a fazerem o mesmo. Sua vida e suas obras nos mostram o quanto uma teologia madura toca a vida e deixa que esta a toque.

Madre Teresa e Rahner reconheceram que, de fato, não tinham uma missão, mas que sua própria vida era uma missão.⁶⁸⁸ O que vimos e ouvimos dos dois nos motivam, continuamente, a não ter medo de apontar para mais alto, de nos deixarmos amar e libertar por Deus; de deixar que a nossa fragilidade se encontre com a graça. Mas, sobretudo, nossos dois grandes místicos nos ensinaram que, “na vida ‘existe apenas uma tristeza: a de não ser santo’.”⁶⁸⁹

A cristologia existencial de Rahner poderia ser descrita como o coração de toda a sua teologia. Mesmo sem perder o rigor científico e a fidelidade da fé, o teólogo foi capaz de fazer uma reflexão que se tornasse compreensível e próxima. A experiência de Deus, o encontro com o Cristo jamais serão, na teologia de

⁶⁸⁵ GE 22.

⁶⁸⁶ GE 24. Nesse sentido, Maria Clara Bingemer recorda que o caminho da santidade é uma proposta de vida plena, “ali onde estamos, no tempo e espaço que ocupamos.” (BINGEMER, M. C. L. **Santidade**: chamado à humanidade. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 7).

⁶⁸⁷ BINGEMER, M. C. L., O mistério e o mundo, p. 15.

⁶⁸⁸ GE 27.

⁶⁸⁹ GE 34. O cristão é chamado, pelo Papa, a ser alguém, com os pés, profundamente fincados no chão da humanidade, à qual pertence. (BINGEMER, M. C. L., **Santidade**, p. 63)

Rahner, uma realidade para poucos, para escolhidos, para uma casta especial na Igreja. Qualquer pessoa pode ser alcançada pelo Mistério e, buscando-O, vivê-Lo, mesmo que anonimamente.

Como vimos, os dois grandes místicos beberam de uma mesma fonte: a espiritualidade de S. Inácio. Silêncio, discernimento, contemplação e missão sempre fizeram parte da vida de ambos. Com o mestre dos Exercícios, Madre Teresa e Rahner aprenderam que a contemplação dos mistérios de Cristo nos leva a encarná-los em nossas opções e atitudes.⁶⁹⁰ Viveram, de fato, o que propunha o grande Inácio de Loyola, quando reconhecia que sua espiritualidade sempre nos lança para fora, para o serviço, para o mundo.⁶⁹¹

Ao contemplarmos a história de vida de Madre Teresa não é possível ignorar essa mulher e o que a fé fez nela e o que a impulsionou a fazer. Sua vida foi marcada por uma profunda experiência de Deus. O núcleo central da sua história foi ter sido alcançada pela graça de Deus, que fez com que ela dissesse “sim” a tudo o que Ele pedisse. Sua caminhada foi percorrida com os olhos sempre voltados para o alto, mas com os pés firmemente plantados no chão dessa terra. Só quem não quis ou não quiser, ignorará o que essa mulher fez de bom!

As palavras de Francisco, citando Balthasar, nos ajudam a compreender que a vida de Rahner e Madre Teresa não foi apenas uma vida bem vivida, como dizem, mas uma vida carregada de sentido. Como eles, todos nós somos chamados a ser testemunhas, e são inúmeras as formas existenciais de testemunho.⁶⁹²

⁶⁹⁰ GE 20.

⁶⁹¹ “Na verdade, a santidade é a vocação maior do cristão leigo tanto quanto do sacerdote ou dos religiosos. Essa certamente é a visão de Santo Inácio, que propunha seus exercícios a vários leigos, homens e mulheres, antes e depois da fundação da Companhia de Jesus” (BINGEMER, M. C. L., Santidade, p. 43).

⁶⁹² GE 11.

Mesmo sem ser teóloga no sentido estrito da palavra, os escritos da Madre e sua vida nos apontam para uma verdadeira teóloga do nosso tempo. Claramente, ela viveu o famoso adágio latino: *Credo ut intellegam - intellego ut credam*. Era possuidora de uma fé que buscava compreender e viver aquilo em que acreditava. O ser mulher sobressai nos seus escritos e nos oferece o genuíno da feminilidade. Sua escuridão nos apresenta uma fé madura e profunda, que nada tem a ver com um sentimentalismo imaturo e superficial a que estamos acostumados a encontrar. De fato, talvez sem nunca ter lido ou ouvido falar, Madre Teresa encarnou e nos ofertou o que Rahner mais insistiu: uma cristologia existencial que nasce e se desenvolve no nosso relacionamento com Jesus.

Rahner e Madre Teresa nos ajudaram, e nos ajudam, a combater as ideologias que mutilam o coração do Evangelho. Apesar de criticados pelos de dentro como pelos de fora da Igreja, os dois souberam permanecer firmes no que acreditavam e viam, claramente, que o que faziam ou sofriam era consequência de uma verdadeira configuração a Cristo. Eram associados ao Mistério da vida do Mestre. Os dois nos ensinam a não cair no “erro dos cristãos que separam estas exigências do Evangelho do seu relacionamento pessoal com o Senhor, da união interior com Ele, da graça.”⁶⁹³

No meio da escuridão em que, frequentemente, nos encontramos, Rahner e Madre Teresa reconheceram que Jesus sempre abre uma brecha, no meio da densa selva de preceitos e prescrições, “que nos permite vislumbrar dois rostos: o do Pai e o do irmão”.⁶⁹⁴ Para eles, fé e vida nunca estiveram dissociados! Eles acolheram e nos ensinam a acolher, como pede Francisco, dois rostos. Ou acolher apenas o rosto de Deus, que Se reflete em tantos rostos que encontramos, sobretudo nos dos pequenos, frágeis, inermes e necessitados. Assim, os dois nos ensinam a ficar com a riqueza que não passa, que tem valor na vida e que não desaparece: o Senhor e o próximo.⁶⁹⁵

Enfim, só nos cabe beber dessas duas fontes que emanam da única fonte de vida: o próprio Deus. São duas fontes de uma mesma nascente. Rahner e Madre Teresa continuam nos ajudando a sermos cristãos no hoje da história.⁶⁹⁶ Os

⁶⁹³ GE 100.

⁶⁹⁴ GE 61.

⁶⁹⁵ GE 61.

⁶⁹⁶ Rahner e Madre Teresa podem muito contribuir para o que a Igreja no Brasil propõe para os próximos anos: “A pedagogia do processo, mais do que um recurso metodológico, é uma mística

dois iluminam nossas escuridões. Eles nos ajudam a crer e a viver o que cremos. Os dois místicos do século XX nos ensinam que tudo deve partir do encontro real e vital com Jesus. Desse encontro, sempre nascerá um olhar atento para aquele que estiver ao meu lado. Não é possível ser cristão sozinho. O rosto do outro permanece me interpelando, como lembrava Levinas, e me apontando para além de mim e dele mesmo.

Madre Teresa e Karl Rahner, cada um a seu modo, nos ajudam a contemplar Maria, claramente encarnada, tocada e impulsionada pelo Mistério indivisível de Deus. Como ela e com ela, os dois místicos nos ajudam a seguir Jesus Cristo! Maria é desenhada como protótipo do ser cristão e permanece sendo a companheira de viagem para todos nós, que peregrinamos rumo à cidade permanente (Hb 13, 14), onde o Cristo nos aguarda e será tudo em todos (Cl 3, 11)!

Como propunha S. Inácio, Rahner e Madre Teresa viveram para dar glória a Deus e tudo fizeram com esse objetivo. Para que a existência dos dois glorificasse o Santo, precisaram se obstinar, se gastar e se cansar, vivendo as obras de misericórdia. Nas palavras da Madre, lembradas por Francisco:

Ele [o Senhor] abaixa-se e serve-se de nós, de ti e de mim, para sermos o seu amor e a sua compaixão no mundo... Ele depende de nós para amar o mundo e demonstrar-lhe o muito que o ama. Se nos ocuparmos demasiado de nós mesmos, não teremos tempo para os outros.⁶⁹⁷

Podemos dizer que a teoria de Rahner serve como fundamento à prática de Madre Teresa. Ambos não permaneceram em uma teoria abstrata e desencarnada. Conseguiram dar ou ver um rosto através da fé! A cristologia de Rahner traz sua alma e nos convida, a exemplo da Madre, a nos lançarmos continuamente até as periferias existenciais. Só assim, pela fé e na fé, será possível acender a luz de tantas pessoas que encontramos ao longo do caminho da vida. Os dois acolheram o convite de Jesus e nos ensinam a fazer o mesmo: ser a presença luminosa do Cristo Ressuscitado para tantas pessoas!

Que ambos nos ajudem no peregrinar da fé! Que a primeira cristã, um dia nos conduza a escutarmos a voz do seu Filho, no dia do encontro dos encontros:

profundamente enraizada na espiritualidade cristã. Portanto, em todas as propostas, como pano de fundo, deve estar presente a ideia do processo como método e como mística.” (CNBB, Doc. 109, n. 204).

⁶⁹⁷ GE 107.

“Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo, porque tive fome e me destes de comer...” (Mt 25, 34ss)

Concluímos essa jornada luminosa, na noite escura da nossa vida e na escuridão em que nosso mundo, tantas vezes se vê mergulhado, voltando-nos para contemplar o Sol nascente, que jamais terá ocaso em nossa história! E, acolhendo o convite do Papa Francisco⁶⁹⁸, fazemos nossas, como Rahner certamente também o faria, as palavras da Santa da escuridão, a religiosa de Calcutá:

Precisais das minhas mãos, Senhor?
(*Oração de Madre Teresa*)

Precisais das minhas mãos, Senhor,
para ajudar hoje os doentes e os pobres
que delas necessitam?
Senhor, hoje ofereço-Vos as minhas mãos.
Precisais dos meus pés, Senhor,
para que me levem hoje
àqueles que necessitam dum amigo?
Senhor, hoje ofereço-Vos os meus pés.
Precisais da minha voz, Senhor,
para que eu hoje fale a todos aqueles
que necessitam da vossa palavra de amor?
Senhor, hoje ofereço-Vos a minha voz.
Precisais do meu coração, Senhor,
para que eu ame a quem quer que seja
sem exceção alguma?
Senhor, hoje ofereço-Vos o meu coração. Amém!

8 Referências Bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2001.
Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2006.
Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.
 ALMEIDA, J. C. **O milagre impressionante de Teresa.** São Paulo: Planeta, 2016.

⁶⁹⁸ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190507_macedoniadelnord-giovani.html. Acesso em: 12 julh. 2019.

- AROS, J. Iluminación teológica del encuentro con Cristo desde el concepto de autocomunicación de Dios. **Medellín**, (147), p. 343-369, 2011.
- AZCUY, V. Teresa de Lisieux: La Teología Existencial de una mujer. In: **Teología**. Buenos Aires. n. 69. 1997/1. p. 97-120.
- BALADO, J. L. G. **I fioretti di Madre Teresa di Calcutta**. Milano: San Paolo, 2014.
- _____.; PAIGE, J. N. P. **Madre Teresa**. Madrid: San Pablo, 2016.
- _____. (Org.). **Madre Teresa Di Calcutta: La mia vita**. Milano: Bompiani, 2016.
- _____. **Madre Teresa: Il sorriso degli ultimi**. Roma: Città Nuova, 2005.
- _____. **Madre Teresa: Ricordo e messaggio**. Milano: San Paolo, 2003.
- _____. **Teresa de Calcutá: Uma vida de amor a Jesus nos pobres**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BALTHASAR, H. U. V. Teologia e santidade. In: **Concilium**. Buenos Aires. Ano V. n. 2. 1988.
- BELLINZAGHI, R. **Cinco minutos com Deus e Madre Teresa**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BINGEMER, M. C. L. **Experiência de Deus na Contemporaneidade: Entre o viver e o contar**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- _____. **O mistério e o mundo: Paixão por Deus em tempos de descrença**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- _____. **Santidade: chamado à humanidade**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- BOFF, L; KEMPIS, T. **Imitação de Cristo e Seguimento de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- BONDAN, F. J. **Madre Teresa de Calcutá: Uma santa para o século XXI**. São Paulo: Ave-Maria, 2015.
- BOSCO, T. **Madre Teresa: La carezza di Dio**. Torino: Elledici, 2016.
- CALCUTÁ, T. **A alegria da doação; seleção de textos por José Luís González-Balado**. São Paulo: Paulinas, 1978.
- _____. **A call to mercy**. New York: Image, 2016.
- _____. **A gift for God**. Nova Iorque: Harper, 1996.
- _____. **Alla scuola dela carità**. Milano: BUR, 2006.
- _____. **Amiamo chi non è amato**. Bologna: EMI, 2016.
- _____. **Amor maior não há**. São Paulo: Universo dos livros, 2017.
- _____. **Camino hacia el amor**. Valencia: EDICEP, 2016.
- _____. **Come be my light**. Bangalore: Asian Trading Corporation, 2014.
- _____. **Con tanto amore**. Bologna: Edizioni Dehoniane, 2008.
- _____. **Dans le silence du coeur**. Paris: CERF, 1984.
- _____. **De la souffrance à la joie**. Paris: CERF, 1993.
- CALCUTÁ, T. **Desde el Corazon del mundo**. São Francisco: New World Library, 1998.
- _____. **Dove c'è Amore, c'è Dio; seleção de textos por Brian Kolodiejchuk**. Milano: RCS Libri, 2010.
- _____. **Il cammino semplice**. Milano: Oscar Mondadori, 2014.
- _____. **Il mio segreto: Prego**. Editrice Shalom. 2000.
- _____. **Il miracolo delle piccolo cose**. Rizzoli, 2016.
- _____. **Jesus is my all in all; seleção de textos por Brian Kolodiejchuk**. Nova Iorque: Doubleday, 2008.
- _____. **La gioia di darsi agli altri**. Milano: San Paolo, 2014.

- _____. **Le preghiere di Madre Teresa.** Tavagnacco: Edizioni Segno, 1998.
- _____. **L'amore che disseta.** Padova: Edizioni messaggero Padova, 2016.
- _____. **Mon livre de prière.** Paris: Éditions Parol et silence, 2015.
- _____.; TAIZÉ, R. **No caminho da cruz.** São Paulo: Cidade Nova, 1989.
- _____. **O amor: um fruto perene;** seleção de textos por Dorothy S. Hunt. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1990.
- _____. **Orar: Pensamiento espiritual.** Barcelona: Planeta Espanha, 2011.
- _____. **Per amore di Gesù.** Milano: San Paolo, 2001.
- _____. **Pregchiere per un anno.** Milano: BUR, 2016.
- _____. **Sii la mia luce.** Milano: BUR, 2015.
- _____. **Seremos juzgados sobre el amor.** Madrid: San Pablo, 2002.
- _____. **Trago-vos o amor: Escritos espirituais.** São Paulo: Loyola, 1975.
- _____. **Tudo começa com a prece;** seleção de textos por Anthony Stern. Brasília: Editora Teosófica, 1999.
- _____. **Un cuore infinito.** Milano: Edizioni Piemme, 2016.
- _____. **Um caminho para o amor;** seleção de textos por Seàn-Patrick Lovett. São Paulo: Loyola, 1987.
- _____. **Ven, se mi luz.** Madrid: Booket Espanha, 2009.
- _____. **Where there is love, there is God.** Bangalore: Asian Trading Corporation, 2014.
- _____. **Words to love by...** Indiana: Ave Maria Press, 1983.
- CARDEDAL, O. G. **Cristología.** Madrid: BAC, 2015.
- CASTILLO, J. M. **Jesus.** A humanização de Deus. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CAVALLO, O. (Org.) **Pensieri e parole di Teresa di Caclutta.** Milano: Paoline, 2016.
- CDF. **Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo.** São Paulo: Paulinas, 2009.
- CELAM. **Documento de Aparecida.** Brasília: Edições CNBB, 2009.
- CNBB. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia.** São Paulo: Paulinas, 2014. (Doc. 100).
- _____. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023.** São Paulo: Paulinas, 2019. (Doc. 109).
- _____. **Iniciação à vida cristã.** Brasília: Edições CNBB, 2017. (Doc. 107).
- DAUPHINAIS, M; KOLODIEJCHUK, B; NUTT, R. (Orgs.). **Mother Teresa and the Mystics: Toward a renewal of spiritual theology.** Florida: Sapientia Press, 2018.
- CRISÓSTOMO, J. Das homilias sobre Mateus. In: **Liturgia das horas.** v. IV. São Paulo: Paulinas e Paulus, 1999.
- DE ROMA, G. **Madre Teresa: O segredo de um sorriso.** Cachoeira Paulista: Editora Canção Nova, 2013.
- EGAN, E.; EGAN, K. **Madre Teresa e le Beatitudini.** Brescia: Queriniana, 2000.
- _____. **Madre Teresa: Momentos de oração.** São Paulo: Editora Gente, 1996.
- FOLLO, F. **Orar 15 dias com Santa Teresa de Calcutá.** Aparecida: Santuário, 2016.
- FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Laudato Si sobre o cuidado da casa comum.** São Paulo: Paulinas, 2015.

- FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit aos jovens e a todo o povo de Deus***. São Paulo: Paulinas, 2019.
- _____. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2017.
- FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre a chamada à santidade no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- _____. **Homilia da Santa Missa de canonização da Beata Teresa de Calcutá**. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/document/s/papa-francesco_20160904_omelia-canonizzazione-madre-teresa.html.
- GARCIA, A. F. **A empatia do coração de Cristo**. Rio Bonito: ECU, 2017.
- GARCÍA-ALÓS, J. L. M. **El “existencial sobrenatural”**: clave interpretativa de la antropoteología de Karl Rahner. Barcelona: Santander, 1993.
- GERMANI, G. **Teresa de Calcutá: Uma mística entre o Oriente e o Ocidente**. São Paulo: Paulinas, 2015.
- GONZÁLEZ-BALADO, J. L. **Teresa de Calcutá: uma vida de amor a Jesus nos pobres**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- GUGLIELMONI, L.; NEGRI, F. **24 proposte per una vita felice con Madre Teresa**. Milano: Paoline, 2016.
- JOÃO PAULO II, PP. **Homilia da Santa Missa de Beatificação de Madre Teresa**. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2003/documents/hf_jp-ii_hom_20031019_mother-teresa.html.
- JOLY, E. **Mother Teresa: Messenger of God's love**. Bandra: St. Paul, 1983.
- KOLODIEJCHUK, B. **Madre Teresa: Venha, seja minha luz**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.
- _____. **Mother Teresa: Rich Resource for Contemporary Theology**. In: DAUPHINAIS, M; KOLODIEJCHUK, B; NUTT, R. (Orgs.). **Mother Teresa and the Mystics: Toward a renewal of spiritual theology**. Florida: Sapientia Press, 2018. p. 11-28.
- _____; NUTT, R. (Orgs.). **Mother Teresa and the Mystics: Toward a renewal of spiritual theology**. Florida: Sapientia Press, 2018. p. 29-53.
- LINHARES, J. **O homem é o evento de uma autocomunicação de Deus absoluta, livre, gratuita e que perdoa**: Uma abordagem do núcleo da existência cristã nos fundamentos da teologia do primeiro Rahner. Belo Horizonte, 2012. 313 f. Tese de doutorado. FAJE.
- LOYOLA, I. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MARIANI, C. B. **Mística e teologia. Desafios contemporâneos e contribuições. Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro. n. 33. Setembro a Dezembro/2009. p. 93-106.
- MARTIN, R. **John of the cross and Mother Teresa**. In: DAUPHINAIS, M; MENDONÇA, J. T. **Elogio da sede**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- MENDONÇA, T. **Edith Stein e Madre Teresa de Calcutá: duas mulheres, um mesmo amor**. In: BINGEMER, M. C. L.; YUNES, E. (Orgs.). **Profetas e Profecias**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 223-234.
- METZ, J. B. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.
- MIRANDA, M. F. **Da experiência de Deus à teologia**. In: Id. **A Igreja numa sociedade fragmentada**. São Paulo: Loyola, 2006. p. 211-235.

- _____. Experiência cristã e suas expressões históricas. In: ANJOS, M. F. (Org.) **Experiência religiosa. Risco ou aventura?** São Paulo: Paulinas, 1998.
- MÜLLER, G. L. **Pobre para os pobres.** A missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MURAD, A. **Maria, toda de Deus e tão humana:** Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas, 2012.
- MURRAY, P. **I loved Jesus in the Night:** Teresa of Calcutta – A Secret Reveled. Brewster: Paraclete Press, 2017.
- PAGOLA, J. A. **Jesus:** Aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PAULO VI, PP. **Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo.** São Paulo: Paulinas, 1976.
- PEDROSA-PÁDUA, L. Mística, mística cristã e experiência de Deus. **Atualidade Teológica**, n. 15, p. 344-373, 2003.
- _____. **Santa Teresa de Jesus.** Mística e Humanização. São Paulo: Paulinas, 2015.
- RAHNER, K. **A caminho do “homem novo”:** a fé cristã e ideologias terrenas do futuro. Petrópolis: Vozes, 1966.
- _____. **Aimer Jésus.** Paris: Desclée, 1985.
- _____. **Amar a Jesus. Amar al Hermano.** Santander: Editorial Sal Terrae, 1983.
- _____. **Appels au Dieu du silence.** Paris: Salvator, 2017.
- _____. **Attesa e gioia.** Milano: San Paolo, 2015.
- _____. **Cose d’ogni giorno.** Brescia: Queriniana, 2016.
- _____. **Cristologia:** estudio teológico y exegetico. Madrid: Cristiandad, 1975.
- _____. **Cristologia hoje:** em vez de um epílogo. **Concilium**, v. 18, pp. 342-349, fasc. 173, 1982.
- _____. **Curso fundamental da fé.** São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. El dogma de la Inmaculada Concepción de Maria y nuestra piedad. In: Id. **Escritos de Teología**. v. III. Madrid: Taurus, 1961. p. 151-164.
- _____. **Dios, amor que descende:** Escritos espirituales. Santander: Editorial Sal Terrae, 2008.
- _____. **Elements de theologie spirituelle.** Paris: Desclée de Brouwer, 1964.
- _____. El “Mandamiento” del amor entre los otros mandamientos. In: Id. **Escritos de Teología**. v. V. Madrid: Taurus, 1964. p. 481-502.
- RAHNER, K. **El sacerdocio cristiano:** en su realizacion existencial. Barcelona: Editorial Herder, 1974.
- _____. **Experiencia del Espíritu.** Madrid: Narcea, 1977.
- RAHNER, K. **Escritos de Teología I.** Madrid: Ediciones Cristiandad, 2000.
- _____. **Escritos de Teologia III.** Madrid: Taurus Ediciones, 1961.
- _____. **Dios, amor que descende.** Santander: Editorial Sal Terrae, 2008.
- _____. **Discepoli di Cristo.** Roma: Edizioni Paoline, 1968.
- _____. **Gebete des Lebens.** Freiburg: Herder, 2004.
- _____. **Homiliario Bíblico.** Barcelona: Herder, 1970.
- _____. **Il coraggio di credere.** Milano: San Paolo, 2013.

- _____. **Inseridos no meio dos homens:** espiritualidade, tarefas e problemas dos sacerdotes e religiosos. São Paulo: Paulinas, 1984.
- _____. **Je crois à Jésus Christ.** Paris: Desclée de Brouwer, 1971.
- _____. **La devozione al Sacro Cuore.** Milano: Edizioni Paoline, 1977.
- _____. **La Iglesia y los sacramentos.** Barcelona: Herder, 1967.
- _____. La mística ignaciana de la alegría del mundo. In: Id. **Escritos de Teología.** v. III. Madrid: Taurus, 1961. p. 313-330.
- _____. **Le virtù dell'annuncio.** Milano: San Paolo, 2013.
- _____. **Meditaciones sobre los ejercicios de san Ignacio.** Barcelona: Herder, 1971.
- _____. **Missão e graça.** Petrópolis: Vozes, 1965.
- _____. Misterios de la vida de Cristo. In: Id. **Escritos de Teología.** v. VII. Madrid: Taurus, 1969.
- _____. **Novo Sacerdócio.** São Paulo: Herder, 1968.
- _____. **Palavras de Inácio de Loyola a um jesuíta hoje.** S.l: Ignatiana, [1978?].
- _____. **Pregações bíblicas.** São Paulo: Herder, 1968.
- _____. **Problemas e perspectivas de espiritualidade.** São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. **O Cristão do Futuro.** São Paulo: Cristã Novo Século, 2004.
- _____. **O desafio de ser cristão:** textos espirituais. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____. **O dogma repensado.** São Paulo: Paulinas, 1970.
- _____. **Oraciones de Vida.** Madrid: Publicaciones Claretianas, 1984.
- _____. **Quem é teu irmão?** São Paulo: Paulinas, 1986.
- _____. **Sacerdote e poeta.** Milano: Edizioni San Paolo, 2014.
- _____. **Sentido teológico de la muerte.** Barcelona: Herder, 1965.
- _____. **Saggi di cristologia e di mariologia.** Roma: Paoline, 1967.
- _____. Sobre la unidade del amor a Dios y el amor al prójimo. In: Id. **Escritos de Teología.** v. VI. Madrid: Taurus, 1969. p. 271-292.
- _____. **Teologia e Antropologia.** São Paulo: Paulinas, 1969.
- _____. **Teologia e Bíblia.** São Paulo: Paulinas, 1972.
- _____. **Trevas e luz na oração.** São Paulo: Herder, 1961.
- _____. **Tu sei il silenzio.** Brescia: Queriniana, 2013.
- _____. **Um novo sacerdócio.** São Paulo: Herder, 1968.
- _____. **Von der Not und dem Segen des Gebetes.** Freiburg, 2004.
- RAIMONDO, F. **Padre Pio e Madre Teresa.** Roma: Borla, 2001.
- RATZINGER, J. **Natureza e Missão da Teologia.** São Paulo: Vozes, 2016.
- REIS, J. L. **A acolhida da fé no contexto multicultural:** Contribuições da teologia de Rahner para o crer hoje. Rio de Janeiro, 2010. 260p. Tese de Doutorado. Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- _____. Deus: o mistério transcendente e próximo. **Coletânea,** v. 16, n. 31, p. 24-38, jan./jun. 2017.
- RONSI, F. de Q. Maria: mulher toda de Deus. **Coletânea.** Rio de Janeiro. v. 17, n. 33, p. 93-106, jan./jun. 2018.
- RUBIO, A. G. **A caminho da maturidade na experiência de Deus:** Um ensaio de cristologia para nossos dias. São Paulo: Paulinas, 2008.

- _____. **O encontro com Jesus Cristo vivo**: Um ensaio de cristologia para nossos dias. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SCALLY, J. **Un cuore infinito**. Milano: Piemme, 2016.
- SCIADINI, P. **Amor sem medida**: A vida e os pensamentos da Beata Ir. Teresa de Calcutá. Fortaleza: Shalom, 2010.
- SESBOÜÉ, B. **Karl Rahner**: itinerário teológico. São Paulo: Loyola, 2004.
- SICCARDI, C. **Madre Teresa**: Tutto iniziò nella mia terra. Milano: San Paolo, 2013.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**: a fé, a esperança, a caridade, a prudência: II seção da II parte. q. 25. a. 1. São Paulo: Loyola, 2004. v. 5.
- VARDEY, L. **Madre Teresa di Calcutta**: Il cammino semplice. Milano: Libri Mondadori, 2014.
- VAZ, H. C. L. **A experiência de Deus**. In: Id et al. **Experimentar Deus hoje**. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 74-89.
- VELASCO, M. A. **Madre Teresa de Calcutá**. São Paulo: Quadrante, 1996.
- VORGRIMLER, H. **Karl Rahner**: experiência de Deus em sua vida e em seu pensamento. São Paulo: Paulinas, 2006.
- ZAMBONINI, F. **Teresa Di Calcuta**: La matita di Dio. Milano: Paoline, 2013